



COSACNAIFY

THE
FORTUNES
AND
MISFORTUNES

Of the FAMOUS

Moll Flanders, &c.

Who was Born in NEWGATE, and during a Life of continu'd Variety for Threescore Years, besides her Childhood, was Twelve Year a *Whore*, five times a *Wife* (whercof once to her own Brother) Twelve Year a *Thief*, Eight Year a Transported *Felon* in *Virginia*, at last grew *Rich*, liv'd *Honest*, and died a *Penitent*.

Written from her own MEMORANDUMS.

LONDON: Printed for, and Sold by W. CHETWOOD, at *Cato's-Head*, in *Russel-street*, *Covent-Garden*; and T. EDLING, at the *Prince's-Arms*, over-against *Exerter-Change* in the *Strand*. MDDCXXI.

DANIEL
DEFOE
MOLL
FLANDERS

As venturas e desventuras da famosa Moll Flanders & Cia.

Que nasceu na prisão de Newgate, e ao longo de uma vida de contínuas peripécias, que durou três vintenas de anos, sem considerarmos sua infância, foi por doze anos prostituta, por doze anos ladra, casou-se cinco vezes (uma das quais com o próprio irmão), foi deportada por oito anos para a Virgínia e, enfim, enriqueceu, viveu honestamente e morreu como penitente.

Escrito com base em suas próprias memórias.

TRADUÇÃO
DONALDSON M. GARSCHAGEN

MOLL FLANDERS

APÊNDICE

A SOLIDÃO DE CADA UM
CESARE PAVESE

DEFQE
VIRGINIA WOOLF

O PÃO NOSSO DE CADA DIA
MARCEL SCHWOB

SUGESTÕES DE LEITURA

CRÉDITOS
REDES SOCIAIS
GOLOFÃO



NOS ÚLTIMOS TEMPOS, surgiu no mundo tal quantidade de romances e outras obras de ficção que será difícil o público aceitar como verdadeira uma história que oculta não só o nome real como também outras particularidades da protagonista, por isso só nos cabe admitir que cada leitor forme sua própria opinião a respeito das páginas que seguem e julgue a narrativa como melhor lhe aprouver.

Imagina-se que a autora conte aqui sua própria história; logo nas primeiras linhas ela

expõe as razões pelas quais considera conveniente esconder seu nome vero, e depois disso em nenhum momento ela volta à questão.

Na realidade, o texto original dessa narrativa foi transcrito em outras palavras, da mesma forma como alterou-se um pouco o estilo da famosa senhora de quem falamos aqui: a principal mudança consistiu no uso de um vocabulário menos cru que o utilizado por ela, já que o original que nos chegou às mãos estava vazado numa linguagem típica de uma delinquente presa em Newgate, nada apropriada a uma penitente humilde e contrita, como ela professa ser.

A pena empregada para aprimorar sua história e torná-la o que o leitor tem em mãos enfrentou sérias dificuldades para dar-lhe trajes dignos de serem vistos e vertê-la numa linguagem digna de ser lida; quando uma mulher dissoluta desde a juventude, e pior, filha da libertinagem e do vício, se dispõe a relatar todas as suas práticas infames e até a estender-se às ocasiões e circunstâncias especiais que a conduziram à devassidão, e narrar toda a sua progressão na senda do crime ao longo de seis decênios, um autor se vê à míngua de recursos para conferir a essa exposição uma forma recatada, que não dê ensejo, sobretudo no caso de leitores de baixos instintos, a condutas contrárias à sua intenção.

Portanto, tivemos o máximo cuidado possível para que essa nova roupagem da história não saísse eivada de imagens luxuriosas ou de frases lascivas, nem mesmo nas piores situações descritas; em nome desse objetivo, foram suprimidas certas passagens licenciosas de sua vida, não passíveis de narração decorosa, enquanto abreviaram-se várias cenas: espera-se que o que remanesceu não escandalize os leitores mais pudicos ou os ouvintes mais recatados, e como até da pior história pode-se tirar o mais sã proveito, esperamos que a moralidade faça o leitor manter-se sério, mesmo quando, aqui ou ali, a história possa incliná-lo ao contrário; contar a história de uma vida iníqua, porém da qual mais tarde o personagem se arrepende, impõe que a parte deplorável seja mostrada com toda a maldade que corresponda à realidade, a fim de realçar e conferir beleza à parte do arrependimento, que decerto é a melhor e a mais fulgente, se narrada com igual aptidão e vigor.

Há quem diga que a narração do arrependimento não pode ter a mesma exuberância, o mesmo brilho e a vivacidade da narração da parte iníqua; se existe alguma verdade nessa ideia, permitam-me dizer, é porque não houve igual prazer e fruição na leitura, e decerto é verdade que a diferença reside menos no valor real do tema que no gosto e na inclinação do leitor.

Não obstante, como esta obra se dirige em especial aos que saberão lê-la e tirar dela o melhor benefício, o que lhes é recomendado ao longo de toda a narrativa, espera-se que a tais leitores agrade bem mais a moral que a fábula, mais a lição que a narração, mais o fim da narradora que a vida da biografada.

Abundam nesta história incidentes interessantes, todos eles conducentes a lições úteis; são narrados de forma agradável, que instrui o leitor num sentido ou outro – a primeira parte da vida luxuriosa de Moll com o jovem cavalheiro de Colchester contém grande

número de incidentes que verberam a conduta viciosa e advertem aqueles que se veem em situação semelhante quanto a seus resultados desastrosos, além de censurar a conduta desatinada e reprovável de ambos, o que compensa com sobras a descrição vívida que ela faz de sua insensatez e licenciosidade.

O arrependimento de seu amante em Bath e como o justificado alarme criado por sua doença levou-o a abandoná-la, a judiciosa advertência feita contra intimidades entre amigos próximos, incapazes de manter as resoluções mais solenes e virtuosas sem ajuda divina, todas essas passagens hão de parecer, a uma pessoa de senso, de beleza mais genuína que todos os episódios amorosos que os antecedem.

Em suma, como a narrativa foi criteriosamente depurada de toda frivolidade e licenciosidade antes presentes, pode ser utilizada, com cuidado, para o ensinamento da virtude e da religião: ninguém poderá, sem incorrer em manifesta injustiça, lançar reprimenda alguma sobre ela ou sobre nossa decisão de publicá-la.

Em todas as épocas, os defensores do teatro brandiram o seguinte argumento para persuadir o público de que suas peças são úteis e devem ser toleradas pelos governos de todos os Estados, mesmo os mais civilizados e religiosos: suas obras têm propósitos virtuosos e, por mais vívidas que sejam as representações, não deixam de recomendar a virtude e os princípios generosos, assim como a censurar e condenar toda sorte de vícios e a corrupção de costumes: se isso fosse verdade e se eles seguissem à risca essa norma como pedra de toque de seus textos, muito haveria de ser dito em favor deles.

Em toda sua imensa variedade, este livro se cinge de modo rigoroso ao seguinte fundamento: não há ação indigna, em nenhuma parte dele, que não gere infelicidade e infortúnio; não entra em cena um só vilão superlativo que não tenha um fim malfadado ou não termine penitente; não se menciona um único malfeito que não seja vituperado na passagem mesma em que é citado, como tampouco nada de virtuoso e justo que não se faça acompanhar de louvor; o que poderíamos melhor contrapor à regra fixada para recomendar até mesmo aquelas representações de cenas a que se podem fazer objeções justas, como, por exemplo, más companhias, linguagem obscena etc.?

Construído sobre essa base, este livro é recomendado como um trabalho que há de proporcionar uma lição em cada um de seus incidentes; e o leitor poderá extrair dele referências justas e religiosas que lhe valerão boa instrução, se lhe aprouver fazer uso delas.

Todas as ações dessa dama famosa e suas malfetorias contra a humanidade são avisos para que as pessoas honestas se acautelem contra elas, pois mostram os métodos utilizados para atrair, saquear e roubar os inocentes e, portanto, a forma de evitá-los; a maneira como ela rouba o colar de uma menina inocente, enfeitada pela vaidade da mãe para a aula de dança, representa uma boa advertência para essas pessoas, como também o roubo do relógio de ouro da juvenzinha no parque.

O golpe aplicado a uma criada de pouco siso, na central de coches da rua St. John, que entrega a Moll um embrulho de sua patroa, o furto cometido no incêndio e a repetição do feito em Harwich são excelentes advertências para que, em casos análogos,

estejamos mais atentos a imprevistos de toda sorte.

Sua dedicação final a uma vida mais sóbria e laboriosa na Virgínia, ao lado de seu marido deportado, é instrutiva exposição para todas aquelas criaturas infelizes que se veem forçadas a refazer a vida no estrangeiro, seja pela desgraça da deportação ou por outra calamidade qualquer, ensinando-lhes que o trabalho e a diligência têm sua devida recompensa, mesmo nos mais remotos sítios do mundo, e que nenhuma situação pode ser tão baixa, desprezível e destituída de perspectivas a ponto de impedir que o trabalho incansável contribua em muito para tirar-nos dessa condição e, com o tempo, erguer a criatura mais ínfima para que possa voltar a conviver com pessoas respeitáveis e dar-lhe nova oportunidade na vida.

Essas são algumas das lições profundas deste livro, plenamente suficientes para que qualquer pessoa possa recomendá-lo ao público e, sobretudo, para justificar sua publicação.

Restam ainda para vir à luz duas histórias belíssimas, das quais a presente narrativa, sem entrar em detalhes, dá uma breve ideia, mas que são demasiado longas para ser incluídas no mesmo tomo; realmente, posso dizer que ambas constituem, por si sós, um volume inteiro: primeiro, a vida de sua preceptora, como ela a chama, que, segundo parece, no decurso de poucos anos percorreu os degraus de dama, prostituta e alcoviteira; parteira e cafina, envolvida com penhores, traficante de menores, mestra de ladrões e receptora de objetos roubados, ou seja, em poucas palavras, sendo ela própria uma ladra, foi formadora de ladrões e atividades assemelhadas e, apesar de tudo, tornou-se por fim uma penitente.

A segunda história é a vida de seu marido deportado, um salteador de estradas, que, segundo parece, durante doze anos dedicou-se com êxito a cometer vilanias nas estradas, por fim saiu-se bem, como deportado voluntário, e não como condenado, e cuja vida é de incrível variedade; no entanto, como já disse, essas duas histórias são demasiado extensas para serem narradas aqui, nem posso prometer que saiam mais adiante.

Na realidade, não podemos dizer que esta história chegue até o fim da vida da famosa Moll Flanders, como ela mesma se chama, uma vez que ninguém pode contar a própria vida até o fim, a menos que possa escrever depois da morte; mas a vida de seu marido, escrita por uma terceira pessoa, constitui uma narrativa completa dos dois, relatando o tempo em que viveram juntos na América e de como voltaram para a Inglaterra, após cerca de oito anos, período em que acumularam grande fortuna, e onde ela viveu, ao que parece, até idade muito avançada, mas sem ser uma penitente tão contrita como foi de início – segundo consta, ela apenas continuou falando sempre com horror de todos os episódios de sua vida passada.

Muitos episódios agradáveis ocorreram na última fase de sua vida, nas colônias de Maryland e Virgínia, tornando muito alegre esse trecho de sua vida; não sendo narrados com a mesma elegância daqueles que ela mesma arrolou, é mais um motivo para que paremos aqui.

MEU NOME VERDADEIRO é tão mencionado nos registros e anais de Newgate, e também nos de Old Bailey, onde ainda se acham pendentes certas questões importantes referentes a minha conduta pessoal, que não é de esperar que eu o mencione, nem que narre aqui a história de minha família; depois de minha morte talvez ele seja divulgado, mas agora não seria conveniente, nem mesmo caso se concedesse uma anistia geral que não fizesse exceção ou ressalva alguma quanto a pessoas ou crimes.

Portanto, bastará dizer que, tal como alguns de meus piores companheiros, que já não estão em condições de me prejudicar por haverem deixado este mundo pelos degraus e pela corda, sina que muitas vezes julguei seria também a minha, as pessoas me conheciam pelo nome de Moll Flanders, e é assim que lhes peço que me permitam nomear-me até eu me atrever a declarar quem fui e quem sou.

Ouvi dizer que em uma nação vizinha, não sei se na França ou onde quer que seja, existe uma ordem do rei segundo a qual quando um criminoso é condenado, seja à morte, às galés ou ao degredo, se deixa filhos, que em geral ficam sem recursos devido à pobreza dos pais ou porque seus bens lhe foram confiscados, o governo toma-os imediatamente a sua guarda e interna-os numa instituição chamada Casa dos Órfãos, onde são criados, vestidos, alimentados e instruídos, e quando estão em idade de deixá-la são encaminhados para ofícios ou outras ocupações, de forma a serem capazes de prover o próprio sustento e conduzir-se com honradez e honestidade.

Fora esse o costume em nosso país, eu não teria sido uma pobre menina abandonada, sem amigos, sem roupas, sem ajuda nem valimento neste mundo, como foi o meu destino; e em resultado disso não só fiquei exposta a imensos infortúnios, antes mesmo que pudesse compreender minha situação ou saber como remediá-la, como fui levada a um modo de vida que, além de escandaloso em si mesmo, de ordinário conduzia à rápida destruição do corpo e da alma.

No entanto, aqui os fatos são outros: minha mãe foi condenada por delito tão insignificante que quase não vale a pena registrá-lo – em resumo, ela se aproveitou da oportunidade de tomar emprestadas três peças de Holanda fina a certo negociante de Cheapside; as circunstâncias em que ocorreu o episódio são longas demais para serem repetidas, e já as ouvi tantas vezes e de formas tão diferentes que não há como ter certeza de qual é a versão correta.

Seja como for, em uma coisa todos concordam: minha mãe invocou o estado de seu ventre e, tendo sido comprovado que estava grávida, foi-lhe concedida a suspensão temporária da execução por cerca de sete meses; ao cabo desse período trouxe-me ao mundo e, quando se recuperou, a Justiça ratificou, como se diz, a sentença anterior, mas concedeu-lhe a graça de ser deportada para as *plantations* das colônias da América; minha mãe me deixou quando eu tinha cerca de seis meses de idade; e, acreditem, deixou-me em

funestas mãos.

Por se tratar de fatos ocorridos perto demais de meu nascimento, não posso contar nada de que eu mesma me lembre, somente o que ouvi dizer; basta mencionar que, por ter nascido em lugar tão desditoso, eu não tinha paróquia a que recorrer para alimentação na infância, nem posso dar nenhuma informação sobre como sobrevivi, a não ser, segundo me contaram, que alguma parenta de minha mãe cuidou de mim durante algum tempo como ama de leite, mas nada sei, em absoluto, às custas ou sob ordem de quem.

Os primeiros fatos que recordo, ou de que tomei conhecimento por mim mesma, foram minhas andanças com um clã dessa gente a que se dá o nome de ciganos, ou egípcios; acredito tenha passado muito pouco tempo com eles, uma vez que não chegaram a descorar ou escurecer minha pele, como logo fazem com todas as crianças que levam consigo em suas errâncias, nem saberia dizer como fui parar no meio deles nem como os deixei.

Foi em Colchester, Essex, que essa gente me largou, e tenho certa ideia de que fui eu que os larguei ali (ou seja, eu me escondi, por não querer mais continuar em companhia deles), mas não tenho como dar pormenores sobre tal assunto: só lembro que, ao ser acolhida por representantes da paróquia de Colchester, disse-lhes que chegara à cidade com os ciganos e não queria seguir viagem com eles, e por isso haviam me abandonado, mas ignorava para onde tinham partido, tampouco os paroquianos esperavam que eu o soubesse; estiveram a procurá-los em toda a região, mas, ao que parece, em vão.

Encontrava-me agora numa situação em que minhas necessidades seriam atendidas, pois, ainda que pela lei eu não fosse pupila da paróquia ou daquela área da cidade, quando meu caso se tornou conhecido e viu-se que eu era pequena demais para qualquer espécie de trabalho, pois não tinha mais que três anos, a compaixão levou os magistrados da cidade a determinar que cuidassem de mim de alguma forma, e me tornei natural do lugar, mesmo sem ter nascido ali.

Na instrução que baixaram a meu respeito, tive a sorte de ser entregue aos cuidados de uma mãe de criação, como a chamavam, uma mulher muito pobre, que já conhecera melhores dias e ganhava um parco sustento cuidando de crianças que se achavam em condições semelhantes à minha, provendo-lhes todas as necessidades até chegarem a uma idade na qual se supunha que pudessem trabalhar e ganhar o próprio pão.

Essa mulher também mantinha uma escolinha em que ensinava as crianças a ler e trabalhar e, tendo vivido antes com largueza, como já disse, educava as crianças com muita arte e extremo cuidado.

Entretanto, e isso era ainda melhor, educava-as segundo os preceitos da religião, por ser séria e piedosíssima, além de excelente dona de casa, limpa, bem-educada e de conduta ilibada; por conseguinte, excetuada a alimentação simples, a moradia humilde e as roupas grosseiras, éramos, em poucas palavras, criados de maneira tão polida e refinada como se frequentássemos uma escola de dança.

Fiquei ali até os oito anos, quando fui tomada de terror ao saber que os magistrados,

creio que assim eram chamados, haviam determinado que eu deveria trabalhar; muito poucos eram os serviços para os quais eu estava capacitada, não importava onde me pusessem, salvo dar recados ou servir de ajudante para alguma cozinheira; era o que com frequência me diziam, e isso me assustava sobremaneira, pois, por ser tão criança, sentia enorme aversão em desempenhar serviços domésticos, como se dizia, ou seja, trabalhar como criada; e eu disse a minha mãe de criação que acreditava ser capaz de ganhar meu sustento sem exercer serviços domésticos, se ela assim permitisse – pois ela me ensinara a fazer trabalhos de agulha e a fiar estame, que é a principal ocupação naquela cidade, e eu disse a ela que, se concordasse em ficar comigo, eu trabalharia para ela e não pouparia esforço algum.

Continuí a falar quase todos os dias sobre meu desejo de trabalhar para ela; em suma, não fazia mais que trabalhar e chorar o dia inteiro, o que tanto contristou a bondosa mulher que, por fim, começou a se condoer, pois tinha muita afeição por mim.

Certo dia ela entrou no quarto onde nós, as crianças pobres, estávamos trabalhando, e sentou-se diante de mim, e não em seu lugar costumeiro de mestra, como se quisesse me observar e verificar meu trabalho: eu executava uma tarefa que ela me confiara, lembro que marcava umas camisas que lhe haviam encomendado, e passado algum tempo ela começou a falar-me, “vamos, bobinha, você está sempre chorando”, disse ela (pois nesse instante eu realmente chorava); “diga, por que você chora?”; “porque vão me tirar daqui”, respondi, “e me pôr para trabalhar como criada, e eu não sei fazer trabalhos de casa”; “minha filha”, disse ela, “ainda que agora você não saiba fazer trabalhos de casa, como diz, com o tempo aprenderá, e no começo não vão encarregá-la de tarefas pesadas”; “não é verdade, vão sim”, eu disse, “e, se eu não souber fazê-las, vão me bater, e as criadas também me baterão para me obrigar a cumprir as tarefas pesadas, e não passo de uma criança pequena e não poderei fazer o que me mandarem”; e recomecei a chorar, até não conseguir falar mais.

Isso comoveu minha bondosa mãe de criação, que resolveu que eu ainda não trabalharia nos serviços domésticos, e ela me disse que não chorasse mais e que procuraria o senhor prefeito para que eu só me empregasse quando estivesse mais crescida.

Ora, isso não me tranquilizou, pois imaginar-me trabalhando em serviços domésticos era tão assustador que se ela me houvesse assegurado que eu só teria de fazê-lo quando tivesse vinte anos, para mim daria no mesmo, teria chorado, acredito, todo esse tempo, diante da apreensão de que no fim tal sorte me aguardasse.

Vendo que não me sentia ainda apaziguada, ela começou a se aborrecer comigo, “afinal, o que você tem?”, perguntou, “já não disse que você não terá de trabalhar nos serviços domésticos até crescer mais?”; “sim”, respondi, “mas por fim terei de ir”, e ela replicou, “por quê, como assim? estará louca essa menina? o que você pretende ser, uma dama?”; “isso mesmo”, respondi, recomeçando a chorar copiosamente, até ficar outra vez sem fala.

Isso levou a velha senhora a rir-se de mim, como podem imaginar – “muito bem,

minha senhora, com efeito”, disse ela, caçoando, “quer ser uma dama; diga-me, por favor, o que vai fazer para ser uma dama? fará isso com seus amplos conhecimentos?”.

“Isso mesmo”, repeti, com toda a inocência.

“Ora, quanto você poderá ganhar?”, perguntou ela, “quanto ganha com seu trabalho?”

“Três tostões para fiar”, respondi, “e quatro para fazer trabalho de costura.”

“Ai, pobre dama!”, disse ela de novo, rindo, “e o que vai fazer com isso?”

“Com isso eu me manterei”, respondi, “se a senhora permitir que eu more aqui” – pronunciei essas palavras num tom tão suplicante que, como ela me disse mais tarde, fez com que seu coração se compadecesse de mim.

“Mas não bastará para seu sustento, nem para que você compre roupas; nesse caso, quem há de comprar as roupas da daminha?”, indagou ela, sorrindo o tempo todo.

“Então, trabalharei mais”, eu disse, “e tudo o que eu ganhar será para a senhora.”

“Pobre criança! isso não a manterá, tampouco será o bastante para comprar roupas, mal bastará para você se alimentar.”

“Então não comprarei alimentos”, disse novamente com toda minha inocência, “mas me deixe morar com a senhora.”

“Mas... você poderá viver sem alimentos?”, perguntou ela; “sim”, respondi mais uma vez, criança que era e ainda chorando perdidamente.

Não havia malícia alguma em minhas palavras, percebe-se facilmente que era tudo espontâneo e acompanhado de tanta inocência e de tamanha paixão que também a bondosa anciã se pôs a chorar, e por fim seu pranto nada ficou devendo ao meu; depois pegou-me pela mão e retirou-me da sala de aula; “venha”, disse-me ela, “você não irá trabalhar nos serviços domésticos, vai morar comigo”; naquele momento, fiquei apaziguada.

Passado algum tempo, minha bondosa mãe de criação foi visitar o prefeito e, conversando com ele a respeito de assuntos atinentes a sua ocupação, minha história veio à baila e ela a narrou ao senhor prefeito do começo ao fim, e ele gostou tanto que chamou sua mulher e as duas filhas para escutar, e com certeza acharam muita graça na exposição.

Não decorrera uma semana quando, de repente, apresentaram-se na casa a senhora prefeita e suas duas filhas para visitar minha idosa mãe de criação e ver sua escola e as crianças, e depois de percorrerem as dependências por algum tempo, a mulher do prefeito disse, “senhora, quem é a menina que quer ser uma dama?”, e ao ouvir aquilo, de início fiquei aterrorizada, embora não soubesse por quê; a prefeita aproximou-se de mim, “muito bem, senhorita”, disse, “em que está trabalhando neste exato momento?” – o termo “senhorita” fazia parte de uma linguagem que raramente ou nunca se ouvia em nossa escola, e fiquei a me perguntar que nome feio seria aquele com que ela estava me chamando, no entanto levantei-me e fiz uma mesura; a prefeita pegou o trabalho de minha mão, examinou-o e disse que estava muito bem-feito; em seguida tomou-me uma das mãos, “bem, esta menina poderá vir a ser uma dama: afinal, tem as mãos finas de uma dama”, ela disse; essas palavras certamente muito me agradaram, mas a senhora prefeita

não parou ali e, depois de devolver meu trabalho, meteu a mão no bolso, deu-me um xelim e recomendou-me que dedicasse muita atenção ao trabalho e aprendesse a fazê-lo com esmero, pois, em sua opinião, eu poderia chegar a ser uma dama.

Pois bem, é preciso dizer que minha bondosa mãe de criação, a senhora prefeita e todos os demais não faziam a menor ideia do que eu queria dizer, já que para eles a palavra dama significava uma coisa e, para mim, algo muitíssimo diferente; o que eu queria dizer quando falava em ser uma dama era poder trabalhar por minha própria conta e ganhar o suficiente para me manter distante daquele fantasma assustador que era trabalhar como criada para os outros, ao passo que eles pensavam em uma vida de grandezas e luxos, numa alta posição social e não sei que mais.

Bem, depois que a prefeita saiu, suas duas filhas entraram, perguntaram também pela dama e conversaram comigo por um bom tempo, e eu respondia com meu jeito inocente, e a cada vez que me perguntavam se eu queria ser uma dama eu respondia que sim; por fim, uma delas me perguntou o que era uma dama e isso me deixou muito intrigada, e acabei me explicando no sentido negativo: ou seja, uma dama era uma mulher que não trabalhava como criada, que não fazia serviços domésticos; elas se mostraram amáveis comigo e satisfeitas com minha conversa ingênua, que, segundo me pareceu, divertiu-as um pouco, e ao saírem também me deram dinheiro.

Entreguei-o todo a minha mestra-mãe, como eu a chamava, e disse que quando eu me tornasse uma dama lhe daria também todo o meu dinheiro, como fazia agora; com a explicação e outras frases minhas, minha mestra começou a compreender o que eu queria dizer com ser uma dama: que com esse termo referia-me tão somente a poder ganhar o pão com meu próprio trabalho – e me perguntou, finalmente, se não era isso.

Respondi que sim e insisti que ser capaz disso era ser uma dama, pois, acrescentei, sabia da existência de uma mulher assim, que consertava rendas e lavava chapéus de senhoras, ela era uma dama, eu disse, e chamavam-na de madame.

“Pobre criança”, comentou minha bondosa mãe de criação, “ser uma dama como essa não é difícil, pois ela é uma pessoa de baixa reputação e teve dois ou três bastardos.”

Não entendi coisa alguma, mas respondi, “tenho certeza de que a chamam de madame, que não trabalha de criada para ninguém e que não faz serviços domésticos”, e insisti que ela era uma dama e que eu também queria ser uma dama como ela.

Também disso decerto se inteiraram as senhoras, e divertiram-se a valer, e de vez em quando as moças, as filhas do senhor prefeito, vinham me visitar e indagavam onde estava aquela daminha, o que me deixava não pouco orgulhosa de mim mesma.

Isso durou bastante tempo; as moças me visitavam amiúde, e às vezes traziam outras consigo, e assim tornei-me conhecida em toda a cidade.

Contava então por volta de dez anos, e começavam a surgir em mim os traços da mulher que viria a ser, pois era muito séria e humilde, bem-educada, e como havia escutado as moças dizer que eu era muito bonita e que seria uma mulher de grande formosura, tenham certeza de que ouvi-las pronunciar tais coisas me deixava bastante

orgulhosa; todavia esse orgulho não tinha ainda maus efeitos sobre mim; só que, como frequentemente me davam dinheiro, que eu entregava a minha velha mãe de criação, ela, muito honesta, fazia questão de gastá-lo todo comigo, comprando-me chapéus, roupa de baixo, luvas e fitas, e eu andava sempre muito bem-vestida e limpa, porque de uma coisa eu tinha certeza: mesmo que vestisse farrapos, sempre estaria limpa, pois eu mesma os lavaria; como ia dizendo, quando me davam dinheiro minha bondosa mãe de criação muito honestamente gastava-o comigo e logo contava às senhoras o que ela comprara com o dinheiro que me haviam dado, o que as levava a me darem mais, até que por fim um dia fui chamada pelos magistrados, segundo entendi, para trabalhar como criada, mas a essa altura eu me tornara uma trabalhadora tão hábil, e as senhoras eram tão generosas comigo que ficava claro que eu podia me manter por minha conta, ou seja, era capaz de ganhar para a minha mãe de criação o quanto fosse necessário para que ela me mantivesse; portanto, ela disse-lhes que, se a autorizassem, ela ficaria com a dama, como me chamavam, para ajudá-la e para dar aulas às crianças, atividade que eu estava habilitada a fazer, uma vez que era muito ágil em meu trabalho e tinha boa mão para a agulha, embora fosse ainda muito jovem.

No entanto, a generosidade das senhoras da cidade não terminou aqui, pois, ao se inteirarem de que eu já não era mantida pela assistência pública, como antes, passaram a me dar dinheiro mais amiúde, e à medida que fui crescendo davam-me trabalho para fazer, como coser roupa de baixo, remendar rendas e consertar chapéus, e não só me pagavam por essas tarefas como me ensinavam a fazê-las, de modo que passei a ser realmente uma dama, tal como entendia o termo e como desejara sê-lo; nessa época já estava com meus doze anos, e não só adquiria minhas roupas e entregava o dinheiro a minha mãe de criação a fim de pagar minha manutenção, como passei a ter dinheiro também para mim.

As senhoras costumavam me dar roupas usadas, delas ou de suas filhas, além de meias, anáguas, vestidos ou uma coisa e outra, que minha mãe de criação administrava para mim como verdadeira mãe: cuidava delas e me obrigava a consertá-las da melhor forma possível, pois era esplêndida dona de casa.

Por fim, caí de tal forma nas graças de uma dessas senhoras que ela quis que eu fosse morar em sua casa durante um mês, para fazer companhia às filhas, como disse.

Ora, o gesto era de extrema gentileza, mas como minha idosa e boa mestra lhe disse, a menos que ela decidisse ficar comigo para sempre, aquilo faria à daminha mais mal do que bem; “é verdade”, disse a senhora, “então ficarei com ela em casa uma semana, para ver como minhas filhas e ela se relacionam e para melhor conhecer seu caráter, e então poderei dizer-lhe algo mais; nesse entretempo, se alguém vier visitá-la aqui, como sói acontecer, diga simplesmente que a mandou em visita a minha casa”.

A decisão foi prudente, e fui para a casa da senhora; fiquei tão feliz ali com as jovens, e elas se sentiram tão encantadas comigo que muito me custou deixá-las, e também elas se mostraram pouco propensas a se separar de mim.

Não obstante, deixei-as e vivi quase um ano mais com minha nobre mãe de criação, e

comecei a ser de muita ajuda para ela, pois já tinha quase catorze anos, era alta para a idade e parecia uma mulherzinha; todavia, tomara tanto gosto pela vida elegante na casa da senhora que já não me sentia tão à vontade como antes em minha antiga moradia e pensava que, com efeito, era maravilhoso ser uma dama de verdade, pois agora minhas ideias do que era ser uma dama tinham mudado bastante, e pensando, como disse, em como era bom ser uma dama, apreciava estar entre damas e, portanto, ansiava voltar a morar lá.

Mais ou menos três meses depois que completei catorze anos, minha amorosa mãe de criação, aquela mulher que eu deveria chamar simplesmente de mãe, adoeceu e morreu; encontrei-me numa situação deveras triste, pois da mesma maneira que não é preciso muito para pôr fim à família de um pobre quando todos são levados ao túmulo, também, uma vez sepultada a pobre mulher, os curadores da paróquia retiraram imediatamente as crianças que estavam a seu cargo, a escola foi fechada e os alunos externos que a frequentavam viram-se obrigados a ir para casa e esperar que os mandassem para outro lugar; com relação às coisas que ela deixara, sua filha, uma mulher casada, com seis ou sete filhos, chegou e levou tudo consigo, e, ao remover os bens, não acharam outra coisa a fazer senão zombar de mim e aconselhar a daminha a se estabelecer por sua conta, se assim desejasse.

Eu estava apavorada, quase fora de meu juízo, sem saber o que fazer, pois fora, por assim dizer, enxotada de casa e jogada no imenso mundo, e, para piorar as coisas, a honesta anciã tinha em seu poder vinte e dois xelins meus, que eram todo o capital que a daminha tinha no mundo, e quando os pedi a sua filha, ela se agastou comigo, riu de mim e disse que nada tinha a ver com aquilo.

A verdade é que a boa mulher falara à filha sobre aquele dinheiro, dizendo que estava em tal lugar e que pertencia à mocinha, e chamara-me uma ou duas vezes para dá-lo a mim; infelizmente eu não estava em casa e quando voltei ela já não se achava em condições de falar; a filha, porém, depois se mostrou honesta e me deu o dinheiro, embora no começo tenha me tratado cruelmente.

Agora eu era de fato uma dama pobre, e foi naquela noite mesma que fui atirada ao vasto mundo, pois a filha levou tudo consigo e eu não tinha para onde ir, tampouco uma côdea de pão para comer; mas, ao que parece, alguns vizinhos que tomaram conhecimento do que se passava apiedaram-se de mim e avisaram à senhora em cuja companhia eu estivera uma semana, como contei acima, e ela enviou imediatamente sua camareira para me buscar, e duas de suas filhas vieram com a camareira sem terem sido mandadas; fui, pois, com elas, com armas e bagagem, como se diz, e com o coração feliz, como podem imaginar; o susto provocado por minha situação causara-me tamanho impacto que já não queria ser uma dama, estava mais que disposta a ser uma criada, até mesmo qualquer espécie de criada que julgassem conveniente.

No entanto, minha nova e generosa senhora tinha melhores ideias para mim; chamo-a generosa porque ela excedia em tudo a boa mulher em cuja casa eu estivera antes, até mesmo na questão de dinheiro; bem, em tudo exceto em honradez, e digo isso porque,

ainda que minha nova senhora fosse absolutamente justa, não devo nunca deixar de declarar, em todas as ocasiões possíveis, que a anterior, embora pobre, era de uma honestidade absoluta, como não pode haver maior.

Eu acabava de ser acolhida, como disse, por essa boa dama, quando a primeira senhora, isto é, a prefeita, mandou que as duas filhas cuidassem de mim, e outra família, que me conhecera quando eu era a daminha e tinha me dado trabalho para fazer, também mandou me buscar, depois da outra, de maneira que eu estava sendo muito requestada, como podem ver, e além do mais se mostraram não pouco aborrecidas, principalmente a senhora prefeita, com o fato de sua amiga ter-me tirado dela, como se expressou, porque, segundo dizia, eu era sua por direito, já que ela fora a primeira que havia prestado atenção em mim; a família que me tinha consigo não quis que eu a deixasse, e quanto a mim, seria muito bem-tratada com qualquer uma das outras e não poderia estar melhor do que estava.

Ali permaneci até entre os dezessete e os dezoito anos, desfrutando de todas as oportunidades que se possam imaginar para minha educação; a senhora tinha em casa professores que ensinavam as filhas a dançar e a falar francês, e também a escrever nessa língua; havia também outros que lhes ensinavam música, e, como eu estava sempre junto das meninas, aprendi tão depressa quanto elas, e embora esses mestres não fossem contratados para ensinar a mim, eu aprendia por imitação e curiosidade tudo que elas aprendiam por instrução e orientação; para resumir, aprendi a dançar e a falar francês tão bem quanto qualquer uma delas, e a cantar muito melhor, porque tinha melhor voz; não pude chegar a tocar o cravo e a espineta a contento, por não possuir um instrumento que fosse só meu para estudar, e só nos intervalos, quando os deixavam, o que era incerto, podia tocar os instrumentos que elas usavam; acabei aprendendo a tocá-los razoavelmente, e por fim as moças ganharam dois instrumentos, isto é, um cravo e uma espineta, e elas mesmas me ensinaram; quanto à dança, era quase inevitável que me ajudassem com as danças campestres, porque sempre precisavam de mim para completar dois pares; por outro lado, estavam tão dispostas a me ensinar tudo o que haviam aprendido quanto eu a aprender.

Assim, como disse anteriormente, tive todas as vantagens de uma educação que, de outra forma, só poderia ter recebido se fosse uma dama como aquelas jovens com quem vivia, e em certos aspectos eu levava vantagem sobre elas: ainda que tivessem tido melhor berço, os meus dons eram naturais, e toda a fortuna não lhes poderia dar outros iguais – em primeiro lugar, eu era, de aparência, muito mais bela do que qualquer uma delas; segundo, era mais bem-feita; e terceiro, cantava melhor, isto é, tinha melhor voz, e assim julgando, espero que me permitam dizer, não expresso o conceito que eu fazia de mim mesma, e sim a opinião de todos os que conheciam a família.

Além de tudo, eu tinha a vaidade comum de meu sexo, ou seja, sabendo ser vista como atraente ou, se preferirem, como verdadeira beldade, tinha a respeito de mim mesma opinião tão boa quanto a de qualquer pessoa e gostava especialmente de ouvir os elogios da boca alheia, o que ocorria com frequência e me causava grande satisfação.

Até aqui minha história havia corrido sem maiores sobressaltos, e nesse período de minha vida não só todos sabiam que eu vivia com uma família magnífica, louvada e respeitada por suas virtudes, pela sobriedade e por muitas outras qualidades, como também era conhecida como uma jovem assaz judiciosa, modesta e virtuosa, e assim fora sempre; tampouco tivera algum dia oportunidade para pensar em nada que não fosse assim ou de saber o que significava a tentação do mal.

Aquilo que mais me enviaidia fez com que eu me perdesse, ou, em outras palavras, a vaidade foi a causa de minha perdição; a dona da casa em que eu estava tinha dois filhos, jovens cavalheiros muito promissores e de conduta admirável, e foi minha desdita estar bem com os dois, pois cada um deles se houve comigo de modo bastante diferente.

O mais velho, um cavalheiro folgazão que conhecia tanto a cidade quanto o campo e que, mesmo leviano o bastante para cometer más ações, era demasiado sensato para pagar caro demais por seus prazeres, armou aquela triste armadilha em que caem todas as mulheres, isto é, aproveitou todas as ocasiões para me dizer o quanto eu era linda, como dizia ele, agradável, de porte admirável e outras coisas desse teor; e obrou com extrema sutileza, como se dominasse a ciência de prender uma mulher em sua rede tão bem quanto aprisionava uma de suas perdizes quando ia à caça, pois urdia tudo de forma a dizer tais coisas às irmãs quando, embora eu não estivesse junto delas, ele sabia que eu não estava muito longe e com certeza o escutaria; suas irmãs diziam baixinho, “cale-se, irmão, que ela pode ouvir, está no quarto ao lado!”, e ele interrompia o que vinha dizendo e baixava a voz, fingindo ignorar o fato, e admitia que havia errado; daí a pouco, como se tivesse se esquecido, falava de novo em voz alta, e eu, que me comprazia tanto em ouvir tais elogios, não perdia ocasião de escutá-lo.

Depois de haver iscado o anzol e de ter maquinado tão facilmente o método para colocar o chamariz em meu caminho, passou a praticar um jogo mais aberto, e um dia, passando diante do quarto da irmã quando eu ali estava, ajudando-a com alguma costura, entrou com um ar de jovialidade, “ah, senhora Betty!”,[1] disse, “como está, senhora Betty?, suas faces não estão ardendo, senhora Betty?”; fiz-lhe uma mesura, nada respondi; “o que o leva a falar assim, irmão?”, perguntou-lhe a irmã; “ora, é que estivemos falando sobre ela lá embaixo durante meia hora”, respondeu ele; “bem”, disse a irmã, “nada de mau você poderia dizer dela, não tenho dúvida, por isso, pouco importa o que estiveram falando”; “é verdade”, ele disse, “estivemos longe de falar mal dela, pelo contrário, estivemos falando bastante sobre ela, e posso garantir que foram ditas muitas coisas a favor da senhora Betty e, principalmente, que é a jovem mais bonita de Colchester e, em suma, que já começam a brindar na cidade a sua saúde”.

“Você me surpreende, irmão”, disse a moça, “a Betty só falta uma coisa, mas é como se lhe faltasse tudo, pois as mulheres estão em desvantagem na sociedade, e assim digo porque se uma jovem tem beleza, nascimento, educação, espírito, circunspeção, bons modos e recato, e tudo isso de forma extremada, porém carece de dinheiro, não é ninguém, e é como se lhe faltassem todas aquelas qualidades, porque hoje em dia o dinheiro é a única coisa que recomenda uma mulher; nesse jogo, os homens recebem

todas as boas cartas.”

O irmão menor, que também estava ali, exclamou, “cuidado, minha irmã, você está indo depressa demais; sou uma exceção a sua regra, asseguro-lhe que se encontrar uma mulher com todos esses dotes não me comoverei em nada com dinheiro”.

“Ah”, replicou sua irmã, “nesse caso você fará questão de não se encantar com uma sem dinheiro.”

“Está aí uma coisa que você não tem como afirmar”, disse o irmão mais jovem.

“Mas, irmã”, disse o irmão maior, “por que você critica com tamanha veemência os homens que procuram fortuna? você não está entre aquelas que carecem de fortuna, embora talvez lhe falem outros atributos.”

“Entendo o que você diz”, redarguiu a moça, com espírito, “mas suponha que eu tenha dinheiro e me falte beleza; nos tempos que correm, prevalecerá a primeira vantagem, mesmo sem a segunda, e portanto levarei a melhor sobre minhas concorrentes.”

“No entanto”, atalhou o irmão menor, “suas concorrentes, como você as chama, poderão ajustar contas com você, pois muitas vezes, apesar do dinheiro, a beleza pode roubar um marido, e quando a criada é mais bonita que a patroa, com frequência faz também um bom negócio e passa de carruagem diante dela.”

Entendi que chegara a hora de me retirar e deixá-los e assim fiz, não me afastando tanto que não escutasse todas as palavras que diziam, entre elas uma abundância de boas coisas a meu respeito, que serviram para afagar minha vaidade, mas, como logo viria a descobrir, não era esse o melhor caminho para aumentar o conceito em que a família me tinha, pois a irmã e o irmão mais moço entabularam uma discussão acalorada, e como ele, usando-me como referência, dissesse-lhe coisas muito descorteses, pude perceber facilmente, pela posterior conduta dela em relação a mim, que ficara ressentida com tais comentários, o que, na verdade, era injusto comigo, porque eu nunca, nem de longe, supusera o que ela suspeitava de seu irmão mais moço; na realidade, com seu jeito distante e remoto, o irmão maior dissera muitas coisas, como que de brincadeira, que fui bastante tola para acreditar que eram sérias, ou para me iludir com esperanças de coisas que deveria ter imaginado que ele não pretendia nunca e em que talvez nem tivesse pensado.

Sucedeu um dia que, como costumava fazer, ele subiu correndo a escada, indo em direção ao aposento que suas irmãs usavam para trabalhar e, como pôs-se a chamá-las de longe, antes de entrar, também hábito seu, e eu estivesse sozinha, cheguei à porta e disse, “senhor, as senhoras não estão aqui, desceram para o jardim”, e enquanto eu caminhava para dizer isso, ele já chegava à porta e, tomando-me nos braços, como que por acaso, disse, “ah, senhora Betty, está aqui?, melhor ainda, quero mesmo falar com você, e não com elas”, e sem me soltar beijou-me três ou quatro vezes.

Esforcei-me por me libertar, ainda que sem excessivo empenho, e ele continuou a me apertar com força e voltou a me beijar até quase não poder respirar, então se sentou e

disse, “querida Betty, estou apaixonado por você”.

Devo confessar que suas palavras inflamaram-me o sangue, foi como se todos os meus sentimentos me invadissem o coração, deixando-me desnortada, o que ele pôde ter visto facilmente em meu rosto; repetiu a seguir, várias vezes, que estava apaixonado por mim, e meu coração disse, com a clareza de uma voz, que era agradável ouvir aquilo, mais ainda, toda vez que ele dizia “estou apaixonado por você”, meus rubores claramente respondiam “assim espero, senhor!”.

Daquela vez nada mais aconteceu, fora apenas inesperado, e depois que ele se foi, logo me recuperei; ele teria ficado mais tempo comigo se não tivesse lhe ocorrido olhar pela janela e ver que suas irmãs vinham pelo jardim, então despediu-se, beijou-me de novo, disse que falava com toda a seriedade e que voltaria a me encontrar sem demora e saiu, deixando-me infinitamente feliz embora perplexa, e meu sentimento não estaria errado, não fosse um triste detalhe, no qual consistia todo o equívoco: a sra. Betty estava apaixonada, o cavalheiro, não.

A partir daquele momento começaram a se agitar ideias estranhas em minha cabeça, e posso dizer com toda a sinceridade que eu não era mais a mesma; o fato de um cavalheiro como aquele dizer que estava apaixonado por mim e que eu era uma criatura encantadora, como ele se expressara, era coisa com a qual eu não estava habituada, e minha vaidade elevou-se aos píncaros; é verdade que eu tinha a cabeça cheia de orgulho, mas como nada sabia a respeito da maldade do mundo, esquecia todos os cuidados quanto a minha própria segurança ou a minha virtude, e se meu jovem senhor houvesse desejado aproveitar-se de mim, poderia ter tomado comigo qualquer liberdade que lhe aprouvesse: não se dera conta da vantagem que tinha, o que foi minha sorte naquele momento.

Depois desse avanço, não demorou muito até que surgisse outra oportunidade de ele novamente me surpreender, e quase em igual situação; na verdade, houve um tanto de cálculo de sua parte, embora não da minha; assim se passaram os fatos: as moças tinham saído para fazer visitas com a mãe; seu irmão viajara para fora da cidade; e, quanto ao pai, fazia uma semana que se encontrava em Londres – ele estivera me vigiando com tanta atenção que sabia onde eu me achava, ao passo que eu não sabia sequer que ele estava em casa; ele subiu rapidamente a escada e, ao me ver trabalhando, entrou diretamente no aposento e começou a fazer o mesmo da vez anterior, tomando-me em seus braços e me beijando durante pelo menos um quarto de hora sem parar.

Eu estava no quarto de sua irmã mais nova, e, como não havia ninguém na casa senão as criadas, atarefadas no andar de baixo, talvez ele tenha se portado com mais atrevimento: em suma, mostrou-se mais fogoso comigo; é possível que eu tenha sido um tanto fácil, pois Deus é testemunha de que não lhe opus resistência alguma enquanto ele se limitava a me abraçar e me beijar; a verdade é que me sentia demasiado feliz para resistir muito.

Como nos cansássemos desses folguedos, sentamo-nos e ele me falou durante muito tempo; disse que estava fascinado por mim, que não sossegaria, dia e noite, até que houvesse dito o quanto me amava, que se eu fosse capaz de amá-lo e de fazê-lo feliz eu lhe salvaria a vida, e muitas outras coisas bonitas; de minha parte, disse-lhe pouco, mas

minha postura prontamente revelou que eu não passava de uma tola e não percebia de modo algum o que ele pretendia.

Depois ele começou a caminhar pelo quarto e, pegando minha mão, fez-me passear com ele; pouco a pouco, foi ganhando segurança e em certo momento atirou-me na cama e ali me beijou com muito ardor, mas, a bem da justiça, devo dizer que não usou de rudeza, apenas beijou-me muito – depois, como teve a impressão de que alguém subia a escada, levantou-se da cama, ergueu-me também, professando imenso amor por mim; disse que se tratava de um afeto honesto e que não queria me causar mal algum, e pondo cinco guinéus em minha mão foi-se escada abaixo.

Eu estava mais confusa com o dinheiro do que estivera antes com o amor, e comecei a sentir tamanha exaltação que mal tomava conhecimento do chão em que pisava; considero muito importante esta parte de minha história porque, se ela vier a ser lida por uma jovem inocente, talvez a instrua a se proteger do mal que lhe pode acarretar a consciência prematura da própria beleza; se uma jovem se julga formosa, nunca duvidará da sinceridade de todo homem que se disser apaixonado por ela, pois se ela crê ser encantadora o bastante para cativar o homem, é natural que aceite de bom grado os efeitos de seu encanto.

O jovem cavalheiro inflamara seu desejo tanto quanto aguilhoara minha vaidade, e como se percebesse que tivera oportunidade e lamentasse não a ter aproveitado, daí a meia hora, mais ou menos, subiu a escada de novo e retomou seus arroubos comigo, tal como antes, só que com menos prelúdios.

Para começar, ao entrar no quarto, virou-se e, fechando a porta, disse, “senhora Betty, antes pareceu-me que alguém subia a escada, mas não era verdade; se eu for visto neste quarto com você, não me surpreenderão a beijá-la”, e respondi que não fazia ideia de quem poderia subir pela escada, pois acreditava que não havia mais ninguém na casa além da cozinheira e da outra criada, que nunca estavam por ali; “minha querida”, disse, “em todo caso é melhor nos garantirmos”, e com isso ele se sentou e começamos a conversar, e agora, ainda que eu continuasse inflamada devido a sua primeira visita e pouco falasse, ele, por assim dizer, pôs palavras em minha boca, falando da paixão com que me amava e que, embora não pudesse mencionar tal desejo antes de entrar na posse de seu patrimônio, estava decidido a fazer-me feliz e também a sê-lo; disse que queria se casar comigo e muitas outras palavras românticas, cuja verdadeira finalidade eu, pobre néscia, não compreendia, tendo me portado como se não houvesse outra espécie de amor senão o que conduz ao matrimônio, e ao ouvi-lo falar de núpcias, não encontrava oportunidade nem me sentia com forças para dizer que não, se bem que ainda não houvéssemos chegado a esse ponto.

Não fazia muito tempo que conversávamos quando ele se pôs de pé e, deixando-me quase sem ar com seus beijos, jogou-me na cama de novo; como ambos estivéssemos então bastante estimulados, ele foi mais longe do que a decência me permite referir, mas se ele houvesse tomado mais familiaridades do que quis, não estaria em meu poder negar-lhe alguma coisa naquele momento.

Todavia, conquanto tenha tomado essas liberdades comigo, não chegou ao que chamam de último favor, o que, para lhe fazer justiça, ele nem tentou; essa renúncia voluntária serviu-lhe de pretexto para todas as liberdades em outras ocasiões depois dessa; findo nosso encontro, ele pôs em minha mão quase um punhado de moedas de ouro e me deixou, fazendo mil protestos de paixão e afirmando amar-me mais do que a todas as mulheres do mundo.

Não há de parecer estranho que eu agora começasse a pensar, mas minhas reflexões eram, ai de mim!, pouquíssimo sólidas, eu tinha uma reserva quase ilimitada de vaidade e orgulho, e pouca reserva de virtude; é verdade que, vez por outra, eu me perguntava o que meu senhor pretendia, porém não pensava em nada além das belas palavras e do ouro; se queria se casar comigo ou não, parecia-me assunto de pouca importância, nem meus pensamentos chegaram a sugerir a necessidade de tentar algum acordo em meu benefício, até que ele veio a fazer-me uma espécie de proposta formal, como verão mais adiante.

Assim, pois, abandonei-me sem o menor cuidado à possibilidade de me arruinar, e sou bom exemplo para todas as jovezinhas cuja vaidade prevalece sobre a virtude; jámais se viu maior parvoíce por parte de duas pessoas – se eu tivesse procedido como devia e resistido, como impõem a virtude e a honra, o cavalheiro haveria desistido de seus avanços ao ver que não tinha possibilidade alguma de alcançar seus desígnios, ou teria feito propostas de casamento sérias e formais, e nesse caso quem o reprovasse não teria como reprovar a mim; em suma, se ele me conhecesse e tivesse percebido como era fácil conseguir a ninharia a que aspirava, não teria precisado quebrar tanto a cabeça, bastaria dar-me quatro ou cinco guinéus e teria se deitado comigo da próxima vez que viesse; se eu tivesse me dado conta de seus desígnios e de como ele supunha ser difícil ganhar-me, poderia ter imposto minhas próprias condições; e se eu não houvesse transigido em favor de um casamento imediato, poderia tê-lo feito em troca de uma manutenção até as núpcias e teria o que quisesse: ele já era mais do que rico, além do que viria ainda a herdar; eu parecia ter posto inteiramente de lado todos os pensamentos dessa espécie e só me deixava levar pelo orgulho de minha beleza e de saber-me amada por tal cavalheiro; quanto ao ouro, passava horas e horas a contemplá-lo, contava os guinéus inúmeras vezes, mais de mil por dia; nunca pobre criatura assim vaidosa esteve tão mergulhada em falsidade, sem atentar ao que me aguardava e que a ruína já quase batia à porta; na verdade, acredito que desejasse aquela ruína, uma vez que nada fazia para evitá-la.

Entrementes, eu tinha bastante astúcia para não dar o menor ensejo para que algum membro da família suspeitasse de mim ou imaginasse que eu tinha a menor ligação com o jovem cavalheiro; quase nunca o olhava em público e, na presença de alguém, só lhe falava em resposta a algo que ele me dissesse; apesar disso, de vez em quando tínhamos uma pequena entrevista, em que não havia tempo senão para a troca de uma ou duas palavras ou, de quando em quando, um beijo, mas nunca surgia boa ocasião para o mal pretendido, sobretudo porquanto ele fazia mais circunlóquios do que seria necessário se lesse meus pensamentos, e como a empresa lhe parecia difícil, na realidade assim a tornava.

Entretanto, como o diabo é um tentador infatigável, ele nunca deixa de achar oportunidade para o mal com que nos acena, e essa oportunidade surgiu numa tarde em que eu estava no jardim com as duas irmãs mais novas e ele, todos em inocente colóquio, quando ele encontrou um meio de deslizar para minha mão um bilhete em que dizia que no dia seguinte me pediria, em público, que levasse uma mensagem à cidade para ele e que eu o encontraria em algum ponto do caminho.

Assim, no outro dia, depois do almoço, disse-me diante das irmãs, muito sério, “senhora Betty, preciso lhe pedir um favor”; “o que é?”, perguntou a irmã menor; “bem, irmã”, continuou ele, “se vocês não puderem prescindir da senhora Betty hoje, poderá ser em qualquer outro dia”; claro que sim, disseram elas, podiam muito bem prescindir de mim, e a irmã se desculpou por haver perguntado do que se tratava, o que disse ter feito por simples rotina, sem dar àquilo importância alguma; “bem, irmão”, disse a irmã mais velha, “você tem de dizer à senhora Betty do que se trata; se for algum assunto particular de que não devemos tomar conhecimento, pode lhe falar em particular, esteja à vontade”; “ora, irmã”, disse o cavalheiro, com toda a seriedade, “o que você quer dizer com isso? só quero pedir que ela vá a uma loja na High Street”, e em seguida tirou do bolso um colarinho postiço e contou então uma longa história sobre duas belas gravatas pelas quais tinha feito uma oferta e queria que eu fosse até lá e lhe fizesse o favor de comprar uma gravata para o colarinho que ele mostrava, e se não aceitassem o valor que ele propusera, oferecesse um xelim a mais e regateasse com eles; a seguir, deu-me outras incumbências e pequenas coisas para fazer, de modo que eu passasse muito tempo fora.

Depois de expor todos esses encargos, contou-lhes outra longa história de uma visita que faria, naquela tarde, a uma família que todos conheciam e em cuja residência estariam tais e tais cavalheiros, que ficariam muito satisfeitos com o encontro, e pediu formalmente às irmãs que fossem com ele; com a mesma formalidade, elas declinaram do convite, por causa de visitas que receberiam naquela tarde; diga-se de passagem que ele tramara o ardil justamente por saber disso.

Mal acabara de lhes falar e de me explicar as incumbências, seu criado chegou para informar que a sege de Sir W*** H*** chegara à porta, e ele saiu e logo retornou, “que pena!”, exclamou, “lá se vai minha tarde por água abaixo, Sir W*** mandou sua sege me buscar e quer falar comigo sobre um assunto sério”; creio que esse Sir W*** era um cavalheiro que morava cerca de cinco quilômetros fora da cidade e a quem na véspera ele pedira emprestada a sege para um assunto particular, dizendo-lhe que a enviasse por volta das três horas, como ele fez.

Pedi sua melhor peruca, o chapéu e a espada, ordenando ao criado que fosse à outra casa para apresentar suas desculpas por não poder ali comparecer, o que era simplesmente um pretexto para afastá-lo, e preparou-se para subir à sege; no momento em que saía, deteve-se um instante e me falou, em tom circunspecto, do que me pedira, achando oportunidade de dizer à meia-voz, “saia logo, querida, o mais cedo que puder”; nada respondi, limitando-me a fazer uma reverência, como se em resposta ao que me

dissera em voz alta; daí a cerca de um quarto de hora, saí também; não mudei a roupa que vestia, de modo que não pudesse surgir na casa a menor suspeita, mas levava no bolso um capuz, um véu, um leque e um par de luvas; ele me esperava na sege numa ruazinha atrás de sua residência, pela qual sabia que eu haveria de passar, e instruíra o cocheiro para onde deveria ir, um lugar chamado Mile-End, onde morava um amigo seu; entramos na casa, e notei que havia ali todas as comodidades do mundo para que pecássemos tanto quanto quiséssemos.

Quando nos vimos a sós, ele se pôs a falar com muita sisudez e disse que não me levava ali para me seduzir, já que sua paixão por mim não lhe permitiria abusar de mim, pois estava decidido a se casar comigo logo que entrasse na posse da herança e que, até lá, se eu aceitasse sua proposta, ele me manteria com toda a honradez; mil vezes professou sua sinceridade e seu afeto por mim, assegurando que jamais me abandonaria, e, se me é lícito dizer, fez mil vezes mais preâmbulos do que precisava.

Todavia, como insistia para que eu lhe respondesse, eu disse que não tinha motivo algum para duvidar da sinceridade de seu amor por mim, depois de tantas declarações, mas... e me calei, como se quisesse que ele adivinhasse o resto; “o que é, minha querida?”, disse ele, “já imagino o que você quer dizer: o que acontecerá se você engravidar, não é isso? ora, cuidarei de você e de todas as suas necessidades, bem como as da criança, e para ver que não estou brincando, fique com isto de presente”, e me entregou uma bolsa de seda com cem guinéus, “e lhe darei outra igual”, disse, “a cada ano, até nos casarmos”.

Perdi e recobrei a cor do rosto à vista da bolsa e também do ardor de sua proposta, de modo que não conseguia articular palavra, o que ele percebeu facilmente; guardando a bolsa no seio, além de não opor-lhe resistência alguma, deixei-o fazer o que quisesse, quantas vezes quisesse; decretei, de uma vez por todas, a minha ruína, pois desde aquele dia, havendo perdido a virtude e a modéstia, nada de valor me restava que pudesse recomendar-me, fosse à bênção de Deus, fosse à solidariedade humana.

Todavia, as coisas não terminaram aqui; fui à cidade, cumpri os encargos que ele me confiara diante das irmãs e voltei para casa antes que alguém pudesse julgar que eu demorava muito; meu cavaleiro só retornou muito tarde da noite, como dissera que faria, e não houve a menor suspeita por parte da família com relação a ele ou a mim.

Depois daquele dia tivemos frequentes oportunidades de repetir nosso pecado, graças sobretudo a suas maquinações, mormente em casa, quando sua mãe e as jovens saíam para fazer visitas, ausências que ele vigiava com tal atenção que essas ocasiões nunca lhe escapavam; sempre sabia quando iam sair e por isso nunca perdia ensejo de me pilhar sozinha e com toda a segurança; e assim nos fartamos de nossos prazeres iníquos durante quase meio ano; não obstante, para minha enorme satisfação, não engravidei.

Entretanto, antes que esse meio ano terminasse, seu irmão mais novo, a quem aludi no começo da narrativa, também passou a se insinuar, e numa tarde em que me encontrou sozinha no jardim, chegou com uma história do mesmo gênero, fazendo sinceras declarações de amor por mim e, em suma, pediu-me em casamento, de forma

clara e respeitosa, antes de me fazer qualquer proposta de outra índole.

Senti-me desorientada e posta diante de um dilema extremo e nunca visto, ao menos por mim; resisti obstinadamente a suas propostas e comecei a me armar de argumentos; expus-lhe a disparidade daquela união, a forma como seria tratada pela família, a ingratidão que minha conduta representaria para seus bondosos pais, que me haviam acolhido em sua casa em termos tão generosos quando eu me achava em condições tão humildes, em suma, disse tudo o que pude imaginar para dissuadi-lo de seu desígnio, salvo a verdade, o que decerto teria posto fim a tudo aquilo, mas que eu não ousava sequer pensar em mencionar.

Deu-se então um fato novo, que eu deveras não esperava e que me pôs em sérias dificuldades: esse jovem cavalheiro, que era franco e honesto, tanto que não me propunha nada que também não o fosse, e procedendo como lhe ditava a própria integridade, não foi tão cuidadoso quanto o irmão para fazer com que seu afeto pela sra. Betty fosse um segredo na casa, e embora não declarasse à família que já falara comigo a respeito, disse o suficiente para que as irmãs entendessem que ele me amava; a mãe também o percebeu, e, conquanto elas não me dissessem nada, falaram a ele, e eu me dei conta imediatamente que o comportamento delas em relação a mim tinha mudado, ainda mais que antes.

Vi a nuvem mas não previ a tempestade; foi fácil, como digo, perceber que o comportamento das mulheres comigo se modificara e que piorava dia a dia, até que, por intermédio da criadagem, fiquei ciente de que em pouco tempo seria convidada a deixar a casa.

Não me alarmei, tinha plena segurança de que, partindo, havia quem provesse minhas necessidades e, principalmente, tinha motivos a cada dia para crer que engravidaria, e então seria obrigada a sair dali sem pretexto algum.

Algum tempo depois, o cavalheiro mais jovem teve oportunidade de me dizer que o afeto que tinha por mim chegara ao conhecimento da família; não me culpava, disse, porque sabia perfeitamente como sucedera, e a causa fora sua maneira clara de falar, uma vez que não guardara segredo de seu amor por mim, como poderia ter feito, e a razão de sua franqueza era o fato de estar decidido; declarou que se eu concordasse em aceitá-lo ele diria abertamente a todos que me amava e que mencionava se casar comigo; com efeito, o pai e a mãe poderiam se ressentir e nos tratar mal, porém ele já estava em condições de viver sozinho, tendo se formado em direito, e sabia poder me manter com a dignidade que eu tinha o direito de esperar; para finalizar, disse que, como acreditava que eu não me envergonhava dele, estava resolvido a tampouco envergonhar-se de mim, e que portanto não temia comprometer-se comigo agora, já que decidira tomar-me como esposa, de modo que tudo o que eu tinha a fazer era conceder-lhe minha mão e ele responderia por todo o resto.

Eu me achava agora numa situação realmente terrível e me arrependi de todo o coração por ter cedido ao irmão mais velho com tanta facilidade, não por um exame de consciência, mas em vista da felicidade de que poderia desfrutar e que agora se tornara impossível; como disse, não tinha grandes escrúpulos de consciência, no entanto não

podia pensar em ser amante de um dos irmãos e esposa do outro, e então me ocorreu que o primeiro irmão prometera fazer-me sua esposa quando entrasse na posse de sua herança; daí a pouco voltei a pensar naquilo que por várias vezes já havia pensado, ou seja: ele não me dissera mais uma palavra sobre casar-se comigo depois de me haver conquistado como amante; e na verdade, até aquele momento, e embora tivesse pensado no assunto várias vezes, como já disse, aquilo não havia me causado nenhuma inquietação, já que ele não dava nenhum sinal de diminuir seu afeto por mim, como também não havia reduzido sua generosidade; teve o cuidado de me aconselhar a não gastar em roupas nem mesmo uma moedinha do que me dava, nem fazer o menor gasto extraordinário, uma vez que causaria estranheza à família, uma vez que todos sabiam que eu não poderia dar-me a esses luxos com meus ganhos correntes, mas somente por meio de uma amizade particular, o que logo suscitaria desconfianças.

Não obstante, agora eu me via em sérios apuros e não sabia como proceder, e a principal dificuldade estava em que o irmão mais novo não só me assediava de perto como o fazia de forma que todos notavam: entrava no quarto da mãe ou no das irmãs, sentava-se e dizia mil coisas sobre mim, ou dizia-as a mim diretamente, diante deles, se estávamos juntos; a situação tornou-se tão pública que toda a casa falava daquilo, e a mãe censurou-o, e a postura da família para comigo logo alterou-se de forma radical, a mãe deixando escapar certas frases, como se pretendesse fazer com que eu largasse a família, ou, em termos claros, pôr-me no olho da rua – ora, eu tinha certeza de que a situação era do conhecimento do irmão mais velho, sendo possível apenas que ele não soubesse, como realmente ninguém mais sabia, que o irmão mais novo me propusera casamento; todavia, como era fácil compreender que a história chegaria mais longe, vi também que era absolutamente necessário que eu falasse sobre aquilo com o irmão mais velho, ou que ele falasse comigo, não sabia o que seria melhor, se eu deveria tomar a iniciativa ou deixar tudo como estava até que ele viesse ter comigo.

Após prolongadas reflexões, pois na verdade eu começava a pensar com muita seriedade na situação, como até então não fizera, resolvi abordar a questão com ele primeiro, e não tardou para que surgisse uma oportunidade, pois logo no dia seguinte o irmão mais novo foi a Londres, por conta de algum negócio, e a família saiu para fazer visitas, e ele, como já sucedera antes e, na verdade, como era seu hábito, veio passar uma ou duas horas com a sra. Betty.

Logo que entrou e sentou-se, percebeu com clareza que meu semblante estava alterado e que eu não me portava com a desenvoltura e a simpatia costumeiras; não tardou para que se desse conta de que eu havia chorado, e me perguntou com palavras muito meigas o que acontecera e o que me incomodava; se pudesse, eu teria postergado a explicação, mas não conseguia dissimular, de modo que, depois de resistir por algum tempo a suas insistências para desabafar aquilo que eu tanto ansiava revelar, confessei que de fato me atormentava um fato cuja natureza não podia lhe ocultar, mas ao mesmo tempo não sabia como dizer, que se tratava de algo que, além de me surpreender, deixara-me sobremaneira perplexa, de forma que ignorava qual caminho seguir, a menos que ele me aconselhasse;

ele então me disse, com muita ternura, que, fosse o que fosse, eu não devia permitir que aquilo me afligisse, pois ele me protegeria do mundo inteiro.

Comecei dizendo, com rodeios, que receava que as senhoras estivessem de posse de alguma informação secreta a respeito de nossa ligação, porque era fácil perceber que a conduta delas em relação a mim vinha se modificando desde algum tempo, e que agora essa mudança chegara a um ponto em que amiúde me censuravam e às vezes até me criticavam com dureza, embora eu não lhes tivesse dado o menor motivo para tal; e mais: enquanto antes eu costumava dormir com a irmã mais velha, ultimamente me punham para dormir sozinha ou com uma das criadas, e várias vezes as tinha ouvido fazer comentários bastante desairosos a meu respeito; a confirmar tudo, uma das criadas me contara ter sabido que me expulsariam e que não era prudente para a família que eu continuasse naquela casa.

Finda minha exposição, ele sorriu, e perguntei-lhe como podia fazer pouco caso desse estado de coisas, quando devia saber muito bem que, se descobrissem nossa intimidade, eu estaria acabada para sempre, e que até ele poderia terminar prejudicado, não arruinado como eu; censurei-o duramente, dizendo que era igual a todos os de seu sexo, que quando tinham à sua mercê a reputação e a honra de uma mulher, no mais das vezes faziam desses valores objeto de mofa ou ao menos os encaravam como futilidades, vendo como de somenos a ruína daquelas de quem tinham se aproveitado.

Ao ver-me irritada e séria, ele mudou de tom de imediato e disse que lamentava que fizesse tal ideia dele, pois nunca me dera o mais remoto motivo para tanto, já que sempre zelara por minha reputação, tanto quanto por sua própria – que tinha certeza de que nossa intimidade havia sido conduzida mui habilmente e que ninguém na família sequer suspeitava dela; se sorriera quando lhe expus meus receios, fora em virtude de sua certeza, recentemente comprovada, de que nossa ligação não era suspeitada, que dirá conhecida, e que quando ele me apresentasse suas razões para tamanha tranquilidade, eu sorriria como ele, pois estava certo de que me daria completa satisfação.

“Eis um mistério que não compreendo”, respondi, “como também não sei que satisfação pode dar-me ser expulsa daqui; se nossa intimidade não foi descoberta, não imagino o que eu possa ter feito para modificar o semblante de toda a família diante de mim ou para que me tratem como fazem agora, quando antes me cumulavam de amabilidades, como se eu fosse uma de suas próprias filhas.”

“Bem, minha querida”, disse, “na realidade eles estão inquietos em relação a você, mas que tenham alguma suspeita de nossa ligação está longe da verdade, pois o alvo da suspeita deles é meu irmão, Robin; estão plenamente convencidos de que ele está apaixonado, aliás, foi o próprio tolo quem lhes meteu tal ideia na cabeça, porque fala disso sem cessar, o que até faz com que se torne motivo de chacota; penso que ele age mal ao proceder assim, pois não percebe que aborrece a todos e faz com que a tratem com frieza; vejo a situação com bons olhos, pela certeza que me dá de que não suspeitam de mim em absoluto, e espero que isso também seja de seu agrado.”

“Realmente é”, respondi, “por um lado, embora não afete em absoluto meu problema,

nem seja a causa principal de minha perturbação, ainda que também me abale”; “o que é, então?”, perguntou ele, e desfiz-me em lágrimas, a ponto de não poder dizer palavra, e ele fez tudo o que pôde para me tranquilizar; por fim começou a me pressionar para que eu dissesse do que se tratava; respondi que julgava que devia dizer a ele também, e que ele tinha algum direito de sabê-lo, e além do mais eu necessitava de seu conselho, pois estava de tal modo desnorteada que não atinava com o caminho a tomar – e a seguir contei tudo o que se passava e disse como o irmão fora imprudente ao revelar suas intenções, porque se houvesse guardado segredo, como deveria ter feito numa questão como essa, eu poderia tê-lo rejeitado de forma categórica, sem dar explicação alguma do motivo, e com o passar do tempo ele teria posto de lado suas pretensões; contudo, ele tivera a vaidade de, primeiro, tomar como certo que eu não o recusaria e, depois, fazer com que toda a família se inteirasse de sua decisão de me desposar.

Contei com que afino eu lhe resistira e falei também da sinceridade e honradez de suas intenções; “no entanto”, concluí, “minha situação é difícil por dois motivos: se a família me trata mal porque ele deseja se casar comigo, pior me tratará quando souber que eu disse não, e logo hão de supor que há mais alguma coisa a descobrir, que já estou casada com outra pessoa, pois de outra forma jamais recusaria uma união tão acima de minha classe como essa”.

Minhas palavras surpreenderam-no muitíssimo, e ele disse que de fato minha situação era difícil e que ele não via como eu poderia resolvê-la, que pensaria e, da próxima vez que nos avistássemos, diria que resolução tomara; pedi-me que, nesse ínterim, não desse a seu irmão nem meu consentimento nem um sonoro não, que o mantivesse em suspenso por algum tempo.

Quase tive um sobressalto ao ouvi-lo dizer que não desse meu consentimento, disse que ele sabia muito bem que eu não tinha consentimento algum a dar, que ele havia se comprometido a se casar comigo e que eu me considerava comprometida com ele, uma vez que sempre me dissera que eu era sua mulher e, efetivamente, eu mesma assim me considerava, como se a cerimônia já houvesse ocorrido, e que era por decisão sua que eu me portava desse modo, pois ele me persuadira a me ver como sua mulher.

“Bem, minha querida”, ele disse, “não se abale com isso agora, posso não ser seu marido, mas procederei como se fosse, e não permita que essas coisas perturbem-na agora; deixe-me examinar essa situação um pouco mais a fundo, de modo que na próxima vez que nos encontrarmos poderei lhe dizer algo mais.”

Ele me acalmou como pôde, mas notei que quedara muito pensativo, e, embora se mostrasse muito gentil e me beijasse mil vezes, e creio que ainda mais, e ainda me desse dinheiro, não fez nada mais durante o tempo em que estivemos juntos, que foi mais de duas horas, o que muito me surpreendeu em vista de como costumava proceder e da oportunidade que tínhamos.

Seu irmão não retornou de Londres senão cinco ou seis dias depois, e mais dois se passaram até o mais velho ter oportunidade de lhe falar; chamando-o à parte, conversou com ele a fundo sobre a situação; e como na mesma tarde tivéssemos uma prolongada

entrevista, teve ocasião de me contar toda a conversa que mantiveram, que foi, até onde posso recordar, mais ou menos como se segue: disse-lhe que, depois de sua partida, havia escutado rumores estranhos que lhe diziam respeito, ou seja, que estava enamorado da sra. Betty; “bem”, disse Robin, o irmão mais novo, um tanto agastado, “é verdade, e então? o que alguém tem a ver com isso?”; “não se aborreça, Robin, não pretendo intrrometer-me em sua vida”, disse-lhe o irmão, “tampouco é minha intenção censurá-lo; sei que elas estão perturbadas e que vêm tratando mal a pobre moça, o que dói em mim como se a vítima fosse eu”; “a quem você se refere com ‘elas’?”, perguntou Robin; “refiro-me a nossa mãe e nossas irmãs”, respondeu o irmão mais velho.

“Escute”, continuou este último, “você fala sério? ama mesmo essa moça? sabe que pode usar de franqueza comigo?”; e Robin disse, “pois bem, serei franco com você, eu realmente a amo, acima de todas as mulheres do mundo, e ela será minha, digam e façam os outros o que quiserem, não acredito que ela me rejeite”.

Doeu-me no coração ouvir tais palavras, porque embora o mais racional fosse supor que não o recusasse, a consciência me dizia que eu devia fazê-lo, e via minha ruína em ser obrigada a rejeitá-lo; sabia que era de meu interesse naquele momento dizer outra coisa, e assim interrompi seu relato:

“Ora, com que então ele crê que não posso recusá-lo? pois há de ver se não posso!”.

“Bem, querida”, disse ele, “deixe-me contar toda a conversa, e depois diga o que quiser.”

Ele continuou e disse que respondera ao irmão do seguinte modo, “Robin, você sabe que ela nada possui, enquanto você poderá escolher, entre várias, uma mulher com grande fortuna”; “não se trata disso”, dissera Robin, “eu amo essa moça e não quero me casar para agradar meu bolso, e sim meu coração”; “portanto, querida”, concluiu ele, “não há como contestá-lo”.

“Há, sim”, retorqui, “você há de ver como eu o contestarei; hoje em dia, sei dizer ‘não’, coisa de que antes não era capaz; se o fidalgo mais nobre do reino me propusesse casamento agora, eu alegremente lhe responderia com um não.”

“Muito bem, minha querida”, disse ele, “o que você poderá dizer? você mesma disse, quando falamos dessa questão antes, que ele fará inúmeras perguntas caso o rejeite, e toda a família ficará intrigada com o possível significado da negativa.”

“Bem”, disse, sorrindo, “posso calar todas as bocas de uma vez dizendo a ele e também aos demais que já estou casada com o irmão mais velho.”

Ao ouvir essas palavras ele também deu um leve sorriso, mas pude perceber que se sobressaltou, sem conseguir disfarçar a consternação que elas lhe causaram; no entanto, disse, “bem, conquanto em certo sentido isso possa ser verdade, imagino que esteja brincando ao falar de responder-lhe assim, não seria conveniente, por várias razões”.

“Não, não”, respondi, muito gentil, “não farei nunca com que o segredo seja revelado sem o seu consentimento.”

“Mas então o que dirá a meu irmão, ou, na verdade, a toda a família”, quis saber ele,

“quando se espantarem ao vê-la obstinada em recusar uma união que lhe seria obviamente tão favorável?”

“Ora, por que eu não saberia o que dizer?”, respondi; “em primeiro lugar, não sou obrigada a dar explicação alguma; por outro lado posso dizer que já estou casada, sem mais pormenores, e essa resposta será também um ponto final para ele, uma vez que depois não terá mais nenhum motivo para me fazer novas perguntas.”

“É verdade”, ele disse, “nesse caso a família inteira, até mesmo meu pai e minha mãe, não cessará de atormentá-la com perguntas, e se você teimar em não dar explicações convincentes, hão de se considerar desobrigados em relação a você, e além do mais esse comportamento levantará suspeitas.”

“Bem, e o que posso fazer?”, ponderei, “o que deseja que eu faça? já me sentia em apuros antes e, como lhe disse, estava desnortada, e se o pus a par de toda a situação foi para que me aconselhasse quanto ao que devia fazer.”

“Minha querida”, disse ele, “estive refletindo muitíssimo, como pode imaginar, e, conquanto o conselho que vou dar seja para mim mortificante, e no primeiro momento possa parecer insólito, depois de pensar bem, o melhor caminho que vejo para você é permitir que ele insista e, se considerar que ele fala com seriedade, casar-se com ele.”

Ao ouvir essas palavras, olhei-o horrorizada, fiquei pálida como a morte e estive a ponto de cair da cadeira em que estava; assustado, ele exclamou, “minha querida, o que você tem?”, e muitas outras frases assim, e à força de me sacudir e me chamar, fez com que eu me recuperasse um pouco; demorei algum tempo a me conter e tive de esperar alguns minutos para poder falar.

Logo que me restabeleci por completo, ele recomeçou, “querida, o que tanto a surpreendeu no que eu disse? eu gostaria que você refletisse seriamente, você já sabe qual é a posição da família com relação a essa situação, e todos estariam completamente ensandecidos se ela dissesse respeito a mim, e não a meu irmão – seria minha ruína e também a sua”.

“Muito bem”, disse, agora com indignação, “quer dizer que todas as suas promessas e juras passaram a valer nada por medo de desagradar sua família? não lhe fiz sempre essa advertência? e você não fazia sempre pouco caso dela, como se estivesse acima disso e não se importasse? e agora me vem com essa? é essa a sua fé e a sua honra? o seu amor? e a solidez de suas promessas?”

Ele mantinha absoluta serenidade, apesar de minhas exprobrações, das quais não o poupei, e por fim, disse, “minha querida, eu não quebrei nenhuma promessa que lhe fiz: disse, de fato, que me casaria com você quando entrasse na posse de minha herança, mas como você vê, meu pai é um homem saudável e forte e pode viver ainda trinta anos, sem estar mais alquebrado do que muitos dos que vemos na cidade, e você nunca pediu que eu a desposasse mais cedo, pois sabia que poderia representar minha ruína – e quanto a tudo o mais, não me portei mal, pois não lhe tem faltado nada”.

Eu não tinha como negar nenhuma dessas afirmações, com efeito nada tinha a dizer;

“então”, repliquei, “por que você quer me persuadir a aceitar um término tão horrível, ou seja, deixá-lo, se você não me deixou? não reconhece a existência de algum amor e de alguma afeição de minha parte? só da sua? não lhe correspondi? não dei provas de sinceridade e de paixão? o sacrifício de minha honra e de meu pudor, que fiz por você, não prova que estou ligada a você por laços demasiado fortes para serem rompidos?”.

“Mas com a minha sugestão, querida”, disse ele, “você alcançará uma posição segura, conquistará honra e respeito ao mesmo tempo; e a lembrança do que ocorreu entre nós poderá permanecer envolta num silêncio eterno, como se jamais houvesse sucedido; você terá sempre o meu respeito e meu afeto sincero, que serão honestos e absolutamente justos com meu irmão; você será minha querida irmã, como agora é minha querida...”, e aqui ele se calou.

“Sua querida rameira”, completei, “é isso que você diria se continuasse a falar, e teria razão em dizê-lo, eu o compreendo e não obstante peço que se lembre das longas argumentações que fez e do esforço em que se empenhou, durante horas a fio, para que eu me julgasse uma mulher honesta, já que era sua esposa em intenção, conquanto não o fosse aos olhos do mundo, e que nossa ligação era, com efeito, um casamento tão real como se tivéssemos nos casado de fato, diante do pastor da paróquia; você sabe, e não pode ter esquecido, que essas foram precisamente suas palavras a mim.”

Achei minha reprovação um tanto severa demais, e atenuei-a um pouco; ele permaneceu mudo e quedo por algum tempo; continuei, “você não pode crer, sem cometer a maior das injustiças, que eu tenha cedido a todas as suas insistências sem amor, um amor indiscutível, um amor inabalável diante de tudo o que pudesse acontecer depois; se me tem na conta de pessoa tão desonesta, devo indagar que ato meu pôde lhe sugerir tal coisa.

“Por isso, se cedi à força de meu afeto e me persuadi a crer que era, na realidade e na essência do fato, sua mulher, como poderei agora dar por enganosos todos aqueles argumentos e chamar a mim mesma de sua rameira ou de sua amante, que é a mesma coisa? e você me passará para seu irmão? por acaso pode transferir a ele meu afeto? pode me obrigar a deixar de querer bem a você e determinar que doravante ame a ele? acredita que está em meu poder operar essa mudança, só porque você pediu? não, meu senhor”, concluí, “tenha plena certeza de que isso é impossível, e qualquer que seja a mudança que de sua parte tenha ocorrido, eu serei sempre fiel, e se a esse triste ponto chegamos, prefiro ser sua rameira a ser a esposa de seu irmão”.

Minhas palavras pareceram agradá-lo e comovê-lo, e ele me respondeu que não mudara de ideia, que não descumpria nenhuma das promessas que me fizera, mas que nessa questão se apresentavam tantas coisas terríveis que, sobretudo em vista de meus interesses, aquela solução lhe parecera tão eficaz que nenhuma outra seria melhor; ele julgava que não haveria uma separação absoluta, pois podíamos nos querer bem como amigos a vida inteira, e talvez com mais satisfação do que na situação em que nos encontrávamos agora, devido às várias coisas que poderiam acontecer; com certeza eu nada tinha a temer dele, como, por exemplo, que ele traísse um segredo que, se viesse a

público, só poderia redundar em ruína para nós dois; só queria me interrogar a respeito de um ponto, o único capaz de ser um obstáculo àquela solução, e se minha resposta fosse negativa, ele não tinha como deixar de pensar que aquele era o único caminho que eu podia tomar.

Adivinhei a pergunta que ele queria me fazer: tinha certeza de que não estava grávida? quanto a isso, respondi, não precisava se inquietar, eu não estava grávida; “nesse caso, querida”, disse ele, “não temos tempo para continuar falando do assunto; pense, reflita a respeito; quanto a mim, não posso senão reiterar que esse é o melhor caminho que você pode seguir”, e assim se despediu, com certa pressa, pois no momento em que se levantou a mãe e as irmãs fizeram soar a campainha no portão.

Deixou-me na mais profunda confusão de ideias, e disse ele se deu conta de modo cabal no dia seguinte e no resto da semana, pois era terça-feira, ao entardecer, quando conversamos; não teve oportunidade de estar comigo durante toda a semana, até o domingo seguinte, quando, sentindo-me indisposta, não fui à igreja, e ele, dando uma desculpa do mesmo gênero, ficou em casa.

Dessa vez esteve a sós comigo por hora e meia, repisando os mesmos argumentos ou, pelo menos, expondo outros tão parecidos que não vale a pena transcrevê-los; por fim perguntei com ênfase que opinião tinha de meu pudor se pensava que eu podia sequer admitir a ideia de me deitar com dois irmãos, e garanti que isso não aconteceria nunca; e acrescentei que, mesmo se me dissesse que eu não o veria nunca mais, uma ideia que me afigurava tão pavorosa quanto a morte, nem assim eu poderia acolher proposta tão desonrosa para mim e ignóbil para ele, por isso, supliquei-lhe que, se lhe restava uma migalha de respeito e afeto por mim, não voltasse a propor tal saída, ou que sacasse da espada e me matasse; pareceu perplexo com minha obstinação, como a chamou, e disse-me que era injusta comigo mesma e com ele, que o ocorrido era uma crise indesejada e que nenhum de nós poderia ter previsto, e que ele não divisava outro caminho para nós dois nos salvarmos da ruína além do que apontara, e que, por essa razão, julgava injusto meu procedimento; se não devia voltar a falar-me daquilo, disse com desusada frieza, não sabia de que outro assunto podíamos falar, e levantou-se para se despedir, e eu também me levantei, simulando a mesma indiferença; quando ele veio me dar um beijo, que seria de despedida definitiva, desatei em tal crise de choro que, ainda que quisesse falar, não poderia fazê-lo, e só era capaz de dizer-lhe adeus apertando-lhe a mão com força, sacudida de convulsivo pranto.

Ele ficou visivelmente comovido e sentou-se de novo, dizendo-me muitas palavras genúis para minorar meu desgoverno emocional, continuando, porém, a me encarecer a necessidade do que propusera, assegurando-me todo o tempo que, mesmo que eu repelisse a ideia, ainda assim ele continuaria a prover todas as minhas necessidades, deixando-me claro, no entanto, que prescindiria de mim no principal, mesmo como amante, pois para ele seria ponto de honra não se deitar com a mulher que, como ele não podia ignorar, poderia vir a se casar com seu irmão.

Perdê-lo como namorado não me machucava tanto quanto perder sua presença, a

proximidade de uma pessoa que na verdade eu amava até a loucura, nem quanto perder todas as expectativas nas quais baseara minhas esperanças de um dia tê-lo como marido; essas coisas me oprimiram o espírito a tal ponto que caí de cama, muito doente; em poucas palavras, as angústias de meu espírito provocaram-me febre alta e não tardou para que todos na família temessem por minha vida.

Com efeito, meu estado se agravou e eu delirava amiúde, sempre temendo que em meu tesvário pudesse dizer uma coisa ou outra que o prejudicasse; afligia-me igualmente a ânsia de vê-lo, e também ele anelava ver-me, pois de fato me amava com paixão, mas isso não podia acontecer, não havia para nenhum dos dois possibilidade alguma de desajá-lo, e menos ainda de fazê-lo com decência.

Guardei o leito por quase cinco semanas e, conquanto a violência da febre amainasse ao cabo das três primeiras, houve várias recidivas, e os médicos disseram algumas vezes que nada mais podiam fazer por mim e que tinham de deixar a cargo da natureza e da doença resolver a contenda, apenas buscando reforçar a primeira com cordiais para que eu prosseguisse na luta; passadas cinco semanas, comecei a melhorar; estava tão debilitada, alterada e melancólica, e minha melhora era tão lenta que os médicos temeram que meu estado degenerasse em tísica; o que mais me aborreceu foi opinarem que minha mente estava transtornada, que alguma coisa me perturbava e, em suma, que eu estava apaixonada; diante do diagnóstico, toda a família pôs-se a me estudar, a insistir que eu declarasse se estava apaixonada ou não e por quem; como era de esperar, neguei firmemente.

Um dia, à mesa, houve a tal respeito uma discussão que quase desencadeou uma desavença na família, o que chegou a acontecer durante algum tempo; estavam todos à mesa, com exceção do pai, e eu me achava doente, em meu quarto; no começo da conversa, quando acabavam de almoçar, a senhora, que mandara um prato para mim, disse à camareira que subisse até meu quarto para me perguntar se eu queria mais alguma coisa, e a criada voltou com a notícia de que eu não comera nem sequer a metade do que ela me enviara.

“Coitada dessa moça”, disse a senhora, “estou com medo de que não se recupere nunca, pobrezinha.”

“Bem, e como a senhora Betty poderia recuperar-se?”, objetou o irmão maior, “não disseram que estava apaixonada?”

“Não creio em nada disso”, disse a senhora.

“Eu não sei o que dizer”, disse a irmã mais velha, “fizeram tanto alarde de ela ser tão bonita, tão encantadora e não sei mais o quê, até mesmo de forma que ela ouvisse, que creio que isso virou a cabeça da criatura, e quem pode dizer que outras obsessões não poderão se seguir? de minha parte, não sei o que pensar.”

“Mas, irmã, você há de reconhecer que ela é muito bonita”, disse o irmão mais velho.

“É verdade, bem mais bonita do que você, irmã”, disse Robin, “e é isso que a mortifica.”

“Bem, não é essa a questão”, disse a irmã, “a moça é bastante atraente e sabe disso, não é preciso que o digam para que se sinta ainda mais vaidosa.”

“Não estamos falando sobre ela ser vaidosa”, disse o irmão mais velho, “e sim sobre o fato de estar apaixonada; é possível que esteja apaixonada por si mesma, parece ser isso que pensam as minhas irmãs.”

“Quem dera que estivesse apaixonada por mim”, disse Robin, “eu a curaria rapidamente.”

“O que quer dizer, meu filho?”, perguntou a senhora, “como pode falar assim?”

“Ora, senhora!”, replicou Robin, sério, “pensa que eu deixaria a coitada morrer de amor e, principalmente, por um amor tão próximo a ela?”

“Mas, irmão!”, protestou a irmã mais nova, “como tem coragem de dizer tal coisa? você aceitaria uma criatura que não tem uma moeda de dote?”

“Por favor, irmãzinha”, disse Robin, “a beleza é um dote e, quando se faz acompanhar de bom humor, é um dote duplo; gostaria que você tivesse metade do dote dela”, e com isso ela se calou.

“O que vejo é que se Betty não está apaixonada, meu irmão está”, disse a irmã mais velha, “talvez já tenha declarado suas intenções a Betty, e garanto que ela não lhe dará um não como resposta.”

“Aqueles que dizem sim quando são pedidas”, disse Robin, “estão um passo adiante das que não são pedidas nunca, e dois passos adiante daquelas que dizem sim antes de serem pedidas, eis sua resposta, irmã.”

A irmã se indignou e, furiosa, disse que se as coisas haviam chegado a esse ponto já era hora de que eu abandonasse a família, e que, se não estava em condições de deixar a casa, esperava que o pai e a mãe pensassem nisso quando eu recobrasse a saúde.

Robin redarguiu que tal decisão cabia aos donos da casa, que não precisavam que alguém com tão pouco siso como a irmã mais velha lhes dissesse o que fazer.

A coisa foi muito mais longe; houve censuras da irmã, seguidas por réplicas e graças de Robin: o resultado para a pobre Betty foi perder muito terreno no apreço da família; tomei conhecimento da discórdia, chorei muito, e a senhora subiu para me ver, pois alguém informou-lhe que eu estava muito consternada com o acontecido; queixei-me a ela, dizendo que fora muito indelicado por parte dos médicos fazerem tal diagnóstico a meu respeito, sem que tivessem fundamento algum para tal, e mais ainda quando se considerava minha situação na família; disse ainda que esperava não ter feito nada para diminuir a estima que ela dedicava a mim, nem ter dado motivo para a altercação entre seus filhos e suas filhas, e que mais que procurar amoricos eu devia pensar num atáude, concluindo por pedir-lhe que não permitisse que seu conceito sobre mim mudasse por causa de erros que não fossem meus.

Ela foi sensível à justiça de minhas palavras; disse que, em vista da cizânia entre os irmãos e as irmãs e do fato de seu filho mais novo ter-se expressado de maneira tão rude, queria que eu fosse sincera com ela e lhe respondesse a uma única pergunta, o que

prometi fazer com franqueza e sinceridade; ela perguntou se havia algo entre mim e seu filho Robert, e eu disse, com todas as mostras de sinceridade que pude dar, e no fundo dizia a verdade, que não havia nem nunca houvera, e disse que o sr. Robert fizera chocarices e graçolas, como ela sabia ser de seu feitio, e que eu sempre tratara seus gestos como imaginava que ele pretendia que fossem, somente uma maneira jovial e espirituosa de falar, sem nenhum significado particular, e mais uma vez garanti-lhe que não havia entre nós o menor vestígio do que ela temia, e que quem insinuara outra coisa fizera grande mal a mim e nenhum bem ao sr. Robert.

A senhora ficou plenamente satisfeita, beijou-me e me falou afavelmente, dizendo que tomasse cuidado com a saúde e não me abalasse com coisa alguma, e se despediu; ao descer, porém, encontrou o irmão e as duas irmãs às turras: elas estavam furibundas, de cabeça quente, porque ele lhes lançava em rosto que eram sem graça, que nunca haviam tido namorados, ainda não tinham sido pedidas em casamento e que eram atiradas a ponto de quase serem elas a tomar a iniciativa; espicaçava-as, comparando-as com a sra. Betty, que era graciosa, bem-humorada e cantava e dançava melhor do que elas e, ademais, era mais bonita e ao assim proceder não omitia nada de ruim que pudesse contrariá-las, e a verdade é que levou a coisa longe demais; a senhora chegou quando mais exasperados estavam e, para pôr fim à querela, contou-lhes a conversa que tivera comigo e que eu lhe afiançara que nada existia entre o sr. Robert e mim.

“Aí é que ela se engana”, disse Robin, “porque se não houvesse muita coisa entre nós estaríamos mais juntos do que estamos; eu lhe disse que a amava de todo coração, você nunca acreditou que eu falava a sério”; e a mãe disse, “não sei como esperava que eu acreditasse, pois ninguém de bom senso poderia levá-lo a sério ao ouvi-lo falar assim a essa pobre moça, cujas condições você conhece tão bem.

“Mas eu lhe peço, meu filho”, prosseguiu ela, “que me diga a verdade: já que você afirma que não conseguiu fazê-la crer que falava seriamente, em que devemos acreditar? você diz tantas coisas desconexas que ninguém sabe se pilheria ou se fala com comedimento, e, tanto como estou segura de que a jovem me disse a verdade, quero que você também o faça e use de seriedade comigo, de modo que eu possa confiar em suas palavras: há alguma coisa no que você diz ou não? fala a sério ou brinca? está realmente louco por ela ou não? esta é uma pergunta honesta, e eu gostaria que você nos tranquilizasse.”

“Dou-lhe minha palavra, senhora”, disse Robin, “é inútil dourar a pílula ou dizer mais mentiras; no que diz respeito a esse assunto, falo a verdade, como se fosse um homem ao pé do patíbulo: se a senhora Betty dissesse que me ama e que se dispõe a se casar comigo, amanhã de manhã, logo cedo, em vez de desjejum, *vinalum*: eu me casaria com ela!”

“Bem”, disse a mãe, “assim se perde um filho”, e falou num tom lúgubre, como se sofresse muito.

“Espero que não, senhora”, replicou Robin, “um homem não se perde quando encontra uma boa mulher.”

“Mas, meu filho”, ponderou a anciã, “ela é uma indigente.”

“Pois então, senhora”, disse Robin, “mais ainda precisa de caridade: eu a tirei da proteção da paróquia, e mendigaremos juntos.”

“Não se brinca com essas coisas”, disse a mãe.

“Não estou brincando, senhora”, disse Robin, “viremos pedir-lhe perdão e sua bênção, e também a de meu pai.”

“Isso é totalmente alheio à questão”, disse a mãe, “se você fala a sério está perdido.”

“Infelizmente, não”, ele disse, “porque na verdade receio que ela não me aceite; depois de toda a gritaria e da arrogância de minhas irmãs, creio que nunca mais serei capaz de convencê-la.”

“Uma linda história, essa, de verdade, e ela também não perdeu o juízo a esse ponto, a senhora Betty não é idiota”, disse a irmã mais nova; “crê que ela aprendeu a dizer não mais do que as outras pessoas?”

“Exatamente, dona Engraçadinha, a senhora Betty não é idiota, pode estar comprometida de alguma outra forma, e então?”

“Não”, interrompeu a irmã mais velha, “quanto a isso nada podemos dizer – nesse caso cabe perguntar: com quem? como não sai nunca de casa, deve ser com um de vocês dois.”

“Quanto a isso, nada tenho a acrescentar”, disse Robin, “a mim, já examinaram bastante; aí está meu irmão: se está comprometida com um de nós, ocupem-se agora dele.”

Essas palavras calaram fundo no irmão mais velho, que concluiu que Robin descobrira alguma coisa, porém evitou mostrar-se perturbado; “por favor”, disse, “não venham despejar em cima de mim essas histórias de vocês, não participo desse gênero de coisas, nada tenho a dizer à senhora Betty, nem a nenhuma outra senhora Betty da paróquia”; dito isso, levantou-se e saiu sem mais uma palavra.

“Não”, disse a irmã mais velha, “eu me atrevo a falar por meu irmão, ele conhece o mundo melhor do que nós.”

Assim terminou a conversa; o irmão mais velho se retirou bastante perturbado, pois concluíra que o outro descobrira tudo, e pôs-se a dar tratos à imaginação para determinar se ele não teria algo a ver com aquilo; malgrado sua habilidade, não achou maneira de chegar a mim e por fim, aflito e no limite do desespero, decidiu ir a meu quarto e falar comigo, sem se importar com as consequências – e com isso em mente, um dia, depois do almoço, vigiou a irmã até que a viu subir a escada para o andar superior e correu atrás dela, “por favor, irmã”, disse, “onde está a doente? ninguém pode vê-la?”; “pode”, disse a irmã, “creio que você pode; deixe-me entrar primeiro, e já lhe avisarei”; e assim ela se chegou à porta, disse-me que o irmão queria ver-me e daí a pouco chamou-o de novo, “irmão, pode entrar, por favor”, e ele entrou, sempre solene, e foi dizendo “muito bem, onde está a doente apaixonada? como vai, senhora Betty?”; eu teria me levantado da poltrona, mas me sentia tão fraca que por um bom tempo não pude fazê-lo; ele o

percebeu, como também a irmã, que disse “não se esforce para ficar de pé, meu irmão não é homem de cerimônias, mormente agora que você está tão debilitada”; “não, não, senhora Betty, por favor, fique onde está”, disse ele, e sentou-se numa poltrona diante de mim e me pareceu muito alegre.

Conversou sobre amenidades com a irmã e comigo, sobre isso e aquilo, com a intenção de iludir a irmã, e de quando em quando voltava ao velho gracejo, dirigindo-se a mim, “pobre senhora Betty”, dizia, “deve ser muito triste estar apaixonada, a julgar pelo estado em que essa doença a deixou”, e por fim eu disse alguma coisa, “agrada-me vê-lo tão contente, senhor, mas creio que o doutor poderia ter achado algo melhor para fazer que divertir-se à custa dos pacientes; se eu tivesse adoecido de outra doença, não teria chamado o médico, pois conheço muito bem o provérbio”; “que provérbio?”, ele perguntou, “ah, lembrei, aquele que diz ‘se a doença é amor, asneira diz o doutor’, não é, senhora Betty?”; eu apenas sorri, e nada disse; “não, creio ter sido provado que a causa é o amor”, disse ele, “pois parece que pouca coisa o médico pôde fazer; a senhora se recupera muito devagar, eles disseram, e receio que eles tenham razão, senhora Betty, e temo que esteja acometida do mal incurável, que é o amor”; eu sorri e disse “não, senhor, essa não é a minha doença”.

Falamos de muitas coisas desse gênero e também de outras, todas banais, e então ele me pediu que cantasse para eles; diante desse pedido, apenas sorri e respondi que haviam findado meus dias de cantorias e logo ele me perguntou se eu queria que ele tocasse alguma coisa na flauta; a irmã objetou que a música poderia aborrecer-me e provocar dor de cabeça, então fiz uma mesura e disse que não, não me enfadaria, “por favor, senhora”, acrescentei, “não o impeça, gosto muito do som da flauta”, e a irmã se convenceu, “bem, irmão, toque, pois”; ele tirou de um bolso a chave de seu armário, “minha irmã”, disse, “estou com muita preguiça: por favor, vá ao meu quarto e pegue a minha flauta, que está em tal gaveta”, indicando um lugar onde ele tinha certeza de que o instrumento não estava, para que ela demorasse um pouco mais a procurá-lo.

Mal ela saiu, ele me contou toda a história: o que o irmão dissera a meu respeito, a insinuação com relação a ele e seu desassossego, que era o motivo pelo qual pensara em vir fazer-me uma visita; garanti-lhe que nunca tinha aberto a boca, nem para seu irmão nem para ninguém, e falei da situação medonha e embaraçosa em que me achava, que meu amor por ele e sua proposta de que eu esquecesse aquela afeição e a transferísse para outra pessoa me haviam prostrado, que por mil vezes eu preferira morrer a convalescer e ter de enfrentar de novo as mesmas circunstâncias de antes, e que essa relutância em viver era o motivo real da lentidão de minha cura, e acrescentei que previa que, tão logo estivesse bem, teria de deixar a família e que, no tocante a casar-me com seu irmão, a simples ideia me repugnava, depois do que houvera entre nós, e que de uma coisa ele podia ter certeza: nunca mais eu falaria com seu irmão sobre esse assunto; e que, se ele pretendia quebrar todos os votos, os juramentos e as promessas que me fizera, isso seria algo que ele mesmo teria de debater com sua consciência e sua honra; no entanto, jamais poderia dizer que eu, por ele convencida a considerar-me sua mulher e que lhe dera

liberdade para usar-me como tal, não lhe fora tão fiel como deveria ser uma esposa, fosse ele o que fosse para mim.

Ele já começara a replicar, dizendo que lamentava não ter tido êxito em me convencer, e iria prosseguir se não tivesse ouvido os passos da irmã; eu também os escutei, mas ainda tive tempo de dizer algumas palavras, asseverando que eu nunca poderia ser persuadida, amando um irmão, a casar-me com o outro, e ele balançou a cabeça e disse “então, estou perdido”, referindo-se a si mesmo; naquele instante sua irmã entrou no quarto e falou que não achara a flauta; “bem”, disse com jovialidade, “tenho de combater essa preguiça”; levantou-se e foi buscar a flauta, e também voltou sem ela, não porque não a tivesse achado, mas porque estava um tanto perturbado e não se sentia disposto a tocar, e além do mais a incumbência que dera à irmã tinha outra finalidade: tudo quanto desejava era falar-me a sós, o que consegui, ainda que sem grande satisfação de sua parte.

Quanto a mim, senti grande prazer por ter-lhe exposto meus sentimentos com clareza meridiana e total liberdade, como narrei, e embora o resultado não tenha sido totalmente o que eu desejava, ou seja, atrelá-lo ainda mais a mim, tirou-lhe toda e qualquer possibilidade de deixar-me, a não ser à custa de violar gravemente sua honra e renegar sua palavra de cavalheiro, que tantas vezes havia invocado, de nunca me abandonar e de desposar-me logo que entrasse na posse de seus haveres.

Depois disso, não passaram senão algumas semanas e eu já andava de novo pela casa e começava a me sentir bem; continuei melancólica, calada, triste e reservada, o que surpreendeu toda a família, com exceção dele, que conhecia a causa dos meus sentimentos; contudo passou muito tempo antes que ele me desse alguma atenção, e eu, que tanto quanto ele relutava em mencionar o assunto, tratava-o com respeito, nunca tomava a iniciativa de dirigir-lhe alguma palavra que tivesse a mínima importância; esse estado de coisas durou dezesseis ou dezessete semanas, durante as quais a cada dia esperava ver-me afastada da família por causa da antipatia que granjeara devido a outro motivo, do qual não tinha culpa; e desse cavalheiro – depois de todas as suas juras e promessas solenes – já não esperava notícias, mas sim o abandono a minha ruína.

Por fim, fui eu mesma quem deu o primeiro passo para me afastar da família; num dia em que conversava seriamente com a velha senhora sobre minha situação no mundo e sobre como a doença deixara um peso em meu coração, fazendo com que eu não fosse mais a mesma de antes, ela disse, “receio, Betty, que aquilo que falei sobre meu filho a tenha impressionado, e que você esteja melancólica por causa dele; por favor, pode me dizer como estão as coisas entre vocês, se é que posso saber? quando falo a Robin, ele só me responde com galhofas e tolices”; “na verdade, senhora”, respondi, “as coisas não estão como eu gostaria que estivessem; vou lhe dizer toda a verdade, sem temer o que possa acontecer comigo: por várias vezes o senhor Robert me propôs casamento, o que eu não tinha motivo algum para esperar, dadas minhas ínfimas condições sociais, e sempre lhe respondi que não, e talvez em termos mais duros do que deveria permitir-me, em vista do respeito que devo ter por todos os membros de sua família; jamais poderia esquecer meus deveres com a senhora e os seus a ponto de consentir com uma proposta

que sei há de desagradar-lhe, e foi esse o argumento que apresentei a ele, dizendo ainda que eu nunca poderia pensar em ideia dessa natureza, a menos que tivesse o consentimento de seus pais, pessoas a quem estou ligada por obrigações indeclináveis”.

“Estou pasma, senhora Betty!”, exclamou a anciã, “nesse caso, você foi muito mais justa conosco do que nós fomos com você, pois todos a temos visto como uma espécie de armadilha para meu filho, e, por medo disso, eu estava encarregada de fazer-lhe uma proposta para que deixasse esta casa; ainda não a mencionara por julgar que você não estava recuperada o bastante e temia provocar-lhe tamanha angústia que pudesse ser motivo de recaída; todos nós, na verdade, temos grande afeto por você, embora não a ponto de aceitar a ruína de meu filho; no entanto, se as coisas são como diz, fomos profundamente injustos com você.”

“Quanto à veracidade do que lhe afirmei, senhora”, eu disse, “peço que interroge seu próprio filho; se ele quiser ser justo comigo, há de lhe contar os fatos da forma como lhe expus.”

A senhora deixou-me para ir contar às filhas toda a história como eu a tinha narrado; como eu previra, ficaram perplexas, e uma delas disse que nunca poderia imaginar tal; outra, que Robin era um parvo, e a terceira declarou que não acreditava em uma palavra daquilo, e que com certeza Robin contaria a história de maneira muito diferente; entretanto, a anciã, decidida a tirar aquilo a limpo antes que eu tivesse oportunidade de pôr o filho a par do que ocorrera, resolveu também que lhealaria logo a seguir e mandou chamá-lo, pois ele fora à casa de um advogado, na cidade, para tratar de um assunto particular seu de pouca monta; ao receber o aviso, voltou de imediato.

Todas o esperavam, ainda reunidas, e assim que ele chegou disse-lhe a senhora, “sente-se, Robin, preciso conversar com você”, e ele respondeu “de bom grado”, mostrando-se muito alegre; “espero que seja sobre uma boa esposa, porque nesse aspecto a situação está desastrosa para mim”; “que quer dizer com isto?”, perguntou a mãe, “não disse que estava decidido a se casar com a senhora Betty?”; “sim, senhora”, respondeu Robin, “alguém, porém, proibiu os proclamas”; “proibiu os proclamas!”, admirou-se a mãe, “quem pode ter sido?”; “a própria senhora Betty”, replicou Robin; “como foi isso?”, quis saber a mãe, “então você lhe propôs casamento?”; “certamente, senhora”, declarou Robin, “por cinco vezes a abordei, dentro das regras, desde quando adoeceu, e fui rejeitado; ela é tão obstinada que não capitula nem cede em nenhum caso, a não ser com uma condição que não posso acatar de forma alguma”; “explique-se”, disse a senhora, “pois estou perplexa e não o compreendo, espero que não esteja falando a sério”.

“Senhora”, disse ele, “já para mim a situação é claríssima, e se explica por si mesma: ela não me quer, foi o que declarou, não está claro? para mim a situação é clara e, além disso, nada prazerosa”, e a mãe objetou “você mencionou uma condição com a qual não pode concordar, qual é? ela quer um dote, um acordo de bens antifernais? sua dotação de viuvez deveria estar em relação a seu dote, mas que bens de fortuna ela lhe traz?”; “quanto a dons de fortuna, ela é riquíssima”, disse Robin, “a mim bastam; ocorre que sou eu

quem não pode cumprir as condições que ela me impõe, e ela está firmemente decidida a não me aceitar sem elas”.

Nesse ponto, as irmãs o interromperam, “senhora”, disse a segunda irmã, “é impossível conversar seriamente com ele, ele nunca dá uma resposta direta a pergunta alguma, é melhor que o deixe sozinho e não diga mais nada, a senhora sabe como tirá-la do caminho dele se julgar que há motivo para tanto”; Robin se agastou um pouco com a rudeza da irmã, mas manteve-se calmo, respondendo-lhe com bons modos; “há duas espécies de pessoas, senhora”, disse, voltando-se para a mãe, “com as quais é inútil discutir: a sábia e a néscia, e é lamentável que eu esteja enfrentando as duas de uma só vez”.

A irmã mais nova interveio – “com efeito, devemos estar loucas”, disse, “a julgar pelo conceito que meu irmão parece ter de nós, para pensar que vamos crer que propôs casamento à senhora Betty e ela o recusou”.

“Responde sem responder, como ensinou Salomão em seus Provérbios”, disse Robin; “se seu irmão disse à mãe que propôs casamento à senhora Betty nada menos que cinco vezes, e que ela sempre me disse não, não creio que caiba a uma irmã mais jovem contestar a veracidade de minhas palavras se sua mãe não o fez”; “você está vendo que minha mãe não compreendeu”, disse a segunda irmã, e Robin respondeu, “há diferença entre pedir que eu explique melhor e dizer que não creê no que eu afirmei”.

“Bem, meu filho”, disse a anciã, “se está disposto a nos pôr a par do segredo, qual foi essa difícil condição?”; “sim, senhora”, respondeu Robin, “eu já o teria feito se essas implicantes não me houvessem importunado com suas interrupções; a condição é que eu convença meu pai e minha mãe a darem seu consentimento, sem o quê ela afirma que não quer nem que eu toque nesse assunto de novo, e creio que essa é uma exigência que nunca serci capaz de atender; espero que agora minhas impacientes irmãs julguem que respondi a contento e se envergonhem um pouco; se não for esse o caso, nada mais tenho a dizer até que se fale de outra coisa”.

Essa resposta surpreendeu a todas; à mãe, a quem eu já mencionara minha exigência, um pouco menos; as filhas mantiveram-se caladas por um bom tempo, até que a mãe disse com certa emoção, “eu já sabia disso, mas não conseguia acreditar – então todas nós fomos injustas com Betty, e ela procedeu melhor do que eu jamais poderia esperar”; “certo”, disse a irmã mais velha, “sendo assim, ela procedeu de forma belíssima”; e a mãe continuou, “reconheço que não foi de modo algum culpa da senhora Betty se ele foi bastante tolo para encantar-se com ela, mas o fato de ela dar essa resposta mostra mais respeito pelo pai de vocês e por mim do que consigo descrever com palavras: hei de tê-la em elevado conceito enquanto viver”; “já eu, não”, disse Robin, “a menos que a senhora me dê o seu consentimento”; “pensarei a respeito”, disse a mãe, “asseguro-lhe que, se não houvesse outros empecilhos, essa conduta dela me levaria bastante longe no caminho de meu consentimento”; “oxalá essa conduta a leve até o fim do caminho”, disse Robin; “se a senhora pensasse em fazer-me feliz tanto quanto tem pensado em fazer-me rico, consentiria de imediato”.

“Robin”, interrogou a mãe de novo, “fala mesmo a sério? está tão decidido a desposá-la como faz parecer?”; “para ser franco”, respondeu Robin, “é para mim penoso que a senhora ponha em dúvida minha palavra, depois de tudo o que lhe disse, e eu não disse que hei de desposá-la, pois como poderia dizê-lo se a senhora sabe que não posso fazê-lo sem o seu consentimento? de mais a mais, não sou obrigado a me casar; uma coisa digo, porém, e falo a sério: farei o possível para não me casar com nenhuma outra mulher, de modo que a senhora pode resolver por mim: Betty ou ninguém, eis a minha decisão, e a escolha entre as duas soluções será resolvida em seu coração, senhora, contanto que nessa corte de justiça minhas espirituosas irmãs não tenham direito a voto”.

Tudo isso foi terrível para mim, pois a mãe começou a ceder e Robin a incitava a dar seu veredicto, e além do mais ela foi se aconselhar com o filho mais velho, que lançou mão de todos os argumentos possíveis para convencê-la a dar o consentimento, alegando o amor apaixonado que o irmão sentia por mim, a subida consideração que eu revelara pela família ao fechar os olhos a vantagens pessoais em nome de um delicado ponto de honra e mil outros arrazoados do mesmo gênero; quanto ao pai, um homem azafamado no turbilhão dos assuntos públicos e em ganhar dinheiro, raramente estava em casa, cuidava apenas de seus interesses e negócios pecuniários e deixava todas as decisões dessa espécie a cargo da mulher.

Todos os que me leem logo hão de imaginar que, estando assim as coisas, com tudo esclarecido a contento, como cada um supunha, não fosse nem difícil nem perigoso para o irmão mais velho, de quem ninguém nada suspeitava, aproximar-se de mim com mais liberdade do que antes, mesmo porque a mãe, fazendo justamente o que ele queria, propôs-lhe que conversasse com a sra. Betty; “é possível, meu filho”, disse ela, “que você veja mais longe do que eu nessa história e comprove se, realmente, ela foi ou não tão desinteressada como Robin diz que foi”: era o melhor que ele podia desejar, falar comigo como se o fizesse para atender à insistência da mãe; ela me levou a seu próprio quarto, disse-me que o filho queria falar comigo, a pedido dela, e me instou a ser muito sincera com ele e depois nos deixou a sós e ele fechou a porta quando ela saiu.

Ele se aproximou de mim, tomou-me nos braços e me beijou com muita ternura, acrescentando que tínhamos de conversar longamente, pois chegáramos ao ponto crítico, no qual eu teria de optar se queria para mim uma vida de venturas ou de pesares enquanto vivesse; a situação tinha ido tão longe que, se eu não atendesse a sua vontade, seríamos os dois condenados à perdição, e logo me contou toda a cena que se desenrolara entre Robin, como ele chamava o irmão, sua mãe, as irmãs e ele próprio, que já descrevi; e “agora, minha querida”, disse, “pense no que será você se casar com um cavalheiro de boa família, em ótima situação econômica, com o consentimento de toda a família, e desfrutar de tudo que o mundo pode lhe oferecer, e no que significa, ao contrário, precipitar-se nas tribulações nefastas de uma mulher que perdeu a reputação; pense também que, embora eu queira ser um amigo seu, em segredo, enquanto viver serei sempre visto com suspeita, de forma que você não terá coragem de ver-me, tal como eu não terei ânimo de estar com você”.

Não me deu tempo de responder, e continuou, “o que houve entre nós, querida, se nós dois estivermos de acordo, pode ser sepultado e esquecido; serei sempre seu amigo sincero, sem desejar maior intimidade, a partir do momento em que você tornar-se minha irmã; manteremos relações honestas, sem censuras entre nós por termos nos conduzido incorretamente; suplico-lhe que reflita sobre o que lhe disse e que não crie estorvos em seu próprio caminho para a segurança e a prosperidade; e para convencê-la de minha sinceridade”, acrescentou, “dou-lhe de presente, agora mesmo, quinhentas libras em moeda sonante, a título de reparação pelas liberdades que tomei com você e as quais recordaremos como loucuras de nossa vida e das quais espero que possamos nos arrepender”.

Disse tudo com palavras tão mais comoventes do que sei empregar e com uma força de persuasão tão maior que a que consigo reproduzir que só posso pedir a quem leia esta narrativa que lembre que ao mesmo tempo que ele me submeteu a essa repreensão durante mais de hora e meia, soube também responder a todas as minhas objeções e reforçar seus pontos de vista com todos os argumentos imaginados pelo engenho e pela fantasia humana.

Devo dizer que, de tudo o que ele disse, nada me causou tanta impressão, nem me induziu tanto a refletir sobre a questão, até ele por fim me declarar, com toda a clareza, que, se eu me opusesse, lamentava ter de dizer que não poderia continuar comigo na situação em que estávamos antes; que, embora me amasse tanto como outrora e lhe aprovesse como sempre estar comigo, o senso de virtude não o abandonara a ponto de ele se permitir deitar-se com a mulher a quem seu irmão cortejava com a intenção de fazer dela sua esposa; e que, se ele fosse agora forçado a se despedir de mim com uma negativa minha em aceitar o que me recomendava, toda sua possibilidade de me ajudar reduzia-se a sua anterior promessa de manter-me, e eu não deveria surpreender-me com o fato de ele se ver obrigado a dizer que não me veria mais, e que, com efeito, tal coisa eu não poderia esperar dele.

Recebi essa parte final com sinais de espanto e inquietação, e precisei me esforçar para não desfalecer, pois na verdade é difícil imaginar o quanto eu o amava; ele percebeu meu transtorno e rogou-me que refletisse a sério, assegurando que aquela era a única maneira de salvar nosso afeto mútuo, que nessa nova situação poderíamos querer-nos como amigos, com todo o carinho e uma ligação amorosa sem mácula, livres de todos os nossos justos reproches e de todas as suspeitas dos demais, e disse ainda que sempre reconheceria o quanto de felicidade me devia, que teria para comigo uma dívida enquanto visse, um débito que pagaria enquanto respirasse; dessa maneira, em suma, levou-me a certa hesitação, pois pintava para mim, em imagens vívidas que minha imaginação ampliava ainda mais, os perigos de ser lançada no imenso mundo como uma prostituta desprezível e nada mais, e talvez exposta como tal, com poucos recursos, sem amigo ou conhecido fora daquela cidade, onde eu não poderia sequer pensar em viver; tudo isso me aterrorizou ao extremo, e ele não perdeu oportunidade para pintar o quadro de horrores com as tintas mais sombrias possíveis; por outro lado, não deixava de exibir

com riqueza de detalhes a vida fácil e opulenta de que eu gozaria.

A tudo que eu objetava, lembrando os sentimentos e as promessas do passado, respondia-me aludindo à necessidade que tínhamos agora de tomar novas decisões; e no tocante a suas promessas de casamento, disse que a realidade dos fatos as anulava, devido à probabilidade de eu me tornar a mulher de seu irmão antes da época em que ele poderia cumprir suas promessas.

Assim, posso dizer, em poucas palavras, que ele arrazoou tanto que acabei por desarrazoar; ele rebatia todos os meus argumentos, e comecei a atinar com um perigo que não me havia ocorrido antes, o de ser abandonada por ambos e ficar sozinha no mundo, entregue à própria sorte.

Tal temor e seu poder de persuasão me induziram por fim a consentir, se bem que com enorme relutância, e era evidente que eu iria ao altar como uma ovelha ao abatedouro; também, de minha parte, tinha algum temor de que meu novo marido, por quem, seja dito de passagem, eu não sentia o menor afeto, fosse bastante ladino para me pedir explicações sobre outro ponto, quando se deitasse comigo pela primeira vez; o irmão mais velho, contudo, resolveu o problema, não sei se de propósito ou não, fazendo-o beber muito antes de deitar-se, de modo que em minha noite de núpcias tive a satisfação de ir para a cama com um ébrio; como o fez, ignoro, mas concluí que assim procedera para que o irmão não pudesse avaliar a diferença entre uma donzela e uma mulher casada; de resto, isso nunca representou um problema e ele não dedicou à questão um único pensamento.

Devo voltar um pouco atrás, onde parei; depois de lograr convencer-me, como narrei, o irmão mais velho dedicou-se à tarefa de convencer a mãe e não descansou até conseguir seu consentimento e persuadi-la a não se ocupar do restante, sem sequer informar ao marido, a não ser por carta; assim, ela condescendeu com nosso casamento sozinha, ficando a seu cargo convencer o marido mais tarde.

A seguir ele foi falar com o irmão mais novo, jactando-se do grande serviço que lhe prestara e de como induzira a mãe a dar sua aprovação, o que era verdade, se bem que, a rigor, tivesse feito aquilo não para ajudar o irmão, mas a si mesmo; não obstante, enganou-o com tanta habilidade que ganhou um amigo fiel e agradecimentos por ter ele mesmo se livrado da amante jogando-a em seus braços como esposa; o egoísmo põe de lado todos os sentimentos com a mesma naturalidade com que os homens, para se proteger, renunciam num átimo à honra e à justiça, à humanidade e até mesmo ao espírito cristão.

Devo agora voltar ao irmão Robin, como sempre o chamávamos, que, ao lograr o consentimento da mãe, como já vimos, veio me dar a grande notícia, e contou toda a história com tão manifesta alegria que, devo confessar, doeu-me ser o instrumento a ludibriar cavalheiro tão íntegro; não havia outro remédio: ele queria casar-se comigo e eu não podia lhe dizer que era a amante do irmão, que seria a única maneira de afastá-lo; portanto, pouco a pouco me deixei convencer, para grande alegria sua, e por fim nos casamos.

A modéstia me impede de revelar os segredos do leito conjugal; para mim nada mais conveniente poderia ter ocorrido, dadas as circunstâncias, do que aquilo que já referi, ou seja, que meu marido estava tão embriagado quando foi se deitar que de manhã não tinha como recordar se houvera comércio carnal comigo, e embora a verdade fosse que não, vim obrigada a dizer que sim, para ter certeza de que não faria indagações a respeito de outras coisas.

Os pormenores referentes à família ou a mim mesma durante os cinco anos que vivi com meu marido não têm muito a ver com a história que estou narrando: bastará dizer que tive dois filhos dele e que, ao cabo de cinco anos, ele morreu; foi, de fato, excelente marido, e vivemos muito felizes juntos; no entanto, como não havia recebido muita coisa da família e durante seu pouco tempo de vida não amalhou fortuna, minha situação pecuniária não era das melhores, nem meu patrimônio aumentara muito com o casamento; eu havia guardado as quinhentas libras que seu irmão mais velho me oferecera para convencer-me a me casar com Robin, e tal quantia, somada ao dinheiro que ele me dera antes e a uma quantia mais ou menos semelhante recebida de meu marido, faziam de mim uma viúva com cerca de mil e duzentas libras no bolso.

Felizmente meus dois filhos foram logo tirados de minhas mãos pelos pais de meu marido, e isso, aliás, foi tudo o que levaram da sra. Betty.

Confesso que não senti verdadeiro desconsolo pela perda de meu marido, nem posso dizer com sinceridade que o tenha amado como deveria ou como teria sido justo em relação ao tratamento que dele recebi, pois era o homem mais afetuoso, gentil e bem-humorado que uma mulher poderia desejar; seu irmão, porém, que eu tinha sempre à vista, ao menos quando estávamos na província, era para mim uma tentação contínua, e nunca estive na cama com meu marido sem desejar estar nos braços do irmão, e ainda que ele nunca tenha proposto intimidade alguma dessa índole depois de meu casamento, comportando-se como cabia a um cunhado, para mim era impossível vê-lo como tal: em suma, cometi a cada dia, em pensamento, adultério e incesto com ele, o que sem dúvida era tão ilícito como se eu os cometesse na realidade.

Antes da morte de meu marido, o irmão mais velho se casou; como tínhamos nos mudado para Londres, recebemos de sua mãe uma carta em que nos convidava para a boda; meu marido foi, eu pretexi uma indisposição que me impedia de viajar e fiquei em casa; na verdade, não suportaria vê-lo se casar com outra mulher, embora soubesse que nunca poderia tê-lo.

Agora, como já disse, encontrava-me livre no mundo, e sendo ainda jovem e formosa, como diziam todos, e, asseguro-lhes, eu pensava o mesmo, e com fortuna apreciável no bolso, não eram poucos os ares que eu dava a mim mesma; fui cortejada por diversos comerciantes respeitáveis, e com entusiasmo especial por um que comerciava linho e em cuja casa fui morar depois da morte de meu marido, porque sua irmã era minha conhecida: ali tinha todas as oportunidades de me divertir e estar na companhia de quem me agradasse, uma vez que a irmã de meu senhorio era uma das criaturas mais estouvadas e alegres do mundo e nem tão ciosa de sua virtude como eu pensara a princípio; ela me

fez conhecer muita gente alegre e trouxe também a sua casa diversas pessoas, amigas suas, para que conhecessem a bela viúva, como gostava de me chamar; não tardou para que esse se tornasse meu apelido para todos, e como a fama e a insensatez andam de braços dados, passei a ser muito festejada e ganhei numerosos admiradores, alguns dos quais diziam-se enamorados, se bem que de nenhum deles tenha recebido uma só proposta séria; eu conhecia o objetivo de todos para cair em embustes daquele gênero, a situação para mim se invertera: tinha dinheiro no bolso e nada para lhes dizer, já me dobrara uma vez a esse engodo chamado amor: o jogo terminara e agora eu estava resolvida que ou me casaria ou ficaria sozinha, e se me casasse teria de ser bem, como se diz.

É certo que gostava da companhia de homens alegres e inteligentes, de homens galantes e bem-apegoados, e com frequência era alvo das atenções de cavalheiros assim, como também de outros; contudo, a experiência fez-me ver que os homens mais brilhantes eram os que faziam as propostas mais mediócras, isto é, mais mediócras em relação ao que eu pretendia; por outro lado, os que vinham com as melhores propostas eram os mais mediócras e tediosos do mundo; nada tinha contra os comerciantes, aceitaria um que pelo menos tivesse também um pouco de cavalheirismo, um marido que, se lhe desse na telha levar-me a uma festa ou ao teatro, soubesse portar a espada e demonstrasse um ar senhoril como qualquer outro homem, e não um marido que levasse sobre o casaco a marca dos cordões do avental ou sobre a peruca a marca do gorro, ou que desse a impressão de que a espada lhe pesasse quando a levasse à cinta, ou ainda que revelasse sua ocupação no semblante.

Por fim encontrei essa criatura anfíbia, dividida entre a terra e a água, um comerciante-cavalheiro; como justo castigo a meu desatino, fui cair na própria armadilha que eu havia preparado, e digo que eu a havia preparado porque admito que não fui enganada: eu mesma me enganei.

Ele também era um comerciante de tecidos; minha amiga queria me aproximar de seu irmão, mas quando chegou o momento de fazê-lo, viu-se que, aparentemente, ele me queria como amante e não como esposa, e eu me mantive fiel ao princípio de que uma mulher nunca deve se submeter ao papel de amante se tem dinheiro para cuidar de si.

Assim, o que me manteve honesta foi meu orgulho, e não meus princípios; meu dinheiro, não minha virtude; no entanto, como vi depois, teria sido muito melhor deixar que minha amiga me vendesse a seu irmão do que vender-me eu mesma a um comerciante que era, ao mesmo tempo, aventureiro, cavalheiro, comerciante e patife.

Meu desejo de ter um cavalheiro como marido arruinou-me da maneira mais estúpida que já vi uma mulher arruinar-se, porque meu marido, ao receber de uma vez uma bela soma de dinheiro, atirou-se a tal profusão de gastos que tudo o que eu tinha, mais tudo o que ele possuía antes, se é que possuía algo que valha a pena mencionar, não poderia mesmo durar mais que um ano.

Ele me amou muito durante cerca de três meses, e o que levei desse tempo foi o prazer de ver que boa parte de meu dinheiro foi gasta comigo, e devo dizer que também contribuí para aquele esbanjamento; “escute, minha querida”, disse ele certa vez, “vamos

passar uns dias, uma semana, no campo?"; "bem, querido", eu disse, "aonde iremos?"; e ele respondeu, "para mim tanto faz, mas eu gostaria de, durante uma semana, viver no galim da fortuna: vamos a Oxford"; "como vamos?", perguntei, "eu não sei montar a cavalo, e é longe demais para irmos de carruagem"; "longe demais!", replicou, "não existe sítio longe o bastante para uma carruagem com seis cavalos: se eu a levar a algum lugar, você há de viajar como duquesa"; "hum, querido, é uma loucura", respondi, "mas se é o que você quer, não me importo", e marcamos a data da partida; alugamos uma carruagem de luxo, cavalos esplêndidos, um cocheiro e dois lacaios com belas librés, um valete, um cavalheiro montado e, em outro cavalo, um pajem com uma pluma no chapéu, e todos os criados chamavam meu marido de Milorde, e a mim chamavam-me de Vossa Graça, Senhora Condessa; e viajamos a Oxford, e foi uma viagem muito prazerosa, porque, para lhe fazer justiça, nenhum patife no mundo saberia desempenhar o papel de grão-senhor melhor do que meu marido; vimos todas as excelências de Oxford, falamos com dois ou três lentes de faculdades a respeito de enviar à universidade um sobrinho nosso que estava entregue aos cuidados de Milorde e de quem éramos tutores, divertimo-nos caçoando de alguns pobres estudantes, dando-lhes esperanças de se tornarem pelo menos capelães de Milorde e de ter direito à estola, e assim, gozando de vida nababesca, ao menos no que tange a despesas, fomos até Northampton e por fim voltamos para casa depois de uma correria de uma dúzia de dias, a um custo de nada menos que noventa e três libras.

A vaidade é tudo para um peralvilho, e nessa esfera meu marido chegava à perfeição, pois não atentava aos gastos; uma vez que sua história, como é óbvio, não tem grande importância em si, bastará dizer que em pouco mais de dois anos faliu e não teve a sorte de ir parar no lugar conhecido como Casa da Moeda, pois foi mandado para a casa de detenção de devedores, tendo sido preso por acusação demasiado grave para ter direito a fiança; encarcerado, mandou que me chamassem, e para mim aquilo não foi inesperado, pois fazia tempo que previa que tudo acabaria em desastre e tinha me precavido para, na medida do possível, guardar alguma coisa para mim, embora não pudesse ser muito; quando me mandou chamar, portou-se muito melhor do que eu esperava, reconheceu que se comportara como um insano e que permitira que o surpreendessem, o que poderia ter evitado; e disse que agora previa não poder se safar e, portanto, queria que eu fosse para casa e, de noite, tirasse dela tudo aquilo que tivesse algum valor e guardasse em lugar seguro; depois disse que, se eu lograsse apurar cem ou duzentas libras com a venda de mercadorias que havia na loja, deveria ficar com o dinheiro; "só não me faça saber de nada", disse, "nem quanto conseguiu nem onde pôs o dinheiro; quanto a mim, estou decidido a sair daqui e sumir, e se você nunca mais tiver notícia minha, querida, deseje-lhe sorte: só lamento o prejuízo que lhe causei"; ao nos separarmos, disse-me algumas coisas muito agradáveis – como já contei, era um verdadeiro cavalheiro, e esse foi todo o benefício que essa sua qualidade me valeu: ter-me tratado sempre muito bem e com boas maneiras em todas as ocasiões, até o último daqueles momentos; não obstante, gastou tudo o que eu possuía e para mim deixou, como único meio de vida, a tarefa de enganar

os credores.

Não creiam que não procedi como ele me instruíra; depois de nos dizermos adeus, como contei, nunca mais voltei a vê-lo, pois achou meio de evadir-se da Casa do Bailio naquela noite ou na seguinte e procurou refugiar-se na França – aos credores só restou se arranjarem como puderam; como fez, não sei, mas o que chegou a meus ouvidos foi que entrou na casa por volta das três da madrugada, fez com que o restante das mercadorias fosse transportado para a Casa da Moeda e fechou a loja; e tendo levantado o dinheiro que pôde, fugiu, como contei, para a França, de onde recebi uma ou duas cartas dele, e só.

Não o vi quando ele esteve na casa, pois uma vez que ele me dera todas as instruções e eu não perdera tempo em cumpri-las, eu não tinha motivo algum para voltar lá, mesmo porque poderia ser detida pelos credores; logo depois havia sido feita uma denúncia de bancarota, e eu poderia ser presa por ordem dos comissários; meu marido, depois de fugir com muita habilidade da prisão preventiva, pulando de forma temerária do alto do teto da Casa do Bailio para o telhado de outra construção, e depois saltando dali para o chão, de uma altura de quase dois andares, o que era mais que suficiente para quebrar o pescoço, foi a nossa casa e retirou dela as mercadorias antes que os credores pudessem confiscá-las, isto é, antes que pudessem formar a comissão de falência, o que permitiria aos oficiais de Justiça apreendê-las.

Meu marido foi muito atencioso comigo, motivo pelo qual repito que era um cavalheiro; na primeira carta que me escreveu da França informou-me que havia empenhado, por trinta libras, vinte peças de holanda fina que, na verdade, valiam mais de noventa, e anexou à missiva a cautela para que eu retirasse as peças mediante o pagamento do penhor, o que fiz, e com o passar do tempo consegui com elas mais de cem libras, pois tive o bom senso de cortá-las e as fui vendendo a várias famílias, à medida que se apresentava uma oportunidade.

No entanto, mesmo com isso e com o que havia guardado antes, dei-me conta, ao considerar todos os aspectos, que minha situação estava muito mudada, e minha fortuna, bastante reduzida: com efeito, contando as peças de holanda e um lote de musselinas finas que eu pegara antes, alguma prataria e outras miudezas, vi que dificilmente eu chegava a dispor de quinhentas libras, e minha condição era muito estranha, pois embora eu não tivesse filhos (com meu cavalheiro comerciante, tivera um, que morreu), era uma viúva estranha: tinha e não tinha marido, e não podia aventurar-me a casar de novo, mesmo sabendo que meu marido, ainda que vivesse outros cinquenta anos, nunca mais pisaria na Inglaterra; assim, como digo, o casamento me estava vedado, fosse qual fosse a proposta que pudesse receber, e eu não tinha nem mesmo um amigo com quem me aconselhar no estado em que me encontrava, ninguém a quem eu ousasse confiar o segredo de minha situação, pois se os oficiais de Justiça viessem a tomar conhecimento de meu paradeiro eles me prenderiam, eu seria interrogada sob juramento e então levariam tudo o que eu conseguira salvar.

Diante dessas apreensões, a primeira medida que tomei foi afastar-me de onde era

conhecida e assumir outro nome, e assim procedi, tendo antes ido à Casa da Moeda; hospedei-me num bairro muito afastado, vesti trajes de viúva e passei a me apresentar como sra. Flanders.

Senti-me muito segura, já que meus novos conhecidos nada sabiam a meu respeito; em pouco tempo passei a contar com muita companhia, e seja porque as mulheres são escassas entre o tipo de gente que frequenta aquela vizinhança ou porque há ali intensa procura de consolação que alivie as tristezas, logo descobri que lá uma mulher agradável era extremamente apreciada pelos sofredores, e que quem vivia à cata de dinheiro para pagar juros de meia coroa por libra aos credores e comia fiado na Taverna do Touro, sabia como achar dinheiro para uma ceia quando uma mulher lhes agradava.

Eu me portava com prudência, tal como a amiga de lord Rocheste[r],^[2] mulher que gostava de sua companhia mas não lhe permitia liberdades; mesmo assim, passei a gozar da fama de prostituta, sem tirar proveito algum disso; portanto, cansada do lugar e também da gente que havia por lá, comecei a pensar em me mudar.

De fato, fui levada a curiosas reflexões ao ver homens que, premidos por graves situações, reduzidos ao mais baixo nível da ruína e aterrorizados por suas famílias, que viviam da caridade alheia, mesmo assim, enquanto lhes restava um pêni, e pior, ainda que não o tivessem, procuravam se afogar na bebida, tentando esquecer coisas passadas no preciso momento em que deveriam recordá-las, criando mais motivos de remorsos e cometendo pecados novos para remediar os antigos.

Contudo, não é de meu feitio pregar; tais homens eram demasiado corruptos, até para mim; havia em seu modo de pecar um quê de horrendo e absurdo, porque sua violência era cometida, em essência, contra si mesmos: eles não agrediam somente a consciência, mas também a natureza; brutalizavam o próprio caráter para sepultar as reflexões que sua própria condição lhes inspirava sem cessar, e nada era mais fácil que perceber os ais que interrompiam suas canções, além da palidez e da angústia que lhes marcavam a fronte, a despeito dos sorrisos que forçavam; por vezes a verdade lhes saía pela boca, quando dissipavam seu dinheiro em troca de um depravado deleite ou de um abraço luxurioso; quantas vezes escutei-os exclamar, com profundos suspiros, “sou um cachorro! bem, Betty, querida, ainda assim, bebo à sua saúde”, e eu pensava na esposa honesta, que talvez não tivesse meia coroa para si e os três ou quatro filhos, e na manhã seguinte voltariam a se penitenciar, e talvez a pobre mulher se aproximasse dele, em lágrimas, para informá-lo de alguma medida que os credores estavam para tomar, do fato de ela e os filhos estarem prestes a ser despejados da casa, ou de alguma outra notícia terrível, e isso se somava a seus arrependimentos; após remoerem tais culpas até quase enlouquecer, como esses homens não têm princípios que os guiem nem nada dentro ou acima deles que os console, mas encontram apenas trevas por todos os lados, evadem-se de novo à procura do mesmo alívio, ou seja, a bebida e a devassidão, em busca da companhia de outros nas mesmas condições, e repetem o crime, dando assim, a cada dia, mais um passo na senda que os conduz à destruição.

Eu não era ainda bastante corrupta para aquela gente, ao contrário; comecei a pensar

muito seriamente no que devia fazer, em como estavam as coisas para mim e qual caminho seguir; dei-me conta de que não tinha amigos, nem um só amigo ou parente no mundo, e que, quando acabasse o pouco que me restava, não haveria senão a miséria e a fome, e com base nessas reflexões, e tomada de horror pelo lugar onde estava e pelas perspectivas medonhas que via à frente, resolvi partir.

Havia conhecido uma boa mulher, muito educada, viúva como eu, em melhores condições; seu marido fora capitão de um navio mercante que sofrera o infortúnio de naufragar no retorno de uma viagem às Índias Ocidentais, e conquanto tenha se salvado, em vez de colher o lucro que lhe caberia se tudo corresse a contento, ficou tão abalado que o coração não suportou o golpe e pouco depois ele morreu; perseguida pelos credores, a viúva viu-se obrigada a buscar refúgio na Casa da Moeda; com a ajuda de amigos, ajeitou a situação e viu-se novamente em liberdade, e ao saber que eu estava ali para me esconder, e não porque fosse procurada por perseguidores, e que eu coincidia com ela, ou ela comigo, na aversão ao lugar e sua gente, convidou-me a morar em sua casa até que eu pudesse dar com uma forma de me estabelecer novamente no mundo a meu contento; ademais, disse que naquela parte da cidade onde ela morava havia grande probabilidade de que um brioso capitão de navio se agradasse de mim e me cortejasse.

Aceitei sua oferta e vivi com ela meio ano, e teria até ficado mais tempo, não houvesse sucedido com ela o que augurara para mim: ela acabou por se casar em ótimas condições; entretanto, da mesma forma que sua sorte melhorava, a minha se achava em declínio, uma vez que não encontrei nada mais conveniente do que dois ou três contramestres, pois, no que se refere a capitães, pertenciam em geral a dois tipos: os que, dispondo de um negócio rendoso, ou seja, de um bom navio, não pretendiam se casar, salvo de forma favorável, isto é, com mulher que lhes trouxesse um belo dote; e os que, desempregados, queriam noiva que os ajudasse a arranjar um navio, ou seja, uma mulher que tivesse algum dinheiro e pudesse, portanto, ajudá-los a comprar parte de um navio, a fim de incentivar outros investidores a entrar no negócio; ou ainda uma mulher sem dinheiro, mas que tivesse amigos ligados à navegação e pudesse ajudar o marido a conseguir um bom navio, o que para eles vale tanto quanto um dote; e como nenhum desses era o meu caso, parecia destinada a permanecer solteira.

Logo aprendi, por experiência própria, que no tocante a matrimônio a situação mudara, e eu não devia esperar em Londres o que tivera na província; aqui os casamentos resultavam de cálculos políticos para reunir interesses e fechar negócios, e o amor tinha pouca ou nenhuma participação no assunto.

Como dissera minha cunhada de Colchester, beleza, inteligência, cortesia, bom senso, conduta, educação, virtude, piedade ou qualquer outro atributo, físico ou moral, não era recomendação para uma mulher, pois só o dinheiro a tornava atraente; os homens escolhiam as amantes por afeto, e uma cortesã tinha de ser bela, bem-feita, ter rosto gracioso e fino comportamento; com relação à esposa, não havia deformidade que chocasse o gosto, nem defeito que alterasse a escolha: era o dinheiro que contava, o dote nunca era disforme ou monstruoso, o dinheiro era sempre agradável, não importava

como fosse a esposa.

Como todas as vantagens estavam, infelizmente, do lado dos homens, descobri que a mulher perdera o direito de dizer não; agora a mulher via um pedido de casamento como um favor, e se alguma jovem tivesse a soberba de opor uma negativa, nunca mais teria oportunidade de fazê-lo pela segunda vez, que dirá de reparar aquele passo em falso e aceitar amanhã quem ela recusara ontem; os homens tinham tamanho poder de escolha que bem triste era a situação das mulheres: ao homem bastava bater em uma porta; e se, por raro acaso, fosse rejeitado numa casa, decerto seria acolhido na seguinte.

Ademais, observei que os homens não tinham nenhum escrúpulo em pôr-se em campo para caçar um dote, como se diz, mesmo quando não possuíam fortuna alguma para demandá-lo ou qualidades para merecê-lo, e levavam essa atividade a tal extremo que a mulher não tinha sequer o direito de investigar o caráter ou a situação do homem que a pretendia; disso tive um ótimo exemplo no caso de uma jovem que morava numa casa perto da minha e que vim a conhecer – dona de fortuna de quase duas mil libras, tal moça foi cortejada por um jovem capitão que, ao inteirar-se, na visita seguinte, de que ela indagara a um vizinho como era seu caráter, sua moral e sua situação, fê-la saber que aquilo lhe caíra muito mal e que não a aborreceria mais com suas visitas; tendo sabido do episódio e já a conhecendo, fui vê-la e tivemos longa conversa sobre o assunto; ela abriu a alma comigo, com toda a franqueza, e logo percebi que, embora achasse que fora tratada de forma injusta, ela não estava ressentida, e na verdade se sentia tristíssima por tê-lo perdido, e sobretudo por ele ter sucumbido a outra de menor fortuna.

Procurei tirar de sua mente aquela mediocridade, como defini; disse-lhe que, mesmo na baixa condição em que me encontrava, teria desprezado um homem que me julgasse na obrigação de aceitá-lo apenas por sua palavra, sem me deixar a liberdade de informar-me a respeito de sua fortuna e de seu caráter, e também disse que, tendo ela boa fortuna, não tinha necessidade de curvar-se ante os costumes odiosos da época: já era absurdo que os homens pudessem insultar as mulheres que não possuíam dinheiro suficiente para serem levadas em consideração, mas se ela deixava passar tal afronta sem se ofender, rebaixava seu valor para sempre e seria desprezada por todas as mulheres daquela parte da cidade; a mulher não deve jamais perder uma oportunidade de se vingar de um homem que a tratou mal, já que não faltavam maneiras de humilhar um tipo como aquele, pois de outra forma as mulheres seriam as criaturas mais infelizes do mundo.

Percebi que ela ficou muito satisfeita com minhas palavras, e ela disse, séria, que lhe agradaria muito manifestar seu ressentimento, quer fazendo com que ele voltasse, quer tendo o prazer de que sua vingança fosse a mais pública possível.

Disse a ela que, se seguisse minhas instruções, eu a orientaria quanto ao modo de concretizar seus desejos nos dois sentidos, e me comprometia a fazer com que ele batesse de novo à sua porta e suplicasse que lhe fosse permitida a entrada; ao ouvir minhas palavras, ela sorriu, e logo percebi que, se ele chegasse outra vez a sua porta, o ressentimento dela não seria profundo o bastante para deixá-lo esperando por muito tempo.

Contudo, ela escutou com a máxima boa vontade meus conselhos; disse a ela que a primeira medida que deveria tomar era um ato de justiça para si mesma; como várias pessoas lhe contassem que ele espalhou entre as mulheres que tinha sido ele que a abandonara, atribuindo a si a rejeição, agora cabia a ela divulgar entre essas mulheres, o que não lhe seria difícil num bairro como aquele em que vivíamos, tão dado a fuxicos e intrigas, que averiguara a vida dele e soubera que não era o homem que simulava ser; “diga-lhes”, aconselhei-a, “que chegou a seu conhecimento que ele não é o homem que a senhora esperava e que não lhe pareceu seguro ligar-se a ele, pois informaram-lhe que tinha mau gênio e se gabava de ter tratado mal as mulheres em várias ocasiões, e mormente que era pessoa de moral dissoluta etc.”; a parte final continha certa verdade, se bem que não me pareceu que ela gostasse menos dele por isso.

Foi com muita diligência que ela se lançou à tarefa que eu propusera, pondo-se a buscar de imediato quem a ajudasse, e a procura não foi difícil: bastou contar a história por alto a uma dupla de mexeriqueiras do bairro e o caso se tornou o falatório do momento em toda aquela parte da cidade, de forma que escutei o fuxico em todas as visitas que fiz; e como sabiam que eu me dava com aquela senhora, era frequente pedirem minha opinião, e eu confirmava tudo o que ela dissera, sempre com algum exagero, carregando bastante nas tintas sombrias ao pintar o caráter do capitão, agregando ainda uma espécie de dado confidencial, do qual as outras intrigantes não podiam estar a par, ou seja, que soubera, por ouvir dizer, que sua situação pecuniária era péssima, que precisava de elevada quantia para garantir sua cota-parte junto aos proprietários do navio que comandava, pois não a integralizara: se não fosse paga em breve, os armadores o destituiriam da função e era provável que o comando do barco passasse para seu imediato, que já propusera comprar a parte que o capitão prometera subscrever.

Acrescentei também, pois na realidade estava muito irritada com aquele sujeito torpe, como o chamava, que ouvira dizer que tinha uma esposa viva em Plymouth e outra nas Índias Ocidentais, coisa nada incomum entre essa laia de cavalheiros.

Isso levou ao resultado que esperávamos, pois em breve a jovem da casa vizinha, cujos pais a protegiam tanto quanto cuidavam de sua fortuna, foi trancafiada e o pai proibiu as visitas do tal; também em outra casa que ele frequentava, a mulher teve coragem, por estranho que pareça, de dizer-lhe não, e onde batesse, censuravam-lhe a arrogância e a pretensão de impedir que as mulheres se informassem a seu respeito, e assim por diante.

Bem, àquela altura ele começou a entrever a extensão de seu erro, e como granjeara a malquerença de todas as mulheres daquele lado do rio, foi para Ratchiff e ganhou acesso a algumas senhoras do lugar; no entanto, ainda que também ali, como era a regra da época, as jovens desejassem ser requestadas, quis a má sorte que a fama de seu caráter atravessasse o rio com ele, e seu nome passasse a ser tão pouco estimado lá quanto do nosso lado, e assim, conquanto achasse muitas mulheres dispostas a desposá-lo, o mesmo não aconteceu entre as possuidoras de belos cabedais, como era seu desejo.

Mas isso não foi tudo; muito engenhosamente e por sua própria conta, minha amiga fez com que um jovem cavalheiro, parente seu e na verdade um homem casado, a visitasse

duas ou três vezes por semana numa bela carruagem com lacaios de libré, e as duas mexeriqueiras e eu fizemos correr o boato de que ele a cortejava e era um cavalheiro com uma renda de quase mil libras anuais, que se apaixonara por ela e que ela ia morar na casa de uma tia na cidade, visto ser um inconveniente para o cavalheiro visitá-la com sua carruagem em Redriff, por serem as ruas tão ruins e estreitas.

Isso teve efeito imediato: em todas as rodas escarneciam do capitão, que estava a ponto de se enforcar, desesperado, e tentou de todas as formas reatar com ela e escreveu-lhe as cartas mais apaixonadas do mundo, desculpando-se por sua anterior insensatez, e por fim, depois de muita insistência, conseguiu licença para visitá-la de novo, com o propósito de, como disse, limpar sua reputação.

Esse encontro serviu para que ela se vingasse de forma efetiva, pois disse-lhe que tinha curiosidade de saber por quem ele a tomava, já que a julgava capaz de firmar com um homem um contrato tão importante, como o nupcial, sem informar-se em detalhes sobre sua situação; estava enganado se pensava que ela seria levada a se casar mediante intimidação ou que ela se encontrava nas mesmas circunstâncias em que talvez estivessem suas vizinhas, ou seja, dispostas a se casar com o primeiro bom cristão que aparecesse; em poucas palavras, ou ele era deveras um rematado patife ou tinha muito má fama aos olhos de seus vizinhos, e a menos que fosse capaz de elucidar alguns pontos, em relação aos quais ela se julgava ofendida, nada mais tinha a dizer-lhe, a não ser fazer justiça a si mesma e dar a ele a satisfação de saber que ela não tinha medo de dizer não, a ele ou a qualquer outro homem.

A seguir, ela disse o que tinha ouvido, ou melhor, o que ela própria espalhara por meu intermédio, a respeito de seu caráter: o fato de não ter pagado o quinhão que dizia ter do navio que comandava; a resolução de seus armadores para tirar-lhe o comando, que seria passado a seu imediato; o escândalo levantado em torno de sua moralidade; as reprimendas que levava de tais e tais mulheres; e o fato de ter uma esposa em Plymouth e outra nas Índias Ocidentais, e outras acusações desse jaez; e perguntou-lhe se podia negar que ela tinha bons motivos para recusá-lo, se tudo não fosse esclarecido, e, ao mesmo tempo, tomar satisfações sobre pontos de tanta importância.

O capitão ficou de tal forma perplexo com aquelas acusações que não pôde dizer palavra, e ela quase começou a acreditar, diante de sua perturbação, que fosse tudo verdade, não obstante soubesse que tinha sido ela própria a criadora dessas alevisias.

Passado algum tempo, ele se recobrou um pouco e a partir desse dia tornou-se o mais humilde, o mais modesto e o mais constante dos homens que a cortejavam; ela levou mais longe ainda sua representação, perguntando-lhe se achava que ela estava a tal ponto necessitada que podia ou devia tolerar o mau tratamento que ele lhe dispensara, e se não via que não faltava quem julgasse valer a pena vir de mais longe do que ele para vê-la, referindo-se ao cavalheiro que ela mesma tinha chamado, como isca, a visitá-la.

Mediante esses ardis, levou-o a empreender todos os esforços possíveis para satisfazê-la, tanto no tocante a sua situação quanto a sua conduta; ele lhe trouxe provas cabais de ter pagado sua cota-parte no navio e mostrou atestados, dados pelos armadores, de que o

rumor segundo o qual pretendiam tirar-lhe o comando e dá-lo ao imediato era falso e fora de propósito, em suma, passou a ser o oposto do que fora antes.

Convenci assim minha amiga de que se os homens faziam prevalecer seus interesses sobre nosso sexo no que tange a casamento, com base na premissa de que se o campo de escolha era farto, e as mulheres, fáceis, era somente porque faltava a elas a coragem de impor seus direitos e fazer seu jogo, ou seja, segundo lordes Rochester, “a mulher atirada à ruína sem livrança sempre pode do arruinador tirar vingança”.

Depois disso, a jovem desempenhou seu papel tão bem que, embora seu maior desejo fosse desposá-lo, e essa fosse, aliás, a essência de seu projeto, fez com que reconquistá-la fosse para ele a empresa mais difícil do mundo, e não o fez com uma conduta arrogante e soberba, e sim com uma política hábil, virando o feitiço contra o feiteiro e fazendo o próprio jogo dele, pois assim como ele pretendeu, com um tipo de conduta arrogante, opor-se a que investigassem seu caráter, rompendo com ela por considerar uma afronta, também ela rompeu com ele pela mesma razão, e ao mesmo tempo que o submetia a todas as investigações possíveis quanto a seus negócios, visivelmente fechava portas para impedi-lo de examinar os dela.

Para ele, bastava casar-se com ela; com relação ao que ela possuía, minha amiga disse que, dado que ele já conhecia sua situação, era justo que ela também conhecesse a dele, e embora ele só tivesse conhecimento da situação dela por ouvir dizer, essa parca informação fora suficiente para que ele lhe fizesse muitas declarações de amor, de modo que não poderia pedir nada mais que sua mão ao fazer a proposta formal, segundo o costume dos pretendentes; em suma, ela não lhe deu oportunidade de fazer perguntas a respeito de sua situação econômica, e disso tirou vantagem: mulher prudente que era, sem que ele nada soubesse a respeito, pôs parte de sua fortuna em fundos de investimentos, a que ele não teria acesso, e o deixou bastante contente com o resto.

É claro que ela estava muito bem, isto é, tinha cerca de mil e quatrocentas libras em espécie, que entregou a ele; todo o resto veio à luz mais tarde, mas à guisa de renda pessoal, o que ele teve de aceitar como grandíssimo favor, pois ainda que não pudesse ser seu, ao menos o aliviaria com relação aos gastos particulares dela; devo acrescentar que, graças a tudo isso, o cavalheiro não só se mostrou o mais humilde dos pretendentes durante a corte, como também o mais dedicado dos maridos depois do casamento, e não posso deixar de lembrar aqui às senhoras que elas mesmas se colocam abaixo do nível normal de uma esposa, que, se me for permitido opinar, já é bastante baixo, e digo que se colocam abaixo do nível normal de uma esposa e lançam os alicerces de sua própria humilhação ao permitir que sejam insultadas de antemão pelos homens, coisa da qual confesso não ver a necessidade.

Por conseguinte, essa anedota talvez sirva para mostrar às mulheres que a vantagem não está tanto do lado dos homens como eles mesmos creem, e que embora seja verdade que os homens podem escolher à vontade entre nós, o fato é que algumas mulheres se rebaixam e depreciam a si mesmas, além de serem por demais acessíveis, e mal sabem esperar que sejam procuradas; por outro lado, se o homem encontra uma mulher que

vale a pena, se assim posso me expressar, verá que ela não é tão acessível quanto a maioria: as que cedem com facilidade formam uma categoria de pessoas que, uma vez casadas, mostram tantos defeitos que mais deveriam servir de recomendação em favor das difíceis, e não de incentivo aos homens para que insistam em suas cortes fáceis, já que não podem esperar que aquelas que atendem ao primeiro chamado sejam boas esposas.

Nada é mais certo que as mulheres sempre se avantajam aos homens quando se mantêm firmes e mostram aos pretendentes que se ressentem por serem tratadas com menoscabo e não temem dizer não: eles nos insultam gravemente quando nos lançam em rosto que não há escassez de mulheres, quando dizem que as guerras, os oceanos, o comércio e outras razões levaram consigo tantos homens que não há uma proporção numérica equilibrada entre os sexos e que, portanto, a desvantagem é das mulheres; estou longe de convir que o número de mulheres seja tão elevado, e o de homens, tão exíguo, mas se eles me permitirem apontar a verdade, direi que a desvantagem das mulheres é enorme vergonha para os homens, e a causa é esta e somente esta: que a nossa época é tão perversa, e as relações entre homens e mulheres tão dissolutas, que o número de homens com que uma mulher honrada pode unir-se é deveras pequeno, e só de quando em quando se encontra um homem digno para que a mulher se aventure com ele.

Porém a consequência também é uma só: as mulheres deveriam ser mais escrupulosas, pois como havemos de conhecer o verdadeiro caráter do homem que nos propõe casamento? dizer que uma mulher deveria ser mais complacente em tais ocasiões é o mesmo que dizer que deveríamos nos arrojar tanto mais à frente quanto maior for o perigo, o que, em meu modo de pensar, é rematado absurdo.

Pelo contrário, as mulheres têm dez mil vezes mais razões para serem mais prudentes e retraídas, já que a possibilidade de serem ludibriadas é maior, e se elas pensassem e se mostrassem mais precavidas, descobririam todas as trapaças que se lhes antolham, porque hoje em dia são pouquíssimos os homens cuja vida revela verdadeira personalidade; e se as mulheres fizerem inquirição, ainda que breve, logo serão capazes de distinguir entre os homens e livrar-se do perigo.

Quanto às mulheres que julgam não valer a pena pensar um pouco em benefício da própria segurança, que, impacientes com seu estado presente, decidem, como se diz, aceitar o primeiro cristão que aparece, correndo para o matrimônio como o cavalo disparado para a batalha, nada lhes posso dizer, a não ser o seguinte: que pertencem a um grupo de senhoras pelas quais é preciso rezar como se reza por pessoas desgraçadas, e a mim lembram pessoas que arriscam todo o patrimônio numa loteria em que só existe um prêmio para cem mil bilhetes.

Nenhum homem de bom senso há de prezar menos uma mulher pelo fato de ela não se render ao primeiro ataque ou por não aceitar sua proposta sem investigar sua pessoa ou seu caráter; se ela proceder de outra forma, ele a julgará a mais débil de todas as criaturas; em suma, o homem terá baixa opinião a respeito da sensatez e até da inteligência de uma mulher se ela, dispondo de apenas uma carta que vale a sua vida, a joga na mesa sem muita reflexão e faz do casamento aquilo que é a morte, um salto no escuro.

Quisera eu que o meu sexo se portasse melhor nesse particular, que, de todos na vida, em minha opinião, é aquele que nos causa maiores tribulações, e isso ocorre apenas por falta de coragem, pelo temor que sente a mulher de não se casar e cair na condição de vida que se chama ser solteirona, e sobre o qual tenho uma história para contar; essa, afirmo, é a armadilha em que as mulheres se enleiam; se superarem aquele medo e procederem com bom tino, com certeza evitarão tal cilada nessa decisão tão importante para sua felicidade, mantendo-se firmes e não expondo-se como fazem; se, procedendo de outro modo, não se casarem tão cedo quanto gostariam, por outro lado elas hão de ser compensadas casando-se com mais segurança: a mulher que tem um mau marido é a que se casou cedo demais; já a que tem um bom marido nunca se casa demasiado tarde; numa palavra, não existe mulher alguma, salvo as disformes e as de má reputação, que não possa se casar com segurança, mais cedo ou mais tarde, se souber fazer bem as escolhas; já a mulher que se precipita tem dez mil chances contra uma de desgraçar-se.

Agora volto a minha própria história, que nessa época nada tinha de prazerosa; a situação econômica em que me encontrava só tinha uma saída: encontrar um bom marido, mas logo descobri que de nada serviria mostrar-me barata e fácil; logo se veio a saber que a viúva não tinha fortuna, e a notícia foi o pior que se poderia dizer de mim, porque passei a ser preterida em todas as especulações matrimoniais; e eu era bem-educada, bonita, bem-humorada, recatada e simpática, mas todas essas qualidades que me eram atribuídas, com ou sem razão, de nada valiam para o fim almejado, isto é, de nada adiantavam sem o chamado vil metal, que agora se tornara mais valioso que a própria virtude; em resumo, diziam, a viúva não tinha dinheiro.

Decidi, pois, que naquelas circunstâncias era absolutamente necessário mudar de posição social e ir para algum lugar onde não fosse conhecida e até mesmo adotar outro nome, se fosse o caso; comuniquei essa intenção a minha amiga íntima, a mulher do capitão, a quem ajudara tão lealmente na questão do dito capitão de navio e que se dispunha a ajudar-me do mesmo modo, se eu assim desejasse; não tive escrúpulos em pô-la a par de minha situação: meu capital era pequeno, não reunira mais que cerca de quinhentas e quarenta libras ao término de minha última história, e já gastara parte disso; contudo, sobravam-me aproximadamente quatrocentas e sessenta libras, muitas roupas de luxo, um relógio de ouro e algumas joias, conquanto nenhuma de grande valor, e por volta de trinta a quarenta libras em tecidos de linho ainda não vendidos.

Minha querida e fiel amiga, a mulher do capitão, era-me tão grata pelo auxílio que lhe prestara com relação ao casamento que não só tinha por mim amizade a toda prova, como também, conhecendo minha situação, dava-me presentes toda vez que lhe passava dinheiro pelas mãos, em tal medida que era como se me mantivesse, de forma que eu quase nada gastava do meu; por fim, fez-me uma proposta infeliz, dizendo que já que os homens, como havíamos observado e já foi comentado, não tinham escrúpulos em se apresentar como merecedores da fortuna de uma mulher quando eles não a têm, era justo tratá-los do mesmo modo e, se possível, aos embusteiros, embustes.

A mulher do capitão meteu-me esse projeto na cabeça e disse que se me deixasse guiar

por ela com certeza me arrumaria marido rico, sem lhe dar margem alguma para censurar-me a pobreza; respondi, como era lógico, que me punha sem ressalvas em suas mãos, que não abriria a boca nem daria um passo sequer que não fosse por ordem sua e que confiava em que ela me tiraria de todas as dificuldades em que pudesse me meter, com o que ela concordou.

A primeira medida que tomou foi pedir que eu a tratasse de prima e fosse morar na casa de parentes seus na província, aonde foi me visitar, acompanhada do marido; chamando-me de prima, preparou as coisas de modo que ela e o marido, juntos, tiveram a gentileza de convidar-me calorosamente a hospedar-me com eles na cidade, pois agora viviam em outro lugar; o segundo passo foi contar ao marido que eu era possuidora de um patrimônio que ascendia a no mínimo mil e quinhentas libras, e que, segundo lhe haviam dito parentes meus, era possível que possuísse muito mais.

Bastou que informasse sobre meu patrimônio ao marido e nada foi necessário de minha parte: sentei e aguardei os acontecimentos; em pouco tempo todo o bairro sabia que a jovem viúva que morava na casa do capitão *** era um ótimo partido, possuidora de pelo menos mil e quinhentas libras e talvez muito mais, pelo que ele dissera, e se alguém lhe indagava a respeito ele não hesitava em confirmar tudo, ainda que de toda essa história só soubesse o que a mulher lhe dissera; nem o fazia por mal, já que também acreditava no conto, pois o ouvira da boca da mulher; quando se propaga a existência de uma fortuna, as pessoas erguem edifícios sobre fundações frágeis; graças à fama dessa riqueza, logo me vi cercada de admiradores e pude escolher dentre eles, embora se digam tão escassos – o que, aliás, só ratifica o que eu disse antes; estando assim as coisas, eu, que devia proceder com astúcia, precisava apenas identificar entre eles o homem mais adequado a meu propósito, ou seja, o que cresse mais facilmente no boato de minha fortuna, sem questionar demais sobre pormenores; se não tivesse êxito nisso, não teria êxito algum, uma vez que minha situação não suportava muitas investigações.

Escolhi meu homem sem grande dificuldade, pelo juízo que dele fiz com base na forma como me cortejava; permiti que se declarasse e jurasse me amar sobre todas as coisas no mundo e que de mim só queria que o fizesse feliz; sabia que tanto sentimento se baseava em sua suposição, ou melhor, em sua convicção de que eu era muito rica, ainda que eu mesma não lhe tivesse dito palavra a respeito.

Aquele era meu homem, mas eu tinha de pô-lo à prova até o fim, e na verdade nisso estava a minha segurança: se ele falhasse, eu saberia que estava perdida, tanto quanto ele estaria perdido casando-se comigo; e não levantar nenhuma dúvida quanto a sua fortuna seria o meio de levá-lo a levantar alguma sobre a minha; por conseguinte, eu simulava sempre duvidar de sua sinceridade e dizia que talvez ele só me quisesse por causa de minha fortuna, levando-o a fechar-me a boca com um dilúvio de protestos, como já contei; eu continuava a fingir que duvidava.

Certa manhã, ele tirou do dedo o anel de brilhante e escreveu na vidraça da janela as seguintes palavras:

É A VOCÊ QUE EU AMO, E SÓ A VOCÊ.

Li, pedi que me desse o anel e escrevi embaixo de sua linha:

PALAVRAS DE TODOS OS AMANTES.

Ele pegou o anel de novo e escreveu outra linha:

A VIRTUDE É UMA RIQUEZA EM SI.

Voltei a tomar do anel e escrevi:

MAS DINHEIRO É VIRTUDE; OURO É DESTINO.

Ele enrubesceu, pondo-se vermelho como fogo ao ver a rapidez com que eu lhe replicava, e quase com raiva disse que me conquistaria, e escreveu:

DESDENHO DE SEU OURO, PORÉM A AMO.

Como verão, arrisquei tudo na última cartada desse jogo poético, pois escrevi com ousadia sob seu último verso:

SOU POBRE: VEJAMOS AONDE CHEGA SUA BONDADE.

Para mim, essa era uma melancólica verdade, embora não soubesse dizer se ele acreditava em mim ou não; no momento, achava que não, entretanto, ele voou em minha direção, tomou-me nos braços e, beijando-me com muita ânsia e um roubo de paixão, estreitou-me contra si até pedir-me papel e tinta; dizendo que não tinha paciência para escrever no vidro, escreveu numa folha de papel:

SEJA MINHA, COM TODA A SUA POBREZA.

Peguei a pena e escrevi:

MAS VOCÊ GOSTARIA QUE EU ESTIVESSE MENTINDO.

Ele me disse que isso era indelicado, pois não era justo, e que eu o forçava a me contradizer, o que não condizia com a minha boa educação e muito menos com seus sentimentos por mim, e já que, inadvertidamente, ele fora arrastado por mim a essa competição de versos, pediu-me que não o interrompê-lo e escreveu de novo:

SÓ DE AMOR DEVEMOS FALAR.

Abaixo disso, escrevi:

JÁ AMA BASTANTE AQUELA QUE NÃO ODEIA.

Ele tomou como cumprimento e depôs as armas, vale dizer, a pena; eu disse que ele tomou minhas palavras como um cumprimento, e era mesmo, e dos grandes, se ele já soubesse de tudo; não obstante, ele o interpretou como eu queria que o interpretasse, ou seja, que ele achava que eu me inclinava a continuar com ele, e na verdade eu tinha todos os motivos do mundo para proceder desse modo, pois ele era o homem mais alegre e bem-humorado que já encontrara, e com frequência eu dizia a mim mesma que era duplamente desonesto ludibriar um homem desses, mas que a isso me obrigava a necessidade de encontrar uma solução adequada a minha situação, e essa era minha justificativa, e por mais que seu afeto por mim e seu bom caráter fossem de molde a incitar-me a não o enganar, eram também razões fortes para me levar a pensar que ele suportaria muito melhor a decepção do que algum infeliz de mau gênio capaz de se fazer notar somente por aquelas paixões que servem sobretudo para tornar infeliz, por toda a vida, uma mulher.

Ademais, tantas vezes minha pobreza fora motivo de pilhéria, ou pelo menos ele entendia minhas palavras como pilhéria, que quando descobrisse que era verdade, ele mesmo veria estarem vedadas todas as formas de protesto ao lembrar-se de que, brincando ou com todas as veras, declarara que se casaria comigo sem pensar em meu dote, e eu, à vera ou de brincadeira, declarara que era paupérrima; em poucas palavras, eu o tinha preso por todos os lados, e mesmo que mais tarde ele pudesse dizer que havia se enganado, jamais poderia dizer que eu o iludira.

Depois disso ele começou a apertar o cerco, e como percebi que não havia razão para temer perdê-lo, representei o papel da indiferente durante mais tempo do que teria aconselhado a prudência se as coisas fossem outras; todavia, levei em conta a vantagem que essa cautela e essa indiferença poderiam dar-me quando me visse obrigada a revelar a realidade de minha situação; contudo, fi-lo com mais cuidado, pois descobri que ele inferiria, como era de esperar que fizesse, que eu tinha ou mais dinheiro ou mais sensatez, e não me disporia a aventuras.

Um dia, conversando, depois de termos chegado bastante perto do assunto, tomei a liberdade de dizer-lhe que, como havia recebido da parte dele prova de amor verdadeiro, ou seja, que se casaria comigo sem inquirições sobre meu patrimônio, eu o compensaria procedendo à mínima investigação possível, ditada pela razão, a respeito de seus bens; esperava, porém, que ele me permitisse fazer ao menos algumas perguntas, às quais poderia responder ou não, como lhe aprouvesse, sem que eu me ofendesse; uma dessas perguntas se referia a nosso projeto de vida e ao lugar onde moraríamos, pois tendo ouvido dizer que ele possuía uma grande *plantation* na Virgínia, e que ele já mencionara querer morar lá, confessei que não me animava muito a ideia de emigrar.

Depois disso ele começou, voluntariamente, a me pôr a par de tudo o que se referia a

seus negócios e a expor, de maneira franca e aberta, toda a sua situação econômica – pelo que vim a saber, estava muito bem de vida: grande parte de seu patrimônio consistia em três *plantations* na Virgínia que lhe proporcionavam, em termos gerais, uma boa renda, da ordem de trezentas libras por ano, mas que, se ele morasse lá, talvez produzissem quatro vezes mais; “muito bem”, pensei com meus botões, “você me levará para lá quando quiser; quando, não lhe direi de antemão”.

Trocei muito sobre o aspecto que ele teria na Virgínia, mas, conquanto soubesse que ele faria tudo que eu desejasse, percebi que não estava satisfeito por não ter-me entusiasmado por suas *plantations*, e portanto mudei o tom e disse que tinha boa razão para não querer morar lá: se suas *plantations* valiam tanto, a minha não era fortuna compatível com a de um senhor de mil e duzentas libras por ano, como dizia seriam seus ganhos.

Generosamente, replicou que não me perguntava sobre meu patrimônio, lembrando que desde o começo afirmara-me que não o faria e cumpriria a palavra; tivesse eu pouco ou muito, assegurou-me que nunca pediria que fosse para a Virgínia com ele, tampouco iria para lá sem mim – eu só iria se estivesse disposta a tanto de livre e espontânea vontade.

Como podem imaginar, era tudo o que eu desejava, e na verdade não poderia ter sucedido nada que me agradasse mais; levei até onde julguei conveniente meu ar de indiferença, que amiúde lhe causava certa admiração, agora mais que antes, mas que por si só era suficiente para manter seu interesse em me cortejar; se menciono isso é para reiterar às senhoras que a falta de coragem para empregar essa indiferença é o que avilta nosso sexo e o prepara para ser maltratado: se elas se arriscassem de vez em quando a perder um pretendente peralvilho, que se dá ares muito além de seu mérito, sem dúvida seriam depreciadas menos e cortejadas mais; tivesse eu revelado em alto e bom som qual era minha grande riqueza, que eu não tinha ao todo nem quinhentas libras, quando ele esperava mil e quinhentas, ainda assim eu o teria fisgado bem firme e brincado com ele por tanto tempo que estou certa de que teria se casado comigo mesmo em piores circunstâncias, tanto que, quando tomou conhecimento da verdade, seu assombro foi menor do que poderia ter sido, porque como de nada podia me increpar, pois eu o tratara até o final com o mesmo ar de indiferença, ele não pôde dizer palavra, a não ser que realmente pensava que eu tivesse mais, mas que, ainda sendo menos, não tinha se arrependido de sua escolha, só que, é claro, não poderia manter-me tão bem como era sua intenção.

Em suma, casamo-nos – e com toda a felicidade de minha parte, asseguro-lhes, no que diz respeito ao homem, pois era a criatura mais afável que uma mulher já teve por marido; no entanto sua situação não era tão boa como eu acreditara, e por outro lado não melhorou tanto com o casamento quanto ele havia esperado.

Uma vez casados, senti-me na obrigação de portar-me astuciosamente para lhe dar o pequeno capital de que dispunha e fazer-lhe saber que não havia mais, pois isso era necessário, de modo que aproveitei um dia em que estávamos a sós para entabular um

breve diálogo com ele sobre o assunto; “querido”, disse-lhe, “faz uma quinzena que nos casamos, não acha que chegou a hora de você saber se sua mulher tem alguma coisa ou nada?”, e ele respondeu, “quando você quiser, querida, estou feliz por ter-me casado com a mulher que amo, não quis incomodá-la com indagações sobre o seu patrimônio”.

“É verdade”, eu disse, “encontro-me em grande embaraço com relação a esse assunto e não sei como proceder.”

“Do que se trata, querida?”, ele perguntou.

“Ouça, trata-se de algo desagradável para mim e mais ainda para você: eu soube que o capitão *** (referindo-me ao marido de minha amiga) disse-lhe que eu tinha muito mais dinheiro do que jamais tive, e estou certa de não lhe ter dito que o fizesse.”

“Bem”, respondeu meu marido, “o capitão *** pode ter-me dito algo nesse sentido, e então? se você não tem tanto, quem cometeu a falta foi ele, pois você nunca me disse o quanto tinha, de modo que não tenho motivo pelo qual censurá-la.”

“Você se mostra tão justo e generoso”, eu disse, “que faz com que minha pequena aflição se torne duas vezes maior.”

“Quanto menos você tiver, querida”, ele disse, “pior para nós; espero que sua aflição não se deva ao temor de que eu a ame menos por falta de dote; não, não, se não tem nada, diga-me claramente e logo; talvez eu possa dizer ao capitão que ele me enganou, já que nunca poderei dizer que você o fez, pois me avisou de antemão que era muito pobre, e assim devo esperar que seja.”

“Bem, querido”, eu disse, “fico feliz por não ter colaborado para seu engano antes do casamento; se eu o enganasse depois, muito pior seria, e é verdade que sou pobre, mas não a ponto de nada possuir”, e com essa afirmação entreguei-lhe cento e sessenta libras em cédulas: “aí está alguma coisa, querido, ainda não é tudo”.

Com o que eu dissera antes, levava-o tão perto de não esperar nada que, embora a quantia fosse modesta, ele a recebeu muito bem e confessou que era mais do que esperara e que por minhas palavras estava convencido de que minhas roupas finas, meu relógio de ouro e um ou dois anéis de brilhantes fossem toda a minha fortuna.

Deixei que se satisfizesse com aquelas cento e sessenta libras durante dois ou três dias, e depois de ter passado um dia fora, como se tivesse ido buscá-las, entreguei-lhe mais cento e vinte libras em ouro, dizendo que era um complemento do dote para ele, e daí a mais ou menos uma semana dei-lhe mais cento e oitenta libras e cerca de sessenta libras em linho, que o fiz crer que fora obrigada a aceitar, juntamente com o ouro, como parte da quitação de uma dívida de seiscentas libras, a uma taxa de cinco xelins por libra, acima do valor real.

“Mas agora, querido”, eu disse, “lamento dizer que isto é tudo e que lhe dei toda a minha fortuna”; acrescentei que se a pessoa que estava com minhas seiscentas libras não tivesse se aproveitado de mim, meu dote teria sido de mil libras; estando as coisas nesse pé, eu fora leal a ele e não guardara nada para mim: se mais tivesse, mais lhe teria dado.

Ele ficou tão encantado com minha conduta e satisfeito com a quantia, porque estivera

assustado com a possibilidade de não haver nada, que a aceitou agradecido e assim livre-me da fraude de passar por rica sem sê-lo e de ter persuadido um homem a se casar comigo com o pretexto de uma fortuna; não obstante, julgo que essa é uma das artimanhas mais perigosas que uma mulher pode tramar, pois incorre em enorme risco de depois ser maltratada.

Meu marido, verdade seja dita, era homem de infinito bom humor, mas não era nada tolo; ao verificar que sua renda não era compatível com o estilo de vida que pensara levar se eu lhe tivesse trazido o quanto esperava, e estando, além disso, desgostoso com o rendimento de suas *plantations* na Virgínia, deu a entender por várias vezes sua intenção de mudar-se para lá a fim de viver de suas propriedades, pois amiúde exagerava as vantagens da vida na colônia, repisando como a vida lá era barata, a fartura, a amenidade do lugar etc.

Comecei a entender seu desejo, e certa manhã abordei-o com franqueza e expus-lhe meu pensamento: seu patrimônio, eu disse, nada rendia, àquela distância, em comparação com o lucro que poderia dar se ele estivesse presente, e eu percebera que era esse o seu desejo; acrescentei que lamentava que ele tivesse se frustrado comigo, pois eu não correspondera a suas expectativas, e que para compensá-lo estava mais que disposta a ir viver com ele na Virgínia.

Ele respondeu com mil amabilidades por eu lhe ter feito aquela proposta, e disse que, conquanto frustrado no tocante a suas expectativas de fortuna, não sentia o mesmo em relação à esposa, e que eu era para ele tudo quanto uma mulher podia ser e que, somando as partes, estava mais que satisfeito com o todo, e acrescentou que minha proposta era tão magnânima que ele não tinha palavras com que agradecer.

Para abreviar a história, concordarmos em nos mudar; ele me disse que tinha uma casa ótima, bem-aparelhada, que sua mãe era viva e morava nela, com uma irmã dele, e que além delas não tinha outros parentes; disse ainda que tão logo chegássemos, a mãe se transferiria para outra casa, que era dela e passaria a ser dele quando ela falecesse, e assim eu teria toda a casa para mim; e com efeito as coisas se passaram exatamente desse modo.

Para resumir esta parte da história, direi apenas que levamos conosco, no navio, grande número de móveis de boa qualidade para nossa casa, tecidos de linho e objetos domésticos, além de boa carga de mercadorias para venda, e partimos.

Não vem ao caso narrar nossa viagem, que foi longa e cheia de peripécias; não mantive um diário, como também não o fez meu marido; tudo o que posso dizer é que foi uma travessia terrível, marcada por duas pavorosas tormentas e por um incidente ainda pior – refiro-me a um ataque de piratas que subiram a bordo e se apossaram de quase todos os nossos bens e, o que teria sido para mim o mais grave dos males, sequestraram meu marido para levá-lo consigo; diante de nossas súplicas concordaram em soltá-lo, e depois de todos esses sustos chegamos ao rio York, na Virgínia, e a nossas *plantations*, onde fomos acolhidos com toda sorte de demonstrações de carinho e afeto pela mãe de meu marido.

Passamos a morar ali todos juntos, pois minha sogra permaneceu na casa, a pedido

meu – era pessoa bondosa demais para nos separarmos dela; meu marido continuou a ser o mesmo de sempre, e eu me considerava a pessoa mais feliz do mundo, até que, de um momento para outro, um fato estranho e surpreendente pôs fim a essa felicidade e fez com que minha situação se tornasse a mais intolerável, se não a mais miseranda do mundo.

Minha sogra era uma anciã alegríssima e jovial; posso chamá-la de anciã porque o filho já passava dos trinta: muito simpática, boa companhia, costumava me entreter com um sem-número de casos sobre o país e sua gente.

Por exemplo, disse-me várias vezes que a maior parte dos habitantes da colônia chegava da Inglaterra em circunstâncias muito díspares; de modo geral, pertenciam a dois tipos: o primeiro eram os trazidos pelos capitães dos navios para serem vendidos como servos sob contrato – “nós os chamamos servos, minha querida, ainda que na realidade sejam escravos”, ressaltou; o segundo eram os deportados de Newgate e de outros cárceres, depois de condenados por delitos graves ou por outros crimes puníveis com a pena de morte.

“Quando eles chegam aqui”, disse ela, “não fazemos nenhuma diferença; os fazendeiros os compram e os põem a trabalhar todos juntos nos campos durante o tempo do contrato ou da pena, ao fim do qual eles são incentivados a se estabelecer por conta própria, pois o país lhes reserva certo número de terrenos que devem desmatar e preparar para o plantio, e depois cultivar fumo e cereais para seu próprio consumo, e os comerciantes e mercadores lhes fornecem, a crédito, implementos agrícolas, roupas e outros artigos, com a garantia de uma colheita que ainda está por ser feita, de forma que a cada ano plantam um pouco mais do que no ano anterior, e assim compram tudo de que precisam com a colheita vindoura.

“Por isso, filha”, continuou, “muitos delinquentes de Newgate se transformam em figurões, e temos diversos juízes de paz, oficiais de polícia e magistrados que levam na mão a marca do ferro.”

Já ia continuar quando se deteve e, com sua desenvoltura bem-humorada, me confidenciou que ela própria pertencia a esse segundo grupo dos virginianos: tendo ido muito longe numa certa história, transformou-se em delinquente, “e aqui está a marca, filha”, disse, descalçando a luva, “veja”, disse, virando a palma da mão e me mostrando o braço e a mão, muito brancos e belos, porém com a marca na palma, como era costumeiro.

A história muito me comoveu; minha sogra me disse com um sorriso, “não estranhe, filha: como lhe falei, alguns dos melhores homens deste país têm a mão queimada e não se envergonham disso – um exemplo é o prefeito ***, que foi um famoso batedor de carteiras, e também o juiz Ba***, que furtava em lojas: ambos trazem a mão marcada, e eu poderia citar muitos outros”.

Tínhamos muitas conversas dessa índole, em que ela me dava diversos exemplos semelhantes; algum tempo depois, quando estava me contando a história de um homem

que chegara deportado algumas semanas antes, pedi, prometendo-lhe segredo, que me falasse alguma coisa de sua própria história, o que ela fez com toda a franqueza e sinceridade; contou-me que se cercara de péssimas companhias em Londres, em sua juventude, pois com frequência sua mãe lhe pedia que levasse provisões e outros socorros a uma parenta sua que, encarcerada em Newgate, se achava em condições desafortunadas, passando fome, e essa mulher foi condenada à morte, mas teve a pena comutada ao invocar seu estado de gravidez, morrendo tempos depois na prisão.

Nesse ponto minha sogra desfiou uma longa explanação sobre os costumes nefandos daquele lugar medonho, que por si só destruíra mais jovens do que todo o resto da cidade; “aliás, filha”, ela disse, “talvez você saiba pouco sobre esse lugar ou até nunca tenha ouvido falar dele; creia no que digo, e todos aqui sabemos disso: aquela prisão de Newgate produz mais ladrões e velhacos do que todas as quadrilhas e bandos de vilões do país, e é esse lugar maldito que fornece a metade da população desta colônia”.

Depois desses comentários, ela continuou a narrar sua própria história, tão longamente e com tal riqueza de detalhes que comecei a me enfadar; quando, porém, referiu-se a um pormenor que impôs que ela dissesse seu nome, pensei que fosse desmaiar; ela percebeu que eu passava mal e me perguntou o que tinha, e respondi que estava tão abalada pela história melancólica que vinha contando e pelas duras vicissitudes por que passara que me sentia angustiada, e pedi que a interrompesse; “por quê, querida?”, perguntou, gentil, “por que angustiar-se com esses fatos? eles se deram muito antes de seu tempo, e a mim já não causam sofrimento algum; na verdade, eu os relembro com certa satisfação, porque foram eles que me trouxeram para onde estou hoje”, e a seguir, contou que, por sorte, fora entregue a uma boa família, junto à qual se conduziu bem, tanto que, quando a dona da casa morreu, o senhor a desposou e com ela teve dois filhos, meu marido e sua irmã, e, graças a sua diligência e boa administração, depois da morte de seu marido tinha melhorado as *plantations*, levando-as ao estado em que se achavam agora, de forma que a maior parte de seu patrimônio fora criada por ela, e não pelo finado marido, uma vez que era viúva havia mais de dezesseis anos.

Escutei com pouquíssimo interesse essa parte da história, pois o que mais queria era retirar-me e dar desafogo a minha dor, o que fiz logo depois; deixo ao critério de cada pessoa avaliar a extensão do desassossego de meu espírito ao pensar que aquela mulher era, com certeza, nada menos que minha mãe, e que eu já tivera dois filhos de meu próprio irmão, com quem continuava a me deitar toda noite, e levava no ventre um terceiro.

Transformara-me agora na mulher mais desafortunada do mundo; oxalá nunca houvesse escutado tal história, e tudo estaria bem: não teria sido crime deitar-me com meu marido, já que não tinha ideia de que fosse meu parente de sangue.

Carregava tal peso no espírito que me mantinha perpetuamente desperta; revelar o segredo teria sido para mim um alívio, mas não via a que finalidade serviria; ocultá-lo, no entanto, parecia-me quase impossível; não duvidava de que acabaria falando daquilo dormindo, fazendo com que meu marido se inteirasse da verdade, quisesse eu ou não –

se eu a revelasse, o mínimo que poderia esperar seria perder meu marido, homem por demais correto e honesto para continuar a proceder como meu marido depois de saber que eu era sua irmã, e portanto eu me via no auge da perplexidade.

Deixo à consideração de quem se dispuser a tanto, avaliar os problemas que se apresentavam diante de mim; achava-me distante de meu país natal, a uma distância prodigiosa, e retornar era impraticável; vivia muito bem, ainda que agora numa situação moral intolerável; se me abrisse com minha mãe, teria sido difícil convencê-la dos detalhes, e não tinha como prová-los; por outro lado, se ela me fizesse qualquer pergunta ou nutrisse alguma dúvida, eu estaria perdida, pois a simples sugestão me separaria incontinentemente de meu marido sem convencer nem minha mãe nem a ele, que não seria mais nem marido nem irmão, e assim, entre a perplexidade de um lado e a dúvida de outro, eu me via perdida.

Nesse ínterim, como tinha absoluta certeza da veracidade dos fatos, vivia em incesto aberto e admitido, bem como em um casamento inválido, com aparência de mulher honesta; e a despeito de o aspecto ilícito da situação não me impressionar muito, o ato tinha em si algo que repugnava à natureza e fazia com que eu visse meu marido, que era isso que ele imaginava ser, até com repulsa; não obstante, depois de ponderadas reflexões decidi que era de todo necessário manter tudo às ocultas e não fazer a mais longínqua revelação, nem à mãe nem ao marido, e assim vivi por mais três anos na pior desventura imaginável; não tive outros filhos.

Durante essa época minha mãe muito amiúde contava-me velhas histórias de suas aventuras passadas, que obviamente eu não escutava com agrado, pois através delas, embora ela nunca o dissesse em termos claros, ficava para mim cristalino, juntando sua narrativa ao que eu ouvira da boca de meus primeiros tutores, que em sua mocidade ela fora prostituta e ladra; honestamente, creio que ela se arrependera com sinceridade de seus malfeitos, pois era então mulher piedosa, sóbria e religiosa.

Não importava o que ela tivesse feito em sua vida anterior, a verdade era que a minha estava muito difícil para mim, já que eu vivia, como disse, na pior espécie de pecado, e nada de bom poderia esperar daquilo, como, na realidade, nada de bom me aconteceu, e toda minha aparente prosperidade caiu por terra e acabou em miséria e ruína; passou algum tempo antes que tal sucedesse, pois, não sei por qual capricho do destino, depois disso as coisas começaram a sair mal para nós, e pior: meu marido apresentou mudanças estranhas, tornando-se intratável, ciumento e rude, e passei a me impacientar com seus modos, irracionais e injustos; a situação chegou a um ponto em que viemos a nos tratar mal um ao outro, e pedi que ele cumprisse a promessa que me fizera voluntariamente quando concordei em deixar a Inglaterra com ele, ou seja, que se eu não achasse o país de meu agrado ou não quisesse morar ali, nós voltaríamos para a Inglaterra quando eu desejasse, dando-lhe um ano de aviso para que ele organizasse seus negócios.

Como disse, reclamei o cumprimento daquela promessa e devo confessar que não o fiz nos termos mais delicados que se possam imaginar; insisti que ele me tratava mal, sem que eu divisasse causa para tanto; que eu estava distante de meus amigos e que ele

mostrava ciúme sem motivo, já que minha conduta era irrepreensível e ele não tinha razão nenhuma para assim proceder; e ademais, com meu retorno à Inglaterra, ele não teria mais motivo para duvidar de mim.

Repisei meu argumento de forma tão peremptória que não lhe deixei alternativa senão cumprir a promessa ou quebrá-la, e mesmo assim ele empregou toda a sua habilidade e utilizou a mãe e outros interpostos para me constranger a voltar atrás em minha resolução; não posso negar que a essência da questão estava em meu coração, e isso baldava seus esforços, porquanto meu coração estava distanciado dele como marido: desgostava-me a ideia de deitar-me com ele, e eu lançava mão de mil pretextos de doença ou disposição para evitar que ele me tocasse, temendo sobretudo engravidar mais uma vez, o que com certeza impediria, ou ao menos retardaria, meu retorno à Inglaterra.

Por fim deixei-o tão furioso que ele tomou uma decisão drástica e grave; resumindo, eu não voltaria para a Inglaterra, e a despeito daquela promessa que me fizera, não era razoável de minha parte impor que fosse cumprida, pois seria desastroso para seus negócios, a família seria desfeita e arruinaria sua reputação aos olhos do mundo; não podia, pois, pedir-lhe aquilo, e nenhuma mulher no mundo que prezasse a família e a prosperidade do marido insistiria em tal ideia.

Sua decisão me abateu de novo, pois ao refletir sobre a questão com calma, e ver meu marido como de fato era, um homem diligente e cuidadoso em sua tarefa principal, a de formar um patrimônio para os filhos, que nada sabia a respeito da medonha situação em que se encontrava, não pude deixar de admitir a mim mesma que minha proposta era irracional e que nenhuma mulher que prezasse o bem de sua família teria tal pensamento.

No entanto, meu desagrado era de outra natureza: eu já não o via como marido, e sim como parente próximo, o filho de minha mãe, e tomei a decisão de livrar-me dele de uma forma ou de outra, conquanto não soubesse como fazê-lo nem se seria possível.

Falam de nosso sexo, neste mundo desalmado, que quando nos fixamos numa coisa não há como dissuadir-nos; jamais deixei de pensar nos meios de fazer a viagem, e cheguei ao ponto de enfim propor a meu marido voltar sem ele, o que o indignou além de todos os limites, e ele me chamou não só de mulher ingrata como também de mãe desnaturada, e me perguntou como eu era capaz, sem ser tomada de horror, de alimentar semelhante ideia, qual seja, abandonar meus dois filhos (pois um morrerá) sem mãe, para que fossem criados por estranhos e não os visse nunca mais; é claro que se o estado de coisas fosse normal eu não faria aquilo, mas agora meu desejo real era mesmo não vê-los, nem a meu marido, nunca mais, e quanto à acusação de ser mãe desnaturada, podia facilmente dar uma resposta a mim mesma, pois sabia o quanto aquele parentesco era antinatural no grau mais elevado.

Era evidente que não convenceria meu marido a nada; não queria ir comigo, não me permitia viajar sozinha e eu não poderia partir sem seu consentimento, como muito bem sabe qualquer pessoa que conheça as leis do país onde estávamos; tivemos muitas discussões sobre o assunto, que com o tempo ganharam um tom perigoso – como eu me sentia por completo distanciado de meu marido, como ainda o chamava, do ponto de

vista afetivo, passei a não medir as palavras, e às vezes usava uma linguagem que o indignava: em suma, tentava tudo que podia para induzi-lo a se separar de mim, que era o que eu mais desejava no mundo.

Ele reagiu muito mal a meu comportamento, e na verdade teve boas razões para tanto, pois passei a me recusar a deitar com ele; e como esticava ao máximo a corda em todas as ocasiões, um dia ele me disse que eu estava louca e que, se não mudasse de proceder, providenciaria para que eu fosse assistida, isto é, seria internada num hospício; respondi que ele se daria conta de que eu estava longe de ser louca e que não estava em seu poder, ou de quaisquer outros vilões, assassinar-me; confesso que, ao mesmo tempo, fiquei bastante assustada com sua ameaça de internar-me num hospício, pois isso destruiria por completo a possibilidade de contar a verdade se surgisse oportunidade para tanto, já que nessas condições ninguém me daria crédito.

Por conseguinte, fosse qual fosse o resultado, tomei a resolução de expor toda a situação; como fazê-lo ou a quem falar constituíam para mim problemas irremediáveis, e destarte muitos outros meses se passaram sem que eu tomasse uma decisão; nesse meio-tempo, tive com meu marido outra briga que chegou a tal extremo que quase me fez lançar-lhe a verdade em rosto; embora tentasse não descer a detalhes, o que falei bastou para que ele caísse em extrema desorientação, e por fim toda a história veio à tona.

Ele havia começado queixando-se, com toda a calma, de meu desejo de voltar para a Inglaterra, e eu defendi minha posição, e como uma palavra puxa outra, o que acontece em todos os litúrgios familiares, ele me disse que eu o tratava como se ele não fosse meu marido e falava de meus filhos como se não fosse a mãe deles, e não merecia, portanto, ser considerada uma esposa; disse ainda que havia empregado comigo todos os meios pacíficos, argumentando com toda a gentileza e a serenidade que cabiam a um marido e um cristão, mas eu lhe respondera de forma rude, tratando-o como se ele fosse um cachorro, e não um homem, ou melhor, como o mais desprezível estranho e não como um marido; concluiu dizendo que lhe repugnava muito usar de violência comigo, não obstante via-se obrigado a fazê-lo agora, e que no futuro teria de tomar as medidas necessárias para que eu assumisse os deveres de esposa.

Meu sangue já então efervescia ao grau máximo, mesmo sabendo que ele dissera coisas verdadeiras e apropriadas, e respondi que eu desprezava tanto seus meios pacíficos quanto os violentos; que, quanto a meu retorno à Inglaterra, estava decidida, fosse qual fosse o resultado; e que, quanto a não tratá-lo como marido e não me portar como mãe para meus filhos, poderia haver nisso algo além do que ele sabia, mas que, para ele pensar melhor, julgava conveniente dizer que nem ele era legalmente meu marido, nem meus filhos eram legítimos, e que eu tinha minhas razões para não demonstrar maior consideração pelo pai ou pelos filhos.

Confesso que, ao dizer essas coisas, tive pena dele – ficou pálido como a morte e emudeceu como se tivesse sido atingido por um raio, e por uma ou duas vezes pensei que fosse desmaiar, ou seja, minhas palavras quase o levaram a uma apoplexia: ele tremia, suor ou lágrimas lhe corriam pelas faces, e no entanto estava frio como o mármore, tanto

que me senti constrangida a correr para lhe servir um cordial que o reanimasse; quando se recobrou, passou mal e vomitou; logo depois se meteu na cama e na manhã seguinte acordou com o mesmo febrão que durara toda a noite.

Mas ele se recuperou, ainda que lentamente, e quando se sentiu um pouco melhor disse que minhas palavras o tinham prostrado com uma ferida mortal e que só tinha uma pergunta a me fazer antes de pedir uma explicação, então eu o interrompi dizendo que lamentava ter ido tão longe, pois percebi o grande transtorno que lhe provocara, mas que gostaria que ele não falasse de explicações, que só serviriam para piorar as coisas.

Tais palavras agravaram sua impaciência e, na verdade, o perturbaram ao extremo, pois começou a suspeitar que havia algum segredo de cujos pormenores não tinha a mais longínqua ideia; tudo o que passava por seu cérebro é que eu tivesse um outro marido vivo – o que na realidade eu não poderia dizer que fosse uma inverdade, mas assegurei-lhe que não se tratava de algo assim; na verdade, de acordo com a lei, meu outro marido estava morto para mim, e além do mais ele me dissera que o considerasse como tal, de forma que por esse lado eu me sentia absolutamente tranquila.

Percebia que a história tinha chegado longe demais para que eu continuasse a ocultá-la, e para grande satisfação minha foi meu próprio marido que me deu a oportunidade de livrar-me daquele segredo; ele estivera insistindo, durante três ou quatro semanas, que lhe dissesse se eu pronunciara aquelas palavras somente num arroubo de cólera, para fazer com que também ele se encolerizasse, ou se nelas havia algum fundo de verdade; mantive-me inflexível, obstinada em nada explicar a menos que ele consentisse em minha volta para a Inglaterra, o que ele disse que jamais faria enquanto vivesse, e eu respondi que estava em meu poder, quando bem quisesse, fazê-lo concordar com meu desejo, ou melhor, fazer com que ele implorasse que eu partisse, e isso aumentou ainda mais sua curiosidade e levou-o a me importunar dia e noite com indagações, sem que eu arredasse pé da decisão de nada mais acrescentar.

Por fim ele contou toda essa história à mãe e encarregou-a de me arrancar o segredo, o que, na verdade, ela procurou fazer lançando mão de toda a sua habilidade; logo a fiz calar-se dizendo que a razão e todo o mistério daquilo estavam nela mesma, que era exatamente meu respeito por ela que silenciava minha boca e que, portanto, eu lhe rogava que não insistisse.

Essa insinuação deixou-a muda, sem saber o que dizer ou pensar, mas, pondo de lado a suspeita de que minha resposta não passasse de um estratagema, continuou a martelar-me os ouvidos em nome do filho, a fim de reparar, se possível, a desavença que se interpusera entre nós; quanto a isso, eu disse que embora meritória sua intenção era impraticável, e que, se eu revelasse a verdade sobre o que ela desejava, ela mesma admitiria que era impossível e deixaria de desejá-lo, e por fim simulei ser vencida por sua insistência e disse que ousaria confiar-lhe um segredo da maior importância, e que daí a instantes ela entenderia todo o meu proceder; só me disporia a abrir a alma se me promettesse solenemente não pôr o filho a par do que eu lhe diria, a menos que eu lhe desse consentimento para tal.

Ela relutou em fazer a promessa, mas para não ser excluída do grande segredo acabou por concordar, e depois de longos preâmbulos comecei a contar-lhe toda a história; antes de tudo expliquei em que medida ela havia dado origem ao doloroso desconcerto entre mim e seu filho, ao contar-me sua própria história e o nome pelo qual era conhecida em Londres, e recordei-lhe a perplexidade que, como ela vira, essa revelação provocara em mim; em seguida, contei minha própria história, revelei meu nome e afiançei-lhe, por muitas razões que não podiam ser negadas, que eu era, nem mais nem menos, sua própria filha, que ela dera à luz no cárcere de Newgate, a filha que a salvara do patíbulo por estar em seu ventre, a filha que ela deixara em mãos de tais e tais ao ser deportada.

É impossível expressar sua perturbação diante de minhas revelações; não se dispunha a acreditar em minha história ou a recordar os pormenores, pois deu-se conta, num instante, dos contratempos que aquilo traria para a família; tudo se encaixava tão bem com os fatos que ela me contara a seu respeito, fatos que, se não tivesse sido ela própria a narradora, de bom grado teria negado agora, que, sem dizer palavra e sem nenhum outro gesto, abraçou-me, beijou-me e rompeu num pranto desconsolado; por algum tempo, nem eu nem ela dissemos uma só palavra; por fim ela exclamou, “desditosa criatura! que destino mal-afortunado e cruel a trouxe até aqui? e para os braços de meu filho! que funesta desgraça! oh, estamos todos perdidos! casada com o próprio irmão! três filhos, e dois vivos, todos do mesmo sangue, da mesma carne! meu filho e minha filha deitando-se como marido e mulher! perdição e destruição para todo o sempre! ah, desventurada família! que será de nós? que diremos? que havemos de fazer?”, e assim ela continuou a lamentar-se por muito tempo; quanto a mim, não me acudiam forças para falar; se as tivesse não saberia o que dizer, porque cada palavra me feria na alma; separamo-nos assombradas – minha mãe mais pasma do que eu, pois a novidade era maior para ela que para mim; contudo, ao sair reafirmou a promessa de que nada diria ao filho até nos falarmos daquilo outra vez.

Como podem imaginar, não demorou muito para termos uma segunda conversa sobre o assunto; como se ansiasse por esquecer a história que ela mesma me contara ou imaginasse que eu olvidara alguns de seus detalhes, pôs-se a recontá-la com mudanças e omissões, mas eu lhe refrescava a memória, retificando muitas coisas que ela parecia ter esquecido, e reconstitui a história inteira com tal precisão que lhe foi impossível afastar-se dela; ela então voltou a suas lamentações e clamores, imprecando contra a magnitude de seus infortúnios, e quando se acalmou um pouco começamos a debater sobre o que deveríamos fazer em primeiro lugar, antes de pormos meu marido ao corrente da verdade; no entanto de que nos valiam todas as nossas conversas? nenhuma de nós discernia uma forma de fazê-lo, nem sequer decidíamos se seria prudente abrir-lhe os olhos para semelhante quadro, não havia como prever ou adivinhar qual seria sua reação ou que medidas ele tomaria – se ele perdesse o governo a ponto de tornar pública a situação era fácil antever que isso representaria a destruição de toda a família e a mais completa desmoralização de minha mãe e de minha pessoa; e se por fim ele tirasse proveito da vantagem que a lei lhe concedia, poderia mandar-me embora e deixar que eu

reclamasse judicialmente o pequeno dote que lhe dera e, quiçá, gastá-lo todo na demanda e ser reduzida à mendicância; e as crianças também estariam arruinadas, sem nenhum direito legal aos bens do pai; talvez eu o visse, nada mais que meses depois, nos braços de outra mulher, e seria a criatura mais infeliz do mundo.

Tanto quanto eu, minha mãe se dava conta disso – em suma, não sabíamos o que fazer; então, passado algum tempo chegamos a decisões mais serenas, mas por infelicidade a opinião de minha mãe e a minha discrepavam bastante e, na verdade, eram antagônicas: no entender de minha mãe, eu devia sepultar o assunto e continuar vivendo com meu marido até que algum outro acontecimento facilitasse a revelação da verdade; nesse ínterim, ela tentaria nos reconciliar e restabelecer nosso mútuo bem-estar e a paz na família, eu voltaria a me deitar com ele como antes e tudo permaneceria em segredo, como numa tumba, “porque, filha”, disse ela, “se isso vem à tona, estamos ambas perdidas”.

Para persuadir-me, prometeu melhorar minha situação econômica no que pudesse e, quando de sua morte, deixar-me-ia alguns bens, à parte daqueles que legaria ao filho, de modo que, se um dia aquilo viesse à luz, eu não ficaria na miséria, sendo capaz de me manter e procurar que ele me fizesse justiça.

Essa proposta não condizia em absoluto com meu modo de ver a situação, mesmo que fosse muito justa e generosa da parte de minha mãe, pois minhas ideias seguiam um caminho bem diferente.

Quanto a nós duas guardarmos segredo sobre aquilo e deixar as coisas como estavam, disse que era impossível e perguntei como era capaz de imaginar que eu aceitasse a ideia de deitar-me com meu irmão; disse que o fato de ela estar viva constituía o único testemunho a comprovar a revelação, uma vez que, se ela me reconhecia como filha e dizia que tinha razões suficientes para tanto, ninguém duvidaria de mim; se ela viesse a morrer antes da revelação, eu seria considerada uma descarada que tinha inventado tal enredo para afastar-me de meu marido, ou seria considerada louca e delirante; falei então do medo que sentira quando ele ameaçara internar-me num hospício, e expliquei que fora tal ameaça que me abria os olhos para a necessidade de expor tudo a ela, como fizera.

Por tudo isso, disse-lhe que, depois de ter refletido da forma mais séria possível, tinha chegado à seguinte conclusão, que esperava que lhe agradasse, por ser uma saída intermediária entre nossos dois pontos de vista: ela se empenharia junto ao filho para que ele me permitisse retornar à Inglaterra, como era meu desejo, e me fornecesse um capital adequado, em mercadorias que eu levaria comigo ou em dinheiro vivo, para que eu pudesse me manter lá, dando-lhe sempre a entender que, mais cedo ou mais tarde, talvez lhe parecesse conveniente ir ao meu encontro.

Propus-lhe ainda que, depois que eu embarcasse, ela – com sangue-frio e após fazer que o filho promettesse da forma mais solene possível guardar segredo – revelasse a verdade a ele, e ela o faria aos poucos, como lhe ditasse a discrição, para que o espanto dele não fosse grande demais e o levasse a uma crise de cólera contra mim ou contra a mãe; ademais, ela se empenharia em que ele não menosprezasse os filhos ou se casasse de

novo, a menos que recebesse notícias irrefutáveis de que eu morreria.

Esse era meu plano, e meus motivos eram bons; devido ao ocorrido, eu estava agora completamente distanciada dele, e na realidade o repelia como marido e seria impossível livrar-me da entranhada aversão que lhe tinha; ao mesmo tempo, aquela coabitação incestuosa e ilícita só acentuava tal animadversão, e embora aquilo não me abalasse muito do ponto de vista moral, colaborava para tornar aquele convívio a coisa que mais me repugnava no mundo; creio ter chegado a um ponto em que teria preferido abraçar um cachorro a permitir que ele tivesse comigo qualquer intimidade desse gênero, motivo pelo qual não suportava a ideia de me meter sob os lençóis com ele; não posso dizer que eu tivesse razão, do ponto de vista da conveniência política, ao levar as coisas a esse ponto, ao mesmo tempo que não me dispunha a dizer a verdade, mas estou narrando o que aconteceu e não o que devia ou não ter acontecido.

Minha mãe e eu continuamos a defender nossos diferentes pontos de vista por muito tempo, e era impossível conciliá-los; tivemos muitas discussões, e nenhuma de nós abandonava seu parecer nem convencia a outra; enquanto eu repisava minha aversão a deitar-me com meu próprio irmão, ela reiterava a impossibilidade de convencê-lo a permitir minha viagem para a Inglaterra, e nesse impasse permanecemos, não a ponto de brigarmos, mas sem logarmos decidir o que faríamos para transpor o formidável abismo que se abria diante de nós.

Por fim, optei por um recurso desesperado e disse a minha mãe que tomara uma resolução, a de que eu mesma lhe diria a verdade; ela ficou assustadíssima com a ideia, mas eu a acalmei dizendo que procederia de forma paulatina e com jeito, com toda a astúcia e cordialidade que pudesse mobilizar e buscando o momento mais oportuno, quando ele estivesse de bom humor; e disse ainda que, se eu conseguisse ser hipócrita o suficiente para fingir mais afeto por ele do que na verdade sentia, com certeza meu plano teria êxito e poderíamos nos separar por mútuo consentimento e com um bom acordo, visto que poderia muito bem amá-lo como irmão, embora não mais o pudesse como marido.

Durante todo esse tempo ele atormentava a mãe, buscando descobrir o sentido daquelas palavras espantosas, como as qualificava, que eu lhe dissera um dia, ou seja, que nem ele era legalmente meu marido, nem meus filhos eram legítimos; a mãe o embaía, dizendo-se incapaz de extrair alguma explicação, mas que considerava que alguma coisa me perturbava muitíssimo, algo que, mais dia menos dia, ela conseguiria tirar de mim; enquanto isso não ocorria, recomendava que ele me tratasse com mais brandura e me conquistasse com seu carinho costumeiro; falou-lhe que ele me aterrorizava e assustara com suas ameaças de internar-me num hospital de alienados e aconselhou-o a não fazer com que eu me desesperasse por nenhum motivo que fosse.

Ele prometeu atenuar seu comportamento e pediu-lhe que me dissesse que me amava como sempre e que não tinha intenção alguma de mandar-me para um hospício, nem de qualquer outra coisa que tivesse dito num momento de ira; por seu turno, pediu que minha mãe usasse do mesmo poder de persuasão também comigo, de modo que nosso

amor se renovasse e voltássemos a viver, como antes, num clima de bom entendimento.

Logo pude apreciar os efeitos desse acordo: a conduta de meu marido mudou e ele passou a ser outro homem; ninguém seria mais gentil e dedicado do que ele, em todas as circunstâncias, e não tive como deixar de corresponder-lhe em certa medida, o que fiz da melhor maneira que pude, ainda que não muito bem, pois nada havia que eu temesse mais do que suas carícias, uma vez que a possibilidade de conceber um novo filho era suficiente para me lançar numa crise de nervos; e isso me inculcou a necessidade de pô-lo a par dos fatos sem mais tardança, o que fiz com toda a cautela e reserva imagináveis.

Fazia quase um mês que ele mantinha sua nova conduta e começamos a viver uma vida nova um com o outro, e se eu pudesse me satisfazer com levá-la adiante, é possível que ela prosseguisse daquela forma enquanto vivéssemos; certa noite estávamos sentados juntos sob um pequeno toldo que servia de pórtico à entrada de nossa casa, conversando amistosamente, e ele, com excelente e agradável disposição, disse frases muito gentis acerca de nosso presente acordo de bom entendimento e dos desgostos de nossas rugas passadas, e da satisfação que era para ele poder esperar que nada daquilo voltasse a acontecer.

Exalei um suspiro profundo e disse-lhe que ninguém no mundo podia sentir maior satisfação do que eu com o bom entendimento que sempre houvera entre nós ou maior desgosto com sua ruptura, e que oxalá prosseguisse a paz entre nós; só lamentava que em nosso caso houvesse uma desventurada circunstância que trazia guardada no coração e não sabia como lhe dizer, algo que me desgraçava muitíssimo e roubava-me toda a tranquilidade.

Ele insistiu para que eu lhe dissesse do que se tratava, e respondi que não sabia como fazê-lo, pois enquanto ele a ignorava, era eu a única infeliz; logo que também ele estivesse informado, seríamos dois os desafortunados, e que, portanto, mantê-lo na ignorância era a coisa mais gentil que eu podia fazer, e só por isso guardara um segredo que, mais cedo ou mais tarde, haveria de ser minha perdição.

É impossível descrever o sobressalto que ele demonstrou ao ouvir essas palavras e a redobrada insistência que usou para que eu declarasse do que se tratava; disse que eu não podia jactar-me de ser gentil com ele, e mais, eu não era nem mesmo leal se lhe ocultava esse segredo; respondi que concordava com ele, mas ainda assim resistia a revelá-lo, e ele voltou a referir-se ao que eu dissera daquela vez, repetindo que esperava que não estivesse aludindo ao que dissera numa hora de cólera, pois tomara a decisão de esquecer por completo aquelas palavras, de considerá-las desafogo de um espírito abalado; redargui que gostaria também de poder esquecer tudo, mas não havia como, pois o efeito sobre mim era profundo demais e eu não podia esquecer, era impossível.

Ele me disse então que estava resolvido a não discutir comigo por nenhum motivo, e que não insistiria mais, decidido que estava a concordar com tudo quanto eu dissesse ou fizesse; só me pediria que, fosse o que fosse, não voltasse a destruir nossa tranquilidade e recíproca confiança.

Não poderia ter-me dito nada mais exasperante, pois queria que ele continuasse a

insistir, de modo a ser convencida a desvelar aquilo que, na verdade, não queria continuar a esconder porque era como a morte para mim, por isso respondi, sinceramente, que não podia estar satisfeita por ele não persistir, muito embora não soubesse como dizer o que ele perguntava: “escute, querido”, disse, “em que condições quer que eu lhe revele esse segredo?”.

“Quaisquer condições”, respondeu, “todas as que sejam razoáveis você me pedir”; “bem”, respondi, “assine uma declaração dizendo que se você comprovar que não tenho culpa e que não causei voluntariamente a desgraça que lhe direi, você não me acusará, não me maltratará, não me insultará nem me fará sofrer por algo que não ocorreu por culpa minha”.

“Esse é o pedido mais razoável do mundo”, disse ele, “porquanto não hei de culpá-la pelo que você não tem culpa: dê-me papel, pena e tinta”, e então corri a pegar o que ele pedia, e ele escreveu a declaração com as mesmas palavras que eu usara para propô-la, e assinou com seu nome; “mais alguma condição?”, perguntou.

“A condição seguinte é que você não me acusará por não lhe ter revelado o segredo antes que eu tomasse conhecimento dele.”

“Igualmente muito justa”, disse ele, “prometo de coração”; também escreveu o termo e assinou.

“Bem, querido”, eu disse, “só tenho mais uma condição a fazer: como o fato só diz respeito a nós dois, você não o revelará a nenhuma outra pessoa no mundo, salvo sua mãe; e, qualquer que seja a decisão que tomar depois de minha revelação, uma vez que estou tão envolvida nela quanto você, inocentes nós dois, você não vai se comportar sob o impulso da emoção e nada fará que possa resultar em prejuízo para mim ou para sua mãe sem me dizer e sem ter o meu consentimento.”

Ainda que um pouco perplexo, ele escreveu as palavras com clareza e as releu antes de assinar, hesitando e repetindo, “em prejuízo para minha mãe! em prejuízo para você! que mistério pode ser esse?”, no entanto, por fim, assinou.

“Bem, querido”, eu disse, “não pedirei que declare mais nada por escrito e assinado, mas, como você está prestes a ouvir a coisa mais inesperada e surpreendente que talvez já tenha acontecido a qualquer família do mundo, peço-lhe que me prometa recebê-la com a fleugma e a fortaleza de ânimo apropriadas a um homem racional.”

“Farei o que puder”, disse ele, “com a condição de que você não se mantenha mais em suspense, porque está me aterrorizando com todos esses preâmbulos.”

“Então, muito bem”, eu disse, “trata-se do seguinte: como eu lhe disse um dia, tomada de indignação, que não estávamos casados legalmente e que nossos filhos não eram legítimos, com toda a calma e doçura, mas com enorme dor, devo dizer-lhe que sou sua irmã, você é meu irmão e nós dois somos filhos da mesma mãe, que vive ainda, reside nesta casa e está convencida de que isto é a verdade, que não pode ser negada nem contradita.”

Vi que ele empalidecia e assumia expressão de desvario, e então eu disse, “lembre-se

de sua promessa e cumpra-a com fortaleza de ânimo, pois quem poderia ter feito mais do que eu para prepará-lo?"; chamei uma criada e pedi que lhe trouxesse uma tacinha de rum, que é a bebida habitual naquela terra, porque ele parecia a ponto de desfalecer.

Quando se reanimou um pouco, eu disse, "essa história, como você pode imaginar, pede uma longa explicação, e portanto tenha paciência e concentre sua mente para ouvi-la, e eu a tornarei o mais breve que puder", e em seguida narrei-lhe os fatos que julguei necessários, e em especial como minha mãe me abria os olhos para a verdade, como relatei acima; "e agora, querido", eu disse, "você há de compreender os motivos por que impus as condições, e que nem fui eu a causadora dessa situação, nem poderia sê-lo, pois até há pouco nada sabia a respeito".

"Tenho absoluta certeza", respondeu ele; "de qualquer forma, é um terrível espanto para mim – no entanto, sei de um remédio, um remédio que porá fim a suas dificuldades, sem que você volte para a Inglaterra"; "isso me parece estranho", eu disse, "como tudo o mais"; porém ele insistiu, "não, não, eu resolverei, ninguém pode fazê-lo a não ser eu", e ao dizer essas palavras parecia um tanto quanto alterado; não inferi nada então, acreditando, como se costumava dizer, que quem faz essas coisas não fala nunca delas, e quem fala delas não as faz nunca.

As coisas ainda não haviam chegado ao pior para ele, e observei como se tornava cada vez mais cabisbaixo e melancólico; em poucas palavras, julguei-o meio perturbado da cabeça; procurei conversar para fazê-lo voltar ao normal e analisar um projeto para enfrentarmos o problema, e às vezes ele parecia bem, falando do assunto com certa coragem, mas o peso de tudo aquilo oprimia-lhe demais o espírito; para resumir, chegou a fazer duas tentativas contra a própria vida: numa delas tentou enforcar-se, e teria morrido se no momento exato a mãe não tivesse entrado em seu quarto – ajudada por um criado negro, cortou a corda e o salvou.

As coisas tinham chegado agora a uma crise lamentável; a compaixão que sentia por meu marido começou a avivar aquele afeto que de início eu nutria por ele e, com sinceridade e a conduta mais gentil que podia, esforcei-me por reparar aquela situação; seu embaraço tornara-se uma fera que lhe devorava a alma, prostrando-o numa longa e persistente consumpção que não chegava a ser mortal; naquela aflição, eu não sabia o que fazer, já que aparentemente sua vida se esvaía, e talvez eu pudesse me casar de novo lá mesmo, de forma bastante vantajosa; claro está, seria melhor para mim ficar na América, mas também a minha mente não sabia o que era descanso e estava inquieta: desejava voltar para a Inglaterra, e somente isso poderia me satisfazer.

Por fim, à força de eu muito insistir junto a ele, meu marido, cujo ânimo definhava, terminou por ceder; e como o destino me impelia, o caminho se abriu para mim e, com a ajuda de minha mãe, ganhei uma carga magnífica de mercadorias para levar para a Inglaterra.

Quando me despedi de meu irmão, pois assim me cabe chamá-lo doravante, combinamos que, depois de minha chegada à Inglaterra, ele simularia ter recebido notícias de minha morte, de modo que eu pudesse casar-se de novo se fosse esse o seu

desejo; prometeu relacionar-se comigo como um irmão, dar-me ajuda e manter-me enquanto eu fosse viva, e que se ele morresse antes de mim deixaria o suficiente para que sua mãe continuasse a cuidar de mim, na qualidade de irmã dele, e seria atencioso ao receber notícias minhas; contudo, as coisas se passaram de maneira tão estranha que mais tarde conheci o fracasso de minhas expectativas, como verão no devido tempo.

Parti para a Inglaterra no mês de agosto, depois de ter estado fora do país por oito anos, e agora me aguardava novo cenário de desventuras, que acredito talvez poucas mulheres tenham vivido outro igual.

Fizemos boa viagem, sem grandes emoções, até nos avizinharmos da costa da Inglaterra, o que aconteceu no trigésimo segundo dia; ali fomos sacudidos por duas ou três tormentas, uma das quais nos arrastou para a costa da Irlanda, e fundeamos no porto de Kinsale, onde o navio embarcou novas provisões e se deteve por cerca de treze dias, depois dos quais nos fizemos de novo ao mar, e mais uma vez encontramos mau tempo, que fez a embarcação perder seu mastro grande, como os marujos o chamavam, conquanto eu ignorasse a que se referiam; por fim chegamos a Milford Haven, no País de Gales, e agora que eu tinha posto os pés em segurança na terra firme de meu país natal, a ilha da Grã-Bretanha, e embora estivéssemos ainda distantes de nosso destino, decidi não me aventurar mais pelas águas que tanto me haviam assustado; assim levei para terra minhas roupas e meu dinheiro, junto com os papéis da carga e outros documentos, resolvida a viajar para Londres por via terrestre, deixando que o navio chegasse a seu porto como melhor pudesse: o porto de chegada era o de Bristol, onde morava o correspondente principal de meu irmão.

Depois de mais ou menos três semanas cheguei a Londres, onde logo tomei conhecimento de que o navio aportara em Bristol; ao mesmo tempo, tive a desdita de saber que, por causa do mau tempo enfrentado e da perda do mastro grande, o barco sofrera graves avarias e grande parte da carga se estragara.

Tinha agora diante de mim um novo cenário para a minha vida, e como seu aspecto parecia medonho! eu partira da América com uma espécie de adeus definitivo; a carga que trouxera comigo era deveras considerável, se houvesse chegado intata, e com sua ajuda eu poderia ter contraído um casamento bastante decoroso; entretanto, no pé em que estavam as coisas eu me achava reduzida à posse de uma quantia entre duzentas e trezentas libras ao todo, e sem esperança alguma de reposição; estava inteiramente sem amigos, nem mesmo conhecidos, uma vez que julgava peremptório não reviver as antigas relações; quanto a minha astuta amiga que no passado me pusera no caminho da fortuna, ela morrera, como também seu marido; soube da notícia ao mandar alguém colher informações.

Logo depois, a busca de minha carga de mercadorias obrigou-me a empreender uma viagem a Bristol, e enquanto cuidava desse mister permiti-me o prazer de uma visita a Bath, pois ainda me achava longe da velhice, e meu espírito, que sempre fora folgazão, continuava assim ao extremo; e sendo agora, por assim dizer, mulher da fortuna, ainda que fosse sem fortuna, esperava que acontecesse em meu caminho uma coisa ou outra

que remediasse minha situação, como já acontecera antes.

Bath é um lugar mundano, caro e cheio de armadilhas; na verdade, fui para lá disposta a pegar o que me fosse oferecido, mas uma coisa devo dizer a bem da justiça: não pensava em nada de mau, não tinha outras intenções senão as mais honestas, tampouco nutria pensamentos que apontassem para o caminho pelo qual logo me deixei ser conduzida.

Ali permaneci durante todo o fim da temporada, como chamam o período, e fiz algumas más amizades, que mais me induziram às loucuras em que me precipitei, em vez de me fortalecer contra elas; levei uma vida bastante prazerosa, ou seja, convivi com pessoas alegres e elegantes, mas senti-me desalentada ao dar-me conta de que aquele modo de viver era-me ruinoso e que, como carecia de renda regular, gastar o capital era um atalho para dessangrar até a morte, e isso me inspirou muitas reflexões tristes nos intervalos entre outros pensamentos; não obstante, eu os afastava do espírito e continuava a iludir-me com a ideia de que haveria de aparecer alguma coisa vantajosa para mim.

Contudo, para tanto eu estava no lugar errado – não me achava em Redriff, onde, se me houvesse estabelecido de maneira digna, algum capitão da Marinha poderia ter vindo falar comigo com sérias intenções matrimoniais: estava em Bath, onde por vezes os homens conseguem amante, mas raramente buscam esposa, e, portanto, todos os relacionamentos pessoais que uma mulher pode esperar fazer ali apontam claramente para aquela direção.

Passara o começo da temporada bastante bem, pois embora houvesse travado certa amizade com um cavalheiro que frequentava Bath para se distrair, não havia estabelecido com ele um relacionamento ilícito, por assim dizer; resistira a algumas propostas galantes ocasionais e me portara de forma bastante correta; não era tão degenerada que descambasse para o crime apenas por vício, nem me tinham sido feitas propostas tão extraordinárias que me tentassem com o que eu mais precisava.

Nesse começo de temporada, fiz amizade com a mulher em cuja casa eu estava hospedada – conquanto ela não mantivesse uma casa de má fama, como as chamamos, de forma alguma era modelo de bons princípios; eu sempre me comportara em todas as ocasiões de modo a não dar motivo para ver minha reputação maculada, e todos os homens com quem havia falado gozavam de tão bom nome que conversar com eles não dava ensejo a censura alguma, e nenhum deles parecia pensar que haveria oportunidade para propor um relacionamento desonroso; todavia, havia um cavalheiro, como já disse, que sempre escolhia a mim pelo prazer de minha companhia, que ele julgava, como se comprazia em dizer, agradabilíssima, mas naquela época nada mais havia entre nós.

Passsei em Bath muitas horas tristonhas depois que meus conhecidos se foram; mesmo viajando a Bristol de vez em quando para cuidar de meus haveres e recolher o dinheiro, escolhi Bath para residir: além de manter boas relações com a mulher em cuja casa eu me alojara no verão, percebi que morar ali custava-me menos, no inverno, do que em qualquer outro lugar; ali, repito, atravesssei um inverno tão triste quanto o outono fora risonho, mas, estreitando a intimidade com a mulher que me hospedava, não pude

evitar contar-lhe parte do que mais me pesava no espírito e, em especial, a carestia de minha situação e a perda de minha fortuna devido aos danos sofridos no mar por minhas mercadorias; disse-lhe também que tinha mãe e irmão na Virgínia em boa posição, e que na verdade havia escrito a minha mãe para inteirá-la de minha situação e do grave prejuízo que sofrera, que ascendia a quase quinhentas libras; não poupei minha nova amiga da informação de que esperava receber um envio de recursos da colônia, o que era verdade; e como os navios em geral faziam a rota de ida e volta entre Bristol e o rio York, na Virgínia, em menos tempo que os barcos que partiam de Londres, e como o principal correspondente de meu irmão morava em Bristol, eu julgava muito melhor esperar ali a resposta em vez de ir a Londres, onde, ademais, não conhecia ninguém.

Minha nova amiga mostrou-se vivamente comovida com minha situação, e na verdade foi gentil a ponto de reduzir a mensalidade da pensão a uma cifra tão baixa, durante o inverno, que considerei que não levava lucro algum com hospedar-me; com relação ao alojamento, não paguei absolutamente nada no inverno.

Chegada a temporada de primavera, ela seguiu cumulando-me de gentilezas o quanto pôde, e continuei a me hospedar lá por algum tempo, até tornar-se necessário que eu procedesse de outra forma; algumas pessoas de alto coturno costumavam hospedar-se em sua casa, e em particular o cavalheiro que, como já disse, escolhera a mim para companhia no ano anterior; ele retornou, com outro cavalheiro e dois criados, e se hospedou na mesma casa; suspeitei que minha senhoria o convidara, dizendo-lhe que eu ainda estava com ela, mas ela o negou, assegurando-me que não fizera nada disso, e o mesmo afirmou ele.

Numa palavra, esse homem continuou a me escolher para fazer confidências e para conversar; era um perfeito cavalheiro, cumpre-me reconhecer, e sua companhia era-me agradável, tanto quanto, a lhe dar crédito, era a minha para ele; não me fez declaração alguma, salvo de extraordinário respeito, e tinha minha virtude em tão alta conta que, como comentava amiúde, acreditava que se me fizesse propostas de outro gênero eu o teria rejeitado com desdém; logo soube, por mim, que eu era viúva, que chegara a Bristol, da Virgínia, num dos últimos navios, e que aguardava em Bath o próximo navio da frota da Virgínia, pelo qual esperava receber consideráveis haveres; e eu soube por ele, e por outras pessoas que dele me falaram, que era casado, mas que sua mulher sofria das faculdades mentais e achava-se entregue aos cuidados de parentes, solução que ele aprovava para evitar críticas que pudessem recair sobre si (o que não é raro em tais casos), no sentido de descurar de seu tratamento; por isso habituara-se a frequentar Bath a fim de afastar do espírito a melancolia dessa triste situação.

Minha senhoria, que incentivava em todas as ocasiões nosso relacionamento, fez-me um retrato assaz lisonjeiro de seu caráter, descrevendo-o como homem honrado e virtuoso, além de riquíssimo, e eu tinha carradas de razões para dele dizer o mesmo, pois ainda que estivéssemos alojados no mesmo pavimento, e ele houvesse várias vezes entrado em meu quarto, mesmo estando eu na cama, e também eu entrasse no dele, quando estava deitado, nunca foi além de dar-me um beijo nem pretendeu nada de mim até depois de

passado muito tempo, como haverão de saber.

Com frequência eu tecia comentários junto a minha senhoria sobre a notável conduta daquele senhor, e ela costumava responder que, em sua opinião, no começo as coisas se desenrolam desse jeito; dizia também que eu tinha o direito de esperar dele recompensa pela companhia que lhe fazia, pois, com efeito, ele se assenhorara de mim, por assim dizer, e raramente eu me via distante dele; respondi que até então não lhe dera nenhum motivo para pensar que desejava tal recompensa ou que a aceitaria se fosse feita, e ela me disse que se encarregaria disso e foi o que fez, procedendo com enorme habilidade, já que na primeira vez em que ele e eu estivemos juntos a sós, depois que ela lhe falou, ele começou a procurar saber um pouco a respeito de minhas condições e sobre como eu me mantinha desde que havia desembarcado no país: por acaso eu precisava de dinheiro? respondi com firmeza que, embora boa parte de minha carga de fumo tivesse sofrido avarias, nem tudo se perdera – o comerciante que cuidava de meus interesses se houvera com tanta lisura que nada me faltara e, mantendo um padrão de vida frugal, esperava que o que eu tinha durasse até eu receber novos carregamentos, o que confiava aconteceria com a chegada do próximo navio; nesse ínterim, havia reduzido minhas despesas, e enquanto na temporada passada dispunha de uma criada, agora a dispensara; e disse ainda que enquanto naquela oportunidade eu tinha, como ele sabia, um quarto e uma sala de jantar no primeiro pavimento, agora alugava apenas um quarto, subindo dois lances de escadas, e assim por diante; “estou tão satisfeita agora quanto antes”, disse, acrescentando que sua companhia contribuía em muito para que minha vida fosse mais alegre do que teria sido, pelo que eu me sentia muito grata, e naquele momento afastei qualquer possibilidade de que ele me fizesse alguma proposta; contudo, não tardou para que ele voltasse à carga, dizendo-me que eu parecia relutante em lhe confiar a realidade de minhas condições, o que lhe doía, e garantiu-me que procurava conhecer minha situação não para satisfazer sua curiosidade, porém movido pelo desejo de ajudar-me, se para isso houvesse ocasião, mas já que eu não queria admitir que necessitava de ajuda, só lhe restava pedir-me uma coisa: a promessa de que, se um dia eu me visse em agruras pecuniárias ou quase, não deixasse de lhe falar com franqueza e recorresse a ele com a mesma liberdade com que ele me fazia tal oferta, acrescentando que eu sempre encontraria nele um amigo sincero, conquanto talvez temesse confiar nele.

Nada omiti do que é correto a uma pessoa dizer ao se sentir infinitamente grata, para fazer-lhe saber que eu tinha uma compreensão exata de sua bondade; na verdade, a partir daí deixei de ser tão reservada com ele como fora até aquele momento, embora ambos nos ativessemos aos limites da mais rigorosa virtude; por mais livres que fossem nossas conversas, não me dispunha a tomar aquela liberdade que ele desejava, a saber, dizer que precisava de dinheiro, ainda que em meu foro íntimo estivesse muito feliz com seu oferecimento.

Passaram-se semanas sem que eu pedisse dinheiro algum, e então, quando minha senhoria, astuciosa criatura, que sempre me recomendava que o fizesse mas descobrira que eu não o fazia, maquinou uma história de sua própria invenção e entrou de supetão

em meu quarto quando estávamos juntos – “olá, viúva”, foi dizendo, “trago-lhe más notícias esta manhã”; perguntei, “que foi? os franceses aprisionaram os navios da Virgínia?”; na verdade, era o que eu mais temia; “não, não”, respondeu ela, “o homem que você mandou a Bristol ontem para pegar dinheiro voltou e disse que nada trouxe”.

Ora, eu não podia de forma alguma aprovar seu ardil e considerei que ela usava de muita desfaçatez para forçá-lo a intervir, o que não era necessário, e percebi com clareza que nada tinha a perder mantendo a relutância em pedir, de modo que a cortei de chofre: “não imagino por que ele lhe disse isso, pois garanto que me trouxe o dinheiro que pedi, e que aqui está”, respondi, mostrando minha bolsa, onde havia doze guinéus, e acrescentei, “aliás, pedi esse dinheiro para lhe dar, daqui a pouco, a maior parte dele”.

Ele pareceu um tanto contrafeito, tal como eu, quando ela falou daquele jeito, decerto por julgá-la meio atrevida, como eu imaginara que ele reagiria, mas ao escutar minha resposta voltou imediatamente a ser o mesmo de sempre; na manhã seguinte, quando tornamos a falar do assunto, pude ver que estava plenamente satisfeito, pois, sorrindo, disse que esperava que se eu precisasse de dinheiro eu lhe dissesse, pois fora essa a minha promessa; eu disse que me sentira muito contrariada com o fato de minha senhoria ter falado de maneira tão aberta, na véspera, de um assunto que não lhe dizia respeito, mas que eu deduzira que ela queria o que eu lhe devia, cerca de oito guinéus, que havia decidido pagar-lhe, e realmente lhe pagara no mesmo dia em que ela falara de forma tão insensata.

Ele se mostrou de ótimo humor ao ouvir-me dizer que pagara a minha senhoria e pôs-se a falar de outra coisa; na manhã seguinte, ao perceber que me levantara antes dele, chamou-me e, quando respondi, pediu-me que fosse a seu quarto; estava deitado quando entrei e indicou-me que me aproximasse e sentasse na beira de sua cama, pois tinha a dizer algo de certa importância; disse algumas frases gentis e perguntou-me se estava disposta a usar de muita sinceridade com ele e dar-lhe uma resposta franca à única coisa que desejava de mim; eu, depois de objetar um pouco à palavra sinceridade e perguntar quando eu lhe dera alguma resposta que não fosse sincera, prometi o que pedia; nesse caso, disse ele, seu pedido era que eu lhe permitisse ver minha bolsa; meti a mão no bolso de imediato e, rindo, expus-lhe a bolsa, que continha três guinéus e meio; a seguir, ele perguntou se aquilo era todo o dinheiro de que dispunha e respondi que não, ainda rindo, embora não fosse muito mais.

Pedi-me então que lhe promettesse que buscaria todo o dinheiro que eu tivesse, até o último pêni; concordei e fui a meu quarto, voltando com uma caixinha com mais seis guinéus e um pouco de prata e joguei tudo sobre sua cama, dizendo que era toda a minha riqueza, até o último xelim; ele olhou para o dinheiro, não o contou, repôs tudo na caixinha e, enfiando a mão no bolso, pegou uma chave e me disse para abrir um escrínio de nogueira que estava sobre a mesa e puxar certa gaveta, o que fiz; havia naquela gaveta grande quantidade de moedas de ouro, creio que em torno de duzentos guinéus, não sei ao certo; ele segurou a gaveta e, tomando-me a mão, obrigou-me a metê-la em seu interior e pegar uma mancheia; resisti, mas ele agarrou-me a mão com força, levou-a à gaveta e me

fez apanhar um grande número de moedas, quase tantas quantas me enchiam a mão; depois, fez com que eu as pusesse no regaço, pegou minha caixinha, juntou todo o meu dinheiro com o seu e me disse que guardasse tudo em segurança em meu quarto.

Se conto essa história com tantos detalhes é por causa de seu lado alegre e para dar uma ideia da índole de nossas conversas; não muito tempo depois, ele passou a criticar, todos os dias, meus vestidos, minhas rendas e meus chapéus: em suma, encorajou-me a comprar artigos de melhor qualidade, o que, aliás, eu estava mais que disposta a fazer, pois não havia no mundo coisa que mais me agradasse do que belas roupas; disse-lhe que precisava poupar o dinheiro que ele me emprestara, pois de outra forma não teria como reembolsá-lo; ele me respondeu em poucas palavras que, como tinha por mim um respeito sincero e estava a par de minha situação, não me emprestara o dinheiro, e sim o dera, e em sua opinião eu o merecera, com a companhia que lhe fizera; depois, fez-me contratar uma camareira que administrasse a casa e, como o amigo que o acompanhara a Bath já se fora, quis que eu preparasse para ele as refeições, o que fiz de bom grado, persuadida, como deveras estava, de que nada tinha a perder, e que também a dona da casa não deixaria de notar que lucrava com isso.

Vivíamos assim havia quase três meses quando as pessoas começaram a deixar Bath; ele falou de partir também e manifestou o desejo de que eu fosse com ele para Londres – essa proposta não me entusiasmou muito, uma vez que não sabia em que situação eu estaria lá, nem como ele me trataria; enquanto eu refletia, ele contraiu uma doença grave; tinha ido a um lugar em Somersetshire chamado Shepton, onde mantinha alguns negócios, e ali adoeceu; como seu estado o impedia de viajar, mandou seu criado a Bath para pedir-me que alugasse um coche e fosse ter com ele; antes de viajar, ele deixara comigo todo o seu dinheiro e outros valores e eu não sabia o que fazer com aquilo; guardei tudo da melhor maneira possível, paguei as contas e fui vê-lo, achando-o realmente muito mal; consegui, enfim, convencê-lo a ser transportado de liteira para Bath, onde teria maiores cuidados e melhor tratamento.

Ele concordou e levei-o para Bath, que, se bem me lembro, ficava a cerca de vinte e cinco quilômetros dali; continuou com febre alta e teve de guardar o leito durante cinco semanas, tempo em que lhe servi de enfermeira e assistente, com tanto esmero como se fosse sua mulher; na verdade, se fosse sua mulher não poderia ter feito mais: velei por ele tanto e durante tanto tempo que por fim ele não me permitiu que eu o velasse mais, e assim levei um catre para seu quarto e passei a dormir ao pé da cama dele.

Estava muito aflita com seu estado e temerosa de perder um bom amigo como ele era e poderia continuar a ser, e muitas horas passei a seu lado, banhada em lágrimas; por fim ele começou a melhorar e deu esperanças de que se recuperaria, o que de fato aconteceu, ainda que com muita lentidão.

Se o que direi agora não fosse verdade, não relutaria em confessá-lo, como creio que já demonstrei em outros episódios que relato; contudo, afirmo que durante todo o tempo em que estivemos juntos, à parte a liberdade de entrar no quarto quando ele ou eu estávamos deitados, e à parte os cuidados necessários para assisti-lo, dia e noite, durante a

enfermidade, não houve entre nós nenhuma palavra, nenhum gesto que ferisse a pudicícia; quem dera tivesse sido assim até o fim!

Passado algum tempo, ele recuperou as forças e foi melhorando aos poucos, e fiz menção de tirar meu catre do quarto; ele não permitiu que eu o fizesse até poder cuidar de si mesmo sem ajuda alheia, e só então pude voltar para meu próprio quarto.

Ele aproveitava todos os ensejos para expressar sua gratidão pelo afeto e pelas atenções que lhe dispensara e, quando se recuperou de todo, deu-me de presente cinquenta guinéus, em paga de minha assistência e, como disse, pelo fato de eu ter arriscado minha vida para salvar a dele.

Então fez solenes declarações de afeição sincera e inabalável por mim, sempre ressaltando que tal afeto era acompanhado do máximo respeito por minha honra e pela sua, e assegurei-lhe que tal reserva me satisfazia deveras; chegou ao ponto de dizer que, se estivesse nu na cama comigo, teria respeitado do modo mais sagrado minha virtude, bem como me defenderia contra quem quer que ousasse atacar-me; acreditei nele e lhe disse, mas ele não se satisfiz e acrescentou que esperaria uma oportunidade para poder prová-lo de forma incontestável.

Tempos depois, precisei ir a Bristol cuidar de alguns negócios; nessa ocasião ele alugou-me uma carruagem e se ofereceu para me acompanhar, o que fez, e assim nossa intimidade aumentou; de Bristol, levou-me a Gloucester, o que foi apenas um passeio para mudarmos de ares, e ali quis o destino que não houvesse na pousada mais que um quarto grande com duas camas; ao nos mostrar o quarto, o estalajadeiro disse com franqueza, “senhor, não me cabe indagar se essa senhora é sua esposa ou não; caso não seja, ambos poderão dormir nessas duas camas com a mesma honestidade que se dormissem em dois quartos separados” – e dito isso puxou uma pesada cortina que atravessava toda a peça e, efetivamente, dividia as camas; “bem”, apressou-se a dizer meu amigo, “nós nos arranjaremos com essas camas, e, de resto, somos parentes muito próximos, podemos dormir assim, um perto do outro”; e essas palavras conferiram um aspecto de decência à coisa; quando fomos dormir, ele teve o cuidado de sair do quarto até eu me deitar, e depois foi deitar-se em sua parte do aposento, mas passou muito tempo falando comigo.

Por fim, repetindo o que costumava dizer, que poderia deitar-se nu comigo sem me fazer a menor ofensa, saltou da cama, “e agora, querida”, disse, “você verá como posso cumprir minha palavra”, e deitou-se a meu lado.

Resisti um pouco, mas devo confessar que não teria resistido muito mesmo que ele não tivesse feito aquela promessa, de modo que depois de breve luta, como já disse, aquietei-me e consenti que ele se deitasse em minha cama; uma vez ali, tomou-me nos braços, e assim estive a noite toda com ele, que não pronunciou palavra nem fez outra coisa senão, como disse, estreitar-me nos braços durante toda a noite; de manhã se levantou e se vestiu, deixando-me, de sua parte, tão inocente como no dia em que nasci.

Tal fato foi para mim um espanto, e talvez será também para outras pessoas, que sabem como atuam as leis da natureza, pois ele era um homem forte, vigoroso e cheio de

energia; tampouco assim procedeu levado por algum princípio religioso, mas por simples questão de afeto, e insistia nesse ponto, repetindo que, ainda que fosse a mulher que mais lhe agradava no mundo, como me amava não podia fazer-me mal.

Admito que era um nobre princípio, mas como discrepava em muito do que eu já vira até aquele momento, tal gesto foi para mim simplesmente assombroso; cumprimos o resto de nossa viagem e retornamos a Bath, onde, como ele tinha oportunidade de estar comigo quando queria, repetiu várias vezes a prova de moderação, e com muita frequência deitei-me com ele, e ele comigo, e conquanto todas as intimidades de marido e mulher fossem correntes entre nós, nem uma só vez ele se dispôs a ir mais longe, e tinha a si mesmo em alta conta por causa disso; não direi que a situação me agradasse tanto quanto ele pensava, pois devo confessar que eu era muito mais dissoluta que ele, como verão em breve.

Vivemos assim quase dois anos, com a única exceção de que durante esse tempo ele foi três vezes a Londres, e de uma feita lá permaneceu quatro meses – justiça lhe seja feita, sempre me deixava dinheiro em abundância, para que vivesse em grande estilo; houvesse nossa vida continuado desse modo, confesso que teríamos muito de que nos orgulhar, mas, como dizem os sábios, não convém nos aproximarmos demais da borda de um preceito, e nós comprovamos a verdade disso; e aqui devo mais uma vez fazer-lhe justiça e admitir que a primeira iniciativa não partiu dele: foi numa noite em que estávamos juntos na cama, aquecidos e alegres, e creio que naquela noite os dois tínhamos bebido um pouco mais de vinho que de hábito, embora não tanto para nos fazer perder a cabeça; depois de alguns folguedos que não posso nomear, e estando eu estreitada em seus braços, disse (e o digo com vergonha e horror na alma) que no fundo de meu coração eu sentia que por uma noite apenas podia dispensá-lo de sua promessa.

Ele me pegou pela palavra sem tardança e depois não houve como lhe resistir; a verdade, porém, é que tampouco eu pretendia resistir, acontecesse o que acontecesse.

Assim violamos nossa regra de virtude, e troquei meu título de amiga por aquele, tão rude ao ouvido, de prostituta; de manhã, estávamos ambos arrependidos: eu chorava a mais não poder, ao passo que ele se dizia muito contristado; era tudo o que podíamos fazer então, e uma vez caídas as barreiras da virtude e da consciência, não encontramos outros obstáculos contra os quais doravante lutar.

Foi uma constrangedora situação aquela que vivemos durante o resto da semana; eu não deixava de ruborizar ao vê-lo, e a cada instante me acudia uma melancólica reflexão: “e se agora eu engravidar? que será de mim?”; e ele me consolava dizendo que enquanto eu lhe fosse fiel, também ele o seria comigo, e acrescentava que já que havíamos ido tão longe, o que, na verdade, não fora sua intenção, se eu engravidasse, ele cuidaria da criança e também de mim, e isso nos acalmou a ambos; garanti-lhe que, se ficasse grávida, preferiria morrer por falta de parteira a apontá-lo como pai da criança, e ele me assegurou que, caso tal coisa ocorresse, nada me faltaria – essas garantias recíprocas nos consolaram e passamos a repetir o crime quantas vezes nos apetecia, até que por fim, como eu temia, acabei de fato grávida.

Quando tive certeza disso e também o convenci, começamos a pensar em medidas para cuidar do caso e propus confiar o segredo a minha senhoria e pedir seu conselho, com o que ele concordou; minha senhoria, mulher afeita, como descobri, a tais situações, não deu grande importância à história e disse que previa tal desfecho, levando o caso na galhofa; como já disse, viemos a saber que tinha muita experiência nesse gênero de coisas; incumbiu-se de tudo, empenhou-se em conseguir parteira e enfermeira, em responder a todas as perguntas, mantendo nossa reputação ilibada, e fez tudo com extrema habilidade.

Ao aproximar-se a hora do parto, pedi a meu cavalheiro que fosse para Londres ou que se portasse como se assim o fizesse, e depois que ele se afastou ela comunicou às autoridades paroquiais que em sua casa havia uma senhora prestes a dar à luz, e que ela conhecia seu marido muito bem; deu-lhes um nome suposto, o de Sir Walter Cleave, e disse tratar-se de cavalheiro de prol, e que ela responderia a todas as inquirições e ao que mais fosse preciso; as autoridades paroquiais ficaram satisfeitas, e eu dei à luz com a dignidade de uma suposta lady Cleave, assistida em meu parto pelas mulheres de três ou quatro dos cidadãos mais grados de Bath, que moravam no bairro – o que no entanto acabou saindo um pouco mais caro para meu amigo; expressei-lhe várias vezes minha inquietação quanto a esse ponto, ele sempre me respondeu que não me afligisse.

Como deixara dinheiro mais que suficiente para os gastos extraordinários do parto, eu estava cercada do bom e do melhor, mas procurava não me mostrar gastadeira ou perdulária; ademais, levando em conta minha situação e conhecendo bem o mundo, sabia que esse tipo de arranjo em geral não dura muito, e portanto tomava o cuidado de pôr de parte quanto dinheiro podia para os dias de vacas magras, como eu dizia, levando meu amigo a acreditar que gastara todo o dinheiro nas despesas inesperadas do parto; e assim, incluindo o que ele me dera antes, como já contei, ao fim do resguardo eu possuía cerca de duzentos guinéus, incluindo o que sobrara do meu dinheiro.

Dei à luz um menino forte e saudável, além de bem gracioso, e quando meu amigo recebeu a notícia, enviou-me uma carta muito gentil e afetuosa, dizendo que em seu entender seria melhor para mim mudar-me para Londres logo que pudesse andar e estivesse bem, que ele providenciara uma residência em Hammersmith, como se eu estivesse me mudando para ali vindo de outro bairro de Londres, e que depois de algum tempo eu retornaria a Bath e ele viria comigo; como essa proposta me agradasse em cheio, logo aluguei um coche e, levando uma ama de leite para cuidar da criança e amamentá-la, além de uma criada, parti para Londres.

Ele me esperava em Reading com sua sege e, depois de nela me alojar, deixou a criada e a criança no coche alugado, e assim me levou a minha nova casa em Hammersmith; ali tive motivos de sobra para me contentar, pois os aposentos eram belíssimos e eu me senti muito bem alojada.

E agora me achava no auge do que poderia chamar de minha prosperidade, e só teria desejado ser uma esposa de verdade, o que não era possível, já que não havia lugar para tal; por conseguinte, dediquei-me a poupar o que pudesse, como já disse, para um tempo de penúria, por saber bem que as relações daquele gênero não duram para sempre, pois

os homens que mantêm amantes trocam-nas com regularidade, ou delas se cansam ou sofrem de ciúme, sempre acontece alguma coisa que os leva a reduzir sua liberalidade, e muitas vezes as mulheres que são assim bem-tratadas não têm o cuidado de manter conduta prudente a fim de preservar a estima de seus amigos a sua pessoa, tampouco protegem aquele valioso bem que é a fidelidade – e então se veem abandonadas com desprezo.

Quanto a isso, porém, estava tranquila, pois como não tinha motivo algum para procurar mudanças, também não tinha amizades que levasse à casa, nem me sentia tentada a buscá-las; não tinha outra companhia senão a da família com quem eu morava e a da mulher de um pastor na casa ao lado; por isso, quando meu amigo estava ausente, eu não fazia visitas a ninguém, e todas as vezes que ele vinha nunca me encontrava fora do quarto ou da sala, e se saía para tomar um pouco de ar, era sempre com ele.

Essa minha vida com ele, e a dele comigo, em nada fora premeditada; com frequência ele me declarava que, desde o dia em que me conheceu até aquela noite em que pela primeira vez violamos nossas regras, nunca tivera a mais longínqua intenção de deitar-se comigo, pois sempre nutrira sincera afeição por mim, nunca a mais leve inclinação a fazer o que fizera; e eu sempre lhe afixava que jamais duvidara dele, e que, se houvesse duvidado, não teria cedido com tamanha facilidade às liberdades que nos haviam conduzido àquele ponto, mas que tudo ocorrera inesperadamente, por termos feito naquela noite excessivas concessões a nossos recíprocos desejos; com efeito, uma realidade tenho observado amiúde desde então, e deixo uma advertência a meus leitores: devemos ser muito cautelosos ao ceder a nossos impulsos no que tange a liberdades carnis e dissolutas, para que nossas resoluções virtuosas não venham a falhar justamente no momento em que o adjutório delas mais se torna necessário.

O fato, já o confessei, é que desde o primeiro momento em que comeci a me relacionar com ele resolvi permitir que deitasse comigo, se assim ele quisesse; mas isso porque precisava de ajuda e assistência e não via outro caminho além desse para tanto; naquela noite, porém, quando nos achamos juntos na cama e, como já disse, fomos tão longe, dei-me conta de minha fragilidade, pois o desejo se tornou irresistível e cedi a tudo antes mesmo que ele pedisse; todavia, generoso, ele jamais censurou-me a fragilidade, nem manifestou em ocasião alguma mais leve crítica a minha conduta, afirmando sempre que se comprazia tanto com minha companhia como da primeira vez em que estivemos juntos, quero dizer, juntos na cama.

É verdade que ele não tinha mulher, no sentido de que sua mulher não o era propriamente, de forma que por esse lado eu não corria perigo algum; sucede muitas vezes, porém, que um homem é arrancado dos braços da amante por escrúpulos de consciência, sobretudo quando se trata de homem de princípios, e foi exatamente o que acabou acontecendo com ele, ainda que isso ocorresse em outra ocasião.

Por outro lado, embora eu não deixasse de ouvir secretas reprimendas de minha própria consciência pela vida que levava, e conquanto mesmo nos pináculos da maior felicidade eu desse ouvidos a tais exprobrações, ainda assim tinha diante de mim a terrível

perspectiva da miséria e da fome, que me abatiam tal espectro assustador, de forma que não havia como olhar para trás; e se havia sido a pobreza que me conduzira àquela falta, agora o medo da pobreza me levava a persistir nela, e frequentemente tomava a decisão de afastar-me da vida que levava logo que dispusesse de dinheiro suficiente para me manter; no entanto todos esses pensamentos careciam de peso, e quando ele vinha me ver logo se desvaneciam, pois sua companhia era tão deleitosa que, assim que ele chegava, todo meu desânimo se esvaía: as reflexões me assaltavam apenas durante as horas em que me via só.

Vivi seis anos nessa situação feliz mas infausta, e nesse período dei-lhe três filhos, dos quais só o primeiro sobreviveu; embora tenha me mudado de casa duas vezes nesses seis anos, no último deles voltei à residência inicial em Hammersmith – foi ali que, um belo dia, fui surpreendida por uma carta amável, porém melancólica, de meu cavalheiro, que me comunicava que estava muito doente e temia sofrer outra crise de sua enfermidade, mas que, tendo em casa parentes de sua mulher, não lhe era dado ter-me a seu lado, fato que o contristava sobremaneira, pois teria apreciado muito que fosse eu a atendê-lo e cuidar dele, como fizera antes.

Fiquei bastante alarmada com a notícia, e grande foi minha impaciência por ficar a par do que lhe acontecia; esperei cerca de uma quinzena, e como não recebia notícias suas, o que me intrigou, minha inquietação não fez que aumentar: posso assegurar que durante a quinzena seguinte estive a ponto de enlouquecer; minha principal dificuldade radicava-se em não saber com exatidão onde ele se encontrava – de início acreditei que estivesse na casa da mãe de sua mulher, mas em viagem a Londres não demorei a descobrir, com a ajuda da indicação de morada para a qual lhe remetia minhas cartas, um modo de ter informações a seu respeito, e vim a saber que ele se achava em Bloomsbury, para onde, pouco antes de adoecer, transferira a família; a mulher e a sogra estavam na mesma casa, se bem que não tivessem contado à esposa que o marido lá também se alojava.

Em Londres, logo me inteirei de que ele estava nas últimas, o que me levou, também quase nas últimas, a procurar ter notícias de seu estado; certa noite, tive a ousadia de disfarçar-me de criada, com capa e chapéu de palha, e assim me apresentei a sua porta, como se mandada por uma senhora do bairro onde ele morara antes; dando o nome de meu patrão e de minha patroa, disse que tinha sido enviada para informar-me como estava o senhor e como tinha passado a noite; ao levar esse recado, tive a oportunidade que desejava, pois, conversando com uma criada, pude com ela confabular à vontade e tomei conhecimento de todas as minudências da doença do cavalheiro – era uma pleurisia, acompanhada de tosse e febre; disse-me também a moça quem estava na casa e que a família tinha esperanças de que a esposa recuperasse a razão; no tocante ao senhor, em suma, os médicos não alimentavam muitas esperanças de que se salvasse, pois naquela mesma manhã pensaram que ele fosse morrer; ainda que agora ele estivesse um pouco melhor, não acreditavam que chegasse à manhã seguinte.

Essas notícias foram terríveis, e comecei a antever o fim de minha prosperidade e também a compreender que fizera muito bem ao representar o papel da diligente dona de casa e pôr de parte ou ter poupado alguma coisa enquanto ele estava vivo, pois agora não

via de onde tiraria meu sustento.

Afligia-me também sobremaneira o fato de ter um filho, um menino encantador de pouco mais de cinco anos, cujo futuro não tinha sido assegurado pelo pai, ao menos que eu soubesse; e foi com esses pensamentos e com o coração invadido de tristeza que voltei para casa naquela noite e pus-me a refletir sobre como viveria dali em diante e sobre como me arranjaria para passar o resto da vida.

Estejam certos de que me foi impossível encontrar paz até investigar, sem mais tardança, o que lhe ocorrera; não me aventurando a retornar a sua casa em pessoa, enviei dissimuladamente vários mensageiros, até que depois de duas semanas de espera vim a saber que havia esperanças de que ele se salvasse, não obstante continuasse muito mal; suspendi o envio de mensageiros, e algum tempo depois soube por vizinhos seus que ele já caminhava pela casa e, pouco depois, que já saíra à rua de novo.

Não tive dúvidas então de que em breve receberia notícias suas e passei a me consolar com a perspectiva de que minha situação, como eu acreditava, logo voltaria ao normal; esperei uma semana, depois outra, e com perplexidade e assombro de minha parte fiquei quase dois meses sem saber dele nada além de que, depois de restabelecido, viajara ao campo para mudar de ares e melhor convalescer; passaram mais dois meses e fiquei ciente de que ele retornara a sua casa na cidade; não me procurei.

Escrevera-lhe diversas cartas, endereçando-as como de costume, e soube que duas ou três foram recebidas, mas as outras, não; escrevi-lhe duas outras cartas, em termos mais insistentes do que nunca, e numa delas comuniquei-lhe que me via obrigada a depender dele, em vista das condições em que me encontrava, dos aluguéis a pagar, das despesas para a manutenção do menino e da lamentável situação em que estava, privada de meios de subsistência depois de suas solenes promessas de que velaria por mim e me proveria de todo o necessário; fiz uma cópia dessa carta, e, ao saber que o original já estava havia um mês na casa e não fora recolhido, achei meios de fazer com que a cópia lhe fosse entregue em mãos num café que, como vim a saber, ele frequentava.

Essa carta obrigou-o a dar-me uma resposta, pela qual, embora eu viesse a saber que seria abandonada, soube também que ele me enviara uma carta, havia já algum tempo, em que expressava o desejo de que eu retornasse a Bath; em breve revelarei seu conteúdo.

O fato é que, no leito, os enfermos encaram cartas como essa com outra postura e leem-nas com outros olhos, diferentes daqueles com que as leriam antes, ou interpretam-nas de outra forma; meu amante estivera às portas da morte, no limiar da eternidade, e ao que parece vira-se afetado por remorsos e por tristes reflexões a respeito de sua vida precedente, mundana e descuidada; além disso, seu pecaminoso relacionamento comigo, que era um contínuo adultério, se lhe afigurara como era na verdade, e não como até aquele momento ele acreditara que fosse; e agora ele o entendia com legítimo e religioso horror.

Não posso deixar de observar, fazendo dessa reflexão uma lição para outras mulheres em tais situações de prazer, que sempre que uma culpa como essa é seguida por arrependimento sincero, este é acompanhado de um sentimento de aversão pelo objeto

que a motivou; e quanto mais intenso parecia ser antes o afeto, maior será, em proporção, a malquerença; sempre será assim e, na verdade, não poderia ser de outra forma, uma vez que não pode haver horror genuíno pela culpa se subsiste o amor que a gerou; a abominação do pecado faz-se sempre acompanhar da repulsa pelo comparsa na perversão – nem há como esperar outra coisa.

Assim ocorreu nesse caso, conquanto a boa educação e o senso de justiça do cavalheiro o impedissem de um gesto extremo; resumida, a história do papel que ele desempenhou nesse episódio foi a seguinte: sabendo, por minha última carta e pelas restantes – que ele depois procurou – que eu não voltara a Bath e que sua primeira carta não chegara a minhas mãos, escreveu-me:

Senhora,

Surpreende-me que minha carta datada do dia 8 do mês passado não tenha chegado a suas mãos; dou-lhe minha palavra de que foi remetida a sua residência e entregue a sua criada.

É escusado narrar como estive há algum tempo e como, tendo chegado à beira do túmulo, encontro-me, pela inesperada e imerecida graça do Céu, mais uma vez restabelecido; na situação em que me vi, não lhe parecerá estranho que nosso lastimável relacionamento não tenha sido a menor das aflições que me pesaram na consciência; não preciso dizer nada mais, além de que as coisas de que temos de nos arrepender devem também ser reparadas.

Peço-lhe que pense em voltar para Bath; segue anexo um título no valor de cinquenta libras para o pagamento de alugueis e de sua mudança, e espero não se surpreenda se insisto que apenas por aquele motivo, e não por ter recebido ofensa de sua parte, não possa vê-la mais; cuidarei devidamente da criança; deixe-a onde está ou leve-a consigo, como lhe aprouver.

Desejo que faça reflexões semelhantes e que lhe sejam de bom proveito.

Seu etc.

Ler essa carta foi como receber mil golpes, e de um modo que não consigo descrever; tampouco posso expressar as censuras de minha própria consciência, já que não estava cega a minha própria ignomínia; e pensei que poderia, com menor culpa, ter continuado com meu irmão, vivendo com ele como sua mulher, já que não havia falta alguma em nosso casamento, porquanto nenhum de nós tivera conhecimento da verdade.

Não obstante, em momento algum refleti que durante todo aquele tempo era uma mulher casada, esposa do sr. ***, o comerciante de tecidos – que, embora me houvesse abandonado, forçado por sua situação, não tinha autoridade para dispensar-me do contrato nupcial que havia entre nós nem dar-me legalmente liberdade para voltar a me casar: ou seja, por essa razão, durante todo esse tempo eu não fora outra coisa senão uma rameira e uma adúltera; repreendi-me então pelas liberdades que tomara e me dei conta de que fora uma armadilha para aquele cavalheiro: na verdade, pesava sobre mim a maior culpa pelo malfeito; ele fora resgatado do abismo, por misericórdia, graças a uma convincente percepção do pecado, ao passo que eu me sentia como que privada da graça divina e abandonada pelo Céu para perseverar na iniquidade.

Levada por essas reflexões, segui muito pensativa e tristonha durante quase um mês e não segui para Bath: não tinha vontade de estar com a mulher com quem me hospedara antes, para que ela não voltasse a me conduzir por maus caminhos, como fizera; ademais, de forma alguma queria que soubesse que eu tinha sido abandonada, como narrei.

Meu filhinho causava-me também intensa comoção; separar-me dele parecia-me a morte, e no entanto quando refleti sobre o risco de em algum momento ver-me obrigada a mantê-lo e sem meios para tanto, decidi deixá-lo onde estava, mas depois conduí que queria ficar perto dele, para pelo menos ter a satisfação de vê-lo sem ter de prover suas necessidades.

Assim, enviei a meu cavalheiro breve missiva em que dizia que havia obedecido a todas as suas ordens, com exceção de retornar a Bath, o que não podia fazer por várias razões – embora separar-me dele fosse para mim uma ferida da qual não me poderia recuperar jamais, ainda assim estava convencida da justiça de suas reflexões, e a última coisa que poderia fazer seria servir de óbice a sua reabilitação e a seu arrependimento.

A seguir descrevi minha própria situação nos termos mais comoventes de que fui capaz; disse que esperava que aquelas lamentáveis desventuras que um dia o haviam levado a dispensar-me sua generosa e sincera amizade o induzissem a ter comigo algum cuidado agora, conquanto a parte impudica de nossas relações, na qual nenhum de nós pretendia cair naquele tempo, estivesse finda; que, tanto quanto ele, desejava penitenciar-me, mas que lhe rogava que me pusesse em condições tais que não ficasse exposta às tentações que o demônio nunca deixa de nos propor para fugirmos à assustadora perspectiva da pobreza e das dificuldades, e que, se ele tivesse o menor receio de que eu pudesse importuná-lo, pedia-lhe que me desse condições de voltar para junto de minha mãe na Virgínia, de onde ele sabia que eu viera – o que poria fim a todos os seus temores com relação a esse ponto; encerrei a carta dizendo que, se me enviasse mais cinquenta libras para facilitar a viagem, eu lhe mandaria em troca uma quitação geral e prometeria

nunca mais perturbá-lo com novos aborrecimentos, a menos que se tratasse do bem-estar do menino; se, porém, encontrasse minha mãe com vida e se minhas condições o permitissem, mandaria buscar a criança, assim desobrigando-o desse cuidado.

Todo esse arazoado não passava de um engodo, evidentemente, uma vez que não tinha a mais remota intenção de voltar à Virgínia, como qualquer pessoa há de depreender pela narrativa de minha vida anterior na colônia; no entanto, meu desejo era receber, se possível, essas últimas cinquenta libras, pois sabia muito bem que dele nunca mais teria sequer um tostão.

Entretanto, o argumento de que me valia – ou seja, dar-lhe quitação total e não voltar a incomodá-lo – realmente logrou convencê-lo e ele me remeteu um título no valor pedido, por intermédio de uma pessoa que trouxe consigo a quitação para que eu assinasse, o que fiz de bom grado, e recebi o dinheiro; e assim, ainda que de forma dolorosamente contrária a minha vontade, aquele episódio chegou ao fim.

Nesse ponto não posso deixar de refletir sobre as penosas consequências de excessivas liberdades entre pessoas de nosso estado civil, sob o pretexto de intenções inocentes, amor platônico e outras coisas no gênero; isso porque nessas amizades a carne tem, em geral, tão grande participação que é muito provável que as inclinações prevaleçam sobre as mais solenes resoluções, e que o vício irrompa pelas brechas do pudor, que a amizade realmente inocente deveria preservar com o maior rigor; todavia, deixo aos leitores destas páginas a tarefa de fazer suas próprias reflexões, certamente com mais eficácia que eu, que por tão depressa ter-me esquecido de mim mesma por certo não estou em condições de dar lições a ninguém.

Voltava agora a ser mulher solteira, como bem poderia chamar-me, livre de todas as obrigações de esposa ou de amante, a não ser com meu marido, o comerciante de tecidos, de quem não tinha notícias havia quase quinze anos, de modo que ninguém poderia censurar-me por me sentir inteiramente livre; além disso, lembrava-me de que, ao partír, ele me dissera que, se não recebesse notícias frequentes suas, deveria concluir que estava morto e poderia me casar de novo com quem me aprovesse.

Comecei a organizar minhas contas; mediante diversas cartas e muita insistência e, ademais, com a intercessão de minha mãe, conseguira junto a meu irmão, como agora o chamava, a remessa de um segundo lote de mercadorias da Virgínia, a fim de compensar as avarias da carga que trouxera comigo; contudo, também nesse caso havia a condição de que eu assinasse uma quitação total, que devolveria por meio de seu correspondente em Bristol – essa condição me pareceu demasiado dura, mas vi-me obrigada a prometer acatá-la; no entanto, saí-me tão bem que recebi as mercadorias antes que a quitação fosse assinada, e depois sempre encontrava uma razão ou outra para evitar cumprir a promessa e postergar a assinatura daquele documento; por fim, passado algum tempo, aleguei que tinha de escrever a meu irmão e esperar sua resposta antes de assinar a quitação.

Incluindo essa receita, e antes de receber as últimas cinquenta libras, meu capital ascendia a cerca de quatrocentas libras, de modo que ao todo dispunha de pouco mais de quatrocentas e cinquenta libras; havia poupado mais ou menos outras cem libras, mas

sobreveio uma desgraça, ou seja, um ourives a quem confiara a guarda desse dinheiro faliu, de modo que perdi setenta libras de meu dinheiro, pois não pude recuperar desse homem mais que trinta libras das minhas cem; eu possuía alguma prata, mas não muita, em moedas, utensílios e ornamentos, e estava bem servida de vestidos e de roupa de cama e mesa.

Com tais haveres, precisava enfrentar o mundo para começar de novo; considerem, porém, que agora não era a mesma mulher de quando morava em Redriff: para começar, estava quase vinte anos mais velha, e nem a idade nem a ida para a Virgínia e depois a volta para a Inglaterra haviam embelezado meu aspecto; embora não dispensasse nada que pudesse melhorar a aparência – salvo o uso de maquiagem, pois a isso nunca recorri por ter orgulho suficiente para considerar que dela podia prescindir –, sempre se nota alguma diferença entre vinte e cinco e quarenta e dois anos.

Fiz inúmeros projetos para minha existência futura e comecei a pensar com toda a seriedade como deveria proceder, mas nada de real aconteceu; tomei o cuidado de fazer com que o mundo me tivesse em mais alta conta do que na realidade merecia, e procurei levar todos à crença de que era muito rica e meu patrimônio estava em minhas mãos; dessas duas coisas, se a segunda era verdadeira, a primeira era como já discriminei; não tinha amigos, o que constituía um de meus maiores infortúnios, e a consequência era não ter quem me aconselhasse, pelo menos quem pudesse ao mesmo tempo me aconselhar e ajudar; e, sobretudo, não tinha ninguém a quem confessar o segredo de minhas condições, alguém em cuja lealdade e discrição pudesse confiar.

Foi então que descobri, pela experiência, que não ter amigos é a pior situação em que uma mulher pode se ver, quase como passar necessidades – digo uma mulher porque é evidente que os homens sabem, melhor que nós, ser seus próprios conselheiros, tomar decisões sozinhos, resolver seus negócios e livrar-se de dificuldades; agora, se uma mulher não tem um amigo com quem dividir seus problemas e que a aconselhe e ajude, em nove casos de dez ela se arruina; na verdade, quanto mais dinheiro ela tiver, mais perigo correrá de ser prejudicada e enganada, e esse foi o meu caso no episódio das cem libras que, como já contei, coloquei nas mãos de um ourives cujo crédito já então deixava muito a desejar; no entanto, como não tinha conhecimento disso nem alguém a quem pudesse consultar, perdi meu dinheiro.

Em segundo lugar, quando uma mulher se vê assim abandonada e privada de aconselhamento, ela é como uma bolsa de dinheiro ou uma joia caídas no meio da estrada, presas fáceis do primeiro que passar: se por acaso quem a encontra é um homem virtuoso e de princípios íntegros, divulgará o achado de modo que o dono possa vir a ter notícias do que perdeu; todavia, quantas vezes esses valores não caem nas mãos de quem não terá escrúpulos de guardá-los para si?

Esse era o meu caso, evidentemente, porque agora era uma criatura desvalida e extraviada, sem amparo, assistência ou guia para minha conduta; sabia do que precisava e o que desejava, mas ignorava como alcançar meus fins por meios diretos; queria colocar-me num lugar firme e seguro na vida, e se houvesse topado com um marido bom e sério

não resta dúvida de que teria sido para ele uma esposa mais fiel e virtuosa do que a própria virtude poderia ter criado: se as coisas ocorreram de outra forma, foi porque o vício chegou pela porta da necessidade, e não pela inclinação; e por não ter uma existência tranquila e regrada eu compreendia muito bem o valor de uma vida assim e não faria algo que impedisse essa felicidade – sim, agora poderia ser uma esposa melhor, muito melhor, em função de todos os percalços por que havia passado; aliás, nunca, em nenhuma época em que fora casada, jamais dera a meus maridos a menor intranquilidade com relação a minha conduta.

Nada disso, porém, tinha valor: não se me deparou nenhuma perspectiva promissora; esperava, levando uma vida tranquila, com a frugalidade que convinha a minha situação, mas nada acontecia e meu capital diminuía aos poucos; ignorava o que fazer, e o terror da proximidade da miséria pesava em meu espírito; tinha algum dinheiro, mas não sabia em que aplicá-lo, nem poderia manter-me com os juros que ele renderia, ou pelo menos não em Londres.

Por fim, abriu-se um cenário novo; na casa onde me hospedava havia uma mulher do norte a serviço de uma senhora, e ela soía referir-se à facilidade da vida em sua terra e à modicidade dos preços dos víveres – como tudo ali era abundante e barato, como se tinha acesso a boas companhias, e assim por diante; com isso, um dia acabei por lhe dizer que me sentia tentada a ir morar em sua terra: viúva, embora dispusesse do suficiente para ir vivendo, não possuía meios de aumentar o capital, uma vez que morar em Londres era caro e difícil, e me dera conta de que não tinha como viver ali com menos de cem libras por ano, a não ser que me privasse de amigos, de criada, de sair para me divertir, e me encerrasse em casa, a isso obrigada por necessidades pecuniárias.

Deveria ter considerado que ela sempre fora induzida a acreditar, como todos, que eu possuía grande fortuna, pelo menos três mil a quatro mil libras, se não mais, e tudo isso em minhas próprias mãos: ela se desdobrou em atenções ao ver-me inclinada a me transferir para sua terra; disse que tinha irmã que morava perto de Liverpool, que um irmão dela, além de ser ali cavalheiro importante, possuía grande propriedade na Irlanda; ela viajaria para lá daí a mais ou menos dois meses, e se eu quisesse acompanhá-la seria tão bem-vinda quanto ela, por um mês ou mais, como se me aproovesse, até ver se o lugar me agradava; e se decidisse residir ali, ela faria com que a própria família cuidasse disso, pois ainda que não recebessem hóspedes, poderiam recomendar-me a alguma boa família com a qual poderia viver com satisfação.

Tivesse essa mulher conhecido minhas verdadeiras circunstâncias, não teria lançado mão de tantos ardis nem tomado tantas medidas trabalhosas para prender uma pobre criatura desassistida como eu, que pouco valeria quando apresada; quanto a mim, cuja situação era quase desesperada, e que não vislumbrava como a poderia piorar, não me senti muito abalada com o que me acontecesse, desde que não sofresse nenhuma violência física; assim deixei-me persuadir, não sem muita insistência por parte da mulher ou sem muitos convites e gentilezas e mostras de amizade sincera; deixei-me convencer, repito, a viajar com ela, e arrumei minha bagagem e me preparei para partir, mesmo que nada

soubesse a respeito do lugar para onde ia.

Vi-me, então, num estado de perplexidade; o pouco que tinha no mundo era em forma de dinheiro, embora possuísse, como já falei, alguma prataria, certa roupa de cama e mesa, além de meus vestidos; quanto a artigos domésticos, por ter vivido muito tempo em pensões, dispunha de pouco ou nada, mas não conhecia uma só pessoa amiga a quem confiar esses poucos haveres ou que me orientasse sobre o que fazer com eles, e isso me perturbava dia e noite; pensei no Banco da Inglaterra e em outras companhias em Londres, mas não tinha amigos a quem entregar a administração de meus parcos bens e julgava arriscado levar comigo cédulas, títulos, apólices e que tais, pois se sumissem eu perderia meu dinheiro e estaria arruinada – por outro lado, podia ser roubada ou quem sabe assassinada num lugar estranho por causa desses papéis; muito abalada, não sabia o que fazer.

Certa manhã, tive a ideia de ir eu mesma ao banco, onde já estivera várias vezes para receber os juros de alguns títulos que possuía e que ali eram pagos, e onde fora atendida por um funcionário muito amável e correto, que se portou com notável lisura numa ocasião em que, tendo errado nas contas, eu ia receber menos do que deveria, mas ele refez o cálculo e me deu o restante, que poderia ter embolsado.

Procuirei-o e descrevi com toda a clareza minha situação, perguntando se não se importava de dar-se ao trabalho de ser meu conselheiro, pois eu era uma pobre viúva sem amigos que não sabia o que fazer; respondeu-me que se quisesse sua opinião sobre qualquer coisa relacionada a seu ofício, ele faria o que estivesse a seu alcance para que eu não fosse enganada, mas que me recomendaria a um amigo seu, colega de profissão, que, conquanto atuasse em outra casa, era pessoa judiciosa em cuja honradez eu poderia ter plena confiança: “eu respondo por ele, minha senhora”, acrescentou, “e por qualquer medida que ele tomar; se ele a enganar, ainda que for em um pêni, venha cobrá-lo a mim que eu o restituirei; ele está sempre pronto a ajudar pessoas em casos semelhantes, e o faz como um ato de caridade”.

Fiquei um tanto perplexa diante dessas palavras; porém, depois de pensar por um instante respondi que teria preferido confiar nele, porque o julgava honesto, mas que se isso não fosse possível seguiria seu conselho e não o de outra pessoa; “ousou afirmar”, disse ele, “que a senhora será tão bem-atendida por meu amigo quanto por mim, e que ele está mais capacitado a cuidar de seus interesses do que eu”; pelo visto, esse bancário a quem procurei vivia muito atarefado e não tinha como dedicar tempo a questões alheias a seu trabalho; foi o que soube depois, embora não o entendesse naquele momento; acrescentou que esse amigo nada me cobraria pela ajuda ou assistência, e na verdade isso muito me animou.

Esse funcionário marcou um encontro entre nós dois e seu amigo para aquela mesma tarde, depois que o banco estivesse fechado e houvesse terminado o expediente; e, na verdade, assim que o vi e ele começou a falar do assunto, convenci-me de que se tratava de pessoa honestíssima; seu semblante assim o proclamava, e sua fama, como vim a saber, era tão boa, e em toda parte, que nenhuma dúvida mais me assaltou.

Depois daquele primeiro encontro, no qual me limitei a dizer o que já dissera antes, despedimo-nos e ele me pediu que o procurasse no dia seguinte, acrescentando que nesse ínterim eu poderia informar-me a respeito dele – o que eu me via impossibilitada de fazer por falta de relações.

Como combinado, encontrei-me com ele no dia seguinte e falei, agora mais abertamente, de meu caso; expus-lhe sem reservas a situação em que me encontrava: disse que era uma viúva recém-chegada da América, totalmente só e sem amigos, que dispunha de algum dinheiro mas não muito, e que estava quase louca de medo de perdê-lo, pois não contava com ninguém no mundo a quem pudesse recorrer para a administração de meus bens; como em breve eu me mudaria para o norte da Inglaterra, onde a vida era mais barata e meu patrimônio não seria dilapidado, estava disposta a confiar meu dinheiro ao banco e não me atrevia a levar a soma comigo, por tais e tais motivos, como já disse, mas que não sabia como proceder, nem por meio de quem.

Ele me explicou que eu poderia depositar o dinheiro no banco, abrindo uma conta-corrente que ficaria registrada nos livros contábeis e me permitiria ter acesso ao montante a qualquer tempo, e que se eu estivesse no norte poderia sacar letras de câmbio no caixa e resgatar o dinheiro quando bem desejasse; entretanto, o banco não pagava juros por depósitos em conta-corrente; poderia comprar ações, que o banco manteria em custódia, mas, nesse caso, se eu quisesse resgatar o dinheiro teria de vir a Londres a fim de fazer a transferência, e teria também certa dificuldade para receber os dividendos semestrais, a menos que estivesse ali pessoalmente ou pudesse contar com algum amigo em quem confiasse a ponto de pôr as ações em seu nome a fim de receber os dividendos em meu lugar, o que envolveria as mesmas dificuldades já apontadas; e ao dizer isso olhou para mim, sério, e sorriu; por fim, disse: “por que não nomeia um administrador que se encarregue tanto da senhora como de seu dinheiro, e assim todas essas inquietações lhe serão poupadas?”; “mas, nesse caso, meu senhor”, respondi, “talvez eu ficasse também sem o dinheiro, pois na verdade me parece que assim os riscos serão os mesmos da opção anterior”; todavia, lembro que pensei comigo: “se me fizesse uma proposta de modo explícito, eu a consideraria seriamente antes de responder que não”.

Ele continuou a conversar por um bom tempo, e em uma ou duas ocasiões pensei que falaria seriamente, mas, para meu desprazer, soube por fim que era casado; ao declará-lo, porém, balançou a cabeça e acrescentou, com certa inquietação, que era e não era; comecei a pensar que talvez ele estivesse na mesma situação de meu último amante e que sua mulher fosse doente, louca ou algo assim; daquela vez, porém, não falamos de muitas outras coisas, pois ele disse estar com pressa por razões de trabalho, mas que se eu passasse em sua casa depois que ele as resolvesse, ele já teria refletido sobre a melhor forma de conduzir meus assuntos de acordo com as normas de segurança; assenti e perguntei onde morava; ele me deu a indicação por escrito, e ao entregá-lo leu-o para mim, dizendo: “aqui está, se a senhora confiar em mim...”; “sim, senhor”, respondi, “creio que posso me arriscar a confiar no senhor, já que, como disse, é casado e eu não estou à procura de marido; ademais, vou confiar-lhe meu dinheiro, que é tudo o que

posso no mundo, pois se eu o perder terei de confiar no primeiro que me passar pela frente”.

Em seguida ele proferiu, de brincadeira, várias palavras gentis e corteses, que me teriam causado grande prazer se ditas a sério; peguei a indicação e prometi que iria a sua casa naquele mesmo dia, de noite, às sete horas.

Quando cheguei, ele me expôs algumas possibilidades de depósito no banco, de forma que o dinheiro rendesse juros; todavia, cada uma delas apresentava um problema ou outro, a que ele objetava por questões de segurança; e demonstrava tal sinceridade e desinteresse que comecei a achar que de fato eu havia dado com o homem íntegro de que precisava e que jamais estaria em melhores mãos; por isso disse com toda a franqueza que nunca conhecera homem ou mulher em quem pudesse confiar ou com quem pudesse me julgar segura, mas que o via tão zeloso, de forma desprendida, com minha segurança, que lhe confiaria a gerência do pouco que possuía se ele aceitasse ser o administrador de uma pobre viúva que não tinha como lhe pagar.

Ele sorriu e, pondo-se de pé, fez-me uma reverência com muito respeito; disse que só podia agradecer a boa opinião que tinha a respeito dele, que não me ludibriaria e que faria tudo o que estivesse a seu alcance para me servir, sem esperar remuneração; no entanto, não poderia, de modo algum, aceitar uma procuração em confiança capaz de fazer recair sobre ele a suspeita de ser parte interessada, e que no caso de minha morte ele pudesse ter litígios com meus testamentários, fato que muito o repugnaria.

Disse que se todas as objeções fossem essas eu as eliminaria de imediato e o convenceria de que não havia margem para nenhuma dificuldade, uma vez que, em primeiro lugar, se eu algum dia viesse a desconfiar dele seria agora a ocasião para tanto e eu não poria meu dinheiro em suas mãos; além do mais, se algum dia eu viesse a suspeitar de suas atividades, bastaria ele interromper o que vinha fazendo e negar-se a ir adiante; quanto aos testamentários, afiancéi-lhe que não tinha herdeiros nem parentes na Inglaterra, e que não teria nem herdeiros nem testamentários senão ele, a menos que eu alterasse minha vontade antes de morrer, pois nesse caso suas obrigações e seus incômodos chegariam ao fim, mas que tal mudança era algo que estava distante do meu horizonte; contudo, disse-lhe que se eu realmente viesse a morrer, todos os meus bens seriam dele, e ele bem os mereceria por ter sido tão leal como eu tinha certeza de que seria.

Diante dessas palavras, a expressão de seu rosto mudou, e ele me indagou como eu chegara a ter tão boa vontade em relação a ele e, aparentando estar muito satisfeito, acrescentou que gostaria, sinceramente, de, por minha causa, ser solteiro; sorri e respondi que, como ele era casado, minha oferta não implicava desígnio algum quanto a sua pessoa e que aquele seu desejo não era lícito, pois era criminoso com relação a sua mulher.

Eu estava enganada, ele disse, acrescentando, “minha senhora, como eu lhe contei antes, sou e não sou casado, e não incorreria em pecado se desejasse que ela fosse enforcada, se com isso tudo se resolvesse”; respondi, “com relação a essa questão, nada

sei de sua vida, porém não pode ser correto desejar a morte de sua mulher”; e ele repetiu, “como já lhe disse, ela é e não é minha mulher; a senhora não sabe quem sou eu nem quem é ela”.

“É verdade”, respondi, “não sei quem é o senhor, mas creio seja honrado, por isso confio no senhor.”

“Muito bem”, disse ele, “creio sê-lo; porém sou também algo mais, minha senhora: para ser claro, eu lhe direi que sou um marido enganado e que ela é uma meretriz”; disse tais palavras como se estivesse gracejando, mas com um sorriso tão triste que me dei conta do quanto aquilo lhe doía – e então seu semblante se anuviou.

“Nesse caso, a coisa muda de figura”, respondi, “em relação ao que o senhor disse antes; entretanto, um marido enganado, o senhor sabe, pode ser um homem honesto, motivo pelo qual a situação não se altera; além do mais, creio que se sua mulher procede de forma tão desonrosa, o senhor é demasiado honrado por tê-la como mulher – mas essas coisas não me dizem respeito.”

“Na verdade”, disse ele, “gostaria de livrar-me dela – para ser franco com a senhora, não sou um corno manso; por outro lado, garanto-lhe que a situação me irrita muitíssimo, mas nada posso fazer, porque uma vez meretriz, sempre meretriz.”

Procurei mudar de assunto e comecei a falar do que me levava ali, mas ele não pusera ponto final a suas confidências, de forma que deixei que narrasse todas as minúcias da história, longa demais para que eu a transcreva aqui; eis o mais importante: aproveitando-se de que ele se viu obrigado a viajar para fora da Inglaterra algum tempo antes de ocupar o cargo que ocupava agora, ela teve dois filhos com um oficial do Exército; ele retornou e, diante do arrependimento dela, aceitou-a de novo e a manteve com luxo, mas ainda assim ela fugiu com um aprendiz de tecelão, roubando do marido o que pôde, e continuava a ser mantida por ele – “ou seja, minha senhora”, disse ele, “ela é uma meretriz não por necessidade, que é a isca habitual das pessoas de seu sexo, e sim por índole e pelo prazer do vício”.

Bem, senti pena dele e expressei-lhe meus votos de que pudesse livrar-se dela, e embora desejasse voltar a falar do assunto que me levava ali, não pude fazê-lo; por fim, ele me olhou fixamente e disse, “ouça: a senhora veio pedir um conselho a mim, e eu a atenderei fielmente, como se fosse minha própria irmã; agora, porém, temos de inverter os papéis – uma vez que foi tão gentil e amistosa, concluí que poderia pedir-lhe que me aconselhasse; diga-me: como pode um homem maltratado comportar-se em relação a uma meretriz? o que devo fazer para lograr justiça?”.

“Ah, senhor, esse é um caso delicado demais para que possa lhe servir de conselheira”, respondi; “mas como me parece que ela abandonou o lar, o senhor já está livre dela: o que mais deseja?”; “com efeito, ela se foi”, disse ele, “mas nem por isso posso me dizer livre dela”.

“Isso é verdade”, contrapus, “pois ela pode contrair dívidas em seu nome; contudo, a lei lhe dá meios para impedir que isso aconteça: o senhor pode declará-la inidônea, como

se diz.”

“Não, não, nem mesmo é esse o caso”, respondeu ele; “disso já me ocupei; não me refiro a essa possibilidade – gostaria de livrar-me dela para poder casar de novo.”

“Bem, nesse caso é preciso que antes o senhor se divorcie”, respondi; “se puder provar o que diz, com certeza conseguirá o divórcio, e acredito que então estará livre.”

“Isso é muito aborrecido e dispendioso”, objetou ele.

“Ora, se o senhor conseguir que uma mulher que lhe agrade aceite sua palavra”, eu disse, “imagino que sua esposa não poderá contestar seu direito a uma liberdade de que ela própria já desfruta.”

“Sim, mas seria difícil convencer uma mulher honrada a aceitar isso”, respondeu ele; “e quanto a mulheres de outro tipo, já estou farto de uma meretriz para me envolver com outras.”

Naquele instante, veio-me um pensamento, “se você me houvesse pedido isso, eu aceitaria sua palavra de todo o coração”; isso, porém, pensei com meus botões, pois a ele respondi o seguinte: “assim o senhor fecha a porta a qualquer mulher honesta que queira aceitá-lo, condenando de antemão as que corresponderem a seu interesse agora, pois conclui que essas mulheres não podem ser honestas”.

“Ora”, redargui eu, “gostaria que a senhora pudesse convencer-me de que uma mulher honrada possa ficar comigo; eu correrei o risco” – e virando-se de repente para mim, disparou, “a senhora aceita casar-se comigo?”.

“Essa não é uma proposta justa depois de tudo o que o senhor disse”, respondi; “no entanto, para que o senhor não pense que espero retratação, responderei de forma clara: não, eu não; o assunto que vim a tratar é de outra natureza, nem esperei que o senhor transformasse meu drama em comédia.”

“Ora, minha situação é tão dramática quanto a sua”, ele disse, “e preciso tanto de conselhos quanto a senhora, pois asseguro-lhe que não vejo saída, corro o risco de enlouquecer e não sei que decisão tomar.”

“Mas, meu senhor”, eu disse, “seu caso é de fácil aconselhamento, bem mais que o meu”; “fale então”, disse ele, “eu lhe suplico, pois com isso a senhora me anima”.

“Pois bem”, eu disse, “se o seu caso é tão simples como o senhor diz, pode divorciar-se legalmente e depois encontrar mulheres honestas a quem queira propor casamento; as representantes de meu sexo não escasseiam tanto que o senhor não possa casar-se de novo.”

“Muito bem”, disse ele, “seguirei seu conselho, mas a senhora me permite uma pergunta antes?”

“Faça as perguntas que quiser”, respondi, “menos aquela que o senhor fez há pouco.”

“Não, essa resposta não me serve”, disse ele, “porque, para resumir, essa é a pergunta que quero fazer.”

“O senhor pode fazer-me as perguntas que quiser, mas para essa já ouviu minha resposta”, redargui; “além disso, o senhor me tem em tão baixo conceito que quer que eu

lhe responda, de antemão, a uma pergunta como essa? poderia alguma mulher honrada levá-lo a sério? ou pensaria, pelo contrário, que o senhor pretende tão somente divertir-se com ela?”

“Pois bem, pode estar certa de que não pretendo divertir-me com a senhora, e falo sério: pense nisso.”

“Cavalheiro”, disse eu, com certa solenidade, “vim aqui para tratar de um assunto pessoal; peço-lhe, portanto, que termine de dizer como devo proceder.”

“Saberei o que lhe dizer”, disse ele, “quando a senhora voltar a falar comigo outro dia.”

“Mas o senhor mesmo impediu-me de voltar aqui.”

“Ora, por quê?”, ele perguntou, e parecia um tanto perplexo.

“Porque o senhor não pode esperar que eu o visite de novo depois do que me propôs.”

“Pois bem”, disse ele, “prometa-me voltar e eu prometerei não mais tocar no assunto até ter saído o divórcio; desejo, no entanto, que quando isso acontecer a senhora venha preparada, uma vez que ou será a senhora que escolherei ou não me divorciarei – não fosse sua inigualável e espontânea gentileza, eu ainda poderia apontar outros bons motivos.”

Aquele homem não poderia ter dito palavras que me agradassem mais, porém sabia que o melhor meio de conquistá-lo seria manter-me distante enquanto a coisa fosse tão remota como parecia ser, mesmo porque haveria tempo mais que suficiente para aceitar sua proposta quando ele pudesse repeti-la; com grande respeito, declarei-lhe que haveria muito tempo para se pensar nessas coisas quando ele estivesse em condições de falar delas; nesse meio-tempo, disse, eu me manteria bastante distanciada e ele poderia encontrar alguma outra mulher que lhe agradasse mais; despedimo-nos, e ele me fez prometer que o procuraria de novo no dia seguinte, para que ele me desse sua decisão quanto a meus interesses, com o que concordei depois de fazê-lo usar de certa insistência; se ele fosse capaz de ler meus pensamentos um pouco melhor, teria visto que não era preciso pedir-me tanto.

Como combinado, voltei a sua casa na tarde seguinte, mas levando comigo minha criada, para que ele se inteirasse que eu tinha uma pessoa a meu serviço; assim que entrei, mandei-a embora; ele quis que ela ficasse, mas não o permiti, ordenando-lhe que retornasse às nove horas para voltarmos juntas; também a isso ele se opôs, dizendo que me acompanharia, o que não me agradou, pois imaginei que ele quisesse fazê-lo para descobrir onde eu morava e levantar informações a respeito de meu caráter e minha situação; não obstante, ocorreu-me que tudo que as pessoas de meu bairro e da vizinhança sabiam de mim era-me favorável, e que por isso, depois que ele fizesse sua investigação, só poderia ter de mim um quadro segundo o qual eu era uma mulher rica, modesta e recatada – verdadeiro ou não no essencial, eis a comprovação de que todas as mulheres que almejam alguma coisa no mundo devem preservar a fama da própria

virtude, mesmo quando talvez já a tenham sacrificado.

Descobri com certo prazer que ele providenciara um jantar; e pude comprovar que ele vivia à larga e que sua casa era aparelhada com muito gosto; tudo isso alegrou-me deveras, já que começava a ver aquilo como meu.

Tivemos uma segunda conversa a respeito do assunto da primeira, e ele expôs suas considerações de forma muito convincente: declarou o afeto que nutria por mim, sem me deixar motivo algum para duvidar de suas palavras; afirmou que o sentimento surgira no momento em que comecei a lhe falar e muito antes de dizer que queria confiar-lhe a administração de meus haveres; “como surgiu não importa”, pensei, “pois desde que dure, tudo estará bem”; em seguida disse-me o quanto o cativara a proposta que lhe fizera de pôr em suas mãos meus haveres e de deixá-los para ele no caso de minha morte – “de fato, era o que eu tinha em mente”, pensei, “mas naquele momento acreditava que você fosse solteiro”; depois do jantar, percebi que ele insistiu muito para que eu tomasse duas ou três taças de vinho, oferecimento que declinei, embora acabasse aceitando uma ou duas; ele disse então que desejava fazer-me uma proposta, mas que eu teria de prometer que, se não a aceitasse, não a levaria a mal; respondi que esperava não fosse nenhuma proposta desonesta, sobretudo em sua própria casa, e que se era esse seu intento, melhor seria que nada dissesse, para que eu não me visse forçada a alimentar contra ele um ressentimento que não estaria à altura do respeito que me inspirava e com a confiança que nele depositara ao concordar visitá-lo em sua residência; pedi então que me desse licença e, traduzindo minhas palavras em atos, comecei a calçar as luvas e fazer menção de me levantar, ainda que naquele momento desejasse tão pouco sair dali quanto ele se dispunha a deixar-me ir.

Ele insistiu em que eu nem falasse em partir, assegurando-me que não alentava nenhum pensamento desonroso em relação a mim, que nada estava mais distante de suas intenções do que fazer-me alguma proposta desonesta, e que se eu pensava assim preferia pôr a questão de lado.

Essa parte final em nada me agradou, e assegurei-lhe que estava pronta a escutar qualquer coisa que ele tivesse a dizer, contanto que não fosse indigna dele nem inconveniente a meus ouvidos; assim posto, ele me apresentou sua proposta: que nos casássemos, muito embora ele ainda não tivesse o divórcio daquela rameira que era a sua mulher; e que, para persuadir-me da honradez de suas intenções, prometia não me pedir que fosse viver ou deitar-me com ele até que tivesse o documento; meu coração disse sim a essa proposta já na primeira palavra, mas precisava continuar a representar o papel de hipócrita um pouco mais, de modo que simulei recusar com certa veemência, ao mesmo tempo que o acusava de má-fé, e disse que tal projeto era destituído de sentido e só serviria para nos enredar em grandes dificuldades – se ao fim e ao cabo ele não lograsse ter o divórcio, nós não conseguiríamos nem dissolver o casamento nem levá-lo adiante, ou seja, no caso de ele não ter êxito no divórcio, que ele bem imaginasse em que situação ficaríamos os dois.

Em suma, levei tão longe a argumentação contra aquela sua ideia que o convenci do

absurdo de sua proposta; ele então pôs de lado a primeira ideia e passou para outra: que eu assinasse e selasse com ele um contrato pelo qual eu me comprometia a desposá-lo assim que o divórcio fosse concedido; e que ficaria sem efeito se tal não sucedesse.

Admiti que essa ideia era mais racional do que a primeira, mas como aquela era a primeira vez que eu o via mostrar-se tão decidido a falar seriamente sobre o assunto, e como não era meu hábito aceitar de chofre qualquer espécie de proposta, respondi que refletiria sobre ela.

Brinquei com esse pretendente como faz o pescador com a truta: sentindo que ele estava bem preso ao anzol, diverti-me com sua nova proposta e lhe dei linha; disse que ele pouco sabia a meu respeito e que deveria procurar informar-se; permiti-lhe também acompanhar-me a minha casa, mas não o convidei a entrar, alegando que não seria correto.

Para resumir, decidi não assinar um contrato de matrimônio, e se assim procedi foi porque a senhora que com tanto empenho me convidara a acompanhá-la a Lancashire insistiu tanto na viagem, prometendo que eu encontraria alegria e coisas boas, que me senti tentada a comprovar em pessoa; “e talvez lá eu melhore em muito a minha situação”, pensei; e resolvi, sem muitos escrúpulos de consciência, abandonar meu honesto cidadão, por quem não estava enamorada o bastante para não largá-lo por outro mais rico.

Em poucas palavras: evitei o contrato mas disse que estava de viagem para o norte e em breve lhe enviaria minhas indicações de morada para que ele me mantivesse a par dos assuntos de que estava encarregado; dava-lhe prova cabal de confiança, uma vez que deixava em suas mãos quase tudo o que possuía no mundo; e que lhe dava minha palavra de que assim que ele lograsse divorciar-se de sua mulher e me comunicasse tal fato, eu voltaria a Londres e então falaríamos seriamente a respeito de sua proposta.

Devo confessar que eu viajava para o norte por uma razão nada nobre, embora fosse convidada a fazê-lo por motivos ainda mais infames, como mostrará minha explanação; parti para Lancashire, pois, com minha amiga, como eu a chamava; ela me cumulou de mimos durante toda a viagem, demonstrando afeição sincera e desinteressada; cuidou de todos os gastos, exceto o aluguel do coche, e seu irmão foi nos receber numa carruagem senhorial em Warrington, de onde fomos levadas a Liverpool com toda a cerimônia; nessa cidade hospedamo-nos muito bem, por três ou quatro dias, na casa de um comerciante cujo nome me abstenho de citar devido ao que ocorreu mais tarde; depois, minha amiga disse que me levaria para a casa de um tio seu, onde seríamos tratadas com a máxima consideração; o tio, como ela o chamava, enviou uma carruagem com quatro cavalos e fomos conduzidas a um local a cerca de sessenta e cinco quilômetros de distância.

Chegamos à residência requintada, em meio a um amplo parque, onde vivia uma família numerosa, pessoas realmente notáveis, que chamavam minha amiga de “prima”; queixei-me a ela, dizendo que, se tencionava levar-me a uma mansão, deveria ter-me avisado para que eu me preparasse e trouxesse roupas melhores; assim que se inteiraram

disso, as senhoras me asseguraram com grande gentileza que na província as pessoas não eram avaliadas tanto pelas roupas, como em Londres – que a prima já lhes falara de mim e que eu não precisava de vestidos para me destacar; em suma, tratavam-me não pelo que eu era, mas pelo que acreditavam que eu fosse, ou seja, uma viúva riquíssima.

Minha primeira descoberta foi que todos os membros da família eram católicos, como também a prima que eu chamava de amiga; não obstante, devo dizer que ninguém no mundo poderia portar-se melhor comigo que eles, pois me dispensavam as mesmas cortesias que teriam com uma pessoa da mesma fé; a verdade é que eu não tinha muitos princípios de nenhum gênero que me tornassem escrupulosa no tocante a religião, e logo aprendi a falar favoravelmente da Igreja romana – disse-lhes, aliás, que considerava apenas preconceitos de educação todas as divergências religiosas entre os cristãos, e que, tivesse meu pai sido católico, sem dúvida eu estaria muito satisfeita de abraçar aquela religião.

Tais palavras deixaram-nos imensamente gratos, e dia e noite vi-me cercada de boa companhia e agradável conversação, a ponto de duas ou três senhoras de idade se dedicarem a me instruir sobre doutrinas religiosas; mostrava-me tão complacente que, sem me comprometer a nada, não vi inconveniente em assistir à missa e a fazer os gestos, como me ensinavam, mas não estava disposta a ceder tão facilmente, e por isso fiz com que achassem que me converteria ao catolicismo, e as coisas ficaram por isso.

Permaneci nessa casa durante aproximadamente seis semanas; depois minha guia levou-me para uma vila rural que distava dez quilômetros de Liverpool, onde seu irmão (como ela o chamava) foi me visitar em sua carruagem, com muita pompa e dois lacaios com vistosas librés; sem perda de tempo, passou a fazer-me a corte; por tudo o que já havia passado, alguém diria que eu não me deixaria embair facilmente, e, com efeito, pensei que dispunha em Londres de uma carta segura para jogar e que não a deixaria de lado a menos que pudesse melhorar muito de vida; no entanto, por todos os indícios aquele irmão era um bom partido que valia a pena ser considerado, com renda calculada em pelo menos mil libras por ano, embora a irmã dissesse que ascendia a mil e quinhentas, e que a maior parte de suas propriedades ficava na Irlanda.

A mim, como eu era também muito rica, ou ao menos passava por tal, ninguém ousava interrogar sobre rendas e propriedades, e minha falsa amiga, baseando-se num rumor infundado, elevava minha riqueza de quinhentas libras para cinco mil, e quando chegou à sua terra a transformou em quinze mil; o irlandês, como logo vim a saber que ele era, deve ter perdido a cabeça diante de tal isca – para não me estender muito, ele me cortejou, cobriu-me de presentes e se endividou como um desvairado para cobrir os gastos de carruagens e seus aparelhamentos.

Seu porte, para lhe fazer justiça, era o de um cavalheiro bem-apegoado ao extremo: alto, de constituição atraente e bom conversador; discorria com tanta naturalidade sobre seu parque, os estábulos, os cavalos, os guarda-caças, as florestas, os rendeiros e os servos, como se tivéssemos estado em seu solar e eu tivesse visto tudo com os próprios olhos.

Nunca me interrogou sobre minha fortuna ou minhas propriedades, mas assegurou-

me que quando chegássemos a Dublin transferiria para mim boas terras que me renderiam seiscentas libras anuais e que poderíamos já firmar um acordo ou contrato nesse sentido.

Essa era uma linguagem com a qual eu na verdade não estava habituada, e creio que, apesar de minhas experiências passadas, deixei-me sucumbir a ela; havia junto de mim um demônio feminino que a cada instante me lembrava que bela vida levava seu irmão; volta e meia me procurava para saber de que cor eu queria que meus coches fossem pintados, como deveriam ser forrados ou de que cor desejava que o pajem se vestisse; na verdade, meus olhos estavam toldados e eu perdera a capacidade de dizer não; para abreviar a história, direi apenas que concordei em me casar e, para que a cerimônia fosse reservada, fomos a um lugar mais afastado na província e nos unimos perante um padre católico, que, segundo me garantiram, nos casaria tão validamente como um ministro da Igreja da Inglaterra.

Não posso negar que, naquela ocasião, às vezes pensei no abandono vergonhoso a que eu relegaria meu fiel administrador, que me amava com sinceridade e movia céus e terras para se livrar de uma meretriz indigna, por quem fora tratado de maneira deveras infame, e que sonhava com uma felicidade infinita junto à nova escolhida, que se entregava agora a outro homem, uma conduta quase tão escandalosa como se poderia qualificar a de sua mulher.

Entretanto, cegava-me de tal forma a miragem deslumbrante da fazenda enorme e de muitas outras coisas de valor que a criatura enganada, que agora era meu enganador, apresentava a cada instante a minha imaginação, que não me deixava tempo para pensar em Londres ou em algum outro aspecto relacionado à cidade, muito menos na obrigação que eu contraíra com uma pessoa de méritos infinitamente mais autênticos que aquela que agora tinha diante de mim.

Contudo, a coisa estava feita e eu me achava nos braços de meu novo marido, que ainda parecia o mesmo de antes, perdulário até a ostentação, pois seu trem de vida habitual não poderia ser custeado por uma renda inferior a mil libras anuais.

Estávamos casados havia mais ou menos um mês quando ele começou a falar que eu iria para West Chester, onde embarcaria para a Irlanda; no entanto não me apressou – ficamos onde estávamos por quase três semanas mais, e depois desse tempo ele fez com que viesse de Chester uma carruagem que nos levaria ao lugar que chamam de Black Rock, que fica diante de Liverpool, do outro lado do rio Mersey; ali embarcamos num belo barco de seis remos, que por lá chamam pinaça – criados, cavalos e bagagem seriam transportados numa balsa; desculpou-se dizendo que não tinha amizade com ninguém em Chester, razão pela qual iria sozinho a essa cidade, a fim de providenciar bom alojamento para mim numa casa particular; perguntei por quanto tempo ficaríamos em Chester, e ele disse não mais que uma noite ou duas, mas que imediatamente contrataria uma carruagem para ir a Holyhead; disse então que não havia por que ele dar-se ao trabalho de alugar aposentos particulares por uma ou duas noites: como Chester era uma cidade grande, com certeza haveria lá excelentes pousadas e acomodações; hospedamo-nos então

numa pousada na rua West, cujo nome não lembro, a pouca distância da catedral.

Uma vez ali, e conversando sobre nossa viagem para a Irlanda, meu marido me perguntou se eu tinha algum assunto a resolver em Londres antes de partirmos; respondi-lhe que não, que aqueles de que poderia tratar eram de pouca importância e se resolveriam por cartas enviadas de Dublin; “senhora”, disse ele com muito respeito, “suponho que a maior parte de sua fortuna, que, segundo minha irmã, consiste sobretudo em dinheiro depositado no Banco da Inglaterra, encontra-se perfeitamente segura onde está, mas caso seja preciso fazer uma transferência ou alguma outra operação bancária, talvez fosse melhor viajar a Londres para resolver essas questões antes da viagem à Irlanda”.

Devo ter-me mostrado perplexa e respondi que não o entendia, que não tinha, ao que soubesse, dinheiro no Banco da Inglaterra, e que esperava que ele não pudesse sustentar que eu havia afirmado isso; não, disse ele, nunca afirmara tal, mas sua irmã declarara que a maior parte de minha fortuna estava ali depositada; “e eu só me referi a isso, querida”, disse, “pensando que, se houvesse necessidade de organizar alguma coisa ou dar alguma ordem, evitássemos os riscos e incômodos desnecessários de mais uma viagem de ida e volta”; e acrescentou que não queria que me expusesse demasiado em viagens marítimas.

Fiquei assombrada com suas palavras e comecei a refletir seriamente sobre o que poderiam significar, e de repente me ocorreu que minha amiga, que o chamava de irmão, fizera de mim um retrato muito diverso da realidade; pensei que já que havia chegado ao fastígio em que me achava, melhor seria conhecer logo a profundidade do abismo antes de deixar a Inglaterra e pôr-me sabe-se lá em que mãos num país estrangeiro.

Diante disso, chamei sua irmã a meu quarto na manhã seguinte e, pondo-a a par da conversa que tivera com seu irmão na noite anterior, pedi que me dissesse o que lhe havia falado a meu respeito e com base em quê armara aquele casamento; ela admitiu ter dito ao irmão que eu era riquíssima, segundo ouvira dizer em Londres – “por ouvir dizer?”, repeti, veemente; “por acaso eu lhe disse isso?”; não, ela reconheceu, era verdade que eu não lhe dissera tal, mas em várias oportunidades havia afirmado que podia dispor livremente de tudo o que possuía; “realmente eu disse isso”, apressei-me a dizer, com dureza, “mas nunca afirmei que possuía qualquer coisa que se possa chamar de fortuna – não, eu nunca disse que tivesse no mundo cem libras ou bens nesse valor; e como a ideia de eu ser tão rica condiz com o fato de eu vir morar com você no norte da Inglaterra apenas para viver com mais economia?”; no momento em que pronunciei essas palavras, em alto e bom som, chegou meu marido e seu irmão, como ela o chamava, e pedi-lhe que entrasse e se sentasse, porque o que tinha a dizer aos dois era algo de suma importância e era absolutamente necessário que ele escutasse.

Meu marido pareceu um tanto confuso com a gravidade com que eu parecia me expressar, mas entrou e se sentou, depois de fechar a porta; comecei então a falar, pois estava muito exasperada, voltando-me para ele – “creio, meu caro”, disse-lhe, com toda a amabilidade, “que ao se casar comigo você foi vítima de um engano gravíssimo, de uma burla que nunca poderá ser reparada, e como nisso não tive participação alguma, quero

ser absolvida de toda culpa, e que esta recaía sobre quem a tem e em ninguém mais, pois lavo as mãos de tudo o que ocorreu”.

“Em que engano posso ter incorrido ao me casar com você, querida?”, perguntou ele; “creio que esse enlace só redunde em honra e vantagem para mim”; “não tardarei a explicar”, respondi, “e creio que você erra se pensa ter sido explorado; mas vou convencê-lo, querido”, repeti, “de que não tive culpa” – e aqui fiz uma pausa.

Ele parecia agora assustado e aturdido, e começou a suspeitar, quero crer, do que viria a seguir; olhando para mim, no entanto, limitou-se a dizer, “continue”, e se manteve em silêncio para ouvir o que mais eu tinha a dizer; olhando para ele, disse, “ontem à noite perguntei-lhe se algum dia eu me gabara com você com relação a minha riqueza ou se lhe disse que tinha um capital depositado no Banco da Inglaterra ou em qualquer outra instituição, e você admitiu que não, como é a verdade; peço que me diga aqui, diante de sua irmã, se em alguma ocasião lhe dei motivo para crer nisso ou se algum dia conversamos a respeito desse assunto”; ele reconheceu que não, mas observou que eu sempre parecera uma mulher muito rica, que ele continuava crendo nisso e que esperava não se ter enganado; “não estou averiguando se você foi enganado ou não”, eu disse, “ainda que considero tenha sido, e que também eu o fui; o que estou procurando fazer é livrar-me de uma acusação injusta, que possa recair sobre mim, de ter desejado enganá-los.

“Estive perguntando a sua irmã se em alguma ocasião eu lhe disse que possuía capitais ou propriedades, e se lhe havia dado algum detalhe sobre isso, e ela não pôde deixar de admitir que nunca o fiz; e, por favor, senhora”, prossegui, voltando-me para ela, “seja justa comigo, na presença de seu irmão, e me acuse, se puder, de algum dia eu lhe ter falado sobre possuir fortuna; e por quê, se a tivesse, eu a acompanharia à província com o único intuito de economizar um pouco e viver com menores gastos?”; ela não pôde negar uma só de minhas palavras, mas declarou que lhe haviam garantido em Londres que eu tinha uma enorme fortuna depositada no Banco da Inglaterra.

“E agora, meu caro senhor”, disse eu, voltando-me outra vez para meu novo marido, “seja justo comigo e diga-me: quem ludibriou tanto a você quanto a mim, a ponto de levá-lo a crer que era possuidora de grande fortuna e induzi-lo a me cortejar e casar-se comigo?”; ele não disse palavra, mas apontou para ela, e depois de breve pausa foi tomado pelo mais violento acesso de cólera que já vi num homem em minha vida; despejou sobre ela todos os sinônimos de prostituta e todos os palavrões que lhe ocorriam; acusou-a de tê-lo arruinado e declarou que ela lhe assegurara que eu possuía quinze mil libras e que ele deveria dar-lhe quinhentas por ter-lhe conseguido esse casamento; a seguir, acrescentou, dirigindo-se a mim, que ela nada tinha de irmã sua e fora sua concubina até dois anos antes, que já recebera cem libras dele como parte daquele negócio, e que agora ele se achava inteiramente arruinado se as coisas fossem como eu dizia.

Em sua fúria, jurou que lhe arrancaria imediatamente o coração, o que assustou a ela e também a mim; ela pôs-se a gritar, afirmando que ouvira aquilo tudo na casa em que eu

me hospedava, o que só serviu para enfurecer ainda mais meu marido, que protestou, colérico, que ela o levava tão longe baseada num mero boato; em seguida, virando-se outra vez para mim, disse com muita sinceridade que temia estivéssemos ambos perdidos; “porque, para falar claro, minha cara”, disse ele, “não tenho propriedade alguma, e o pouco que possuía esse demônio me fez dilapidar fazendo-lhe a corte e adquirindo essas carruagens e tudo o mais”; a mulher aproveitou que ele estava desatento, saiu do quarto e nunca mais a vi.

Naquele momento eu estava tão transtornada quanto ele e não sabia o que dizer; ocorreu-me que, por várias razões, era eu quem tinha levado a pior, pois quando ele me disse que estava perdido e que não possuía propriedade alguma, não deixei de sentir profunda tristeza; “pois bem”, respondi, “tudo isso foi uma esparrela infernal – aqui estamos, casados com base numa dupla fraude: você parece estar consternado por causa da decepção, mas se eu fosse dona de fortuna também teria sido enganada, já que você diz que nada possui”.

“Você de fato teria sido enganada, querida”, disse ele, “mas não estaria arruinada, pois quinze mil libras nos permitiriam uma vida magnífica nesta província; e asseguro-lhe que estava resolvido a dedicar a você até a última moedinha de quatro pênis, que não a ludibriaria em um só xelim e, além disso, teria devotado a você todo o meu afeto e minha ternura durante o resto de minha vida.”

Suas palavras eram verdadeiramente sinceras, e acredito que ele dizia a verdade e que teria sido o homem mais indicado, de quantos eu havia conhecido, para fazer-me feliz, em vista de sua índole e de sua urbanidade, mas sem propriedades e afundado em dívidas devido àquele ridículo episódio na província, as perspectivas que tínhamos diante de nós não poderiam ser mais funestas e medonhas, e eu não sabia o que dizer nem o que pensar de mim.

Disse-lhe ser tristíssimo que tanto amor e tantas boas intenções como as que eu descobria nele devessem se precipitar na miséria, pois só via calamidades diante de nós; quanto a mim, mortificava-me a ideia de que o pouco que tinha não nos bastaria para uma semana – ato contínuo, tirei uma cédula de vinte libras e onze moedas de guinéu, quantia que, disse-lhe, poupava de minha parca renda – e que eu esperava que meu capital, segundo me dissera aquela mulher a respeito do trem de vida naquela província, poderia me manter por três ou quatro anos; que se ele me fosse tirado, eu estaria na indigência, e ele sabia em que situação se vê uma mulher sem nada no bolso e em terra estrangeira; no entanto, disse que se ele o queria era seu.

Respondeu-me com muita emoção, julgo até ter visto lágrimas em seus olhos, que não tocaria em meu dinheiro, que lhe repugnava a ideia de despojar-me do que possuía e com isso reduzir-me à miséria – que, pelo contrário, restavam-lhe cinquenta guinéus, era tudo quanto tinha no mundo, e pôs o dinheiro sobre a mesa, dizendo-me que o pegasse, mesmo que ele tivesse de morrer de fome por não tê-lo.

Não menos comovida que ele, repliquei que não suportava ouvi-lo dizer tais palavras; pelo contrário, se ele pudesse propor alguma forma de vivermos, eu faria, junto dele,

qualquer atividade que fosse honesta, levando uma vida tão despojada quanto ele propusesse.

Implorou-me que não falasse mais assim, porque aquelas palavras o fariam enlouquecer; disse que havia sido educado como cavalheiro, embora com fortuna assaz reduzida, e que a seu ver só restava um caminho a seguir, e era o que ele tomaria, a menos que eu pudesse responder-lhe uma pergunta; no entanto não desejava forçar-me a isso – disse-lhe que responderia com toda a sinceridade, fosse minha resposta de seu agrado ou não, o que eu não poderia saber.

“Então, querida, diga-me com toda a franqueza”, perguntou, “o pouco que você tem basta ou não para nos manter de alguma forma e em um lugar qualquer?”

Para sorte minha, até aquele momento nada lhe revelara sobre minha situação, nem mesmo meu nome; ao ver que nada podia esperar dele, malgrado a simpatia e a sinceridade com que parecia falar, não me senti disposta a repartir com ele o que sabia seria gasto rapidamente, e por isso resolvi ocultar o que possuía, com exceção da cédula de vinte libras e dos onze guinéus que de bom grado daria por perdidos para me ver de volta ao lugar onde ele me encontrara; na verdade, tinha em meu poder outra nota de trinta libras, que completava o que havia trazido comigo para sobreviver na província, por ignorar que futuro me aguardava ali, já que aquela mulher, a intermediária que nos atraíra, fizera-me crer que poderia me casar com um bom partido, e eu não queria estar desprovida de dinheiro para qualquer eventualidade – essa nota eu a escondi, e assim me senti mais apartada do resto, considerando a situação em que ele se achava, que me penalizava deveras.

Voltando a sua pergunta, disse-lhe que nunca o enganara voluntariamente e que jamais o faria; lamentava muito dizer-lhe que o pouco que possuía não manteria a nós dois, que na realidade não bastava para me manter no sul, e que fora essa a razão que me levava a pôr-me nas mãos daquela mulher que o chamava de irmão e que dissera que eu poderia viver folgadoamente numa cidade chamada Manchester, onde eu ainda não estivera, gastando cerca de seis libras por ano, e que, como meus rendimentos não superavam quinze libras anuais, pensava poder viver com essa quantia, à espera de tempos melhores.

Ele assentiu com um gesto de cabeça e permaneceu em silêncio – e aquela foi uma noite melancólica para nós dois; contudo, ceamos e também fomos nos deitar juntos; quando ainda acabávamos a ceia, ele pareceu sentir-se melhor, mais animado, e pediu uma garrafa de vinho: “ora, querida”, disse, “a situação pode estar complicada, mas não há motivo para nos abatermos; enfrentemos a tempestade da melhor maneira possível; farei de tudo para encontrar um ou outro meio de viver; se você puder manter-se a si mesma, isso é melhor do que nada; hei de confrontar o mundo de novo: um homem deve pensar como um homem, desanimar é render-se à desventura”; com essas palavras, encheu a taça e brindou à minha saúde, segurando-me a mão e apertando-a com força enquanto bebia e declarava que seu único cuidado era meu bem-estar.

Era um homem de espírito verdadeiramente nobre, e era isso que mais me doía; no fundo, há até certo consolo em ser arruinada por um homem honrado, e não por um

pulha; nesse caso, no entanto, o maior prejudicado fora ele, uma vez que de fato gastara uma enormidade de dinheiro, iludido por aquela senhora alcoviteira; aliás, vale a pena ressaltar a debilidade dos fundamentos sobre os quais ela construiu sua velhacaria: primeiro, destaque-se a baixeza da criatura, que para ganhar uma centena de libras fez com que ele gastasse três ou quatro vezes isso, ou até mais, o que talvez fosse tudo quanto ele possuía no mundo; e assim procedera sem ter, além de algum boato ouvido numa roda de chá, nenhum outro motivo para afirmar que eu possuía propriedades, que era dona de fortuna ou qualquer coisa do gênero; é verdade que o propósito de enganar uma mulher rica, se eu o fosse, já seria uma baixeza; mascarar com aparência opulenta uma situação de pobreza é trapaça, e bastante vil; mas aqui havia uma diferença que depunha em favor de meu marido, pois ele não era de modo algum um aventureiro que se ocupasse de esbulhar mulheres, como já fizeram muitos, apoderando-se de seis ou sete fortunas, uma após outra, para depois fugir e abandoná-las: era de fato um cavalheiro, desafortunado e sem fortuna, mas vivia com honra, e fora eu deveras rica teria me encolerizado com o tratante que me traíra, mas sendo ele o homem que era, uma fortuna cairia bem em suas mãos, pois era pessoa de bom caráter, de princípios generosos, de bom senso e extremamente simpático.

Conversamos com a mais absoluta franqueza nessa noite, pois nenhum de nós dormiu muito; ele estava arrependido por ter-me feito vítima de todos aqueles ardis, como se houvesse cometido um delito e estivesse à espera de subir ao patíbulo; mais uma vez ofereceu-me até o último xelim que possuía, dizendo que entraria para o Exército e correria mundo em busca de fortuna.

Perguntei por que fora tão mau a ponto de querer levar-me para a Irlanda, se eu sabia que ele não teria condições de me manter lá; ele me tomou nos braços e disse, “minha querida, creia no que digo, nunca tive intenção de ir para a Irlanda e muito menos de levá-la comigo; vim para esta cidade a fim de ficar longe dos olhos de pessoas que pudessem perceber o que eu pretendia, e para que ninguém me cobrasse o que eu devia até lhes poder pagar”.

“Nesse caso”, perguntei, “para onde teríamos ido em seguida?”

“Minha cara, vou lhe confessar todo o plano, tal como o havia concebido: tencionava perguntar-lhe sobre sua fortuna, como bem sabe que fiz, e quando houvéssemos chegado a algum acordo sobre a questão, teria achado uma desculpa para retardar nossa mudança para a Irlanda, e primeiro iríamos a Londres; seria então que eu lhe confessaria o estado real de minha situação, admitindo que usara de todos aqueles artifícios para persuadi-la a se casar comigo, mas que agora só me restava pedir-lhe perdão e dizer, como já fiz, que me empenharia em fazê-la esquecer o passado com a felicidade dos dias vindouros.”

“Para dizer a verdade”, respondi, “creio que você não tardaria a me conquistar, e afligme sobremodo que eu não esteja em condições de fazê-lo ver com que facilidade eu me teria reconciliado com você e dito que perdoava suas farsas por causa de sua simpatia; no entanto, querido, e agora? se estamos ambos arruinados, que podemos fazer além de nos reconciliar, já que não temos com que viver?”

Traçamos muitos projetos, porém nenhum prestava, já que não tínhamos como iniciá-los; por fim ele me pediu que não falássemos mais a respeito, pois o assunto dilacerava seu coração; conversamos um pouco sobre outras coisas, até que ele se virou para o outro lado e adormecemos.

De manhã, ele se levantou antes de mim; como passara quase toda a noite acordada, tinha muito sono e só deixei o leito pelas onze horas; nesse meio-tempo, depois de reunir seus cavalos e três criados, ele partiu com sua roupa e bagagem, deixando para mim, sobre a mesa, uma carta curta mas comovente que dizia:

Minha querida,

sou um cachorro; tratei-a mal mas fui arrastado a isso por uma criatura abjeta, contra todos os meus princípios e todas as minhas regras gerais de vida – perdoe-me, querida! peço-lhe, com toda a sinceridade, que me perdoe; sinto-me o mais desditoso dos homens por tê-la iludido; fui felicíssimo ao tê-la como mulher, e agora me sinto tão infeliz que me vejo obrigado a fugir de você – querida, me perdoe, mais uma vez peço: perdoe-me! não suporto vê-la arruinada por minha causa, estando eu sem meios de mantê-la; nosso casamento de nada vale – nunca mais poderei revê-la, razão pela qual exonero-a de todo compromisso: se puder casar-se de novo vantajosamente, não deixe de fazê-lo por minha causa; juro por minha fé e empenhando minha palavra de honra que nunca hei de perturbar sua paz de espírito se vier a me inteirar disso, o quê, porém, é pouco provável; por outro lado, se não voltar a se casar e se a sorte me sorrir serei todo seu, onde quer que você esteja.

Pus em seu bolso parte do dinheiro que me restou: compre assentos para você e sua criada na diligência de Londres; espero que baste para seus gastos de viagem até lá, sem que tenha de tocar no seu; mais uma vez e sinceramente peço seu perdão, o que farei toda vez que pensar em você.

Adieu, querida, para sempre!

Sempre seu, com todo o afeto,

J.E.

Nada do que me acontecera até então feriu-me mais profundamente o coração do que esse adeus; mil vezes censurei-o em pensamento por me deixar, pois eu o acompanharia até o fim do mundo, mesmo que tivesse de mendigar meu pão; levando a mão ao bolso, ali encontrei dez guinéus, seu relógio de ouro e dois anezinhos, um deles um pequeno anel de brilhante que valeria umas seis libras, e o outro um aro de ouro simples.

Fiquei sentada, imóvel, olhando para aqueles objetos por cerca de duas horas, sem dizer palavra, até minha criada anunciar que o almoço estava servido; comi um pouco e fui tomada de violenta crise de choro; vez por outra eu o chamava pelo nome, que era James: “ah, Jemmy”, exclamava, “volte, volte para mim! eu lhe darei tudo o que tenho, mendigarei, passarei fome com você”; e caminhava de um lado para o outro no aposento, sentava-me de vez em quando e logo voltava a andar, suplicando aos gritos que retornasse

e caindo no pranto de novo; assim passei a tarde, até mais ou menos as sete da noite; quando já quase escurecia, pois estávamos em agosto, para meu indizível espanto ele voltou à hospedaria, sem nenhum criado, e veio diretamente a meu quarto.

Fui tomada da maior desorientação que se possa imaginar, como também ele; não conseguia entender o que acontecia, não sabia se estava feliz ou aborrecida com seu retorno; meu amor, no entanto, prevaleceu e foi-me impossível ocultar a alegria, demasiado intensa para expressá-la apenas com sorrisos, e assim rompi em soluços; logo que ele entrou no quarto, abraçou-me com força, quase me deixando sem fôlego com seus beijos, mas sem dizer uma só palavra; por fim, fui eu que disse, “meu querido, como pôde me abandonar?”; ele nada respondeu, pois era-lhe impossível falar.

Amainado nosso êxtase, ele então disse que percorrera uns vinte e cinco quilômetros, contudo não fora capaz de prosseguir sem me ver de novo e despedir-se de mim uma vez mais.

Contei-lhe como passara o tempo e que o chamara em altos brados, pedindo que voltasse; ele disse que me escutara perfeitamente quando passava pela floresta de Delamere, num lugar a cerca de vinte quilômetros dali; sorri; “pode acreditar”, ele disse, “não pense que estou gracejando, porque tanto como conheço sua voz, ouvi que você me chamava aos gritos, e cheguei a crer que a via correndo em meu encalço”; “então me diga”, pedi, “o que eu gritava”, pois não lhe repetira as palavras que havia pronunciado; “você chamava alto”, disse ele, “dizendo, ah, Jemmy, volte, volte para mim!”.

Não pude deixar de rir; “não ria, querida”, disse ele, “porque acredite que ouvi sua voz com a mesma clareza com que neste momento você ouve a minha; se quiser, estou disposto a comparecer perante um magistrado para repetir sob juramento o que lhe disse”; comecei então a me sentir assombrada e perplexa, como também até um pouco assustada, e tornei a lhe contar o que eu tinha feito e como o havia chamado.

Depois de nos divertirmos com o prodígio do acontecido, eu disse, “bem, você não me abandonará nunca mais: irei até o fim do mundo com você”; respondeu que seria difícil para ele deixar-me, mas que como isso teria de ocorrer, esperava que eu enfrentasse a situação com a maior calma possível; quanto a ele, sabia que estava perdido.

Entretanto, ele disse que refletira sobre ter-me permitido viajar sozinha para Londres, pois era jornada demasiado longa; como para ele tanto fazia ir naquela direção quanto em qualquer outra, decidira me acompanhar até meu destino, ou até perto dele, para ter certeza de que chegaria sã e salva; e me fez prometer que caso me deixasse sem se despedir eu não o julgasse mal.

Contou-me que vendera os cavalos, demitira os três criados e os mandara cuidar da vida por sua própria conta, tudo isso em pouco tempo, numa cidade que não sei qual seja, ao longo da estrada, “e quando me vi sozinho”, continuou, “não pude deixar de derramar algumas lágrimas ao pensar em como eles eram mais felizes que o amo, pois podiam dirigir-se à casa do primeiro cavalheiro que achassem, oferecendo seus serviços, ao passo que eu não sabia aonde ir nem o que fazer de mim”.

Disse-lhe que me sentia tão infeliz por ter de me separar dele que não imaginava infortúnio maior, e que agora, depois de ele ter voltado, não queria nova separação, e que se ele me desejasse a seu lado eu iria aonde ele fosse e faria o que ele quisesse; nesse ínterim, concordava em que viajássemos juntos a Londres, mas não podia aceitar que ele por fim fosse embora sem sequer se despedir de mim, como pretendia fazer; garanti-lhe, porém, em tom jocosos, que se ele assim procedesse eu o chamaria de volta, gritando bem alto, como havia feito antes; a seguir devolvi-lhe o relógio, os dois anéis e seus dez guinéus – ele não os aceitou, o que me fez suspeitar que na verdade tencionava mesmo abandonar-me no caminho.

A verdade é que, em vista da situação em que ele se encontrava, das expressões apaixonadas de sua carta, da maneira gentil e cavalheiresca como se houvera comigo ao longo de todo o episódio e diante do cuidado que demonstrava, dando-me de presente grande parcela do pouco que lhe restara – tudo isso se unia para me causar tão forte impressão que realmente vim a amá-lo com muita ternura, e era-me intolerável a ideia de separar-me dele.

Dois dias depois partimos de Chester – eu na diligência e ele a cavalo; ainda em Chester, demiti a criada; ele se opôs com energia a que eu ficasse sem ela, mas como a contratara na província e estava decidida a não ter criada em Londres, expliquei-lhe que seria uma desumanidade levar comigo a pobre moça só para demiti-la assim que chegasse a Londres; além do mais, ela seria um peso inútil na viagem, e com tais argumentos acabei por convencê-lo.

Ele me acompanhou até Dunstable, a menos de cinquenta quilômetros de Londres, e ali me disse que a fatalidade e suas próprias desventuras o obrigavam a me deixar e que não lhe era conveniente ir a Londres, por motivos que não valia a pena eu conhecer, e vi que ele se preparava para partir; a carruagem em que eu viajava não costumava parar em Dunstable – pedi, porém, que lá demorasse por um quarto de hora, e todos ficaram satisfeitos com o breve descanso numa hospedaria.

Na hospedaria, disse que ainda gostaria de pedir-lhe um favor: já que ele não desejava prosseguir até Londres, que me permitisse passar uma ou duas semanas naquela cidade com ele, de modo que nesse período pudéssemos pensar numa solução menos funesta que a separação definitiva – tinha uma ideia sobre a qual ainda não lhe falara, mas que gostaria de expor, pois talvez ele a julgasse praticável e conveniente para nós dois.

O pedido era demasiado razoável para ser recusado, de modo que ele chamou a dona do estabelecimento e lhe disse que sua mulher adoecera e se sentia tão mal que não podia nem pensar em prosseguir com aquela viagem, que a fatigara a ponto de quase pô-la às portas da morte, e perguntou se não nos conseguiria alojamento por dois ou três dias numa casa particular, onde eu pudesse descansar um pouco de tão desmedida viagem; a hospedeira, uma boa mulher, educada e amável, logo veio me ver; disse dispor de dois ou três excelentes aposentos numa parte da casa afastada de todos os ruídos da rua; estava certa de que se eu os visse gostaria deles, e que eu poderia contar com uma de suas camareiras para se ocupar de mim – foi tão gentil que não pude deixar de aceitar seu

oferecimento e agradecer-lhe; vi os aposentados, de que realmente gostei, pois eram de fato bem-aparelhados e agradáveis; então pagamos o coche, dele retiramos nossa bagagem e resolvemos ficar ali por algum tempo.

Já acomodados, disse a meu marido que viveria com ele enquanto me restasse algum dinheiro, mas que não permitiria que ele gastasse um xelim do seu; houve certa alteração quanto a isso; mas como era a última vez que desfrutaria de sua companhia, desejava que ele me permitisse tomar as decisões, ainda que só no tocante a esse ponto, podendo ele governar tudo o mais, e ele consentiu.

Numa tarde, quando passeávamos pelos campos, disse-lhe que aproveitaria a ocasião para expor a ideia de que lhe falara: contei que tinha morado na Virgínia, que, se viva, minha mãe lá residia, embora meu marido já tivesse falecido havia alguns anos; disse que, não fora o fato de ter perdido meus bens, dos quais, aliás, fiz uma descrição exagerada, seria agora rica o bastante para impedir que nos separássemos daquele modo; falei em seguida da maneira como muitas pessoas emigravam para essas colônias e lá se estabeleciam, e contei que, pelas leis locais, recebem uma gleba para sementeira – por outro lado, podem comprar terras a um preço tão baixo que nem valia a pena mencioná-lo.

Fiz a seguir detalhada e precisa exposição da natureza dos cultivos e de como, levando para lá mercadorias inglesas no valor de não mais que duzentas ou trezentas libras, com alguns criados e petrechos um homem diligente podia lançar as bases de uma família e em pouco tempo certamente constituiria um belo patrimônio.

Dei-lhe informações sobre a natureza dos produtos agrícolas, a forma como o terreno era preparado e lavrado e o volume das colheitas habituais, mostrando-lhe que em poucos anos teríamos tanta certeza de ficar ricos como agora tínhamos de estar pobres.

Ele se mostrou perplexo com minha exposição, que se tornou o tema de nossas conversas durante quase uma semana, quando lhe provei por A mais B, como se diz, que era moralmente impossível, supondo-se uma dedicação razoável ao trabalho, não alcançar a prosperidade e levar uma vida de abundância.

Em seguida lhe expus que medidas tomaria para levantar aquela quantia de trezentas libras – pouco mais, pouco menos – e argumentei que esse caminho conviria para pôr um fim a nossas adversidades e restabelecer nossa posição no mundo, como ambos tínhamos aspirado; acrescentei ainda que ao cabo de sete anos, se ainda vivos, poderíamos nos ver em condições de deixar em boas mãos as *plantations* e retornar à Inglaterra, para viver das rendas da terra e desfrutá-las – citei exemplos de pessoas que assim haviam procedido e agora levavam vida regalada em Londres.

Para resumir, tanto insisti que ele quase aceitou a ideia, mas ora opondo uma objeção, ora outra, até que por fim mudou de rumo e pôs-se a falar quase do mesmo projeto, mas na Irlanda.

Disse que um homem que se limitasse à vida campestre e que contasse com o capital necessário para adquirir um terreno podia achar ali propriedades por cinquenta libras

anuais, tão boas quanto aquelas que na Inglaterra custavam duzentas; que as terras eram tão ricas, e as colheitas, tão copiosas que, se a maior parte da área não fosse posta em pousio, poderíamos ter certeza de levar lá uma vida folgada como a de um cavalheiro com renda de três mil na Inglaterra; contou que lhe ocorrera deixar-me em Londres e ir tentar a vida na Irlanda, e que se ele comprovasse ser capaz de prover meios para me proporcionar uma vida digna do respeito que tinha por mim, o que sem dúvida aconteceria, voltaria para me buscar.

Diante dessa proposta, tive muito medo de que ele me pegasse pela palavra, ou seja, me forçasse a dispor de minha pequena renda, como eu a chamava, convertendo-a em dinheiro para que ele a levasse para a Irlanda e com ela tentasse a vida; porém ele era por demais honesto para estar de olhos postos em meu dinheiro ou para aceitá-lo se eu o oferecesse; na verdade, ele se antecipou a mim nesse ponto, acrescentando que iria para lá a fim de tentar a sorte e que, se conseguisse um meio de vida, juntaríamos meus haveres aos dele quando eu fosse encontrá-lo, e viveríamos como desejávamos; todavia, não pretendia arriscar um xelim de meu dinheiro até ter tentado a vida com o pouco de que dispunha, e garantiu-me que se nada encontrasse na Irlanda que valesse a pena, voltaria para junto de mim e aceitaria meu projeto na Virgínia.

Estava tão convencido de que seu plano seria o primeiro a ser posto em prática que não tive como contradizê-lo; contudo, prometeu dar notícias logo que chegasse e que me faria saber se as perspectivas correspondiam a seus projetos, e que se ele não visse probabilidade de sucesso, eu poderia começar os preparativos para nossa outra viagem, pois me garantiu que de bom grado iria comigo para a América.

Não logrei que anuisse a mais que isso – no entanto, ocupamo-nos dessas conversas durante quase um mês, época na qual fruí de sua companhia, realmente a mais prazerosa que já tivera; nesse período, contou-me toda a história de sua vida, de fato surpreendente e tão rica de fatos diversos que poderia servir de base para um livro muito mais brilhante, com suas aventuras e peripécias, do que todos os que já vi impressos, mas falarei sobre isso mais adiante.

Por fim nos separamos, ainda que com enorme relutância de minha parte; na verdade, também ele se despediu contra a vontade, mas a necessidade o obrigava a fazê-lo, porquanto tinha muito boas razões para não ir a Londres, como algum tempo depois vim a compreender muito bem.

Dei-lhe uma indicação de morada para a qual poderia escrever-me; continuei, porém, a guardar meu grande segredo, jamais faltando à resolução de não revelar meu verdadeiro nome, quem eu era e onde poderia encontrar-me; de sua parte, ele me disse para onde poderia enviar-lhe uma missiva de modo que ele a recebesse.

Cheguei a Londres um dia depois de nos despedirmos, mas não fui diretamente a minha antiga moradia – por uma razão obscura, hospedei-me numa casa particular na rua St. John, ou, como a chama o vulgo, rua St. Jones, nas cercanias de Clerkenwell; ali, completamente sozinha, gozei do sossego necessário para descansar e refletir a sério sobre minhas andanças naqueles últimos sete meses, pois não fora mais breve o tempo

em que estivera ausente: lembrei-me com prazer infinito das horas agradáveis que passara com meu último marido; tal prazer, todavia, reduziu-se bastante quando me dei conta, algum tempo depois, de que estava grávida.

Era um fato inquietante, dada a dificuldade que se me antolhava: onde dar à luz, pois essa era das situações mais penosas em que se via uma mulher desconhecida naquele tempo, sobretudo se não tinha amigos e se, em tais circunstâncias, dependia das autoridades paroquiais, que impunham prova de respaldo pecuniário que eu não tinha nem poderia ter.

Durante todo aquele tempo eu tivera o cuidado de manter correspondência com meu honesto amigo bancário, ou, antes, ele cuidara de manter correspondência comigo, pois me escrevia toda semana; embora não houvesse gastado meu dinheiro com rapidez suficiente para ter de pedir-lhe mais, ainda assim lhe escrevia amiúde para faz saber que estava viva; deixara-lhe instruções em Lancashire para que as cartas que me remetia me fossem reenviadas, e durante meu retiro na rua St. Jones recebi dele uma missiva muito amável em que me informava que seu processo de divórcio avançava de forma adequada, em que pese ter-se deparado com dificuldades com as quais não contara.

Não recebi com desprazer a notícia de que o processo seria mais demorado do que ele esperava: não queria perdê-lo, ainda que no momento não estivesse em condições de unir-me a ele; tampouco cometeria o disparate de me casar sabendo carregar um filho de outro homem, como algumas mulheres que conhecia se arriscavam a fazer; contudo, não estava disposta a perdê-lo e, para simplificar, tomei a decisão de me casar, se ele não mudasse de parecer, assim que passasse meu resguardo – isso porque aparentemente eu não teria mais notícias de meu outro marido, e como ele insistira em que eu devia me casar de novo, assegurando que não se magoaria nem jamais me demandaria de volta, não tive escrúpulo algum em decidir que o faria se pudesse e se meu amigo do banco mantivesse a palavra; e eu tinha boas razões para crer que ele a cumpriria, pelas cartas que me escrevia, as mais afetuosas e amáveis que se possam imaginar.

Meu ventre começou a crescer, as pessoas da casa em que eu me hospedava perceberam, e na medida em que as boas regras de civilidade o permitiam passaram a insinuar que devia pensar em me mudar dali, o que me causou profunda prostração, pois realmente não sabia que caminho tomar: tinha dinheiro, mas não amigos, e se azeitava o momento em que me veria a braços com uma criança para manter, problema que jamais enfrentara até então, como os pormenores de minha história até aqui deixam claro.

No decurso de minha gravidez adoeci seriamente e minha prostração agravou a enfermidade, que por fim, segundo se viu, era apenas uma febre intermitente – o que eu temia era passar por um aborto; na verdade, dizer que eu temia um aborto não está de todo correto, pois eu até o receberia com satisfação, mas nunca pretendi tomar alguma providência para provocar um ou ingerir algo que o provocasse, uma vez que a simples ideia me repugnava.

No entanto, comentando o assunto na casa em que estava alojada, a dona da hospedaria recomendou-me que procurasse uma parteira; de início resisti mas por fim

concordei, embora lhe dissesse que não conhecia nenhuma, deixando a questão em suas mãos.

Pelo visto, a dona da casa não era tão inexperta como eu pensara no tocante a situações como a minha, como logo se verá, e ela mandou chamar uma parteira do tipo certo, ou seja, do tipo certo para mim.

A mulher parecia conhecer a fundo seu ofício, mas era também perita em outra especialidade, como a maior parte das mulheres, se não mais; minha senhoria lhe dissera que eu estava muito melancólica e que, em sua opinião, isso me prejudicava bastante, e certa vez, diante de mim, disse-lhe, “dona B***” – esse era o nome da parteira –, “creio que o problema de minha hóspede é de uma índole que se manifesta amiúde na profissão que a senhora escolheu, e portanto se lhe for possível fazer algo por ela, faça, por favor, pois é dama digna de todo respeito”; e dito isso retirou-se do quarto.

Na verdade, não entendi bem suas palavras, mas assim que ela saiu, a comadre começou a me explicar, muita séria, o significado do pedido: “parece-me que a senhora não compreendeu o que sua senhoria pretendeu dizer”, disse ela, “e quando entender não será preciso dizer a ela que entendeu.

“Ela quis dizer que a senhora se encontra numa situação em que o parto pode lhe causar embaraços e que não deseja se expor a isso; creio que não preciso dizer mais nada, salvo acrescentar que, se julgar oportuno, deve me comunicar todos os detalhes de seu caso, à medida que for necessário, pois não quero me intrometer em seus assuntos privados; talvez eu esteja em condições de ajudá-la, devolvendo-lhe a tranquilidade e afastando de vez seus tristes pensamentos em relação ao problema”.

Cada palavra que aquela mulher pronunciava era um bálsamo para meus ouvidos e insuflava vida nova e novo alento em meu coração; meu sangue voltou a circular normalmente e me senti outra pessoa; voltei a me alimentar com apetite e melhorei a olhos vistos – disse-me muitas outras coisas do gênero, a parteira, e depois de ter insistido que desabafasse com ela, prometendo de pés juntos guardar segredo, fez uma pausa, como que para ver o efeito que me causara e escutar o que eu diria.

Eu já estava plenamente persuadida da necessidade que tinha de uma mulher como aquela, não podia recusar seu ombro amigo; disse-lhe que meu problema era em parte o que ela suspeitava, e em parte não, pois eu era de fato casada e tinha marido, mas que no entanto ele se achava em circunstâncias especiais e tão distante dali, no momento, que não lhe era possível viajar para me acudir à vista de todos.

Ela me interrompeu, dizendo que aquele assunto não lhe dizia respeito e que para ela todas as mulheres que buscavam sua ajuda eram casadas; “para toda mulher que espera um filho”, disse ela, “existe um pai”; e o fato de esse pai ser ou não marido da mãe não era de sua conta; o que lhe competia era ajudar-me na situação em que eu estava, tivesse eu marido ou não – “isso porque”, acrescentou, “para fins práticos, ter um marido que não pode se apresentar vale tanto quanto não tê-lo e, portanto, para mim dá no mesmo se a senhora é esposa ou amante”.

Logo me dei conta de que, fosse eu rameira ou esposa, ali seria vista como a primeira, de forma que deixei de me abalar; disse que o que ela afirmara era verdadeiro, mas que, se ia lhe contar minha história, tinha de fazê-lo como de fato era – assim, expliquei tudo com a maior brevidade possível, e concluí com estas palavras: “se a incomodei com minha narrativa não é porque isso tenha importância para a sua profissão, como a senhora disse antes, mas para que a senhora saiba que para mim é de todo indiferente que meu caso seja secreto ou público: o que me aflige é não contar com amigos ou conhecidos nesta parte do país”.

“Compreendo perfeitamente”, ela respondeu, “que assim sendo a senhora não desfrute de proteção alguma que impeça as impertinências da paróquia, habituais em casos semelhantes, e talvez nem faça boa ideia do destino que pretende dar à criança quando ela nascer”; “a última questão”, respondi, “aflige-me menos do que a primeira”; ao que a parteira redarguiu, “pois bem, senhora, está decidida a entregar-se a minhas mãos? moro no bairro tal, e embora eu não vá informar-me a seu respeito, talvez a senhora queira informar-se sobre mim: meu nome é B*** e resido na rua tal, numa casa diante da qual há um letreiro com um berço – minha profissão é ser parteira e muitas senhoras vêm à minha casa para dar à luz; dei às autoridades paroquiais uma garantia, em termos gerais, liberando-as de quaisquer obrigações com relação a todos aqueles que chegam ao mundo sob o meu teto; em toda essa questão só tenho de fazer-lhe mais uma pergunta, e se a senhora a responder, pode estar tranquila no tocante a tudo o mais”.

Logo compreendi o que ela queria dizer, e imediatamente disse, “creio que a entendo, senhora; graças a Deus, ainda que não tenha amigos nesta parte do mundo, não me falta dinheiro, ao menos para as necessidades, muito embora tampouco me sobre muito”; acrescentei esse senão para que ela não pensasse que poderia esperar de mim grandes vantagens; “muito bem, senhora”, ela disse, “de fato é esse o ponto, porque sem isso nada se pode fazer nesses casos; no entanto, a senhora verá que não pretendo enganá-la nem propor nada que lhe possa ser oneroso – se assim quiser, a senhora terá conhecimento de tudo com antecedência, de modo que possa avaliar as despesas, gastando mais ou menos, como quiser”.

Respondi que ela parecia ter entendido minhas circunstâncias à perfeição e que nada mais tinha a lhe informar, a não ser o que já declarara: dispunha de dinheiro suficiente, mas não de grandes somas, e seria preciso organizar as coisas de forma a eliminar da conta todas as despesas supérfluas; ela disse que poderia me apresentar, de antemão, duas ou três propostas de listas de despesas, como se fosse uma ementa de restaurante, para que eu escolhesse o que mais me conviesse, e pedi que o fizesse.

No dia seguinte, ela me trouxe essas variantes, que transcrevo a seguir:

l. s. d.^[3]

2	Ama de leite durante um mês e uso de roupas de cama para o bebê	01 10 0
3	Ministro para batizar a criança, além de padrinhos e do acólito	01 00 0
4	Jantar de batizado para cinco pessoas	01 00 0
	Honorários de parteira e supressão dos problemas com a paróquia	03 03 0
	Criada para ajudar	00 10 0
	TOTAL	13 13 0

Esse foi o primeiro orçamento; o segundo era parecido:

		<i>l. s. d.</i>
1	Três meses de hospedagem e alimentação etc. à razão de 20 xelins semanais	13 00 0
2	Ama de leite durante um mês e uso de roupas e rendas	02 10 0
3	Ministro para batizar a criança etc., como acima	02 00 0
4	Jantar e doces	03 03 0
	Honorários etc., como acima	05 05 0
	Uma criada	01 00 0
	TOTAL	26 18 0

Esse foi o segundo; o terceiro, segundo ela disse, era mais dispendioso e destinava-se aos casos em que participava o pai ou amigos:

		<i>l. s. d.</i>
1	Três meses de hospedagem e refeições, com dois quartos e uma água-furtada para a criada	30 00 0
2	Ama de leite durante um mês e finíssimo conjunto de roupas para a criança	04 04 0
3	Ministro para batizar a criança etc. 02 10 0	
4	Ceia (vinho fornecido pelos cavalheiros)	06 00 0
	Honorários etc.	10 10 0
	Uma criada, além da criada pessoal	00 10 0
	total	53 14 0

Examinei as três listas, sorri e disse-lhe que, tudo pesado e medido, ela se mostrava muito razoável em seus preços e que não duvidava que suas acomodações fossem de boa

qualidade.

Respondeu-me que deveria julgá-las somente quando as visse; disse-lhe então que lamentava informar que temia ser uma de suas clientes de classe mais modesta – “e talvez, senhora”, disse, “eu não seja tão bem-vinda a sua casa por causa disso”; “de forma alguma”, ela respondeu, “porque para cada cliente da terceira lista de preços, tenho duas da segunda e quatro da primeira, e assim, umas pelas outras, ganho mais ou menos o mesmo; mas se a senhora nutre alguma dúvida quanto à assistência que lhe prestarei, permitirei que alguma amiga sua comprove se será bem atendida ou não”.

A seguir, passou a explicar os detalhes de cada uma das listas de preços: “em primeiro lugar, senhora”, disse, “peço-lhe que observe que a previsão de hospedagem é de três meses e que lhe custará apenas dez xelins por semana; ousou dizer que a senhora não se queixará de minha mesa, e imagino que não gaste menos onde está atualmente – ou me engano?”; “na verdade, não gasto menos”, respondi, “pois pago seis xelins por semana pelo quarto que ocupo, mas as refeições são pagas à parte e custam mais”.

“Leve ainda em conta, senhora”, disse ela, “que se a criança não sobreviver ou se nascer morta, como às vezes acontece, a senhora poupará a despesa do ministro, e que se não houver amigos a convidar para o jantar, também esse gasto será eliminado: com o corte dessas duas despesas, senhora, seu parto não lhe custará, ao todo, mais que cinco libras e três xelins acima de suas despesas correntes.”

Aquelas eram as palavras mais sensatas que já escutara na vida, de modo que sorri e disse podia considerar-me sua cliente, mas comuniquei-lhe também que como ainda faltavam dois meses ou mais para o termo da gestação, talvez tivesse de ficar com ela mais do que três meses, e queria saber se nesse caso seria obrigada a deixar sua casa antes do tempo conveniente; ela respondeu que não, que a casa era grande, e além disso ela nunca pedia a uma mulher que houvesse dado à luz que se retirasse antes que se dispusesse a fazê-lo de livre e espontânea vontade, e que se aparecessem outras clientes, ela era benquista na vizinhança e podia hospedar até vinte delas, se necessário fosse.

Dei-me conta de que era profissional exemplar em seu ramo, e em resumo concordei em pôr-me em suas mãos, e prometi que o faria; ela então passou a falar de outras coisas, examinou meu quarto, criticou o fato de eu não contar com certas comodidades e afirmou que em sua casa eu as teria; respondi que não me animava a reivindicá-las porque desde que adoecera a dona da casa me tratava com certa distância, ou pelo menos assim me parecia, porque esperava um filho e temia que ela passasse até a me tratar mal, alegando não lhe informara com antecedência a respeito de meu estado.

“Valha-me Deus!”, disse ela, “sua senhoria não é inexperta com relação a essas coisas, pois já atendeu muitas vezes senhoras que se achavam em seu estado, mas não conseguiu chegar a um entendimento com a paróquia; além do mais, ela não é a pessoa boazinha que a senhora imagina; contudo, como a senhora vai embora daqui, é melhor não lhe dizer nada, e tentarei fazer com que seja mais bem atendida do que vejo que vem sendo, e isso não lhe custará um tostão mais.”

Não entendi o que ela quis dizer com isso, mas agradeçi-lhe e assim nos despedimos;

na manhã seguinte, mandou-me um frango assado e quente, um quartilho de xerez e instruiu a criada a me dizer que me serviria todos os dias durante o tempo que permanecesse naquela casa.

Tudo isso era uma demonstração surpreendente de bondade e delicadeza, que aceitei de bom grado; à noite ela voltou a mandar a criada para saber se eu precisava de alguma coisa, se estava passando bem, e ordenou à jovem que me procurasse de manhã para trazer-me o almoço; a moça tinha também instruções de preparar-me um chocolate antes de sair, o que passou a fazer, e ao meio-dia levou-me tino de vitela e um prato de sopa para o jantar; dessa forma, cuidava de mim à distância, o que me deixou muito feliz: melhorei rapidamente, pois a prostração em que vivia antes era a principal causa de minha doença.

Receava que, como sói ocorrer entre esse tipo de gente, a criada que ela me mandava fosse uma devassa da laia daquelas de Drury Lane, e por isso não me sentia tranquila ao tê-la por perto; na primeira noite não permiti de jeito nenhum que dormisse na casa e não tirei os olhos dela, tal fosse ladra notória.

Minha preceptora logo percebeu o que se passava e mandou a criada de volta com um bilhete dizendo que eu podia confiar em sua honestidade, que respondia por ela em todos os sentidos e nunca contratava pessoas para trabalhar em sua casa sem ter plena certeza de sua fidelidade; diante disso tranquilizei-me por completo, e com efeito a conduta da moça falava por si: jamais houve empregada mais recatada, serena e judiciosa, como mais tarde pude comprovar.

Tão logo fiquei em condições de sair à rua, acompanhei a moça para verificar a casa e as acomodações que ocuparia quando chegasse o momento, e tudo era tão bonito, limpo e bem cuidado que, em suma, nada tive a opor; ao contrário: estava felicíssima e mais que satisfeita com o que vira, o quê, considerando a triste situação em que me encontrava, era muito mais do que eu havia desejado.

Talvez fosse de esperar que me estendesse um pouco sobre as atividades ilegais daquela mulher em cujas mãos caíra, mas seria incitar em demasia o delito dar a conhecer as manobras simples que se praticavam ali para livrar as mulheres da carga indesejada de uma criança gerada às ocultas; aquela matrona circunspecta valia-se de diversos procedimentos – um deles era que quando nascia uma criança, mesmo que não fosse em sua casa, porque às vezes ela era chamada a fazer partos em casas particulares, ela encarregava pessoas de tirar o bebê de suas mãos e também das mãos da paróquia; segundo ela dizia, essas crianças eram cuidadas e educadas corretamente – não posso imaginar que fim levavam todas elas, uma vez que, pelo que ela dizia, eram muitas as que passavam por suas mãos.

Tivemos muitas oportunidades de conversar sobre isso, e ela sempre reiterava que salvara a vida de muitos cordeirinhos inocentes, como os chamava, já que de outra forma talvez fossem assassinados, e também salvara muitas mulheres que, levadas ao desespero pelos infortúnios, seriam tentadas a matar os filhos e acabariam na forca; eu tinha de admitir que isso era verdade e até mesmo digno de encômios, contanto que as pobres

crianças caíssem em boas mãos e não fossem depois maltratadas, passassem fome ou se vissem descuidadas pelas mulheres a quem eram entregues; ela me afiançou que sempre cuidava disso e que não havia pessoas negligentes em seu círculo, e que as escolhidas eram pessoas boníssimas e honestas, em que se podia confiar.

Como nada podia contestar, vi-me obrigada a dizer, “não duvido que a senhora faça honestamente a parte que lhe cabe, mas o problema verdadeiro está no que fazem essas pessoas mais tarde”; ela me calou mais uma vez, dizendo que dedicava o mais absoluto cuidado no que fazia.

Em uma única ocasião recorro ter ouvido alguma coisa com desprazer em tais conversas; certa vez, quando ela comentou que, dado o adiantado de minha gravidez, o parto estava próximo, disse alguma coisa no sentido de que, como entendi, ela poderia me ajudar a sair de meus cuidados mais cedo, se eu assim quisesse – ou seja, em termos claros, ela podia me dar alguma coisa para que eu abortasse, no caso de querer pôr logo fim a minhas aflições; apressei-me a dar a entender que a mera ideia me repugnava, e para lhe fazer justiça ela se saiu com tanta habilidade que, para dizer a verdade, não posso assegurar se ela de fato pretendia pôr em prática a ideia ou se a mencionou apenas como prática horrenda, pois expressou sua resposta tão bem e captou minha suspeita tão depressa que já se livrara dela antes mesmo que eu acabasse de expor meu pensamento.

Para abreviar esta parte e mantê-la nos mais exíguos limites possíveis, direi que deixei a pensão da rua St. Jones e me transferei para a casa de minha nova preceptora, como ali a chamavam, onde com efeito fui tratada com tamanha cortesia, atendida com tanta atenção e servida de tudo quanto podia necessitar que me surpreendi e não pude, num primeiro momento, entender que lucro minha preceptora tirava daquilo; entretanto, mais tarde compreendi que seu lucro não provinha das refeições das mulheres que ali se hospedavam, que não podiam render-lhe muito, e sim de outras áreas de sua atividade, que lhe valiam polpidos rendimentos, isso posso assegurar; e é quase incrível qual era a atividade que ela conduzia, tanto em sua casa quanto fora dela, sendo toda essa atividade de índole privada, ou, em termos claros, relacionada com a prostituição.

Durante minha estada em sua casa, que durou quase quatro meses, ela não teve em seus quartos menos de doze mulheres de vida airada, e creio que eram trinta e duas, ou mais ou menos isso, as que trabalhavam sob sua tutela na cidade, entre as quais uma que se hospedava na casa de minha antiga senhoria, na rua St. Jones, apesar de toda a hipocrisia que ela demonstrara em relação a mim.

Era um testemunho espantoso do crescimento do vício naquela época, a ponto de que, por mais corrompida que eu mesma tivesse sido, senti-me intimamente abalada; comecei a detestar o lugar onde estava, mormente aquela prática iníqua; não obstante, devo dizer que durante o tempo em que ali permaneci nunca vi, nem creio pudesse ver, o menor espetáculo de indecência.

Nunca se viu homem algum subir a escada da casa, a não ser os que iam visitar as senhoras durante o mês de resguardo, e sempre acompanhados da senhoria, que considerava ponto de honra de sua casa que nenhum homem tocasse em mulher, ainda

que fosse a sua, nesse mês; tampouco permitia, sob nenhum pretexto, que algum homem dormisse na casa para fazer companhia a uma senhora, mesmo que ela soubesse que eram casados; como dizia amiúde, não lhe importava que nascessem crianças em sua casa, mas não queria que fossem geradas ali, se pudesse evitar.

Talvez ela exagerasse além do necessário no respeito a esse princípio, mas se isso era um erro, tratava-se de um erro bem-intencionado, pois ao assim proceder ela mantinha a reputação de seu negócio e se apresentava como uma personagem que, apesar de ocupar-se de mulheres perdidas, não contribuía para sua perdição; era, no entanto, sobremaneira lamentável o negócio a que se dedicava.

Enquanto estive ali, e antes de dar à luz, recebi de meu administrador do banco uma carta cheia de frases amáveis e lisonjeiras, insistindo em que eu voltasse a Londres; trazia a data de duas semanas antes, porque primeiro fora enviada para Lancashire e só então expedida a mim; concluía dizendo que lograra um decreto, creio que assim se dizia, contra a mulher, e que estava pronto a se comprometer comigo, se estivesse disposta a desposá-lo, e acrescentava muitas declarações de afeto e devoção, que se absteria de fazer caso soubesse em que condições me encontrava, e que decerto eu estava muito longe de merecer.

Escrevi uma resposta a essa carta como se estivesse em Liverpool, mas enviei-a por mensageiro, alegando que a remetera dentro de um envelope a uma amiga na cidade; congratulei-o por ter recobrado a liberdade mas expressei certas reservas quanto à legitimidade de um novo casamento que ele viesse a contrair: disse-lhe esperar que refletisse seriamente antes de tomar uma decisão que poderia ter consequências gravíssimas para um homem que se lançasse de modo temerário em questão dessa natureza; encerrei com votos de êxito, qualquer que fosse sua decisão, sem lhe dar a mínima ideia do que tinha em mente e sem responder a seu pedido de que voltasse para Londres a fim de ficar com ele, mas manifestei vagamente o desejo de retornar à capital no final do ano – minha carta trazia a data de abril.

Recolhi-me ao leito em meados de maio, tive outro belo menino, e tudo correu muito bem, tal como em outras ocasiões; minha preceptora cumpriu seu papel de parteira com a maior habilidade e destreza que se poderia imaginar, e muito melhor do que nas demais experiências que tivera antes.

Seu cuidado comigo no trabalho de parto e no período de resguardo foi tal que nem minha mãe teria feito melhor; espero, porém, que ninguém se anime a repetir as práticas perniciosas das atividades dessa habilidosa senhora, pois ela já partiu desta para melhor e me atrevo a dizer que não há nem haverá quem possa igualá-la.

Acredito que fazia vinte e dois dias que eu estava de cama quando recebi outra carta de meu amigo do banco, com a surpreendente notícia de que conseguira uma sentença de divórcio final contra sua mulher, fazendo com que ela fosse notificada disso no dia tal, e que ele podia dar resposta a todas as minhas objeções ao fato de ele casar-se de novo – uma resposta que por certo eu não esperava e que ele não teria desejado: sua mulher, que já antes sentira remorsos pela forma como o tratara, na mesma noite em que soube que

ele vencera a causa tirou a própria vida.

Ele se expressou com muita elegância a respeito de sua desolação diante desse gesto extremo, mas absolveu-se de qualquer participação nele, pois se limitara a fazer justiça a si mesmo num caso em que fora sabidamente afrontado e ofendido; disse que se sentia extremamente pesaroso, e não discernia outra perspectiva de consolo a não ser contar com minha volta para Londres, o que aliviaria sua dor; a seguir insistiu com enorme empenho em que lhe desse ao menos alguma esperança de que retornaria do norte para que me visse e falasse pessoalmente comigo.

A notícia causou-me enorme perplexidade; comecei a refletir seriamente sobre minha situação e sobre a indizível má sorte que era para mim ter acabado de dar à luz um filho e não saber que caminho seguir; por fim decidi pôr minha preceptora, ainda que de forma bastante velada, a par do que estava ocorrendo; durante alguns dias estivera angustiada e aflita e ela me interrogara sem cessar sobre o que me consumia; não podia dizer que tinha uma proposta de casamento depois de ter-lhe dito tantas vezes que tinha marido, de modo que na realidade não sabia que explicação lhe podia dar: admiti que havia um fato que me perturbava profundamente, mas ao mesmo tempo disse que não podia falar daquilo a nenhum vivente.

Ela insistiu durante vários dias, mas era-me impossível, eu dizia, confiar aquele segredo a quem quer que fosse; em vez de satisfazê-la, essa resposta só aumentou a porfia com que me pressionava – dizia que já lhe haviam confessado os mais graves segredos dessa natureza, que fazia parte de sua profissão trazer tudo encoberto e que divulgar segredos dessa natureza seria sua ruína; perguntou-me se alguma vez já a ouvira confabular sobre a vida alheia – assim, como podia suspeitar dela? garantiu-me que abrir meu coração seria o mesmo que nada contar a alguém, pois era muda como uma tumba, e que realmente devia tratar-se de fato deveras insólito para que ela não me pudesse ajudar, e que ocultá-lo significava privar-me de todo auxílio possível e dos meios para lográ-los, além de privar a ela a oportunidade de poder me servir; em suma, tinha uma eloquência encantadora, e tamanha era sua capacidade de persuasão que não havia como esconder-lhe alguma coisa.

Por isso resolvi desafogar-me com ela: contei a história de meu casamento em Lancashire e a decepção pela qual ambos havíamos passado, como ficáramos juntos e como nos separamos; declarei que meu marido me dispensara de toda obrigação e me concedera absoluta liberdade para voltar a me casar, prometendo que se viesse a se inteirar disso jamais protestaria ou me causaria desassossegos; expliquei então que me considerava livre, mas tinha um medo terrível de me arriscar, por temer as consequências que poderiam advir no caso de a verdade vir à luz.

Falei a seguir da excelente proposta de casamento que eu tinha; mostrei as duas últimas cartas de meu amigo em que me convidava a voltar para Londres e ressaltai-lhe com quanto afeto e seriedade estavam escritas, mas ocultei-lhe o nome do pretendente e também a história da desgraça de sua mulher, contando apenas que ela morrera.

Ela caiu na risada diante de meus escrúpulos quanto a voltar a me casar e disse que o

outro não tinha sido um casamento, e sim um embuste para os dois, e que como nos havíamos separado mediante mútuo consentimento a natureza do contrato ficava anulada, e a obrigação, reciprocamente eliminada; ela trazia argumentos como esse na ponta da língua, e, para resumir, tantas coisas meteu-me na cabeça que a cabeça perdi e decidi me casar, mesmo porque essa já era a minha inclinação natural.

Surgiu então a grave e principal dificuldade: o menino – que, como ela me disse com clareza, precisava ser mandado para outro lugar, e de maneira que ninguém nunca pudesse descobri-lo; eu sabia que não haveria casamento algum se não escondesse que tinha um filho, porque meu amigo logo descobriria, por sua idade, que ele nascera e que até fora concebido depois de minhas conversas com ele, e isso tornaria impossível qualquer acordo entre nós.

Oprimia-me demais o coração a ideia de separar-me por completo da criança, e não podia pensar sem horror na possibilidade de que fosse assassinada ou morresse de fome, por negligência ou maus-tratos, o que quase dava no mesmo; quisera Deus, eu penso, que todas aquelas mulheres que consentem em “abrir mão” dos filhos, como se diz, se dessem conta de que isso não passa de um método maquinado para assassiná-los – ou seja, um meio de matá-los sem correr riscos.

É patente a todos que sabem qualquer coisa a respeito da infância que chegamos ao mundo desvalidos e incapazes de satisfazer nossas necessidades ou até mesmo de torná-las conhecidas – privados de ajuda, estaríamos condenados a morrer; e essa ajuda requer não só uma pessoa que dela se ocupe, seja a mãe ou outro adulto, mas que esse cuidador tenha também duas coisas, cuidado e perícia, sem as quais metade das crianças que nascem morreria, mesmo que não lhes fosse negado alimento; e a outra metade seria formada por deficientes ou anormais, perderia o uso dos membros e talvez a razão; não duvido que foi em parte por esse motivo que a natureza infundiu no coração das mães o amor aos filhos, sem o qual nunca seriam capazes de se dedicar, como é preciso, a todos os cuidados e às penosas vigílias que a criação dos filhos demanda.

Como esses cuidados são necessários à vida das crianças, omiti-os significa assassiná-las; também entregá-las para serem criadas por pessoas que não sentem por elas aquele amor necessário concedido pela natureza significa descuidar no mais alto grau, e em certos casos ir além disso, pois são descuidadas a ponto de se perder; portanto, chega a ser um assassinio intencional, quer a criança sobreviva ou não.

Tudo isso se apresentava ante minha vista da forma mais sombria e assustadora, e como passara a ter muita confiança em minha preceptora, a quem aprendera a chamar de mãe, falei-lhe dos sombrios pensamentos que me atenazavam e do desespero em que me achava; ela deu mostras de considerar com mais gravidade essa parte que a outra, mas como já estava calejada nessas coisas, impossibilitada de deixar-se comover por argumentos religiosos ou por escrúpulos de consciência em relação ao assassinio, era igualmente impenetrável no que tange ao amor; indagou-me se ela não me tivera cuidados e ternura por ocasião do parto como se eu fosse sua própria filha – admiti que sim – “pois bem, querida”, disse então, “quando você tiver ido embora, o que será para mim?

que importância teria para mim que você fosse enforcada? não acredita que haja mulheres que, por ser esse seu ofício e com ele ganharem o pão de cada dia, orgulham-se de cuidar de crianças tão bem quanto fariam suas próprias mães e de compreendê-las talvez melhor? não, não, filha, não tenha medo; como nós mesmas fomos criadas? você tem certeza de que foi amamentada por sua própria mãe? e no entanto você está forte e bela”, disse a anciã, afagando-me as faces: “não se aflija, minha filha”, continuou ela, com seu jeito brincalhão, “não tenho criminosos a meu serviço; dou trabalho às melhores e mais honestas mães de criação que é possível encontrar e são pouquíssimas as crianças que não se desenvolvem em suas mãos, e o mesmo haveria de acontecer se elas estivessem com as verdadeiras mães: não faltam a elas nem cuidados nem perícia”.

Ela tocara num ponto delicado ao me perguntar se eu tinha certeza de ter sido amamentada por minha própria mãe, pois eu bem sabia que as coisas não tinham se passado assim; estremei e empalideci ao escutar aquelas palavras; pensei, “esta criatura não pode ser uma feiticeira e ter falado com um espírito que lhe informou sobre o que fizeram comigo antes que eu mesma pudesse me dar conta disso” – olhei para ela assustada, mas ao refletir que não era possível que soubesse o que quer que fosse a meu respeito, minha inquietude se desvaneceu e comecei a me conter; isso, porém, não aconteceu de imediato.

Ela percebeu minha agitação, não sua causa; continuou seu palavrório desenfreado sobre a tolice de minha suposição de que as crianças que não eram amamentadas pela mãe morriam assassinadas, tentando me persuadir de que aquelas que ela destinava a mães de criação eram tão bem-tratadas como teriam sido pela própria mãe.

“Isso pode ser verdade, mãe”, eu disse, “e admito que seja, mas minhas dúvidas têm fundamentos”; “diga-me então quais são eles”, ela disse; “em primeiro lugar, a senhora dá uma moeda de prata a essas pessoas que tiram a criança dos braços dos pais e que hão de se ocupar dela enquanto viver; ora, sabemos, mãe, que se trata de pessoas pobres e que, para terem lucro, precisam se livrar das crianças assim que possível; portanto, como posso duvidar que, sendo melhor para elas que as crianças morram, deixem de envidar todos os esforços possíveis a que continuem vivas?”.

“Tudo isso são suposições e fantasias”, respondeu a anciã; “eu lhe digo que a reputação dessas pessoas se baseia na vida das crianças e que cuidam delas com o mesmo desvelo de uma mãe.”

“Ah, minha mãe”, respondi, “se eu tivesse certeza de que meu bebê seria bem cuidado e não seria vítima de maus-tratos, ficaria realmente feliz! mas é impossível sentir-me tranquila em relação a esse ponto se não vir isso acontecer com meus próprios olhos, mas vê-lo, em minhas condições, seria perdição e a ruína para mim, de modo que não sei o que fazer.”

“Que bela história!”, exclamou a preceptora; “o que você quer é ver o menino e não vê-lo, estar oculta e exposta ao mesmo tempo – isso, querida, é impossível, de forma que o que tem a fazer é o que fizeram outras mães escrupulosas antes de você, e aceitar as coisas como são e não como você gostaria que fossem.”

Compreendi o que ela quis dizer com mãos escrupulosas; teria dito meretrizes escrupulosas, mas não desejava me causar desprazer, porque na verdade, nesse caso, eu não era uma rameira, e sim uma mulher legalmente casada, desconsiderando-se a questão da validade de meu casamento precedente.

No entanto, fosse eu o que fosse ou que me julgassem ser, não chegara àquele extremo de dureza, próprio da profissão daquela mulher, ou seja, mostrar-me indiferente à segurança de meu filho, e preservei por tanto tempo esse amor que cheguei a pensar em renunciar a meu amigo do banco; no entanto, ele insistia com tal veemência em que eu voltasse a Londres e nos casássemos que, resumindo, quase não havia como rejeitar sua proposta.

Por fim, minha preceptora procurou-me, e com sua habitual desenvoltura disse-me, “veja, querida, achei uma solução para que você tenha certeza de que seu filho será bem-criado e que a pessoa que cuidará dele nunca a conhecerá nem saberá quem é a mãe da criança”.

“Ah, mãe, se isso acontecer a senhora terá a minha gratidão eterna”; e ela continuou, “pois bem, você concorda em ter um pequeno dispêndio anual, maior do que a quantia que damos comumente às pessoas com quem nos entendemos?”; ao que respondi, “claro que sim, com todo o prazer, desde que minha identidade não seja conhecida”; “em relação a isso”, disse a preceptora, “você pode estar tranquila, pois a mãe de criação nunca se atreverá a fazer investigações a seu respeito, e você só irá comigo uma ou duas vezes ao ano para ver seu filho, comprovar que é bem-tratado e ter a satisfação de confirmar que está em boas mãos, sem que ninguém saiba quem é você”.

“Mas a senhora acredita, mãe”, redargui, “que quando eu vir meu filho poderei esconder que sou a sua mãe? ^{cr} que isso será possível?”

“Bem”, respondeu ela, “mesmo que você revele quem é, a mãe de criação nunca saberá mais do que isso, já que estará proibida de procurar investigar quem é você e de fazer perguntas a seu respeito; em caso contrário, perderá o dinheiro que você deverá pagar-lhe, e a criança também lhe será tirada.”

Ouvi essas frases com muito prazer; na semana seguinte, foi trazida de Hertford ou de sua região uma camponesa que concordou em levar o menino de nossas mãos, em troca de um pagamento de dez libras – se eu lhe desse mais cinco libras por ano, ela se obrigaria a trazê-lo à casa de minha preceptora sempre que o pedíssemos ou poderíamos ir a sua casa para verificar se ele era bem cuidado.

A mulher tinha aparência saudável e simpática, e conquanto fosse casada com um aldeão, vestia-se bem e possuía ótimas roupas de cama, e tudo parecia bem com ela; com o coração partido e muitas lágrimas deixei que levasse meu filho; mais tarde fui a Hertford ver sua casa, que me agradou bastante; prometi-lhe um sem-número de coisas se tratasse bem o menino, de modo que às primeiras palavras ela soube que eu era a mãe da criança; entretanto, pareceu-me tão reservada e sem condições de fazer inquirições a meu respeito que me considerei em segurança, de sorte que, em suma, permiti que ela ficasse com a criança e entreguei-lhe as dez libras, ou melhor, entreguei-as a minha preceptora,

que as passou, em minha presença, à camponesa – ela se comprometeu a nunca me devolver a criança nem pedir mais por sua guarda e criação; prometi-lhe que se a tratasse com o maior cuidado possível, eu lhe daria alguma coisa a mais toda vez que fosse visitá-lo, por isso não fiquei obrigada a pagar as cinco libras anuais, ainda que promettesse a minha preceptora que o faria; e assim chegou ao fim minha grande inquietação, e de uma forma que, mesmo não satisfazendo plenamente meu espírito, foi para mim a mais conveniente que podia imaginar, em vista de minha situação na época.

Comecei então a escrever a meu amigo do banco em termos mais afetuosos, e no começo de julho mandei-lhe uma carta em que dizia que pretendia estar em Londres no mês de agosto; respondeu-me com uma carta das mais apaixonadas, pedindo que lhe avisasse de antemão a data de minha chegada, para que pudesse me receber ao fim da viagem de dois dias; isso me criou um sério embaraço e fiquei sem saber o que lhe dizer; no primeiro momento, pensei em pegar a diligência e viajar para West Chester, só para ter a satisfação de que ele visse que eu retornava na mesma carruagem, pois, embora sem fundamento, passava por minha cabeça o temor de que ele soubesse que na verdade eu não estava no interior – e essa ideia não era tão fora de propósito, como não tardarei a explicar.

Procuerei afugentar esse pensamento, em vão: ele se acomodara de tal modo em meu espírito que era impossível resistir-lhe; por fim, ocorreu-me, como uma adição a meu novo projeto, viajar para o interior, o que seria excelente disfarce para minha preceptora e dissimularia por completo tudo o mais em minha vida, pois ela não fazia a menor ideia se meu novo pretendente morava em Londres ou em Lancashire – e quando comuniquei minha resolução, ela se convenceu de que ele era de Lancashire.

Depois de tomar providências para empreender a viagem, fiz com que ela ficasse a par disso, mandando que a criada que me servia desde os primeiros dias reservasse lugar para mim no coche; ela queria que a moça me acompanhasse até meu destino final e viajasse comigo, retornando pela diligência mista, de carga e passageiros, mas eu a convenci de que isso não seria conveniente; no momento da partida, ela disse que não combinaria nada em relação a uma troca de cartas porque era evidente que meu amor pela criança faria com que lhe escrevesse e também a visitasse sempre que estivesse em Londres; assegurei-lhe que ela não se enganava e me despedi, feliz por sair daquela casa, por melhores que fossem minhas acomodações, como já comentei antes.

Ocupei meu lugar no coche, mas não segui até a parada final; desci numa vila em Cheshire, que acredito chamar-se Stone; escolhi-a porque nada ali tinha a mínima ligação comigo nem eu conhecia alguém do lugar ou de seus arredores; contudo, sabia que com dinheiro no bolso uma pessoa está à vontade em qualquer lugar, e ali achei uma hospedaria em que fiquei dois ou três dias – quando julguei oportuno, reservei lugar em outro coche; comprei uma passagem para Londres e enviei uma carta a meu amigo, dizendo-lhe que estaria no dia tal em Stony Stratford, onde o postilhão me dissera que haveria uma parada.

Sucedeu que eu comprara passagem para um coche extra que, alugado por um grupo

de senhores que tinham ido a West Chester a fim de embarcar para a Irlanda, estava agora de volta e não se sujeitava a horários determinados ou paradas fixas, como fazem as diligências; por isso, como por lei o coche não trafegava no domingo, meu amigo tinha tempo para se preparar e encontrar-se comigo, o que de outra forma não poderia fazer.

Todavia, ele recebeu meu aviso com tão pouca antecedência que não logrou chegar a Stony Stratford a tempo de nos alcançar à noite, mas na manhã seguinte encontrou-se comigo num lugar chamado Brickhill, exatamente quando entrávamos na localidade.

Confesso que foi com muita alegria que o vi, pois que me sentira meio lograda naquela noite, ao perceber que viajara tanto sem conseguir coroar de êxito meu plano de fazer com que ele visse minha chegada a Londres; mais satisfeita ainda fiquei com o aparato com que ele me recebeu, numa esplêndida carruagem senhorial, tirada por quatro cavalos e com um laçao.

Retirei-me imediatamente da diligência, que se deteve diante de uma pousada em Brickhill; hospedou-se ali mesmo e, depois de fazer guardar sua carruagem, pediu o almoço – perguntei o que significava isso, pois precisava prosseguir viagem; respondeu-me que deveria descansar e que aquele era um estabelecimento de qualidade, ainda que situado em cidade tão pequena; assim, naquela noite não iríamos mesmo adiante.

Não insisti muito, uma vez que ele viajara tanto para me encontrar e incorrera em tantas despesas que era razoável que eu fizesse alguma coisa que lhe agradasse; por isso, cedi facilmente nesse ponto.

Findo o almoço, saímos para conhecer a cidade, visitar a igreja, ver os campos e a paisagem, como em geral fazem os forasteiros, e o hospedeiro foi nosso guia na visita à igreja; notei que meu cavaleiro fazia muitas indagações a respeito do pároco, e logo imaginei que ele decerto proporia que nos casássemos – embora essa ideia me ocorresse de repente, a ela logo se seguiu outra: a de que eu, para falar claro, não reagiria com uma negativa, pois em minhas circunstâncias não havia como dizer não, e já não tinha motivo algum para correr novos riscos.

Enquanto esses pensamentos corriam por minha cabeça, o que não durou mais que poucos instantes, observei que o hospedeiro chamou-o à parte e lhe disse, à meia-voz, porém não tão baixo que eu não escutasse alguma coisa: “cavaleiro, se precisar de...” – o resto não pude ouvir, mas imaginei que fosse algo como “cavaleiro, se precisar de um ministro da Igreja, tenho um amigo, não muito longe daqui, que o atenderá, e com toda a reserva que o senhor desejar”; meu pretendente respondeu num tom alto o bastante para que eu o escutasse, “muito bem, creio que sim”.

Mal havíamos retornado à pousada, ele se dirigiu a mim com palavras irresistíveis, dizendo que como tivera a fortuna de conhecer-me e que tudo caminhava a contento, eu apressaria sua felicidade se me dispusesse a pôr um remate à questão ali mesmo onde estávamos; “o que o senhor quer dizer com isso?”, perguntei, enrubescendo; “o quê? numa hospedaria e à beira da estrada? louvado seja Deus!”; continuei, como se estivesse espantada; “como pode o senhor falar assim?”; e ele respondeu, “ora, posso muito bem falar assim, vim com o propósito de dizer-lhe isso, e vou mostrar-lhe que o fiz”; findas

essas palavras, exibiu um grande maço de papéis; “o senhor me assusta!”, exclamei, “que é isso?”; e ele disse, beijando-me, “não se assuste, querida”; era a primeira vez que ele falava comigo com tanta liberdade e me chamava de querida; e repetiu, “não se assuste; vou mostrar-lhe do que se trata”; abriu o maço de papéis, e o primeiro que vi foi a certidão ou sentença de seu divórcio, com amplos testemunhos da conduta imoral de sua mulher; vinham a seguir atestados e outros documentos firmados pelo ministro e por autoridades eclesiásticas da paróquia em que ela morava: o primeiro certificava que a mulher havia sido sepultada e dava conta da forma como morreria; o segundo reproduzia o parecer do legista, apresentado ao júri que examinara o caso; e o terceiro era a decisão do júri, que resumiu o caso nos seguintes termos: *non compos mentis*;^[4] com todos esses documentos, procurava dar-me cabal satisfação – ainda que, seja dito, não fosse tão escrupulosa, o que ele ignorava, e o teria aceitado sem nada daquilo; no entanto, examinei os papéis o melhor que pude e disse-lhe que, com efeito, tudo estava claro de sobejo, mas que ele não precisava ter passado pelo incômodo de trazer tudo aquilo, pois haveria tempo de sobra para eu ver aqueles papéis – a isso ele respondeu que decerto haveria tempo bastante para mim, mas que para ele o momento mais adequado era aquele.

Havia outros papéis enrolados no maço e perguntei o que eram; “ora”, disse ele, “era exatamente a pergunta que eu queria ouvir” – e ao desenrolar um deles, apareceu um pequeno estojo de couro, do qual tirou um magnífico anel de brilhante; não teria como recusá-lo, mesmo que quisesse, pois ato contínuo ele o colocou em meu dedo, de modo que fiz-lhe uma mesura e o aceitei; em seguida ele exibiu outro anel – “este é para outra ocasião”, disse e meteu-o no bolso; “está bem, mas deixe-me vê-lo”, pedi, com um sorriso, acrescentando: “já adivinho o que é, e acho que o senhor está louco”; “louco estaria se menos tivesse feito”, respondeu ele, mas mesmo assim não mostrou o anel; como eu queria muito vê-lo, pedi de novo que o mostrasse; “tenha paciência”, disse ele, “e primeiro veja isto aqui”: desenrolou outro papel, leu-o e eis que era uma licença para que nos casássemos; “ora, será que o senhor perdeu mesmo o tino? estaria o senhor convencido de que eu acataria seu pedido, sem vacilar, à primeira palavra sua, ou estava decidido a não aceitar uma negativa?”; “a última opção com certeza é a verdadeira”, respondeu ele; “mas o senhor pode estar equivocado”, disse eu; “não, não”, contrapôs ele, “como pode pensar uma coisa dessas? a senhora não deve me recusar, não pode me recusar!”; e ao dizer isso pôs-se a me beijar com tanta violência que não pude me livrar dele.

Havia no quarto uma cama, e nos movíamos de um lado para outro no ímpeto de nossa conversa; por fim ele tomou-me inesperadamente em seus braços e me atirou na cama, vindo junto e abraçando-me com força, sem a mais remota tentativa de conduta pouco decente; perdi-me que consentisse com nosso casamento com repetidas súplicas e argumentos, fazendo declarações de amor e jurando que não me largaria até contar com minha promessa de que assentiria, a tal ponto que, por fim, pude ao menos dizer: “pelo visto, creio que o senhor está mesmo decidido a não aceitar um não”; “isso mesmo”, ele disse, “não devo ser rejeitado, não quero ser rejeitado, não posso ser rejeitado”; “pois

bem, se é assim, o senhor não será rejeitado”, respondi, dando-lhe um beijo de leve, “mas deixe-me levantar”.

Ele se mostrou tão extasiado com meu consentimento e pela forma gentil como eu o dera, que comeci a pensar que ele já o tomava como um casamento e não esperaria as formalidades; contudo, isso não lhe fazia justiça – parou de me beijar, pegou-me pela mão, levantou-me e, depois de mais dois ou três beijos, agradeceu-me por aceitar sua proposta; tamanho era seu arroubamento de satisfação e alegria que vi lágrimas em seus olhos.

Virei-me, porque meus olhos também se enchiam de lágrimas, e pedi-lhe licença para me retirar e permanecer por algum tempo em meu quarto; se alguma vez senti um grão de autêntico arrependimento pela vida corrupta e deplorável que havia levado durante vinte e quatro anos, foi naquele instante; “oh, que felicidade representa para a humanidade”, pensei comigo, “que não se possa ver o que se passa no coração do próximo! como eu teria sido feliz se desde o começo tivesse sido a mulher de um homem tão honesto e afetuoso!”.

A seguir pensei, “que criatura abominável sou! estou zombando desse cavalheiro inocente! não passa por sua cabeça que, tendo se divorciado de uma mulher sem compostura, está se atirando nos braços de outra! que vai se casar com uma mulher que dormiu com dois irmãos e teve três filhos de seu próprio irmão! uma mulher que nasceu na prisão de Newgate, cuja mãe era uma rameira e agora é uma ladra deportada! uma mulher que se deitou com treze homens e que teve um filho depois da última vez que ele me viu! pobre cavalheiro!”, pensei, “o que ele vai fazer?” – terminadas as censuras que dirigi a mim mesma, assim prossegui: “bem, se devo ser sua mulher, se Deus me conceder essa graça, serei fiel e o amarei de um modo concorde com o estranho amor descomedido que ele sente por mim; procurarei reparar, se me for possível, e como ele verá, os malfeitos e as maldades que estou cometendo contra ele e que ele não vê”.

Ele esperava com impaciência que saísse de meu quarto, mas como percebeu que me retardava, desceu as escadas e pôs-se a conversar com o hospedeiro a respeito do pároco.

O hospedeiro, homem obsequioso e bem-intencionado, já mandara chamar o clérigo, que não morava longe, e quando meu cavalheiro começou a lhe falar do assunto e disse que sua intenção era procurá-lo, ele atalhou: “senhor, meu amigo, o clérigo, já está aqui”; sem mais palavras, apresentou-os um ao outro; diante do religioso, meu amigo perguntou se ele teria algum inconveniente em unir em matrimônio um casal de forasteiros que desejava contrair núpcias; o pároco replicou que o sr. *** já lhe dissera alguma coisa a respeito, que esperava não se tratasse de algo clandestino, conquanto meu amigo lhe parecesse um cavalheiro sério e ele imaginasse que a senhora não fosse uma moça jovem, o que dispensava a aprovação de parentes próximos ou curadores; “para que não subsista dúvida alguma em seu espírito, veja esse documento”, disse-lhe meu cavalheiro, e lhe exibiu a licença; “isso me satisfaz”, declarou o clérigo; “onde está a senhora?”; “o senhor já a verá”, respondeu meu cavalheiro.

Dito isso, subiu as escadas no momento em que eu deixava meu quarto; disse-me que

o pároco estava lá embaixo, que conversara com ele e que, ao lhe mostrar a licença, ele se sentira livre para nos casar de bom grado, mas que desejava ver-me; por isso, perguntou se eu concordava que ele subisse.

“Haverá tempo para isso durante toda a manhã, não é mesmo?”, respondi, e ele replicou, “sabe, querida, é que no começo o pároco pareceu recear que se tratasse de alguma mocinha retirada com violência do lar paterno, e eu lhe assegurei que éramos ambos pessoas de idade suficiente para dar nosso próprio consentimento; diante disso, ele manifestou desejo de vê-la”; “muito bem”, concordamos, “seja como quiser”; fizeram então com que subisse o clérigo, que era um senhor jovial e bonachão; ao que me pareceu, tinham-lhe dito que havíamos nos reunido ali por acidente, pois ainda que houvéssimos combinado nos encontrar na noite anterior em Stony Stratford, o cavalheiro não conseguira ir tão longe, e naquela manhã tínhamos chegado ali, eu na diligência de Chester, ele numa carruagem própria; “bem, senhor”, disse o pároco, “todos os males têm também seu lado bom – neste caso, o mal coube ao senhor, ao passo que o lado bom sorriu para mim, já que se tivessem se encontrado em Stony Stratford, eu não teria a honra de casá-los; hospedeiro, o senhor possui um Livro de Oração Comum?”.

Tive um sobressalto, como se tivesse sofrido um susto – “senhor, o que significa isso?”, perguntei, “por acaso pretende nos casar numa hospedaria e, ainda por cima, à noite?”; “senhora”, respondeu o clérigo, “posso casá-los na igreja, mas lhe asseguro que, celebrado aqui, seu casamento será tão válido como se tivesse ocorrido num templo: os cânones não nos obrigam a celebrar casamentos apenas na igreja; porém, se a senhora quiser que a cerimônia ocorra na igreja, aviso-lhe que ela estará abarrotada de gente como uma feira campestre; com respeito à hora da celebração, ela não tem relevância alguma no caso presente; nossos príncipes casam-se em seus aposentos, às oito ou às dez da noite”.

Ele precisou de muito tempo para me persuadir, porque eu me comportava como se não quisesse me casar em outro local que não fosse a igreja, mas era tudo simulação; por fim, fingi que me convenciam; chamaram o hospedeiro, sua mulher e sua filha; o hospedeiro representou o duplo papel de padrinho e de escrivão, e assim nos casamos, num ambiente de muita alegria, embora deva confessar que as repreensões que fizera antes a mim mesma pareciam pesar bastante em meu espírito e de vez em quando me arrancavam um suspiro profundo, que meu noivo notava, procurando me animar e pensando, o pobrezinho, que eu lutava com breves hesitações diante do passo que decidira tomar de um momento para outro.

Naquela noite nos divertimos à grande, ainda que tudo fosse feito em tal segredo na pousada que nem as criadas se inteiraram do que acontecia, pois foram a mulher do hospedeiro e sua filha que nos serviram, não deixando que nenhuma das moças subisse ao andar de cima, a não ser quando estávamos jantando; como minha madrinha de casamento nomeei a filha do hospedeiro e, solicitando na manhã seguinte os serviços de um comerciante, presenteei a jovem com uma coleção de laços, os mais bonitos que podiam ser encontrados na cidade; e como ali também se produziam rendas, a sua mãe

dei uma peça de renda de bilros para ser usada em chapéus.

Um dos motivos pelos quais o hospedeiro se mostrara tão reservado era que não queria que o pároco local tomasse conhecimento do acontecido; alguém deve ter sido posto a par do fato, contudo, pois na manhã seguinte, bem cedo, os sinos dobraram e um grupo musical tocou a alvorada sob nossa janela; no entanto, o hospedeiro fez com que os músicos parassem de tocar, garantindo-lhes que antes de chegarmos ali já estávamos casados e que, como éramos hóspedes de longa data, tínhamos celebrado o jantar de núpcias em seu estabelecimento.

No dia seguinte, quase não tivemos ânimo para nos mover, pois como fôramos despertados pelos sinos de manhãzinha e pouco havíamos dormido antes disso, nosso sono era tanto que ficamos na cama até quase o meio-dia; pedi à hospedeira que fizesse com que não fôssemos mais saudados com alvoradas ou toques de sinos, e ela se houve tão bem que depois disso nos deixaram em paz.

No entanto, um estranho incidente interrompeu por algum tempo toda a minha alegria – a sala principal da casa dava para a rua, e, estando meu novo marido no andar térreo, caminhei até a parte da frente da sala e abri a janela, pois fazia calor; estava de pé, junto da janela, respirando um pouco de ar fresco, quando vi chegar três senhores a cavalo, que entraram numa outra hospedaria que ficava bem diante da nossa.

Não havia como negar, nem eu podia ter a menor dúvida! o segundo dos três era meu marido de Lancashire! – fui tomada de terror mortal e de uma consternação como nunca tivera na vida: tive vontade de sumir num buraco da terra, senti gelar-me o sangue nas veias e pus-me a tremer como se passasse por uma crise de febre palustre; repito que não havia a menor dúvida de que era ele, mesmo porque reconheci as roupas, o cavalo, o rosto.

A primeira reflexão judiciosa que fiz foi que, por sorte, meu marido não estava a meu lado para notar minha perturbação; fazia pouco tempo que os três senhores tinham entrado na hospedaria quando, como normalmente fazem hóspedes recém-chegados, aproximaram-se da janela do aposento que ocupavam; já a minha, podem ter certeza, estava fechada; contudo, não resisti à tentação de espiar e o vi de novo, e até o ouvi chamar um dos criados da casa, pedindo-lhe alguma coisa, e tive então todas as espantosas confirmações possíveis de que aquele homem era mesmo ele.

Meu primeiro desejo foi procurar saber o que ele fazia ali, mas não tinha como descobrir; vinha-me ao espírito ora uma ideia horripilante, ora outra; às vezes me ocorria que ele me encontrara e me lançaria no rosto minha ingratidão e infidelidade, e a cada momento imaginava que ele estivesse subindo as escadas a fim de me insultar, e por meu espírito corriam inúmeras fabulações, fantasias que jamais passaram por sua cabeça, nem poderia passar, a menos que o demo as tivesse revelado.

Permaneci naquele estado de terror por quase duas horas, sem afastar os olhos da janela ou da porta da hospedaria onde estavam aqueles homens; por fim, ouvindo um alarido na entrada e correndo à janela, pude ver com grande satisfação que os três cavalheiros retomavam a viagem em direção a oeste; se tivessem seguido no rumo de

Londres, meu terror persistiria, dado o medo de voltar a encontrar meu ex-marido pelo caminho e de que me reconhecesse; ao ver que ia na direção contrária, meus temores se dissiparam.

Resolvemos partir no dia seguinte, porém por volta das seis da tarde fomos surpreendidos por uma assuada na rua, e vimos homens que corriam a cavalo como loucos: soubemos que era um destacamento que perseguia três saltadores de estrada que haviam assaltado duas diligências e outros viajantes perto de Dunstable Hill; ao que parecia, correria a notícia de que haviam estado em Brickhill, numa estalagem, aquela onde os três senhores tinham se hospedado.

A casa foi imediatamente cercada e passada em revista, mas eram muitas as testemunhas a prestar depoimentos de que já fazia mais de três horas que aqueles cavalheiros tinham partido; como uma multidão se juntou na rua, logo tomamos conhecimento de tudo e fui presa de outra aflição; tomei então a iniciativa de declarar às pessoas da casa que me arriscava a afirmar que aqueles três homens não podiam ser os que procuravam, pois conhecia um deles, pessoa de virtude incontestável e rico proprietário de terras em Lancashire.

O beaguim que liderava o destacamento de arresto foi logo informado disso e procurou-me para ouvir a declaração de viva voz; garanti-lhe que, estando à janela da sala, vira aqueles três senhores chegando, depois voltara a observá-los pelas janelas da sala onde haviam almoçado e, por fim, vira-os montar e partir, e podia assegurar-lhe que um deles era o senhor a quem eu me referia, um abastado cavalheiro, possuidor de amplo patrimônio e respeitado como homem de caráter sem jaça em Lancashire, de onde, aliás, eu vinha.

O tom de certeza com que fiz essas afirmações conteve o clamor da multidão e de tal modo satisfiz o beaguim que ele logo ordenou a retirada, dizendo às pessoas que aqueles homens não eram os que estavam sendo procurados, pois fora informado de que se tratava de cavalheiros honestíssimos, e todos se retiraram; quanto à verdade, ignoro-a, mas o certo é que as diligências tinham sido assaltadas em Dunstable Hill, fugindo os bandidos com quinhentas e sessenta libras em dinheiro; também tinham sido atacados negociantes de rendas que costumavam viajar por tais paragens; com relação aos três cavalheiros, caros leitores, há explicações a dar, o que farei mais adiante.

Bem, aquele tumulto nos deteve ali mais um dia, embora meu marido opinasse que melhor seria viajarmos logo, uma vez que, segundo ele, logo depois de um roubo as estradas se tornam mais seguras, pois os velhacos escapolem para bem longe assim que soa o alarme numa região; contudo, eu me sentia temerosa e inquieta, sobretudo porque meu antigo marido ainda podia estar na estrada e me reconhecer.

Nunca houve em minha vida quatro dias seguidos mais risonhos; fui nesse tempo uma noiva em todos os sentidos, e meu novo marido procurou, por todos os meios, fazer com que me sentisse feliz; ah, quem dera aquela vida houvesse perdurado! como teria esquecido todas as inquietudes passadas e evitado as tribulações futuras! todavia, tinha toda uma vida precedente das mais infames à espera do merecido castigo, parte neste

mundo e parte em outro.

Viajamos no quinto dia; vendo-me desassossegada, nosso hospedeiro montou a cavalo, com o filho e três camponeses, todos portando boas armas de fogo, e sem nada dizer-nos seguiram a diligência até nos ver chegar sãos e salvos a Dunstable; ali, não pudemos deixar de gratificá-los regamente, o que custou a meu marido dez ou doze xelins, porque também deu alguma coisa aos homens pelo tempo que tinham perdido; o hospedeiro, contudo, não aceitou nada para si.

Aquela foi a melhor solução que poderia ter ocorrido em meu benefício, pois se tivesse chegado a Londres sem ter-me casado, teria sido obrigada ou a ir para a casa dele, a fim de passar a primeira noite, ou a revelar-lhe que não tinha, em toda a cidade, uma única amizade em condições de receber uma pobre noiva e dar-lhe hospedagem para sua noite de núpcias; entretanto, sendo uma senhora casada e já de certa idade, não tive escrúpulo em ir logo para sua casa e tomar posse de uma residência muito bem-aparelhada, sem falar de um marido em ótima situação, de maneira que descortinava a perspectiva de uma vida muito feliz, se soubesse conduzi-la; tive então ocasião de meditar sobre o real valor da vida que parece teria e compará-la com a existência à deriva e irregular que levava até então; quão mais digna é a vida de virtude e seriedade do que aquela que chamamos de vida de prazer!

Ah, prouvera a Deus que aquele capítulo feliz de minha vida tivesse perdurado ou que eu aprendesse, quando o vivi, a apreciar seu verdadeiro dulçor, que eu não recaísse na pobreza, o veneno fatal da virtude! teria sido a mais ditosa das mulheres, não só naqueles dias, mas talvez para todo o sempre; porque enquanto assim vivi, senti-me realmente arrependida de toda a vida precedente; lembrava-a com desgosto, e posso mesmo dizer que odiava a mim mesma por tê-la vivido; muitas vezes refleti sobre meu amante de Bath, que tocado pela mão de Deus se penitenciará e me abandonará, negando-se a ver-me de novo, embora me amasse muitíssimo; todavia, aguilhoada pelo pior dos demônios, a pobreza, voltara a minhas práticas indignas e tirara proveito do que chamam de um belo rosto como meio de satisfazer meus desejos, e fizera da beleza a alcoviteira do vício.

Agora parecia estar abrigada num porto seguro, finda a tempestuosa travessia de minha vida anterior, e comeci a dar graças pela salvação; muitas horas passei a sós, chorando ao recordar as loucuras e as espantosas extravagâncias de uma vida desregrada, e cheguei às vezes a lisonjear-me por estar sinceramente arrependida.

No entanto, há tentações às quais a natureza humana não tem como resistir, e poucos sabem como se comportariam caso se vissem diante das mesmas ânsias; assim como a ambição é a raiz de todos os males, a pobreza é, a meu juízo, a pior de todas as ciladas; contudo, adiarei tais considerações, a fim de narrar o que aconteceu.

Eu vivia com meu marido na mais perfeita tranquilidade – homem calmo, sóbrio e de bom senso, além de virtuoso, modesto e sincero, que se portava com correção e diligência em suas atividades profissionais; tais atividades não eram de grande magnitude, mas seus rendimentos bastavam para termos uma vida cômoda e folgada; não digo a ponto de dispormos de coche, cavalos e lacaios ou de viver à larga, como se diz – isso era

coisa que não esperava nem desejava, pois odiava as leviandades e as extravagâncias de minha vida até então e estava decidida a levar uma vida retirada, frugal e centrada em nós mesmos; não tinha amizades, não fazia visitas, cuidava de minha família e me dedicava a meu marido, e esse tipo de vida tornou-se para mim um prazer.

Vivemos assim um período de bem-estar e alegria, sem interrupções, por cinco anos, quando um golpe inesperado, vibrado por mão quase invisível, destroçou toda a minha felicidade e arremessou-me de novo no mundo, numa situação em tudo oposta à anterior.

Meu marido confiara a um companheiro de trabalho uma quantia demasiado elevada para que nossa situação nos permitisse suportar sua perda; sucedeu, porém, que seu colega faliu e o prejuízo teve um efeito forte demais sobre meu marido; o caso não teria sido tão grave se ele houvesse mostrado ânimo e coragem para olhar de frente o infortúnio, uma vez que o crédito de que gozava era tão bom que, como eu mesma lhe disse, ele poderia recuperar-se facilmente daquela calamidade – deixar-se abater pela desgraça é redobrar seu peso, e quem acha que ela lhe custará a vida de fato há de morrer.

Foi inútil falar-lhe e tentar confortá-lo, pois o golpe o ferira muito fundo, tal punhalada que lhe houvesse lacerado um órgão vital; ele mergulhou na prostração e no desconsolo, caindo num estado de letargia até falecer; previ o desastre e senti um peso colossal na alma, pois via com clareza que sua morte seria minha destruição.

Tivera com ele dois filhos e não outros mais porque, para dizer a verdade, já entrava na idade de não poder mais ter filhos; estava com quarenta e oito anos e imagino que se ele não tivesse morrido tampouco voltaria a engravidar.

Vi-me sozinha e numa situação verdadeiramente triste e lastimável, e em alguns aspectos pior do que nunca; em primeiro lugar, havia passado para mim a idade viçosa em que podia esperar que alguém me cortejasse para ter-me como amante; essa agradável parte já entrara em declínio havia algum tempo e só restavam as ruínas do que eu fora; e o pior de tudo era que me sentia a criatura mais abatida e taciturna do mundo; eu, que havia animado meu marido e tentara suster-lhe o espírito diante de sua desgraça, não era capaz de suportar a minha própria; quisera eu ter no infortúnio aquele ânimo que tantas vezes lhe dissera ser necessário para suportar a adversidade.

Minha situação, porém, era mesmo triste porque me achava absolutamente sem amigos e sem apoio algum, e o prejuízo sofrido por meu marido lhe reduzira as condições econômicas a tal ponto que, embora na realidade ele não tivesse dívidas, eu antevia facilmente que o pouco que sobrara não poderia me sustentar por muito tempo, pois enquanto eu gastava a cada dia um pouco da reserva para minha subsistência, não tinha meio de fazer com que ela aumentasse em um só xelim; de forma que em breve tudo estaria gasto e eu não via diante de mim nada senão a mais extrema miséria, e isso se apresentava de modo tão vívido em meu espírito que parecia já ter acontecido, antes mesmo que o quadro estivesse bem próximo; acresce que as apreensões duplicavam-me a tristeza, pois imaginava que cada moeda de seis pênis que eu pagava por um pão era a última que possuía e que no dia seguinte seria forçada a jejuar e acabaria morrendo de fome.

Nessa desventura não contava com nenhuma ajuda ou com um amigo que me consolasse ou aconselhasse, e ficava sentada chorando e me atormentando dia e noite, torcendo as mãos e às vezes tresvariando como uma desvairada; na verdade, pergunto-me amiúde se aquilo não me teria afetado a razão, pois a angústia chegava a tais extremos que meu espírito às vezes se perdia inteiramente em fantasias e despropósitos.

Vivi dois anos nessa funesta situação, gastando o pouco que tinha, chorando sem parar por causa de minhas penosas condições, como se me dessangrasse até a morte, sem a menor esperança ou perspectiva de ajuda por parte de Deus ou dos homens; e depois de chorar tanto e com tal frequência que, como poderia dizer, haviam-me secado as lágrimas, comecei a cair em desespero, pois meu dinheiro rapidamente chegava ao fim.

Em busca de certo alívio, deixara minha casa e passara a morar num quarto alugado; à medida que reduzia meu nível de vida, vendia a maior parte das coisas que possuía – o que me rendeu certo dinheiro, com o qual vivi mais um ano, com muita parcimônia e poupando tudo ao máximo; ainda assim, quando pensava no futuro sentia-me com o coração nas mãos ante a aproximação inevitável da miséria e da necessidade; ah, que ninguém leia esta parte da história de minha vida sem refletir detidamente sobre as circunstâncias de um estado de desolação e sem pensar no que faria diante da falta de amigos e de pão; decerto estas linhas farão com que meus leitores pensem não só em poupar o que possuem, como também em elevar os olhos aos céus para implorar seu sustento e lembrar a prece do sábio rei Salomão: “não me dê a pobreza, para eu não ter de roubar”.

Que essas pessoas se lembrem de que os tempos difíceis são épocas de terríveis tentações, quando as criaturas perdem as forças para resistir a elas; a miséria fustiga, a pobreza leva a alma ao desespero, e o que se pode fazer? certa noite, em que se pode dizer que eu chegara ao último suspiro, e na qual posso garantir que me sentia como que enlouquecida e desvairada, impeliu-me não sei qual espírito e, sem saber o que fazia, ou por que o fazia, vesti-me, pois ainda possuía vestidos esplêndidos, e saí; tenho a mais absoluta certeza de que não tinha em mente nenhum plano determinado: não sabia nem imaginava aonde pretendia ir, ou com que finalidade; no entanto, da mesma forma que o diabo me fez sair e me estendeu seu chamariz, também me conduziu, podem ter certeza, ao lugar certo, pois eu ignorava aonde ia ou o que fazia.

Vagueando sem rumo, não sei por quais lugares, passei diante de uma botica na rua Leadenhall, onde avistei em cima de um tamborete, junto do balcão, um pequeno embrulho envolto em pano branco; ao lado dele, dando-lhe as costas, uma criada olhava para o fundo do estabelecimento, onde o aprendiz do boticário, como creio fosse, estava em pé atrás do balcão, também de costas para a porta, procurando com uma vela na mão alguma coisa que se achava numa das prateleiras mais altas; ambos estavam distraídos, não havia ninguém mais na botica.

Aquela era a isca – e o diabo, que como disse armou a emboscada, com a mesma rapidez me incitou, como se falasse, pois recorro e jamais esquecerei que escutei uma voz que sussurrava sobre meu ombro: “pegue o embrulho, e depressa, agora”; antes que a

voz se calasse, eu já entrara na botica e, dando as costas à moça, como se sáísse do caminho de uma carroça na rua, passei a mão por trás de mim, peguei o embrulho e saí sem que ninguém me visse.

É impossível expressar o horror que senti ao fazer aquilo; ao sair da botica, não tinha ânimo de correr nem ao menos de caminhar mais depressa; atravessei a rua e dobrei a primeira esquina que vi, mas tenho para mim que era uma passagem que ia dar na rua Fenchurch; a partir dali voltei a atravessar tantas ruas e dobrar tantas esquinas que não saberia dizer que caminho percorri nem até onde fui, pois mal sentia o chão em que pisava, e quanto mais longe do perigo me sentia, mais rápido caminhava, até que, cansada e sem fôlego, vi-me obrigada a sentar numa banquetta diante de uma porta; comecei a me conter um pouco e percebi que havia chegado à rua Thames, perto de Billingsgate; descansi um tempinho e retomei o caminho; ardia-me o sangue e meu coração disparava como se eu tivesse sofrido um susto súbito – em poucas palavras, estava em tal estado de atordoamento que ainda não sabia para onde rumava nem o que devia fazer.

Depois de ter-me cansado durante aquela longa caminhada errante e tão apressada, comecei a tomar o caminho de casa, a que cheguei por volta das nove da noite.

Não me era possível saber quando fora feito o embrulho ou em que momento fora posto no lugar em que o encontrara, mas quando o abri vi que continha roupa de cama de bebê de alta qualidade e quase nova, enfeitada com rendas finíssimas, acompanhada de uma tigela de prata com capacidade de um quartilho, um cálice e seis colheres também de prata, alguns tecidos mais, uma bela camisola de mulher e três lenços de seda; dentro do cálice e embrulhados em papel havia dezoito xelins e seis pênis em moedas.

Não tenho como expressar em palavras as horríveis sensações de medo e o terror de espírito de que fui presa durante todo o tempo em que examinei essas coisas, embora estivesse perfeitamente a salvo; sentei-me e pus-me a chorar copiosamente; “Senhor”, orei, “o que sou agora? uma ladra! ora, serei detida da próxima vez e levada para Newgate, onde hão de julgar-me e condenar-me à morte!” – logo voltei a chorar por muito tempo, e tenho certeza de que, por pobre que estivesse, não fosse o medo que sentia eu teria levado aquela trouxa de volta ao lugar onde a encontrara, mas tal ideia logo se desvaneceu; é verdade que me deitei como sempre aquela noite, mas pouco dormi: o horror do que tinha feito pesava em meu espírito, e não sei o que disse nem o que fiz durante toda a noite ou no dia seguinte; esperei com impaciência ouvir alguma notícia sobre a perda daqueles objetos e me sentia ansiosa por saber que embrulho era aquele e se os objetos pertenciam a uma pessoa pobre ou rica; talvez, pensei, fossem de uma viúva pobre como eu, que os empacotara para vendê-los e assim comprar um pouco de pão para si e uma pobre criança, que agora passavam fome e amargavam a falta do pouco dinheiro que teriam recebido com a venda; durante três ou quatro dias essa ideia atormentou-me mais que todo o resto.

Entretanto, minhas próprias desventuras silenciaram todas essas reflexões, e a perspectiva de eu mesma passar fome, que se agravava horrivelmente a cada dia, pouco a pouco endureceu-me o coração; pesava sobretudo em minha alma a ideia de que

acreditava ter-me reformado, arrependida de todas as iniquidades passadas, durante os vários anos em que levava uma vida sóbria, grave e retirada, mas agora a medonha necessidade me conduziu às portas da destruição do corpo e da alma; por duas ou três vezes caí de joelhos, suplicando a Deus, com fervor, que me salvasse, mas não posso deixar de dizer que em minhas preces não havia esperança: não sabia o que fazer, pois se em minha vida só havia terror, em minha alma reinava o breu absoluto; achei que meu arrependimento pela vida passada não fora sincero o bastante e que por causa disso o céu começava a castigar-me já neste mundo e que me faria conhecer tão bem a miséria como eu conhecera o pecado.

Tivesse eu continuado a pensar assim, quem sabe não me tornasse uma penitente verdadeira; dentro de mim havia, no entanto, um mau conselheiro que sem cessar me incitava a remediar minha situação empregando os piores meios; por isso, certa tarde ele voltou a me tentar com o mesmo impulso perverso de quando me disse “pegue esse embrulho”, e me fez sair de casa em busca do que pudesse aparecer.

Dessa vez saí em plena luz do dia e vagueei não sei por onde e à procura não sei de quê, quando o diabo pôs em meu caminho uma armadilha de terrível natureza, com a qual nunca topara antes nem voltei a encontrar depois; passando pela rua Aldersgate, vi uma linda menina que saíra da escola de dança e voltava sozinha para casa, e meu tentador, verdadeiro demônio, impeliu-me na direção dessa criança inocente – falei-lhe, ela me respondeu com loquacidade; tomei-a pela mão e andamos um bocado até chegar a uma ruela calçada que vai dar em Bartholomew Close; entrei por ela e a menina me disse que aquele não era o caminho de sua casa, e respondi: “é, sim, querida, vou lhe mostrar o caminho de sua casa”; a pequena usava um colar de contas de ouro que atraía minha atenção, e na obscuridade da viela abaixei-me e, pretextando amarrar o cadarço de sua sandália, tirei habilmente o colar sem que ela o percebesse e voltei a segurar sua mão; o demônio aconselhou-me então a matar a menina naquela ruazinha escura, para que ela não se pusesse a gritar se desse pelo roubo; porém a simples ideia me assustou de tal forma que estive perto de cair prostrada; então fiz a criança se virar e disse-lhe que voltasse sobre seus passos, porque aquele não era de fato o caminho para sua casa; ela concordou, e continuei sozinha até Bartholomew Close; seguindo um atalho pelo qual se vai a Long Lane, não tardei a chegar a Charterhouse Yard, saindo na rua St. John; depois, atravessando Smithfield, desci a Chick Lane e, entrando na Field Lane, daí a pouco estava na ponte Holborn – ali, misturando-me à multidão sempre presente na área, não haveria como ser descoberta: assim terminou minha segunda incursão no mundo do crime.

As reflexões sobre esse furto apagaram todas as que fizera sobre o anterior, que se esvaíram rapidamente; a pobreza, como já disse, endurecia-me o coração e minhas próprias necessidades tornavam-me indiferente a tudo; esse segundo roubo não me perturbou, pois – pensei comigo – como não fizera mal algum à menina, tinha apenas dado uma boa lição a seus pais: não deveriam deixá-la voltar desacompanhada para casa, precisavam ensiná-la a proceder com mais prudência no futuro.

O colar de contas de ouro valia cerca de doze ou catorze libras; imaginei pertencesse à mãe da menina, pois as contas eram grandes demais para um colar infantil – talvez a vaidade da mulher, desejosa de que a filha brilhasse na aula de dança, levava-a a permitir que a filha o usasse; sem dúvida a mãe deve ter mandado uma criada buscar a menina na escola, mas a sirigaita talvez tenha se atacadado com algum velhaco no caminho, motivo pelo qual a pobre criança pôs-se a voltar sozinha até cair em minhas mãos.

No entanto, como já disse, não lhe causei nenhum mal nem sequer a assustei, pois ainda alimentava muitos pensamentos bondosos e posso garantir que não fazia nada senão aquilo a que, posso dizer, a necessidade me obrigava.

Depois dessas tive muitas outras aventuras – neófito no ofício, não sabia como proceder, a menos que o diabo me metesse coisas na cabeça, e para dizer a verdade devo admitir que ele nunca se mostrou relapso em relação a minha pessoa; uma dessas aventuras teve um resultado muito feliz para mim: passava pela rua Lombard, ao cair da noite, quando, do fim do pátio Three Kings, vi de repente um sujeito que corria em minha direção, rápido como um raio; ao chegar onde eu estava, na esquina da rua, ele atirou ao chão, bem junto de mim, o embrulho que levava, e me disse, “deixe isso aí por um momento, senhora, e que Deus a abençoe” – e saiu a correr com a velocidade do vento; daí a pouco outros dois homens passaram correndo na mesma direção, além de um jovem sem chapéu, com a cabeça descoberta, que gritava “pega ladrão!”; depois vieram dois ou três mais, que perseguiam os dois anteriores tão de perto que eles se viram obrigados a largar o que levavam; interceptaram um deles, mas o outro conseguiu fugir.

Fiquei imóvel onde estava durante toda a cena, até que voltaram, arrastando o pobre coitado que haviam detido e carregando as coisas que tinham encontrado, bastante felizes por terem recuperado o furto e posto as mãos no ladrão; e assim passaram por mim, porque eu parecia apenas uma mulher que esperava a multidão se dispersar.

Perguntei algumas vezes o que estava acontecendo, mas as pessoas não me respondiam e eu não queria ser indiscreta, insistindo; depois que a multidão se desfz, aproveitei a oportunidade para me virar, pegar o que estava atrás de mim e me afastar dali; procedi com menos nervosismo do que em ocasiões anteriores, porque não fora eu quem roubara, aquilo apenas viera parar em minhas mãos; cheguei sã e salva a minha casa com o embrulho, que continha uma peça de fino tafetá preto e outra de veludo – esta última não passava de um corte de uns dez metros, mas a primeira era uma peça inteira, de quase cinquenta metros; ao que parece, procediam de uma loja de tecidos que fora saqueada, e digo saqueada porque era enorme a quantidade de mercadorias que tinham sido roubadas e também muitas as recuperadas – pelo que pude ver, chegaram a seis ou sete peças de seda; não sei como puderam levar tantas coisas, mas como tudo o que fiz foi roubar de um ladrão, não tive o menor escrúpulo em me apoderar dessas mercadorias, e com grande satisfação.

Até então contara com muita sorte e tive várias outras aventuras – que ainda que não me rendessem altos ganhos foram coroadas de êxito; apesar disso, porém, temia a cada dia que me sobreviesse algum contratempo e que eu acabasse enforcada; o efeito que esse

medo teve sobre mim foi forte demais para que eu não lhe fizesse caso e me absteve de várias tentativas, embora soubesse que poderiam ser empreendidas com segurança; contudo, há um episódio que não posso omitir e que foi para mim um estímulo durante muitos dias: costumava passear com frequência pelas vilas que circundam a capital, quem sabe encontrasse alguma coisa pelo caminho; passando diante de uma casa perto de Stepney, vi no peitoril de uma janela dois anéis, um deles um pequeno anel com um brilhante e o outro um simples aro de ouro, certamente deixados ali por alguma senhora de pouco siso, com mais dinheiro que precaução, até acabar de lavar as mãos.

Voltei algumas vezes diante daquela janela para verificar se havia ou não alguém no aposento, e não vi ninguém, mas ainda não tinha certeza; daí a pouco ocorreu-me a ideia de dar umas batidinhas no vidro, como se quisesse chamar a atenção de alguém: no caso de haver uma pessoa, ela se aproximaria da janela e eu então lhe recomendaria que tirasse dali aqueles anéis, pois notara dois tipos suspeitos que estavam de olho neles – era uma boa ideia; bati duas ou três vezes e não veio ninguém; verificando que o caminho estava livre, dei um golpe forte na vidraça, que quebrou com pouco ruído; aposséi-me dos dois anéis e fui embora sem risco algum – o anel de brilhante valia cerca de três libras; o outro, uns nove xelins.

Eu estava à procura de um mercado para meus artigos, sobretudo para o tafetá e o veludo; não queria de modo algum desfazer-me deles por uma ninharia, como em geral agem os ladrões pobres e infelizes, que depois de arriscar a vida por um artigo talvez de valor contentam-se em passá-lo adiante por uma bagatela; estava decidida a não proceder assim, por maior que fosse minha pobreza, a menos que chegasse a uma situação extrema; todavia, não sabia bem que caminho seguir – por fim resolvi recorrer a minha antiga preceptora e voltar a relacionar-me com ela; enquanto me fora possível, eu lhe enviara pontualmente as cinco libras anuais para meu filhinho, até que me vi obrigada a suspender esses pagamentos; contudo, escrevi-lhe uma carta em que explicava que minha situação se deteriorara bastante desde a perda de meu marido e que não tinha como continuar a mandar-lhe o dinheiro; por fim, fazia votos de que a pobre criança não sofresse demais com a desdita de sua mãe.

Fiz-lhe uma visita e observei que ela ainda se dedicava em parte a seu antigo negócio, embora não nas condições prósperas de antes, pois fora processada por um cavalheiro cuja filha lhe fora roubada; ela figurava como envolvida no sequestro, e só por um triz escapou ao patíbulo; as despesas do processo também tinham sido enormes, deixando-a muito pobre; em seu ofício, já não gozava da mesma reputação do passado e sua casa estava aparelhada com simplicidade; não obstante, aguentara o tirão, como se diz, e como era mulher ativa e diligente, e sempre lhe sobrara algum capital, passou a trabalhar com penhores e vivia bastante bem.

Recebeu-me com muita amabilidade e, com seus modos obsequiosos de sempre, disse não teria por mim menos consideração por estar em má situação, que cuidara para que meu filho continuasse a ser bem-educado, conquanto eu não pudesse pagar por sua manutenção, e que a mulher que o tinha em sua guarda estava bem de vida, de modo que

não precisava inquietar-me com o menino, até o momento em que pudesse fazê-lo de novo de forma concreta.

Contei não dispor de muito dinheiro, mas que me restavam algumas coisas de valor e perguntei como proceder para transformá-las em dinheiro vivo; ela quis saber o que tinha e mostrei-lhe o colar de contas de ouro, dizendo ser um dos presentes que meu marido me dera, e em seguida exibí a peça de tafetá e o corte de veludo, que disse ter recebido da Irlanda e trazido comigo para Londres; por fim deixei-a ver o anel de brilhante; quanto ao cálice de prata e as seis colherinhas, já tivera oportunidade de vendê-los antes, e com relação ao enxoval de bebê, a preceptora me propôs comprá-lo ela própria, julgando que eu o havia usado; disse-me que agora trabalhava com penhores e venderia aquelas coisas para mim como se tivessem sido entregues a ela em penhor; em seguida mandou chamar os interpostos com quem fazia negócios e eles compraram tudo aquilo, sem escrúpulo algum e pagando bons preços.

Comecei a pensar que, dada a lamentável situação em que me achava, aquela mulher, por sua utilidade, poderia prestar-me alguma ajuda para encontrar trabalho, pois me agradaria desempenhar qualquer atividade honesta que viesse a conseguir; no entanto, nessa área ela não era de grande serventia, pois seu ramo de atividades não incluía o trabalho honesto; fosse eu mais jovem, talvez ela pudesse ter-me ajudado a pescar um amante, mas uma mulher não podia mais pensar nesse tipo de vida depois de ter passado dos cinquenta anos, como era meu caso, e foi o que eu lhe disse.

Por fim ela me convidou a morar em sua casa até que pudesse encontrar ocupação, pagando pouco, e aceitei a proposta com satisfação; agora, vivendo com mais tranquilidade, comecei a tomar certas medidas para me livrar dos encargos referentes ao filho que tivera com meu mais recente marido; e também com relação a isso ela me ajudou, com a condição de que pagasse apenas cinco libras por ano, se pudesse; tudo isso representou tal ajuda que durante um bom tempo deixei de lado o vil ofício que vinha exercendo nos últimos tempos; na verdade, de bom grado teria passado a ganhar o pão com a agulha se arrumasse trabalho, tarefa difícil para quem não tinha amigos no mundo.

Ainda assim, por fim arranjei trabalho confeccionando anáguas para senhoras, lençóis e coisas do gênero; como era um trabalho de que eu gostava, nele pus todo o empenho e com ele comecei a viver; contudo, tendo decidido que continuaria a seu serviço, o diligente demônio me tentava continuamente a sair e dar um passeio, ou seja, ver se eu voltava a encontrar alguma coisa no caminho, à maneira antiga.

Certa noite obedeci cegamente a sua convocação e perfiz um longo caminho pelas ruas; sem encontrar nada que valesse a pena, voltei para casa exausta e de mãos vazias; não me contentando com isso, saí também na noite seguinte, e ao passar diante de uma cervejaria observei que a porta de uma saleta reservada, ao lado da entrada, estava aberta, e sobre a mesa havia um caneco de prata para cerveja, na época muito usado nas tavernas; tinha-se a impressão de que um grupo de clientes estivera bebendo naquele reservado e que o caneco fora esquecido ali por negligência dos garçons.

Entrei tranquilamente na saleta, pus o caneco de prata num canto do banco, sentei-me diante dele e bati com o pé no piso; daí a pouco entrou um rapaz, a quem pedi um quartilho de cerveja morna, pois fazia frio; o moço saiu e pude ouvir que descia ao porão para buscar a bebida; então entrou outro rapaz na saleta e me perguntou, “chamou, senhora?”, ao que respondi num tom de enfado, “não, meu filho, outro rapaz já foi buscar para mim um quartilho de cerveja”.

Enquanto estava ali, ouvi que a mulher do balcão perguntava, “o pessoal da mesa cinco já foi embora?” – era a saleta em que eu me achava – o rapaz respondeu que sim; “quem retirou o caneco?”, perguntou a mulher; “eu, é esse aí”, respondeu outro empregado, indicando, por engano, um caneco que retirara de outro reservado; ou talvez o tratante se esquecera de que não o retirara, o que, evidentemente, não tinha feito.

Escutei tudo isso com a maior satisfação, pois o diálogo comprovava que não tinham dado pela falta do caneco, acreditavam ter sido retirado; tomei minha cerveja, chamei o garçom para pagar e ao sair disse, “cuide bem da prataria, meu filho”, e apontei para o copo de prata, com capacidade de um quartilho, em que tinham servido minha cerveja; o jovem respondeu, “sim, senhora, farei isso”, e me fui.

Cheguei à casa de minha preceptora e considerei que chegara o momento de pô-la à prova, para que, se me visse na necessidade de me explicar, pudesse contar com sua ajuda; algum tempo depois de chegar, tive oportunidade de estar com ela e disse que tinha um segredo da maior importância, que lhe confiaria se ela tivesse por mim consideração o bastante para guardá-lo; ela respondeu que, se já guardara fielmente um de meus segredos, por que eu haveria de temer que não guardasse outro? disse-lhe, pois, que a coisa mais estranha do mundo me sucedera, embora não a tivesse planejado; e contei-lhe todo o caso do caneco – “e você o trouxe para casa, querida?”, perguntou-me; “claro que sim”, respondi, mostrando-o; “e agora, o que devo fazer? devolvê-lo?”.

“Devolvê-lo!”, ela exclamou, “faça isso se quer ser mandada para Newgate por tê-lo roubado”; “como assim?”, espantei-me, “não acredito que sejam tão maus que me queiram presa depois de devolvê-lo”; “você não conhece essa gente, minha filha”, ela replicou, “não só a conduzirão para Newgate como farão que a enforcuem, sem levar em conta sua honestidade ao devolvê-lo; ou então hão de listar todos os canecos que já perderam e farão você pagar por eles”; “então, que devo fazer?”, perguntei; “nada”, ela disse, “já que você foi ardilosa e o roubou, deve ficar com ele, e nem pense em devolvê-lo; além disso, você não precisa mais desse caneco do que eles? por mim, gostaria que você desse com um achado desses toda semana”.

Passei a ver minha preceptora sob um novo prisma: desde que passara a trabalhar com penhores, tinha a seu redor um tipo de gente bem diferente das pessoas honestas que outrora eu conhecera naquela casa; não precisei morar ali muito tempo para descobrir isso, com mais clareza do que antes, pois a cada dia lhe levavam empunhaduras de espadas, facas, colheres, taças e objetos assemelhados, não para serem empenhados, mas vendidos; e ela comprava tudo sem nada perguntar e fazendo ótimos negócios, pelo que se depreendia do que dizia.

Descobri também que, no exercício dessa atividade, ela sempre fundia os artigos de prata que comprava, de modo a não serem identificados; procurou-me certa manhã dizendo que ia fundir objetos e que, se eu quisesse, incluiria no lote também meu caneco, para que ninguém o identificasse; concordei com prazer e ela então o pesou e me pagou o valor da prata, embora eu soubesse que não fazia o mesmo com os demais clientes.

Algum tempo depois, estava eu trabalhando, e com uma expressão de profunda melancolia, quando ela começou a me indagar o que sucedia, como era seu costume; respondi que estava com o coração apertado, que tinha pouco trabalho e nada com que viver, e não sabia que caminho seguir; rindo, ela disse que eu devia sair de novo para tentar a sorte, pois talvez tropeçasse com outro objeto de prata; “ah, mãe”, redargui, “esse é um ofício em que não sou hábil, e se for apanhada estarei perdida para sempre”; e ela disse, “posso indicar-lhe uma mestra nesses afazeres que a tornará tão habilidosa quanto ela própria”; comecei a tremer ao escutar essa proposta, porque até então não tinha cúmplices nem conhecia um só membro dessa tribo; no entanto, ela soube vencer meus escrúpulos e receios e em pouco tempo, com a ajuda daquela cúmplice, transformei-me numa ladra tão descarada e tão habilidosa como foi Moll Cutpurse, ainda que, se a fama não mente, eu não tivesse a metade de sua beleza.

A mestra a quem minha preceptora me confiou atuava em três especialidades do ramo, a saber: o furto de artigos expostos em lojas, o roubo em livrarias e a subtração dos relógios de ouro que as senhoras levavam presos à cintura; nessa última atividade, alcançou tal perícia que nenhuma outra mulher a praticou com a mesma perfeição; eu apreciava sobretudo a primeira e a terceira dessas modalidades, e durante algum tempo ajudei-a a executá-las, do mesmo modo que uma assistente auxilia uma parteira, sem receber remuneração.

Por fim, ela me submeteu a um exame; havia-me ensinado sua arte e várias vezes desprendi um relógio de sua cintura com grande destreza; nesse dia ela indicou minha presa, uma jovem senhora grávida, dona de um relógio encantador; o furto ocorreria no momento em que ela saísse da igreja; minha mestra pôs-se a caminhar ao lado da dama e, ao alcançar o primeiro degrau da escadaria, simulou um tropeção e esbarrou nela com tanta força que a assustou e ambas gritaram; no momento exato em que elas se chocaram, levei a mão ao relógio; sustentando-o da maneira correta, o movimento brusco da senhora fez com que ele se soltasse sem que ela nada sentisse; afastei-me depressa, deixando minha preceptora e a dama se recuperarem aos poucos do encontro, e foi então que esta última deu pela falta do relógio.

“Ah!” exclamou minha instrutora, “então certamente foram esses gatunos que me empurraram! foi uma pena a senhora não ter percebido o furto antes, para que eles fossem detidos.”

Saiu-se tão bem em relação ao sucedido que não levantou a menor suspeita, e eu estava de volta à casa uma hora antes dela; essa foi minha primeira aventura em conluio com alguém; o relógio era mesmo magnífico, adornado com muitos pingentes, e minha preceptora nos deu por ele vinte libras, das quais me coube a metade; com isso tornei-me

uma ladra completa, calejada num grau além de todos os escrúpulos de consciência e de vergonha, e num nível que, tenho de admitir, nunca imaginara ser possível.

E assim o diabo, que para impelir-me à corrupção começara servindo-se de uma pobreza intolerável, pôs-me nesse campo num nível muito superior ao da média, e isso quando minhas necessidades já não eram tão grandes, nem as perspectivas de miséria tão pavorosas; pois agora eu encontrara um pequeno filão de trabalho, e, como não era inábil no manejo da agulha, era bem provável que, à medida que fizesse amizades, ficasse em condições de ganhar meu pão com honestidade.

Devo dizer que se tal perspectiva de trabalho me fosse apresentada no princípio, quando antevi a situação de miséria na qual em breve estaria, ou seja, se tivesse surgido então a possibilidade de ganhar o pão com trabalho, eu jamais teria me envolvido com aquele feio ofício ou com o bando depravado que agora me cercava; no entanto, a prática me endurecera e, mais que ousada, eu me tornara temerária, tanto mais porque, exercendo aquele ofício por tanto tempo, nunca fora apanhada – em suma, minha nova companheira de malfeitos e eu trabalhamos durante tanto tempo juntas, sem que nunca fôssemos pegas, que não só nos tornamos audaciosas como também enriquecemos, pois chegou um momento em que tínhamos em mãos vinte e um relógios de ouro.

Lembro de um dia em que, sentindo-me pouco mais reflexiva que de hábito e já dispondo de avultado pecúlio, visto que minha parte ascendia a quase duzentas libras em dinheiro, de repente me ocorreu uma ideia vigorosa, sem dúvida inspirada por um bom espírito, se é que eles existem; refleti que, se no começo a pobreza me transtornara e as desventuras me tinham levado àqueles passos malsãos, agora que tais desditas estavam minoradas, eu havia conseguido meios de sustento com meu trabalho e tinha no banco um bom fundo, capaz de me manter – por que não arripiava caminho, como se diz, enquanto estava bem? não podia esperar ficar sempre impune: se um dia cometesse um erro e fosse pilhada, estaria perdida.

Sem dúvida, aquele foi o instante bem-aventurado, e se eu tivesse dado ouvidos à bendita inspiração, viesse de onde viesse, teria ainda a possibilidade de levar uma existência tranquila; no entanto, estava escrito que minha sina seria outra, e o laborioso demônio que com tanta diligência me subjugava tinha-me muito bem dominada e permitia que eu voltasse atrás; e do mesmo modo que a pobreza me atraía para o atoleiro, agora a cobiça me conservava nele, e não tinha mais como voltar atrás; diante dos argumentos que a razão me ditava para persuadir-me a abandonar tudo aquilo, a cobiça se adiantava e dizia, “continue, continue! você sempre teve sorte! continue até chegar a ter quatrocentas ou quinhentas libras, e então você poderá voltar atrás e poderá viver com largueza sem nunca mais trabalhar”.

Assim, da mesma forma que caíra nas garras do diabo, vi-me presa nelas como que por um sortilégio e não tive forças para escapar daquele cerco, até engolfar-me em labirintos de infortúnios grandes demais para deles me libertar.

Não obstante, essas reflexões exerceram certo efeito sobre mim e induziram-me a proceder com mais cautela do que meus próprios conselheiros; minha cúmplice, como

eu a chamava, embora devesse dar-lhe o nome de mestra, foi a primeira a cair em desgraça, junto com outra de suas discípulas, pois num dia em que tentavam roubar a loja de um comerciante de tecidos de Cheapside foram surpreendidas por um vendedor com olhos de lince e detidas com duas peças de cambraia.

Isso bastou para que fossem mandadas para Newgate, e ali tiveram a má sorte de que viessem à luz alguns delitos anteriores, sendo indiciadas em dois outros inquéritos; provadas as novas acusações, ambas foram condenadas à morte: as duas declararam-se grávidas, conquanto minha cúmplice esperasse um filho tanto quanto eu.

Fui visitá-las várias vezes, compadecendo-me da situação em que se achavam e pensando que em breve aquele poderia ser meu destino também; entretanto, o lugar me causava tanto horror, considerando que era o local de meu desafortunado nascimento e dos sofrimentos de minha mãe, que não o suportava e vi-me obrigada a deixar de visitá-las.

Oxalá a desgraça delas tivesse me servido de advertência, já que podia dar-me por feliz, pois ainda estava em liberdade e nada havia contra mim; contudo, isso não foi possível, uma vez que, como escreveu o evangelista, minha medida ainda não estava cheia.

Minha cúmplice, já marcada a ferro como delinquente contumaz, foi executada; a moça que a acompanhava livrou-se do mesmo destino graças a um indulto, mas penou um bocado na prisão, passando fome, até que, como seu nome foi incluído no que chamam de uma anistia ampla, foi solta.

Esse exemplo atroz de minha cúmplice deixou-me terrivelmente assustada, e durante um bom tempo não fiz nenhuma incursão; contudo, certa noite, no bairro onde morava minha preceptora, alguém gritou “fogo!”; a preceptora chegou à janela para ver o que acontecia, pois ainda não tínhamos nos deitado, e logo começou a gritar que, de fato, o andar de cima da casa de uma senhora do bairro estava se incendiando; sem perda de tempo, deu-me instruções – “filha, eis aí uma rara oportunidade”, disse, “pois o incêndio é tão próximo que você pode chegar lá antes que a multidão tome conta da rua”; em seguida, explicou-me como proceder: “vá, filha”, disse, “até a casa, entre depressa e diga à senhora, ou a qualquer pessoa que você vir, que a senhora *** a mandou para ajudar” (isto é, uma mulher que ela conhecia e que residia na mesma rua, mais acima); disse-me ainda que fizesse o mesmo na casa ao lado, citando o nome de outra mulher, também conhecida da dona da casa incendiada.

Saí apressada e ao chegar à casa encontrei todos em grande agitação, como é fácil imaginar; entrei e, dando com uma das criadas, disse-lhe, “Deus do céu, querida, como foi que aconteceu essa catástrofe? onde está sua patroa? e como está ela? está bem? está em segurança? e onde estão as crianças? foi a senhora *** que me mandou vir aqui para ajudá-los”; a criada se afastou, “senhora, senhora”, gritou, o mais alto que pôde, “está aqui uma mulher enviada pela senhora *** para nos ajudar”; a pobre mulher veio a meu encontro, meio fora de si, sobraçando um embrulho e acompanhada de duas crianças: “santo Deus, senhora”, disse eu, “permita-me levar essas crianças para a casa da senhora

***; ela deseja recebê-los lá, para cuidar deles”; imediatamente peguei uma delas pela mão e ela pôs a outra em meus braços – “faça isso, sim, pelo amor de Deus”, disse ela, “leve-as à casa de minha amiga; ah, e agradeça-lhe pela gentileza”; “a senhora quer me dar mais alguma coisa para pôr a salvo?”, perguntei; “muito obrigada e que Deus a abençoe: pegue este embrulho que contém objetos de prata e leve-o também para lá; ah, como ela é boa! meu Deus, estamos completamente arruinados, completamente arruinados”; e a senhora afastou-se depressa, como louca, e atrás dela foi a criada; e eu saí da casa com as crianças e o embrulho.

Assim que cheguei à rua, uma mulher correu a meu encontro; “ah, a senhora pode deixar o menino cair”, disse ela, num tom compassivo; “este é um momento difícil, deixe-me ajudá-la”; em seguida, levou a mão ao embrulho, a fim de carregá-lo para mim: “não, se quer me ajudar”, respondi, “pegue a mão da criança e leve-a para mim até o fim da rua; eu a encontrarei lá e a recompensarei”.

Depois do que eu dissera, ela não pôde deixar de fazer o que pedi – resumindo, ela praticava o mesmo ofício que eu, e tudo o que queria era o embrulho; contudo, foi comigo até a porta da casa, pois não poderia fazer outra coisa; ao chegarmos lá, eu lhe sussurrei, “vá àquela casa, menina, eu sei o que você quer; vá e talvez consiga alguma coisa”.

Ela compreendeu e se afastou; bati à porta com as crianças, e como todos na casa já tinham se levantado por causa da bulha do incêndio, logo me deixaram entrar e eu disse, “a senhora está acordada? digam-lhe, por favor, que a senhora *** lhe pede que tenha a gentileza de cuidar dessas duas crianças; pobre senhora, está arruinada, sua casa é uma chama só”; todos receberam as crianças com muito carinho, expressaram seus sentimentos pelo desastre que sucedera à família e eu me despedi com meu embrulho; uma das criadas perguntou-me se eu não queria deixar também o embrulho: “não, minha querida”, respondi, “isto vai para outro lugar, não pertence a eles”.

Agora eu estava longe da confusão e assim fui embora, sem que ninguém me fizesse perguntas, e levei o embrulho de pratarias, que era bastante grande, para a casa de minha velha preceptora, a quem o entreguei; ela me disse que não o abriria, mas que eu devia sair em busca de mais coisas.

Disse-me que agora devia visitar a casa vizinha à incendiada, onde morava uma senhora; tentei fazer o que ela pedira, mas o alvoroço criado pelo incêndio era enorme, muitas bombas já funcionavam e a rua achava-se tão apinhada de gente que não pude me aproximar da casa, apesar de meus esforços; por isso voltei à casa de minha preceptora e, levando o embrulho para meu quarto, comeci a examiná-lo; é com horror que conto do tesouro que encontrei em seu interior: bastará dizer que, além da maior parte da prataria da família, que era muita, havia uma antiga corrente de ouro com o fecho quebrado, de modo que pensei que fazia anos que não era usada, mas nem por isso o ouro era de menor valor; e também um escrínio com anéis, a aliança da senhora, fragmentos de antigos medalhões de ouro, um relógio também de ouro, além de uma bolsa com velhas moedas de ouro, no valor de aproximadamente vinte e quatro libras, e várias outras

coisas valorosas.

Esse foi o mais rendoso e, ao mesmo tempo, o mais doloroso dos golpes em que me envolvi; se em casos anteriores, como já tive ocasião de declarar, eu me mostrara calejada, insensível a qualquer reflexão, dessa vez senti-me perturbada no mais fundo da alma ao contemplar esse tesouro, ao pensar naquela pobre senhora que, além de tudo, perdera tantas outras coisas em consequência do incêndio; e que depois de julgar ter posto a salvo a prataria e seus pertences mais valiosos, conheceria o assombro e o desespero de se dar conta de que fora enganada, ao descobrir que a pessoa que se encarregara de proteger seus filhos e seus bens não viera, como afirmara, da parte da senhora da casa próxima, a quem as crianças tinham sido confiadas sem que ela tivesse conhecimento disso.

Confesso que a desumanidade desse ato me compungiu demais, e apiedei-me tanto da mulher que meus olhos se encheram de lágrimas; contudo, apesar de estar convencida de que me comportara de forma cruel e desumana, nunca o coração me animou a restituir o que quer que fosse; a reflexão esvaiu-se e logo comecei a esquecer as circunstâncias ligadas àquele golpe.

Nem isso foi tudo, pois embora aquela operação me tivesse tornado muito mais rica, não mantive a decisão que tomara, de largar aquela horrenda atividade quando ganhasse um pouco mais: pelo contrário, resolvi continuar, a fim de aumentar meu pé-de-meia; assim, a cupidiz aliou-se ao êxito, e não voltei a pensar em mudar de rumo a tempo, ainda que, sem fazer isso, não podia desfrutar com segurança e tranquilidade o que havia conseguido de modo tão infame – só mais um pouco, um pouquinho mais, era tudo o que eu queria.

Por fim, cedendo aos impulsos da delinquência, pus de parte todos os remorsos e inquietações, e de tantas reflexões não me restou senão uma: sempre valia a pena mais uma pilhagem, de modo a satisfazer de forma cabal meus desejos; e cada uma dessas pilhagens adicionais me incentivava a outra, e isso me levava a persistir no ofício, até que deixei de pensar em abandoná-lo.

Nesse estado, empedernida pelo êxito e decidida a prosseguir, caí na armadilha que estava fadada a encontrar como minha última recompensa por essa espécie de vida – nem mesmo isso, porém, ocorreu de imediato, uma vez que vivi outras aventuras bem-sucedidas naquela trilha da perdição.

Continuei a morar com minha preceptora, que durante algum tempo realmente se impressionou com a desdita de minha cúmplice, que acabara na forca; ao que parece, a coitada sabia da vida de minha preceptora o suficiente para levá-la a ter o mesmo destino, o que a deixou muito aflita: ela de fato ficou aterrorizada.

A verdade é que quando aquela infeliz se foi, sem ter aberto a boca para dizer o que sabia, minha preceptora sentiu-se aliviada e é até possível que tenha se sentido feliz, pois a criatura poderia ter recebido um indulto se delatasse amigos seus; por outro lado, o reconhecimento de seu caráter, por não tirar partido do que sabia, induziu minha preceptora a lamentar com muita sinceridade a sua execução; consolei-a o melhor que pude, e ela, a título de compensação, ajudou-me a adquirir a dureza que me faria merecer

mais ainda a mesma sorte.

No entanto, como já disse, aquilo me tornou mais precavida e adquiri especial aversão ao furto em lojas, sobretudo as de tecidos, cujo pessoal tinha sempre os olhos bem abertos; fiz uma ou duas incursões a lojas de rendas e de modas, entre elas uma que fora aberta pouco antes por duas jovens com pouca experiência no comércio – creio que de lá tirei uma peça de renda de bilros que valeria seis ou sete libras e um embrulho de fios; mas isso só aconteceu uma vez, pois o arдил empregado não poderia repetir-se.

Sempre julgávamos que nossa investida seria segura quando vínhamos a saber de uma loja nova, mormente quando seus proprietários não eram pessoas criadas no comércio; com certeza seriam atacadas uma ou duas vezes logo depois da inauguração, e os donos teriam de ser muito atilados para evitar esses ataques.

Arrisquei-me a mais uma ou duas aventuras, também simples bagatelas, mas que renderam alguma coisa; depois disso, como nada de peso acontecesse durante um bom tempo, comecei a pensar seriamente, de novo, em abandonar a profissão; todavia, minha preceptora, que não estava disposta a me perder e esperava de mim grandes feitos, um dia pôs-me em contato com uma jovem e um sujeito que passava por ser seu marido, ainda que, como se soube depois, não fossem casados, e sim sócios no ofício que exerciam, e também em outras coisas; em poucas palavras, roubavam juntos, dormiam juntos, foram presos juntos e, enfim, enforcados juntos.

Ajudada por minha preceptora, formei uma espécie de sociedade com esses dois, que me arrastaram a três ou quatro incursões, no decorrer das quais percebi que seus furtos eram canhestros e grosseiros, e que só tinham êxito graças a uma imensa dose de temeridade, por parte deles, e à absurda negligência das pessoas a quem roubavam; resolvi por isso que daí em diante seria muito cautelosa em tudo o que fizesse com eles; na verdade, quando me propuseram dois ou três planos infelizes, recusei o convite e até os convenci a não executá-los; certa vez, em especial, procuraram-me com a ideia de que roubássemos três relógios de ouro que tinham visto durante o dia numa relojoaria, descobrindo onde o proprietário os guardava; a dupla possuía tantas chaves, de todos os tipos, que não seria problema abrir o armário em que ficavam.

Marcamos um encontro, porém quando estudei o projeto com atenção, soube que pretendiam arrombar a porta para entrar na casa, e como isso ia contra meus princípios, preferi não me meter naquela aventura, e eles a empreenderam sem mim; entraram na casa com violência, destroçaram o armário fechado a chave onde estavam os relógios de ouro, mas acharam só um deles, além de outro de prata, de que se apoderaram, fugindo dali rapidamente; a família, no entanto, deu voz de alarme, gritando “ladrões!”; o homem foi perseguido e preso, e a moça, que no primeiro momento lograra escapar, teve a infelicidade de ser detida pouco mais longe dali, sendo os relógios encontrados em seu poder; assim livre-me pela segunda vez, pois foram condenados e levados à forca por contumácia, embora fossem jovens: como já disse, roubavam juntos, dormiam juntos e, enfim, juntos foram enforcados, e assim acabou minha nova sociedade.

Comecei então a atuar com cautela extrema por ter escapado por um fio daquele

desastre e por ter aquele exemplo diante dos olhos; eis, porém, que agora tinha novo tentador na pessoa de minha preceptora, que me instigava a cada dia; certa ocasião, ela deu-me detalhes de um tesouro que, descoberto por ela, poderia render-lhe uma excelente participação no roubo; segundo fora informada, havia grande quantidade de rendas de Flandres depositada numa casa particular, e como a importação desse tipo de renda era proibida, tratava-se de presa magnífica para qualquer agente de alfândega que desse com ela; recebi de minha preceptora informes detalhados, tanto sobre a quantidade das rendas quanto sobre o exato local onde estavam escondidas; dirigi-me então a um agente aduaneiro, a quem disse que denunciaria determinada partida de rendas de Flandres se ele garantisse minha devida parte da recompensa; era uma proposta tão correta que o homem concordou e foi comigo à casa, levando também um beleguim; como eu lhe havia dito que eu poderia ir diretamente ao esconderijo da mercadoria, ele me incumbiu disso; era uma cova muito escura, onde me enfiar com uma vela na mão, e à medida que lhe entregava as peças, tratei de separar para mim tantas quanto pudesse ocultar na roupa; havia naquele buraco rendas que valeriam quase trezentas libras, e surrubei uma quantidade no valor de cerca de cinquenta libras; essa mercadoria não pertencia às pessoas que residiam na casa, e sim a um comerciante que lhes confiara a guarda; por isso, aborreceram-se menos do que eu havia previsto.

O agente aduaneiro exultou com sua presa, satisfeítíssimo com o que ganharia, e marcou encontro comigo numa certa casa, aonde fui ter depois de guardar as peças que recolhera para mim e das quais ele não tinha a menor suspeita; quando cheguei, ele se pôs a regatear, supondo que eu ignorava o valor do quinhão a que tinha direito e pretendendo livrar-se de mim com vinte libras, mas fiz-lhe ver que não era tola como supunha e fiquei satisfeita por ele me oferecer a possibilidade de negociarmos um acordo – pedi cem libras, e ele elevou sua oferta para trinta; reduzi minha proposta para oitenta, e ele chegou a quarenta; acabou por me oferecer cinquenta, e aceitei, pedindo-lhe só que me desse, para uso pessoal, uma peça de renda que calculava valer umas oito ou nove libras; assim consegui as cinquenta libras em dinheiro vivo, pagas na mesma noite, e pus fim à negociação; o homem não ficou sabendo quem eu era ou onde arrumaria informações sobre mim, de modo que se descobrisse que parte da mercadoria fora subtraída, jamais poderia pedi-la de volta.

Dividi esse ganho rigorosamente com minha preceptora, e daí em diante tornei-me para ela uma habilíssima administradora em operações especiais; dei-me conta de que esse último trabalho fora o melhor e o mais fácil dos golpes em minha carreira, e dediquei-me a investigar mercadorias proibidas; depois de comprar algumas, em geral eu delatava os donos às autoridades, mas nenhuma dessas operações proporcionou uma denúncia rendosa como a que acabei de descrever; contudo, fazia questão de trabalhar com segurança e me cercava de cuidados para evitar os enormes riscos que via outros correrem: a cada dia apanhava-se um deles.

Depois disso, minha aventura mais significativa envolveu o relógio de ouro de uma senhora; ocorreu em meio à multidão reunida numa igreja, onde corri sério risco de ser

surpreendida; já estava com o relógio na mão, depois de ter dado um encontrão na mulher, como se alguém me tivesse empurrado contra ela; depois de dar um puxão no relógio, percebi que ele não se soltava da corrente: larguei-o e comecei a gritar, como se me matassem, que alguém pisara no meu pé e que devia haver gatunos por ali, pois percebera que tinham puxado meu relógio; devo observar que nessas incursões íamos sempre bem-vestidas, e eu estava com uma roupa muito bonita e com um relógio de ouro na cintura, como qualquer outra senhora.

Mal acabara de pronunciar essas palavras quando aquela senhora também gritou “ladrões!”, pois alguém, ela disse, tentara puxar seu relógio.

Quando tentei arrancar-lhe o relógio, eu estava ao lado dela, mas quando comecei a gritar, parei bruscamente, enquanto a multidão avançava, de forma que quando ela deu a voz de alarme eu já estava a certa distância, e assim em nenhum momento ela suspeitou de mim; mas quando ela gritou “ladrões!”, alguém disse bem alto, “e por aqui deve haver outro, pois também quiseram roubar desta senhora!”.

Naquele mesmo instante, e num ponto mais afastado, para grande sorte minha, ouvi-se de novo o grito de “ladrões!”, e detiveram um jovem com a mão na massa; foi uma tragédia para o coitado, mas muito oportuno para minha situação, pois se antes havia me saído bem, com presença de espírito, agora estava livre de toda e qualquer suspeita, mesmo porque a maior parte das pessoas se precipitou para onde tinham gritado, sendo o pobre rapaz entregue à fúria das ruas: uma coisa cruel que não preciso descrever, mas à qual os ladrões sempre preferem, a ser mandados para Newgate, onde em geral ficam jogados até quase morrer, isso se não são enforcados, e onde o melhor que podem esperar, quando condenados, é a deportação.

Escapei por pouco dessa vez e me assustei tanto que durante um bom tempo não quis saber de relógios de ouro; na verdade, muitas circunstâncias concorreram a meu favor naquela aventura, livrando-me de ser pega: a mais importante foi o fato de a mulher cujo relógio tentei roubar ter procedido como uma idiota – ela não percebeu o que acontecia, teve uma reação que não era de esperar de uma pessoa que tivera o cuidado de fixar o relógio de forma que não pudesse ser tirado, mas que ficou tão assustada que não reagiu de maneira adequada: ao sentir o puxão, deu um grito e atirou-se para a frente, criando confusão entre as pessoas a seu redor – sobre o relógio ou o gatuno não disse palavra, durante ao menos dois minutos, tempo de sobra para que eu me afastasse; e como me pus a gritar atrás dela, como já disse, e recuava na multidão à medida que ela avançava, várias pessoas, ao menos sete ou oito, com a multidão sempre em movimento, se interpuseram entre nós duas; quando gritei “ladrões!” quase antes dela, ou pelo menos ao mesmo tempo, ela podia ser tão suspeita quanto eu, e as pessoas ficaram confusas ao procurar entender – se ela procedesse com a argúcia necessária nessas ocasiões, e assim que sentiu o puxão não começasse a gritar, como fez, mas se virasse no mesmo instante e agarrasse a primeira pessoa atrás dela, certamente teria me surpreendido.

Esse conselho não agradará muito aos integrantes do grêmio, mas com certeza é a chave para entender os movimentos dos ladrões, e quem o seguir há de sempre agarrar o

gatuno, como certamente o deixará escapar se não lhe der ouvidos.

Houve outro episódio que confirma o que disse e que pode servir de lição para a posteridade no tocante a batedores de carteiras; minha boa e velha preceptora, para dar-lhes uma breve ideia de sua história, embora já tivesse deixado de exercer a profissão, era uma ladra nata e, como soube pouco depois, havia galgado todos os degraus dessa arte sem ser apanhada senão uma vez, mas de forma tão evidente que foi condenada e sentenciada à deportação; entretanto, como era mulher de lábia notável e, ademais, tinha dinheiro, encontrou meios de desembarcar e fugir quando o navio que a levava fundeou na Irlanda para ser abastecido de provisões; ela ali permaneceu e praticou seu ofício durante vários anos; mais tarde, juntando-se a outro tipo de más companhias, tornou-se parteira e cafina, cabendo-lhe uma vastidão de malfeitos que ela mesma me confidenciou quando nos tornamos mais íntimas – e foi a essa desmiolada criatura que vim a dever toda a arte e perícia que conquistei; e foram poucas as mulheres que me superaram no exercício da profissão ou que a praticaram durante tanto tempo sem que lhes sobreviesse algum infortúnio.

Depois dessas aventuras que a tornaram bem conhecida naquele país, ela deixou Dublin e voltou para a Inglaterra, mas como ainda não expirara o prazo de sua deportação, abandonou o antigo ofício, por medo de cair nas mãos de gente sem princípios, pois nesse caso estaria perdida; aqui ela retomou a mesma atividade de seus últimos tempos na Irlanda, não tardando, graças a sua admirável capacidade e a sua lábia, a elevar-se à altura que já descrevi e chegando a ser verdadeiramente rica, embora seus negócios decaíssem depois, devido às circunstâncias que mencionei.

Se entro em tantos pormenores sobre a história dessa mulher é para melhor explicar a influência que ela teve sobre a existência criminosa que eu agora levava; guiou-me em todos os detalhes dessa vida como se me tomasse pela mão, e deu-me tantas instruções, e eu as segui tão bem que me transformei na maior artista de minha época, safando-me de todos os perigos com tal destreza que, quando muitos companheiros que exerciam o ofício havia somente seis meses davam com os costados em Newgate, eu já tinha uma experiência de cinco anos sem incidentes; os hóspedes de Newgate nem sequer me conheciam – é verdade que tanto tinham ouvido falar de mim que esperavam não tardasse a fazer-lhes companhia, mas eu sempre escapulia, muitas vezes correndo enorme perigo.

Um dos maiores riscos que eu agora corria era ser muito conhecida entre os colegas de profissão, e alguns deles, cujo ódio por mim derivava antes da inveja que de algum mal que lhes tivesse feito, começaram a se enraivecer com o fato de eu sempre me safar enquanto eles eram presos e despachados para Newgate; foram eles que me deram o nome de Moll Flanders, que tinha tanto a ver com meu nome real ou com algum dos que adotara antes quanto o branco tem parentesco com o preto, salvo numa ocasião em que, tendo me refugiado na Casa da Moeda, fiz-me passar pela sra. de Flandres; no entanto, aqueles ordinários não sabiam disso, nem eu vim a descobrir por que ou quando me puseram aquele nome.

Logo fui informada de que alguns daqueles que acabaram trancafiados em Newgate

tínham jurado delatar-me, e como sabia que dois ou três deles eram mesmo bem capazes de fazê-lo, fiquei muito aflita e durante bastante tempo permaneci em casa; contudo, minha preceptora, com quem sempre dividia meus triunfos e que agora fazia um jogo seguro, pois participava de meus ganhos mas não dos perigos que eu corria, minha preceptora, repito, mostrava-se meio impaciente com o fato de eu levar aquela vida inútil e pouco proveitosa, como ela dizia; achou então um recurso para que eu voltasse às ruas: vestida de homem, eu poderia retomar minhas antigas atividades.

Embora fosse alta e vistosa, tinha o rosto demasiado suave para passar por homem – mas como raramente ia à rua antes do cair da noite, saía-me bem; contudo, demorei muito a aprender a proceder com desenvoltura nas roupas novas – entenda-se, para o trabalho que fazia; era impossível atuar de modo ágil, rápido e eficiente com um traje tão contrário a minha natureza; e como eu fazia tudo desajeitadamente, não conquistava os êxitos de antes nem escapava com a mesma facilidade, e por isso resolvi pôr aquilo de lado, e não tardou que a justeza de minha decisão fosse confirmada pelo fato que se segue.

Quando me vesti de homem, minha preceptora também me pôs em contato com um rapaz bastante hábil no ofício, e durante umas três semanas atuamos muito bem juntos; nossa principal atividade consistia em vigiar balcões de lojas e pôr as mãos em qualquer mercadoria deixada por descuido, e isso nos rendeu ótimos negócios, como dizíamos; e como estávamos sempre juntos, tornamo-nos bastante íntimos, embora ele nunca tenha vindo a saber que eu era mulher, ainda que em certas ocasiões eu o acompanhasse a sua moradia, devido a exigências de nosso ofício, e quatro ou cinco vezes tenha passado a noite toda a seu lado; todavia, como nossas intenções eram outras, era de todo necessário que lhe ocultasse meu sexo, como mais tarde ficou demonstrado; o tipo de vida que levávamos, indo dormir tarde e ocupando-nos de muitas coisas diferentes, assim como o fato de não podermos deixar que ninguém entrasse em nossa casa, impossibilitava que me recusasse a deitar na mesma cama que ele, a menos que confessasse meu sexo; de um jeito ou de outro, porém, consegui esconder a verdade; no entanto, a má sorte dele e minha boa estrela logo puseram um ponto final naquela vida, da qual, devo admitir, já estava farta por várias outras razões; tínhamos dado vários golpes rendosos com nossa nova forma de trabalhar, mas quis o destino que o último fosse diferente.

Havia em certa rua uma loja de esquina cujo depósito dava para outra rua; pela janela do depósito, vimos sobre o balcão e a vitrine, na frente do estabelecimento, cinco peças de seda, além de outras mercadorias; já estava quase escuro, mas, ocupados com clientes, os empregados não tinham tido tempo ou se esqueceram de fechar as janelas; o rapaz ficou tão deslumbrado que não pôde conter-se – disse que tudo estava a seu alcance e me garantiu, entusiasmado, que aquelas coisas seriam suas, nem que para isso tivesse de pôr abaixo a casa; procurei atenuar sua impetuosidade, mas vi que não havia remédio, pois ele avançou, resoluto; sem fazer barulho e com muita habilidade, retirou uma vidraça da janela de guilhotina, apossou-se de quatro peças de seda e veio com elas em minha direção, mas foi seguido de imediato por ruídos e um clamor de vozes; estávamos um ao

lado do outro, mas eu nada pegara de suas mãos e apressei-me a dizer, “pelo amor de Deus, corra, se o pegam você está perdido!”; ele se pôs a correr como um raio, e eu também, porém o perseguiram com mais empenho do que a mim, uma vez que era ele que carregava as mercadorias; ele deixou cair duas das peças, o que deteve por um momento o ímpeto de seus perseguidores, mas o número destes aumentou e se lançaram também contra mim; não demorou muito para que o apanhassem, com as outras duas peças em seu poder, e então os demais continuaram a me perseguir; acelerei e barafustei-me pela casa de minha preceptora, o que alguns dos perseguidores mais atilados perceberam; como não bateram imediatamente à porta, tive tempo de me livrar do traje masculino e vestir minhas próprias roupas; além disso, ao pedirem para entrar, minha preceptora, que já tinha uma história pronta, não abriu logo a porta e gritou que não havia homem nenhum na casa; as pessoas afirmaram que tinham visto um homem entrar e ameaçaram derrubar a porta.

Sem mostrar inquietação alguma, minha preceptora falou-lhes com calma, dizendo que teriam toda a liberdade de entrar e passar em revista os aposentos se estivessem acompanhados de um inspetor de polícia, mas que só adentrariam aqueles que ele permitisse, mesmo porque seria absurdo que toda aquela multidão pretendesse entrar na casa; a isso não podiam se opor, pois eram mesmo uma multidão; ela abriu a porta assim que chegou o inspetor, que passou a vigiar a entrada; seguidos por minha preceptora, os homens que ele designou esquadrinharam a casa, aposento por aposento; ao chegarem a meu quarto, ela me chamou e disse em voz alta, “prima, abra a porta, por favor: há uns senhores aqui que precisam examinar seu quarto”.

Eu tinha a meu lado uma menina, neta de minha preceptora (ou ao menos era o que ela dizia), e pedi-lhe que abrisse a porta, enquanto continuei trabalhando, com muitas coisas em desordem a meu redor, como se tivesse estado ocupada o dia todo com aquilo, com uma touca de dormir na cabeça e vestindo apenas um chambre; minha preceptora pediu desculpas por me incomodar, explicando por alto o motivo daquilo e dizendo que não pudera fazer outra coisa senão permitir que abrissem todas as portas para que examinassem a casa e se convencessem por si mesmos, já que tudo o que lhes dissera não os tinha satisfeito; continuei sentada e disse-lhes que examinassem o que quisessem, pois se havia algum estranho na residência, com certeza não estava em meu quarto; quanto ao resto da casa, nada tinha a dizer, embora não entendesse o que estavam procurando.

Meu comportamento parecia tão inocente e honesto que eles me trataram com mais cortesia do que eu esperava, mas nem por isso deixaram de examinar o quarto com todo cuidado, até debaixo da cama, sobre a cama e em todos os locais onde era possível haver alguém escondido; depois de fazê-lo e não encontrar nada, pediram desculpas por me incomodar e desceram.

Como tinham esquadrinhado toda a casa, de cima para baixo e de baixo para cima, sem ninguém encontrar, explicaram isso à multidão, que se mostrou cordata, mas levaram minha preceptora à presença do magistrado; dois sujeitos juraram que tinham visto o homem que perseguiram entrar na casa; ela se agastou e fez um escarcéu, alegando

que estavam difamando sua casa e tratando-a daquela forma sem nenhum fundamento, pois se um homem entrara, sem que ela o visse, podia também ter saído do mesmo jeito, e que ela se dispunha a jurar que durante todo o dia homem algum estivera naquela casa, o que não deixava de ser a mais pura verdade, e que era bem possível que enquanto ela se achava no andar de cima, um sujeito assustado tivesse encontrado a porta aberta e corrido para se esconder por estar sendo perseguido, mas que ela nada sabia a respeito; e que se isso tinha acontecido, ele podia ter saído de novo, talvez pela outra porta, a que dava para uma ruela, fugindo e enganando a todos.

A história soava bastante verossímil, e o magistrado a fez declarar, sob juramento, que não havia acolhido nem deixado entrar nenhum homem em sua casa para escondê-lo e para subtraí-lo à Justiça; esse era um juramento que ela podia fazer sem faltar à verdade, e assim ela foi liberada.

É fácil imaginar o susto que esse episódio me causou, e minha preceptora nunca mais conseguiu convencer-me a usar roupas masculinas de novo; como eu lhe disse, seria inevitável que eu me traísse.

Meu pobre parceiro naquele golpe malogrado viu-se numa camisa de onze varas, uma vez que, levado ante o senhor prefeito, Sua Excelência mandou-o para Newgate; e como as pessoas que o haviam detido queriam vê-lo condenado e tinham poder para tanto, comprometeram-se formalmente a comparecer em juízo e manter as acusações contra ele.

Não obstante, ele conseguiu que o julgamento fosse postergado com a promessa de delatar seus cúmplices e, em particular, o homem que fora seu comparsa naquele roubo; e não deixou de cumprir a promessa, uma vez que deu o nome pelo qual me conhecia, Gabriel Spencer – e aqui se vê como fui prudente ao ocultar meu sexo e meu nome, já que se não fosse isso eu estaria agora perdida.

Ele fez tudo quanto pôde para descobrir o tal Gabriel Spencer; descreveu-me, revelou o lugar onde eu dissera que morava e, para resumir, forneceu todos os detalhes de que se lembrava sobre minha moradia; como lhe ocultara o dado essencial, que era meu sexo, gozava de enorme vantagem, pois ele nunca poderia fazer com que a polícia me localizasse; causou sofrimentos a duas ou três famílias em seus esforços para me descobrir, mas essas pessoas nada sabiam a meu respeito; tinham-no visto com um homem, mas só isso; e quanto a minha preceptora, embora ela houvesse intermediado nosso contato, a coisa fora feita por meio de interposta pessoa, e meu parceiro nada sabia sobre ela.

Saiu-se prejudicado, pois tendo prometido fazer revelações e não tendo sido capaz de cumprir a palavra, considerou-se que ele estivera obstruindo a Justiça, razão pela qual passou a ser acusado com mais veemência pelos comerciantes que o haviam prendido.

Apesar disso, minha inquietação foi enorme durante todo esse período, e com o intuito de me sentir em maior segurança deixei a casa de minha preceptora durante uma temporada; não sabendo, porém, que destino tomar, peguei a diligência de Dunstable, levando comigo uma criada, e dirigi-me à casa de meus antigos hospedeiros, onde passara dias tão felizes com meu marido de Lancashire; ali chegando, contei à mulher do

hospedeiro uma história cheia de detalhes, dizendo-lhe que esperava para um dia próximo a chegada de meu marido, que viria da Irlanda, e que lhe escrevera uma carta, combinando que nos encontraríamos na hospedaria em Dunstable – e, se o vento soprasse à feição, ele desembarcaria dentro de poucos dias; viera passar uma temporada com eles, à espera de sua chegada, pois conquanto não soubesse ao certo se ele chegaria por cavalos de posta ou pela diligência de West Chester, tinha certeza de que viria buscar-me.

A hospedeira ficou radiante ao ver-me, e seu marido fez-me tantas festas que se eu fosse uma princesa não teria sido mais bem-tratada; se quisesse, seria bem-vinda ali por um mês ou dois.

Minhas inquietações, porém, eram de outra natureza: eu estava muito nervosa (apesar de tão protegida que seria quase impossível alguém me descobrir), com medo de que de uma forma ou de outra aquele sujeito desse comigo, e embora não pudesse me acusar de cumplicidade no roubo, uma vez que tentara convencê-lo a desistir e não tinha feito nada senão sair correndo, poderia denunciar-me por outros delitos e assim comprar sua vida à custa da minha.

Isso me enchia de horríveis apreensões; não tinha outro apoio, nem amigos ou confidentes, além de minha velha preceptora, e não via solução senão confiar minha vida a suas mãos, e assim fiz, informando-lhe onde poderia me encontrar, e dela recebi várias cartas enquanto ali estive; algumas me assustaram demais, levando-me quase à loucura, mas por fim recebi uma com uma boa notícia: o rapaz havia sido enforcado, ou seja, a melhor notícia que eu tinha em muito tempo.

Minha estada na hospedaria já se estendia por cinco semanas e só posso dizer que estive ali mui regaladamente (excetuada a minha agonia secreta), mas ao ler aquela carta senti-me outra vez de ótimo humor e disse à hospedeira que recebera uma carta de meu marido, da Irlanda, na qual, junto com uma boa notícia, a de que estava muito bem de saúde, vinha uma ruim: a de que seus negócios não lhe permitiriam sair do país no momento em que acreditara ser possível, e que por isso eu deveria retornar sem ele.

Entretanto, a hospedeira me congratulou pela boa notícia de que meu marido ia bem de saúde; “na verdade eu vinha notando”, disse a boa mulher, “que a senhora não mostrava a mesma alegria que lhe era habitual, e que tudo o que fazia era pensar nele; é fácil perceber que apresenta uma mudança para melhor”; e disse o hospedeiro, “que pena, lamento que o cavalheiro não possa vir, gostaria muito de vê-lo; espero que quando houver notícias seguras de sua chegada, a senhora nos faça de novo uma visitinha: será bem-vinda sempre que vier”.

Depois de todas essas efusivas saudações, despedimo-nos e voltei radiante para Londres, onde encontrei minha preceptora tão feliz quanto eu; disse-me que nunca mais voltaria a me recomendar um parceiro, porque se dava conta de que eu me saía melhor sozinha – e isso era mesmo a mais pura verdade, pois raramente eu corria riscos quando atuava desacompanhada, e se riscos ocorriam, livrava-me deles com mais facilidade do que quando estorvada pelas ações inábeis de outras pessoas, talvez menos precatadas que

eu e, com certeza, mais temerárias e impacientes; embora não fosse mais corajosa do que eles, usava de mais cautela antes de empreender algo e mostrava mais presença de espírito para me safar.

Com frequência refleti por outro prisma sobre minha ousadia: enquanto meus companheiros eram surpreendidos e caíam de forma tão repentina nas mãos da Justiça, e eu me livrava por um triz, ainda assim nunca tomava a decisão sábia de abandonar aquela ocupação, sobretudo considerando-se que agora estava muito longe de ser pobre; a tentação engendrada pela necessidade, que em geral está na origem desse abjeto ofício, já acabara, visto que possuía perto de quinhentas libras em dinheiro vivo, com o que poderia viver à grande se decidisse aposentar-me; entretanto, não tinha a menor intenção de assim proceder, como ocorrera quando não possuía senão duzentas libras nem vira com meus próprios olhos tantos exemplos arrepiantes; disso resulta para mim a convicção de que quando uma pessoa enrijece no crime não há temor que a afete nem exemplo que a advirta.

Na verdade, trabalhei durante longo período com uma parceira cuja sorte me impressionou vivamente, mas da qual me livreí em tempo; o caso foi de fato muito triste: eu tinha abafado uma peça magnífica de damasco numa loja de tecidos, mas ao sairmos entreguei-a a essa parceira, indo ela para um lado e eu para outro; logo depois de termos deixado o estabelecimento, o comerciante deu pela falta da mercadoria e mandou que dois empregados procurassem o gatuno, cada um numa direção; em pouco tempo detiveram minha comparsa, que trazia consigo o damasco; quanto a mim, tive a sorte de entrar numa casa que vendia rendas no andar de cima, e tive a satisfação ou o terror de, ao ouvir o alarido na rua, chegar à janela e ver a pobre criatura ser levada em triunfo diante do magistrado, que logo a encerrou em Newgate.

Tomei o cuidado de não tentar nada naquela loja de rendas, e pus-me a examinar os artigos para passar o tempo; depois comprei alguns metros de fita viés, paguei e saí à rua, compadecida da pobre mulher em apuros por um roubo que só eu cometera.

Mais uma vez minhas velhas precauções serviram para me pôr a salvo – ou seja, ainda que amiúde trabalhasse com comparsas, nunca as deixava saber quem eu era ou onde morava; tampouco lograram encontrar minha morada, mesmo fosse comum espionarem-me para descobri-la; todas me conheciam pelo nome de Moll Flanders, se bem que algumas nem tinham certeza de que eu fosse a Moll Flanders e só suspeitavam; meu nome era notório entre elas, mas ignoravam onde me encontrar e sequer sabiam se meu bairro ficava na zona leste ou oeste da cidade: essas precauções foram a minha salvação em todos esses casos.

Mantive-me em discrição durante bastante tempo depois da desgraça dessa mulher; sabia que, se tentasse alguma coisa que sáisse errado e me mandassem para a prisão, ela estaria lá, pronta a depor contra mim e, talvez, livrar-se do cadafalso à custa de meu pescoço; refleti que meu nome começava a se tornar mais do que citado no tribunal central criminal, o Old Bailey, e que, embora não soubessem como eu era, se caísse em mãos deles seria tratada como uma delinquente contumaz; por isso decidi aguardar o

destino daquela pobre coitada antes de executar qualquer nova ação, ainda que várias vezes lhe tenha feito chegar dinheiro para ajudá-la.

Por fim deu-se seu julgamento; alegou que não fora ela que roubara o damasco, mas que uma tal sra. Flanders, como ouvia que a chamavam, pois não a conhecia; ela lhe entregara o embrulho ao saírem da loja, dizendo-lhe que o levasse para sua casa; indagaram-lhe onde morava aquela sra. Flanders, mas ela não soube dizê-lo nem dar alguma informação a respeito; os empregados da loja declararam sob juramento que ela se encontrava no estabelecimento quando a mercadoria foi roubada, e que tão logo deram pela falta do damasco, saíram à rua para persegui-la e encontraram a mercadoria em seu poder; diante disso, o júri a declarou culpada; entretanto, o tribunal levou em conta que realmente não fora ela, mera comparsa, a autora do furto, e que era mesmo possível que não pudesse localizar essa sra. Flanders, ou seja, a mim, o que para ela significou salvar a vida.

Considerando tudo isso, o tribunal houve por bem sentenciá-la apenas à deportação, o maior benefício que ela poderia alcançar; além disso, o tribunal prometeu-lhe que, se até o embarque ela localizasse a dita sra. Flanders, intercederia para que fosse indultada – ou seja, se lograsse me encontrar e fazer com que eu fosse enforcada, não seria deportada; tive todo o cuidado ao tomar providências para que isso lhe fosse impossível, e pouco depois ela foi embarcada num navio, em cumprimento à sentença.

Quero reiterar que o destino daquela mulher me perturbou até o fundo da alma, pois eu sabia que fora a causa de sua desdita; todavia, o propósito de conservar a própria vida, claramente em perigo, afastou toda compaixão; e vendo que não a condenavam à morte, senti-me bastante contente com sua deportação, pois com isso ela não teria como fazer-me mal algum, não importando o que acontecesse.

O infortúnio daquela mulher ocorreu meses antes do último caso que contei e foi, na verdade, uma das razões pelas quais minha preceptora fez com que eu me vestisse de homem para que passasse despercebida, como de fato aconteceu; logo cansei-me daquele disfarce, como já disse, porque me expunha a inúmeras dificuldades.

Agora estava livre do temor de que alguém pudesse depor contra mim, pois todos que tinham tido alguma coisa a ver comigo ou que me conheciam pelo nome de Moll Flanders haviam sido enforcados ou deportados; e se eu passasse pela desgraça de ser presa, daria qualquer outro nome ou mesmo o de Moll Flanders, e não poderiam responsabilizar-me por meus antigos delitos; comecei, então, a portar-me com mais liberdade outra vez, e empreendi várias ações bem-sucedidas, se bem que não do mesmo nível das anteriores.

Naquela época ocorreu outro incêndio perto da casa de minha preceptora e, tal como na vez anterior, fui tentar a sorte ali; quando cheguei ao local já se formara uma multidão e por isso, além de não conseguir penetrar na casa que me interessava, em vez de fazer uma rapina rendosa arranjei uma encrenca que quase pôs ponto final a minha vida e a todos os meus malfeitos; o incêndio era devastador e, ansiosas por salvar suas coisas, as pessoas da casa não acharam solução melhor que atirá-las pelas janelas; uma jovem fez

isso com um colchão de plumas que acabou caindo em cima de mim; é verdade que por ser macio não me quebrou nenhum osso, mas como era muito pesado, e caindo do alto pesava ainda mais, prostrou-me por terra, deixando-me como morta durante algum tempo; as pessoas não se deram ao trabalho de me tirar de sob o colchão ou de me prestar alguma ajuda; fiquei ali como morta e abandonada por muito tempo, até que alguém veio retirar o colchão da rua e me ajudou a ficar de pé; na verdade, foi uma sorte que as pessoas não jogassem outras coisas que pudessem ter caído sobre o colchão, pois nesse caso seria inevitável que eu morresse debaixo dele; fui preservada para outras tribulações.

No entanto, esse incidente prejudicou meus negócios naquela noite, e voltei para a casa de minha preceptora muito aborrecida, além de machucada e assustadíssima, e um bom tempo passou antes que ela pudesse me pôr de pé outra vez.

Estávamos numa época festiva do ano e começara a feira de São Bartolomeu; nunca dirigira meus passos para aquelas bandas, nem a parte mais popular da feira seria de muita utilidade para mim; daquela vez, porém, resolvi dar uma volta pelas arcadas diante das lojas e, andando por aqui e ali, acabei num local de jogos de azar, uma atividade que pouco me interessava e da qual nem esperava tirar proveito; contudo, chegou um cavalheiro extremamente bem-vestido e com ar de rico, e como nesses lugares é comum que as pessoas travem conversação com facilidade, ele escolheu a mim e me fez alvo de diversas atenções: primeiro disse que jogaria por mim e assim o fez, e deu-me de presente um pequeno objeto que ganhou (creio que era um regalo de plumas); depois continuou a falar comigo, com uma postura respeitosa pouco comum, sempre educado e cavalheiresco.

Segui conversando durante muito tempo, até que saímos da área de jogos e entramos pelo pórtico das lojas; ele me levou num passeio pelas arcadas, ainda comentando de passagem mil coisas; por fim disse, sem rodeios, que se encantara com a minha companhia e perguntou se poderia convidar-me a dar um passeio de coche: assegurou que era homem honrado e nada pretenderia de mim que não fosse decoroso; por um momento fiz menção de declinar do convite, mas deixei que ele insistisse mais um pouco e cedi.

No começo tive muitas dúvidas no tocante às intenções daquele senhor, mas me dei conta de que ele havia bebido um pouco e estava inclinado a beber mais; levou-me em seu coche ao Spring Garden, em Knightsbridge, onde passeamos pelos jardins; ele me tratava com extrema cortesia, continuando a beber à larga – instou-me a beber também, mas recusei.

Até então cumprira sua palavra e nada insinuara de incorreto; saímos dali no coche e percorremos várias ruas; já eram quase dez da noite quando ele deteve o coche diante de uma casa onde parecia ser conhecido e onde não tiveram escrúpulos em acompanhar-nos escada acima até um quarto com uma cama; de início resisti a subir, mas depois de breve discussão cedi àquilo também, sobretudo para ver em que ia dar e com esperança de tirar algum proveito da situação – quanto à cama e ao resto, nem pensei muito no assunto.

Nesse ponto ele começou a mostrar-se mais desenvolto do que me prometera, e pouco a pouco fui cedendo a tudo até que, em suma, ele fez comigo o que quis; nada mais preciso dizer, e durante todo esse tempo ele continuou a beber sem parar, e lá pela uma da manhã entramos no coche de novo; o ar e as sacudidelas fizeram com que o álcool lhe subisse mais ainda à cabeça, e ele começou a agitar-se e quis tornar a fazer o que já fizera antes, mas como considereei que minha presa estava segura, resisti e acalmei-o; menos de cinco minutos depois ele tinha ferrado no sono.

Aproveitei a oportunidade para esgaravatá-lo cuidadosamente; tirei-lhe o relógio de ouro, a bolsa de seda com moedas de ouro, a peruca inteira que levava, as luvas orladas de prata, a espada e uma bela caixinha de rapé; abrindo devagar a porta do coche, preparei-me para aprear com o veículo em marcha – entretanto, numa ruazinha estreita, pouco depois de Temple Bar, o cocheiro parou para dar passagem a outro veículo e ali desci tranquilamente; fechei a portinhola e disse adeus a meu cavalheiro e a seu coche.

Essa foi uma aventura completamente inesperada, ocorrida sem intenção alguma de minha parte; eu não estava, pois, tão distanciada da parte prazerosa da vida para ter-me esquecido de como me comportar quando um peralvilho, cegado por seus apetites, não sabe distinguir uma mulher madura de uma jovem – a bem da verdade, eu estava muito bem para a idade e aparentava dez ou doze anos a menos, mas em nada parecia uma jovencinha de dezessete anos, e era muito fácil perceber isso; não há nada mais absurdo, vergonhoso e ridículo que um homem inflamado ao mesmo tempo pelo vinho e por uma distorção perversa dos impulsos da carne: dois demônios possuem-no a um tempo, e ele já não se governa pela razão, tal como um moinho não pode moer sem água; o vício esmaga tudo o que pode nele haver de bom, se é que há alguma coisa, e cegado por seu desejo ele comete toda sorte de absurdos, mesmo quando se dá conta disso: bebe ainda mais quando já está embriagado e escolhe uma mulher vulgar sem atentar para quem é ou o que é, se está sã ou doente, limpa ou suja, se é feia ou bonita, jovem ou velha, pois não toma mais tento de coisa alguma – um homem assim é pior que um desvairado: impulsionado pelos ditames de sua mente viciada e corrompida, já não sabe o que faz, como não sabia aquele infeliz quando o despojei de seu relógio e de sua bolsa de ouro.

São esses os homens a respeito dos quais Salomão disse portarem-se “como o boi vai ao matadouro, até que a flecha lhe atravesse o fígado”, admirável descrição, aliás, da doença abjeta, espécie de contágio venenoso e letal que se mistura com o sangue, e cujo centro ou origem está no fígado; a partir dele, com a rápida circulação de toda a massa, a terrível e nauseabunda peste ataca imediatamente o fígado, infecta os espíritos e destrói os órgãos vitais como uma flecha.

Na verdade, aquele senhor incauto e ingênuo não corria nenhum risco comigo, ainda que a princípio eu estivesse bastante apreensiva em relação à possibilidade de correr algum perigo com ele; de certo modo, ele era digno de compaixão, pois parecia ser um homem bom, um cavalheiro inofensivo, pessoa inteligente, de boas maneiras, de excelente conduta, aspecto distinto, rosto atraente, ou seja, tudo o que é de molde a agradar; entretanto havia bebido um pouco na noite anterior e não dormira, como me disse

quando estávamos juntos; aguilhoado de desejo, o vinho a inflamar-lhe o sangue – nessas condições, seu juízo, como que adormecido, o atraíçooou.

Quanto a mim, o que me interessava era seu dinheiro e o que eu pudesse tirar dele, e depois, se houvesse achado meios de fazê-lo, eu o teria mandado são e salvo para sua casa e sua família, já que se podia apostar que tinha mulher honesta e filhos inocentes, ansiosos por sua segurança, e que ficariam felizes por vê-lo em casa e por cuidar dele até se restabelecer! e com que arrependimento e vergonha se lembraria do que fizera! como se censuraria por deitar-se com uma rameira encontrada no pior dos covis, as arcadas, entre a ralé e a escória da cidade! como tremeria de pavor ao pensar que poderia ter contraído sífilis, de medo de uma flecha ter trespassado seu fígado, e como se odiaria a cada vez que lembrasse a loucura e a sordidez de sua perversão! se fosse homem de princípios de honra, como estou convencida de que era, como lhe repugnaria a ideia de transmitir a feia doença, que bem poderia ter adquirido, a sua pudica e virtuosa esposa, e assim semear o mal que empestaria o sangue de sua estirpe!

Soubessem esses senhores o baixo conceito que deles têm as mulheres com que se envolvem nessas ocasiões, com certeza iriam se conter; como disse antes, elas não apreciam o prazer, não as impele nenhum interesse pelo homem, são cortêsãs passivas, não pensam nunca em prazer, somente no dinheiro; e quando, por assim dizer, ele se embriaga no êxtase de seu torpe prazer, elas já lhe esquadrinham os bolsos em busca do que ali puderem encontrar, gesto a que ele não atenta no momento de sua loucura, tal como foi incapaz de prever quando deu ensejo àquela situação.

Conheci uma mulher que foi tão hábil com um fulano, que na realidade não merecia tratamento melhor, que enquanto ele estava ocupado com ela de certa forma, tirou-lhe a bolsa, com vinte guinéus, do bolso interno do casaco, onde ele a pusera por medo de que ela o roubasse, e pôs em seu lugar outra cheia de moedas de imitação; quando acabou, ele perguntou, “e então, roubou-me a bolsa?”; ela levou na brincadeira, dizendo que não julgava que ele visse muito a perder; ele levou a mão ao bolso do casaco e, vendo que as moedas continuavam no lugar, tranquilizou-se – e ela foi embora com o dinheiro: era essa a sua forma de trabalhar; tinha sempre consigo, para qualquer eventualidade, um falso relógio de ouro, ou seja, um relógio de prata dourada, e uma bolsa atulhada de moedas de imitação, e duvido que ela não os usasse com êxito.

Cheguei à casa de minha preceptora com aquele último roubo, e a história que lhe contei deixou-a tão comovida que ela não conseguiu reprimir as lágrimas, ao pensar que um cavalheiro de tantas qualidades se arriscava diariamente daquela forma sempre que uma taça de vinho lhe subia à cabeça.

Entretanto, com relação ao saque que eu fizera e à maneira como o despojara inteiramente, ela me disse que aprovava sem restrições; “ora, minha filha”, disse ela, “por tudo que sei, um tratamento desses é mais eficaz que todas as repreensões que possa vir a escutar na vida”; e a darmos crédito ao restante da história, foi o que aconteceu.

Descobri no dia seguinte que ela estava tomada de curiosidade em relação àquele cavalheiro; a descrição que lhe fizera de seu modo de se vestir, sua compleição, seu rosto,

tudo se aliava para fazê-la pensar num cavalheiro que ela conhecia, bem como sua família; pensou um pouco, enquanto eu lhe fornecia mais pormenores; pôs-se então de pé e disse, “aposto cem libras como conheço esse cavalheiro”.

“Lamento que o conheça”, disse, “porque por nada no mundo quero trazer problemas a ele: já lhe causei prejuízos de sobra e não quero contribuir para que tenha mais aborrecimentos”; “garanto que não farei a ele mal algum”, ela respondeu, “mas permita que satisfaça minha curiosidade, porque se for quem eu estou pensando, garanto que o descobrirei”; meio perplexa ao ouvir isso, disse-lhe, claramente apreensiva, que temia que ele me descobrisse, e nesse caso eu estaria perdida; ela redarguiu com ênfase, “por quê, menina? algum dia já a trai? não, não, nem por todo o ouro do mundo – já guardei segredos seus bem piores que esse, de modo que pode continuar confiando em mim”; e assim eu nada mais disse daquela vez.

Ela organizou seus planos de outra forma, sem pôr-me a par deles, mas estava decidida a esclarecer a questão; procurou uma amiga que conhecia a família do senhor em que ela estava pensando, dizendo que tinha um assunto a tratar com o dito cavalheiro (que, diga-se de passagem, era nada menos que um baronete, e de ótima família); não obstante, não sabia como entrar em contato com ele, a menos que alguém os apresentasse; a amiga prometeu fazer o que ela desejava e imediatamente se dirigiu à casa do senhor, a fim de verificar se ele se encontrava na cidade.

No dia seguinte, essa amiga foi à casa de minha preceptora e disse que Sir *** estava na cidade, mas que lhe sucedera uma desgraça e ele estava de cama e não podia receber visitas; “o que lhe aconteceu?”, perguntou minha preceptora, mostrando-se espantada; “imagina que ele foi visitar outro cavalheiro, amigo seu, em Hampstead, e ao voltar foi assaltado e roubado, e cooe na corda um dia m também bebera um pouco, segundo a família, os celerados o espancaram, e por causa disso ele está muito mal”; “roubado!”, indignou-se minha preceptora, “e o que lhe tiraram?”; “levaram seu relógio de ouro, a bolsa de tabaco, também de ouro, sua bela peruca e todo seu dinheiro, que decerto era muito, porque Sir *** nunca sai sem levar consigo uma bolsa cheia de guinéus”.

“Sci, sci...”, disse minha idosa preceptora, zombadora – “garanto-lhe que sei o que lhe aconteceu: ele se embriagou e caiu nas garras de uma vagabunda qualquer que o limpou; ao chegar em casa, disse à mulher que foi assaltado: é uma velha patranha, todos os dias as pobres mulheres escutam mentiras semelhantes.”

“Que é isso!”, censurou-a a amiga, “bem se vê que você não conhece Sir ***, um perfeito cavalheiro, em toda a cidade não existe homem mais distinto, nem pessoa mais séria e irrepreensível do que ele; detesta esses comportamentos e ninguém que o conheça há de pensar isso dele”; “está bem”, respondeu minha preceptora, “isso não é assunto meu, mas, se fosse, garanto que acharia nesse caso alguma coisa do que eu disse; às vezes esses homens irrepreensíveis não são melhores do que os outros, mas sabem se comportar melhor ou, se você preferir assim, são hipócritas mais consumados”.

“Não, não!”, protestou a amiga, “asseguro que Sir *** não é um hipócrita: é de fato

um cavalheiro de bem, honesto, e com certeza foi assaltado”; “pode ser que sim”, replicou minha preceptora, “a questão não é de minha alçada: eu só quero falar com ele, meu assunto é de outra natureza”; “seja qual for o assunto que deseja tratar, não poderá vê-lo ainda, pois ele não tem condições de receber ninguém – está muito mal e com muitos ferimentos”; “que coisa!”, exclamou minha preceptora, “então ele caiu mesmo nas mãos de gente muito ruim”; e, pondo-se séria, “onde ele se feriu, você sabe?”; “ah, na cabeça”, respondeu a amiga, “e também numa das mãos e no rosto, porque foi surrado a valer”.

“Pobre cavalheiro!”, disse minha preceptora, “terei então de esperar mesmo que se recupere... e só resta esperar que não demore muito, pois gostaria de lhe falar com urgência.”

Ela me procurou e contou a história; “encontrei esse seu cavalheiro, e é mesmo muito distinto”, disse; “mas, coitado, está em péssimo estado, e eu pergunto que diabos você terá feito que quase o matou”; olhei-a, espantada, “quase o matei?”, exclamei, “a senhora deve ter-se enganado de pessoa: tenho certeza de que não lhe fiz nada, e ele estava perfeitamente bem quando o deixei, apenas ébrio e adormecido”; “disso eu nada sei”, ela redarguiu, “mas o fato é que está de cama e muito mal”; em seguida contou-me tudo que sua amiga lhe informara; “bem, então esse senhor deve ter sido atacado por celerados depois que eu vim embora, pois atesto que o deixei bem”.

Cerca de dez dias depois, ou pouco mais, minha preceptora procurou sua amiga a fim de ser apresentada àquele senhor; nesse ínterim, tendo feito outras inquirições, ficara sabendo que ele se restabelecera, conquanto ainda não saísse à rua, e tivera permissão para visitá-lo.

Era mulher de habilidade e audácia extraordinárias, e na verdade não queria ser apresentada por ninguém; contou sua história muito melhor do que eu o faria, pois, como já disse, era a rainha da lábia; ao estar com o dito cavalheiro, disse-lhe que, não obstante fosse uma estranha, procurava-o com a única intenção de lhe fazer um favor e que, como ele comprovava, ela nada mais tinha em mente; como vinha por razão puramente amistosa, pedia-lhe uma promessa: a de que, se não aceitasse o que iria lhe propor, não a levasse a mal por ter-se intrometido num assunto com o qual nada tinha a ver; assegurou-lhe que como o que tinha a lhe contar era um segredo que só a ele dizia respeito, aceitasse ele sua proposta ou não, aquilo continuaria a ser um segredo para todo mundo, a menos que ele próprio o divulgasse; e se ele recusasse os serviços dela, nem por isso ela teria menos respeito por ele, e não lhe causaria ofensa alguma, de modo que ele tinha plena liberdade de portar-se como melhor lhe parecesse.

No início ele se mostrou muito cauteloso, dizendo que não sabia de nada ligado a ele que impusesse muito segredo, que nunca fizera mal a ninguém, motivo pelo qual não se importava com o que pudessem falar dele; disse ainda que não era de seu feitio cometer injustiças, nem podia imaginar que alguém pudesse fazer-lhe algum favor, mas se o que ela pretendia era tão desinteressado como dizia, não poderia levar a mal que alguém pretendesse servi-lo, de modo que a deixava em completa liberdade para lhe falar ou para

não falar, como ela preferisse.

Ela o viu tão indiferente que quase receou tocar na questão que a levava até ali; contudo, depois de alguns circunlóquios, disse-lhe que por um estranho e inexplicável acidente chegara a seu conhecimento o recente e doloroso infortúnio de que ele fora vítima, e de tal modo que, exceto ele e ela, ninguém mais no mundo sabia do ocorrido, nem mesmo a pessoa que estivera com ele.

No começo ele pareceu um tanto quanto agastado; “que infortúnio?”, perguntou; “ora, o assalto que o senhor sofreu ao retornar de Knightsbr..., quer dizer, de Hampstead”, ela respondeu, e continuou, “não se surpreenda que eu possa lhe repetir, passo a passo, tudo o que o senhor fez naquele dia, desde as arcadas, em Smithfield, até o Spring Garden, em Knightsbridge, e, depois, até a rua ***, no Strand, e como, então, foi deixado adormecido no coche; se digo que não se surpreenda é porque não vim para lhe tirar coisa alguma, nada lhe peço e asseguro-lhe que a mulher que o acompanhava ignora quem é o senhor, nem o saberá jamais; e talvez eu possa lhe prestar um favor maior ainda, já que não vim aqui simplesmente para contar-lhe essas coisas, como se eu quisesse que o senhor me pagasse para guardar silêncio; eu lhe garanto, cavalheiro, que seja o que for que o senhor quiser fazer ou me dizer, tudo será mantido em segredo, como se eu estivesse na sepultura”.

O homem ficou aturdido com aquelas palavras e disse, com gravidade, “a senhora é para mim uma estranha, mas lamento de coração que tenha tomado conhecimento da pior ação que cometi na vida, que me causa profunda vergonha, e até agora meu único consolo era crer que só era conhecida por Deus e por minha consciência”; “peço-lhe, senhor”, ela respondeu, “que não considere que o fato de eu estar a par disso seja parte de seu infortúnio: estou convencida de que aquilo foi uma coisa que lhe sucedeu de imprevisto e talvez a mulher tenha usado de algum ardil para incitá-lo; o senhor nunca terá razão para lamentar que eu tenha me inteirado do fato, nem sua boca permanecerá mais silente do que a minha, agora e sempre”.

“Pois bem”, disse ele, “mas quero fazer justiça àquela mulher, seja ela quem for: digo-lhe que ela não me incitou a coisa alguma e, pelo contrário, tentou me repelir; foi meu próprio desatino que me arrastou e, ai... que arrastou a ela também; quanto ao que me foi tirado, não poderia esperar outra coisa dela nas condições em que me achava, e até este momento não sabia se quem me roubou havia sido ela ou o cocheiro; se foi ela, eu a perdoo, e creio que todos os cavalheiros que assim procederem devem ser tratados da mesma maneira; entretanto, há outros temores que me afligem mais do que tudo o que ela tirou de mim.”

Minha preceptora começou então a entrar no assunto que a levava ali, e o senhor falou-lhe com toda a franqueza; em primeiro lugar, e com referência ao que ele dissera a meu respeito, ela afirmou, “fico muito feliz, Sir ***, que se mostre tão justo com relação à pessoa com quem esteve; asseguro-lhe que se trata de verdadeira senhora, e não de mulher da vida; e que, por mais que o senhor tenha tirado proveito dela, como fez, tenho certeza de que ela não cedeu por ofício; o senhor de fato correu grande risco, mas se isso constitui parte de suas inquietações, pode ficar absolutamente tranquilo, já que me atrevo

a garantir-lhe que nenhum outro homem a tocou desde seu marido, que morreu há quase oito anos”.

Parece que essa era sua principal aflição, que o assustava bastante; assim, ao ouvir aquelas palavras, mostrou-se satisfeíssimo e disse, “muito bem, senhora, para ser absolutamente sincero, se tivesse certeza disso antes, daria por bem perdido o que ela levou, pois sei que a tentação era grande, e talvez ela fosse pobre e precisasse daquelas coisas”; “se ela não fosse pobre, Sir ***”, respondeu minha preceptora, “garanto que não teria cedido a seus desejos, e a mesma pobreza que a levou a entregar-se ao senhor levou-a também a tomar para si uma compensação, quando o viu num estado tal que, se ela não o despojasse, decerto algum cocheiro ou liteireiro o faria”.

“Bem, que ela faça bom proveito; repito que todos os cavalheiros que assim procederem devem ser tratados do mesmo modo, para que procedam com mais prudência – não era isso o que me afligia, mas sim a questão a que a senhora aludiu antes”; nesse ponto ele começou a falar com certa liberdade a respeito do que havia acontecido entre nós, assunto sobre o qual não fica bem para uma mulher escrever, e do terror que o acometeu em relação a sua esposa, pois receava que eu pudesse ter-lhe transmitido alguma doença que ele viesse a propagar; por fim, perguntou a minha amiga se ela poderia facilitar-lhe uma oportunidade para falar comigo; mais uma vez ela lhe garantiu que eu era uma mulher sem nenhum problema daquela natureza, e que nesse sentido ele podia estar plenamente tranquilo, como se tivesse se deitado com a própria mulher; já quanto à questão de voltar a me ver, disse que isso poderia ter consequências perigosas, mas que mesmo assim falaria comigo e lhe daria a conhecer minha resposta; ao mesmo tempo, usou de argumentos para persuadi-lo a abandonar essa ideia, insistindo em que isso seria para ele inútil, mesmo porque ela esperava que ele se abstivesse de reatar relações comigo porque, no que me dizia respeito, isso equivaleria a pôr minha vida em suas mãos.

O cavalheiro respondeu que tinha muita vontade de me ver, que lhe daria todas as garantias a seu alcance de que não se aproveitaria de mim e que, antes de mais nada, iria assinar uma declaração de renúncia geral a toda espécie de acusação; minha amiga o avisou que isso poderia causar prejuízo ao segredo, tornando-se, ao fim e ao cabo, funesto para ele; tanto procurou convencê-lo a não insistir naquilo que por fim ele concordou.

Conversaram também sobre os objetos que ele havia perdido, e o cavalheiro se mostrou muito interessado em reaver o relógio de ouro, afirmando que se ela pudesse recuperá-lo daria por ele tanto quanto lhe havia custado; ela prometeu que faria tudo o que pudesse para que fosse devolvido, deixando a ele a tarefa de fixar o valor.

Segundo o combinado, no dia seguinte minha preceptora levou-lhe o relógio e o cavalheiro deu-lhe trinta guinéus, quantia mais alta do que eu teria conseguido, ainda que parecesse custar mais; ele falou também de sua peruca, que disse ter custado sessenta guinéus, e de sua bolsa de tabaco, e daí a poucos dias ela levou-lhe os dois objetos; o cavalheiro demonstrou grande satisfação e deu a ela mais trinta guinéus; no dia seguinte

eu lhe remeti, de graça, a magnífica espada e a bengala; nada pedi em troca, mas fiz-lhe saber que não tinha intenção de encontrar-me com ele, a menos que ele não tivesse nada contra eu me inteirar de quem era ele, o que decerto ele não queria.

Ele então entabulou uma longa conversa com minha preceptora, querendo saber como ela viera a ter conhecimento de todo aquele assunto; ela já concebera detalhada história sobre isso; teria sabido do caso por meio de uma fulana a quem eu contara a história em pormenores, com o fito de que tal pessoa me ajudasse a dispor dos objetos, e essa confidente tinha lhe levado esses bens, já que ela trabalhava com penhores; e ela, tendo ouvido falar do infortúnio de Sua Excelência, pressentiu o que na realidade havia ocorrido e, visto que os objetos estavam em seu poder, decidira procurá-lo a fim de tentar resolver a situação – a seguir, reiterou-lhe que nada daquilo jamais escaparia de sua boca e que, embora conhecesse muito bem a mulher, referindo-se a mim, não a deixara a par de absolutamente nada, ou seja, quem era a pessoa, o que era falso; contudo, nenhum dano adveio àquele cavalheiro, porque nunca dei com a língua nos dentes a ninguém.

Eram muitas as idéias que remoinhavam em minha cabeça com relação a um novo encontro com aquele senhor, e muitas vezes lamentei tê-lo recusado; estava convencida de que se o tivesse visto e feito com que ele soubesse que eu conhecia sua identidade, teria colhido algum proveito e talvez até uma pequena pensão; e não obstante essa vida que eu imaginava não fosse das mais decentes, pelo menos não era tão cheia de riscos como a que eu levava agora; no entanto, essas idéias se desvaneceram, e eu mais uma vez me recusei a vê-lo, ainda que minha preceptora continuasse a visitá-lo amiúde, e ele a tratava com muita lhanza, dando-lhe algum presente quase toda vez que a encontrava; de certa feita em que se achava muito alegre, fazendo-a crer que o vinho lhe subira à cabeça, ele instou com ela mais uma vez, com muita renitência, para que lhe permitisse rever a mulher que, como disse, o enfeitçara naquela noite; minha preceptora, que desde o início defendia a ideia de que eu deveria concordar com um encontro, disse-lhe que diante de tamanho desejo da parte dele quase se inclinava a seu favor, desde que ela lograsse convencer a mim – e acrescentou que se ele se dignasse ir a sua casa naquela noite, ela procuraria conseguir-lhe uma entrevista, confiando em suas repetidas promessas de esquecer o passado.

Minha preceptora veio a mim e contou-me toda a conversa; para abreviar, direi que não demorou a fazer-me anuir a algo de que eu já começava a me arrepender de ter recusado antes, de modo que me preparei para vê-lo; vesti-me com todo o apuro possível, posso lhes assegurar, e pela primeira vez lancei mão de certos artifícios; digo pela primeira vez porque nunca havia cedido à baixaza de maquiarm-me, já que fora sempre bastante vaidosa para crer que não precisava daquilo.

Ele chegou à hora aprazada e, como dissera minha preceptora e ainda era visível, havia bebido, embora nem por sombra estivesse perto da embriaguez; pareceu muito feliz por me ver e começou com uma ladainha sem fim sobre o que havia acontecido; pedi-lhe perdão várias vezes, garanti-lhe que não tivera intenção alguma de fazer aquilo quando o conhecera, que não lhe teria feito companhia se não o julgasse um perfeito cavalheiro e se

ele não houvesse feito tantas promessas de mostrar-se cortês comigo.

Ele alegou que bebera demais e mal sabia o que fazia, e que se não fosse isso nunca teria se permitido as liberdades que tomara; afirmou que nunca tocara em mulher nenhuma além de mim desde que se casara, e que aquilo tinha sido inesperado para ele; elogiou-me por ter sido tão amável e por outras coisas do gênero – e tanto se alongou nessa linha que percebi que, por força de falar daquilo, começava a querer repetir tudo de novo; fiz com que se calasse, dizendo que nunca permitira que homem algum relasse em mim desde a morte de meu marido, fazia já quase oito anos; ele respondeu que acreditava em mim, acrescentando que a senhora minha amiga já o informara em confiança, e que fora precisamente isso que tanto o fizera desejar rever-me; e como já violara seus princípios comigo, sem más consequências de espécie alguma, não corria perigo se os violasse de novo: em suma, o encontro levou ao que eu esperava e que não deve ser relatado.

Minha velha preceptora antevira a situação, tanto quanto eu, e por isso acomodou-o em um aposento em que não havia cama, mas que se comunicava com um quarto de dormir, este sim com uma cama; para ali nos dirigimos, a fim de passar o resto da noite – para abreviar, após algum tempo juntos ele se recolheu ao leito e dormiu a noite toda; retirei-me e, sem ter-me vestido, voltei antes que amanhecesse e deitei-me a seu lado durante o tempo restante.

Vê-se, pois, que a prática de um delito constitui lamentável antecedente para se voltar a cometê-lo, ao passo que todo remorso e todas as reflexões se desfazem quando a tentação se renova; não tivesse eu consentido em revê-lo, seu desejo corrupto teria se esvanecido, e é muito provável que ele nunca houvesse recaído na mesma falta com nenhuma outra mulher, como creio deveras não fizera antes.

Quando ele saía, disse-lhe que contava estivesse feliz por não ter sido roubado de novo; respondeu que estava tranquilo em relação a isso e que confiava em mim outra vez; levando a mão ao bolso, deu-me cinco guinéus, o primeiro dinheiro que eu ganhava daquela forma em muitos anos.

Ele voltou a me visitar várias vezes, porém nunca fez menção de me conceder uma manutenção regular, o que eu mais teria desejado; em certa ocasião, na verdade, perguntou-me o que fazia para viver; respondi com rapidez assegurando-lhe que nunca fizera o que fazia com ele, pois trabalhava como costureira, o que rendia apenas o suficiente para sobreviver – que com frequência trabalhava o máximo que podia e levava a vida a duras penas.

Ele pareceu refletir com pesar que fora a primeira pessoa a conduzir-me por um caminho que, assegurou-me, nem mesmo ele jamais pensara seguir; comovia-o, disse, que fosse ele a causa de seu próprio pecado e também do meu; amiúde tecia ainda sinceras reflexões sobre o delito em si e sobre as circunstâncias particulares que diziam respeito a si mesmo; discorria sobre o modo como o vinho fazia nascer o desejo, como o demônio o levava a um lugar e achava um objeto para tentá-lo, e por fim ele mesmo pregava o sermão.

Quando lhe vinham à mente tais pensamentos, ia embora e às vezes passava um mês ou mais sem voltar; no entanto, quando se esvaía a seriedade, impunha-se a luxúria e ele vinha para a libertinagem; assim vivemos por algum tempo, e conquanto eu não estivesse numa condição de teúda e manteúda, como se diz, ele nunca deixou de ser generoso e de me dar o necessário para que eu não precisasse trabalhar e, melhor ainda, exercer meu antigo officio.

Contudo, também aquele arranjo chegou ao fim, já que depois de mais ou menos um ano percebi que ele já não vinha com a regularidade habitual, até que sumiu de vez, sem nenhum arrufo ou cena de adeus; assim se encerrou aquele trecho de minha vida, que para mim não teve muita consequência, salvo dilatar o rol de meus pecados.

Durante esse entremez, pouco saí de casa; pelo menos, provida do necessário, não me abalancei a aventuras por três meses depois que ele me deixou; mas então, vendo que meus rendimentos passavam a cair e relutando em gastar minhas reservas, comecei a pensar em minha velha ocupação e a lançar de novo um olhar às ruas – e meu primeiro passo foi bastante feliz.

Vesti roupas simplíssimas, sendo esse um dos vários disfarces que empregava para me apresentar em público: escolhera um vestido de pano ordinário, um avental azul e um chapéu de palha, e postei-me junto à porta da Pousada das Três Taças, na rua St. John; eram muitos os almocreves que se hospedavam ali, e as diligências que iam para Barnet, Totteridge e outras cidades situadas na mesma direção paravam sempre naquela rua ao entardecer, quando se aprestavam para partir, de forma que eu estava preparada para aproveitar qualquer oportunidade que surgisse; o que quero dizer é o seguinte: era frequente que chegassem à pousada pessoas com encomendas e caixas, para que os almocreves ou as diligências as transportassem a seu destino no interior, e era comum que a mulher ou as filhas dos carregadores esperassem por ali para despachar essas encomendas em nome de seus empregadores.

Ainda que pareça estranho, deu-se que, enquanto eu aguardava junto à entrada da pousada, a mulher de um carregador da diligência de Barnet, que chegara ali antes de mim, viu-me e perguntou se eu esperava uma das diligências; respondi que sim, estava à espera de minha patroa, que viria pegar a diligência de Barnet; ela perguntou quem era minha patroa, e eu disse o primeiro nome que me veio à mente; no entanto, ao que parece, esse era o nome de uma família que residia em Hadley, perto de Barnet.

Durante um bom tempo eu nada mais lhe disse, nem ela a mim, mas em certo momento, como uma pessoa a chamasse de uma porta um pouco distante dali, ela me pediu que se alguém perguntasse pela diligência de Barnet, eu me aproximasse e a avisasse da porta daquela casa, que me pareceu ser uma taverna; respondi que o faria com todo o prazer, e ela foi para lá.

Mal ela saíra, chegou uma criada, ofegante e suarenta, com uma menina, e perguntou pela diligência de Barnet; logo respondi, “é aqui”; “você é da diligência de Barnet?”, ela quis saber; “sou, querida”, respondi, “o que você quer?”; “quero lugares para dois passageiros”, ela disse; “onde estão eles, querida?”, indaguei; “um deles é esta menina;

por favor, acomode-a no coche enquanto vou buscar minha patroa”; “apresse-se, querida”, disse eu, “porque o coche logo vai estar cheio” – a moça, que sobraçava um embrulho grande, acomodou a menina no coche, e eu lhe disse, “você devia ter posto o embrulho no coche também”; ao que ela disse, “não, tenho medo de que alguém possa tirá-lo da menina”; “nesse caso, entregue-o a mim”, eu disse, “que tomo conta dele”; “está bem”, disse ela, “mas cuide dele”; “respondo por ele”, afirmei, “como se valesse vinte libras”; “aqui está”, disse ela, e se foi.

Assim que peguei o embrulho e a criada sumiu de vista, dirigi-me à taverna onde estava a mulher do carregador, de modo que se a encontrasse teria me limitado a entregá-lhe o embrulho e dar-lhe o recado, como se estivesse de saída e não pudesse ficar mais tempo; como não a vi, fui embora e, entrando na Charterhouse Lane, cruzei a Charterhouse Yard, entrei na Long Lane, meti-me em Bartholomew Close, cruzei Little Britain e, passando pelo Hospital Bluecoat, cheguei à rua Newgate.

Para que ninguém me reconhecesse, tirei o avental azul e com ele envolvi o embrulho, que estava enrolado num pano de algodão estampado muito chamativo; também cobri meu chapéu de palha e levei o fardo na cabeça; e foi ótimo que o fizesse, pois ao passar diante do Hospital Bluecoat, dei com ninguém menos que a criada que me confiara o embrulho; estava ao lado da patroa, a quem fora buscar para acompanhá-la à diligência de Barnet.

Vi que caminhava com pressa e eu não tinha interesse algum em detê-la; assim, lá se foi ela, enquanto eu chegava em casa sã e salva para entregar o fardo a minha preceptora: não continha dinheiro nem prataria ou joias, mas sim um bellissimo vestido de damasco indiano, uma saia e anágua, um toucado enfeitado com fina renda de Flandres, certa quantidade de linho e outras coisas, de valor facilmente calculável.

Esse estratagemas não tinha sido invenção minha, foi-me ensinado por uma pessoa que o praticara com muito êxito, e minha preceptora o apreciava muitíssimo; para dizer a verdade, eu o repeti em várias ocasiões, se bem que nunca duas vezes no mesmo lugar, já se vê; na vez seguinte, apliquei-o em White Chapel, junto da esquina da Petticoat Lane, onde param as carruagens que seguem para Stratford and Bow e seus arredores, e, em outra ocasião, diante da pousada Cavalos Voadores, fora de Bishopsgate, onde paravam na época os coches de Chester, e sempre tive a sorte de voltar para casa com algo de valor.

Em outra ocasião, detive-me diante de um armazém no cais fluvial onde atracam os navios de cabotagem que procedem do norte, de Newcastle, Sunderland e outros lugares; estando o armazém já fechado, chegou um rapaz que vinha buscar uma caixa e um cesto provenientes de Newcastle; perguntei-lhe se tinha os números dessas cargas e ele me mostrou uma carta que o autorizava a recebê-las e listava uma relação do conteúdo delas; a caixa continha artigos de cama e mesa, e o cesto, artigos de vidro; li a carta e tive o cuidado de gravar o nome, os números, o nome de quem remetia e o de quem receberia as mercadorias, e pedi ao jovem que retornasse na manhã seguinte, uma vez que o encarregado do armazém não voltaria naquela noite.

Saí dali e, depois de arranjar papel e tinta numa hospedaria, escrevi uma carta da parte

de Mr. John Richardson, de Newcastle, a seu querido primo Jemmy Cole, de Londres, com uma lista do que enviara por aquele navio, pois gravara na memória os mínimos detalhes: tantas peças de linho grosso para toalhas e tantos metros de Holanda, numa caixa, e um cesto com taças de cristal fino da fábrica de Mr. Henzill, indicando ainda que a caixa era identificada por I. C. N^o. 1, enquanto o cesto trazia numa etiqueta a indicação de morada do recebedor.

Uma hora depois, voltei ao armazém, encontrei o vigia e, sem escrúpulo algum, consegui assenhorear-me da remessa; as peças de linho valiam mais ou menos vinte e duas libras.

Poderia recheiar esta narrativa com grande variedade de golpes semelhantes, inventados quase todos os dias, e que eu executava com máxima destreza e sempre com êxito.

Enfim, meti-me em algumas pequenas confusões (não se diz que tantas vezes vai o cântaro à bica que um dia lá fica?) que, embora não fossem graves, fizeram com que eu me tornasse conhecida, o que, com exceção de ser condenada, era o pior que me poderia acontecer.

Adotara o disfarce de viúva; não tinha em vista nada de especial, mas apenas esperava o que pudesse aparecer, como no mais das vezes aparecia; e ocorreu que, enquanto eu passava por Covent Garden, ouviu-se uma bulha de “pega ladrão! pega ladrão!”; ao que parece, algumas artistas tinham tentado um golpe contra um comerciante e, ao ser perseguidas, umas tomaram certa direção, e as demais, outra; correu a notícia de que uma delas vestia trajes de luto, como uma viúva, e isso bastou para que a multidão me cercasse, e enquanto algumas pessoas diziam que eu era uma delas, havia quem o negasse; de repente, chegou um dos caixeiros da loja, que jurou em altos brados que eu era a pessoa que procuravam e me deteve; fui levada à loja pela chusma, e o proprietário afirmou com toda a segurança que não era eu a mulher que estivera ali, e teria me soltado de imediato, se outro homem não houvesse atalhado, muito sério, “entendo que é melhor esperarmos que volte o sr. ***”, referindo-se ao caixeiro, “pois ele a reconheceu”; por isso me mantiveram ali, à força, por quase meia hora – haviam chamado um beleguim, que ficou na loja a vigiar-me; conversando com ele, perguntei onde morava e qual era sua ocupação; sem prever o que ocorreria depois, o homem me informou seu nome e seu ofício, além de dizer onde morava, acrescentando, de brincadeira, que eu escutaria seu nome de novo quando fosse julgada no Old Bailey.

Também alguns caixeiros trataram-me com impertinência, e tive muito trabalho para evitar que me maltratassem, e o certo é que o dono da loja se mostrou bem mais cortês comigo do que eles, apesar de não me deixar sair, embora admitisse não poder afirmar que eu estivera em seu estabelecimento antes.

Amarrei a cara e disse-lhe que não levasse a mal que eu tomasse medidas legais contra ele em outra ocasião, e que queria mandar chamar pessoas amigas para que me fosse feita justiça; respondeu que não podia conceder-me tal liberdade, a qual eu poderia pedir ao comparecer diante do juiz, e que, como eu lhe fizera ameaças, ele cuidaria de mim nesse meio-tempo, hospedando-me com toda a segurança em Newgate; repliquei que no

momento ele tinha os trunfos na mão, porém mais cedo ou mais tarde eles passariam para as minhas, e dominei a raiva o melhor que pude; contudo, pedi ao beleguim que chamasse um mensageiro, e a seguir solicitei papel, pena e tinta, mas não me deram nenhuma dessas coisas; perguntei ao mensageiro seu nome e morada, e o pobre homem me atendeu de boa vontade: pedi-lhe que observasse e recordasse a forma como eu estava sendo tratada, que notasse que eu estava sendo detida à força e disse que pediria seu testemunho em outro lugar, e que ele não sairia perdendo por dizer o que vira – o homem garantiu que faria isso de bom grado; e disse, “gostaria que a senhora pedisse para sair, de modo que eu pudesse escutar a negativa deles, pois assim depois poderia depor com mais segurança”.

Diante disso virei-me para o comerciante e disse, “cavalheiro, o senhor sabe, em sua consciência, que não sou a pessoa que estão procurando e que não estive em sua loja antes; assim, exijo que não me retenha por mais tempo ou, então, que explique o motivo de minha detenção” – o homem mostrou-se mais irritado do que nunca ao ouvir o que eu dizia, e respondeu que não faria nada do que eu pedira até julgar conveniente; “pois bem, senhores”, eu disse, dirigindo-me ao beleguim e ao mensageiro, “façam-me o favor de se lembrar dessas palavras para uma ocasião futura”; o mensageiro disse, “sim, senhora”, enquanto o beleguim começou a não gostar daquilo e tentou persuadir o dono da loja a dispensá-lo e deixar que eu me fosse, visto que, como disse, ele próprio admitira que eu não era a pessoa buscada; “meu bom homem”, disse-lhe o comerciante em tom de chacota, “o senhor é um juiz de paz ou um beleguim? se eu o encarreguei de detê-la, cumpra o seu dever”; um tanto agastado, mas com toda a dignidade, o agente da lei respondeu, “sei qual é o meu dever e o que sou, mas duvido que o senhor saiba o que está fazendo”.

Os dois homens trocaram outras palavras ásperas, e durante o diálogo um caixeiro insolente e rude ao extremo continuou a tratar-me de forma grosseira, enquanto outro, o mesmo que me detivera, a pretexto de examinar-me começou a me apalpar – cuspi-lhe no rosto, chamei o beleguim e pedi que tomasse nota dos maus-tratos de que eu fora vítima: “e, por favor, senhor beleguim”, disse eu, apontando para o rapaz, “anote também o nome desse patife”; o beleguim o repreendeu, como lhe cabia, dizendo que ele não sabia o que tinha feito, já que seu patrão reconheceu que eu não era a pessoa que estivera em sua loja, acrescentando, “além disso, temo que o proprietário esteja se metendo numa bela confusão e me arrastando junto, se essa dama provar quem é, onde estava e que não é a pessoa que os senhores afirmam ser”; “com todos os diabos”, disse o sujeito, com expressão insolente, “é ela, pode ter certeza disso: posso jurar que é a mesma pessoa que este na loja e a quem entreguei, em mãos, as peças de cetim que ela fez desaparecer; e quando os senhores William e Anthony, meus colegas, voltarem, hão de reconhecê-la tão bem quanto eu”.

Sucedeu que no mesmo instante em que aquele patife desavergonhado assim falava, chegaram de volta os srs. William e Anthony, a que aludira, e com eles uma turba, no meio da qual estava a verdadeira viúva, por quem me haviam tomado; entraram suarentos

e aos gritos, arrastando a pobre criatura com maus modos e gestos de triunfo; dirigiram-se ao comerciante, que se achava nos fundos da loja – “senhor, eis a viúva! por fim a agarramos!”, exclamaram; “como assim?”, disse o proprietário, “já a temos, está sentada ali, e o senhor *** jura que se trata dela”; o outro empregado, a quem chamavam de sr. Anthony, disse, “o senhor *** pode dizer e jurar o que quiser, mas esta é a mulher, e aqui está parte do cetim que ela afanou: peguei-o de entre suas saias com minhas próprias mãos”.

Continui sentada e imóvel, e meu coração começou a bater mais compassado – limitei-me a sorrir e guardei silêncio; o comerciante empalideceu; o beleguim virou-se e olhou para mim: “deixe-os, senhor beleguim”, eu disse, “deixe que continuem”; o caso era flagrante e não podia ser negado, de modo que a verdadeira ladra foi entregue ao beleguim, e o comerciante, muito cordial, pediu-me desculpas pelo engano e disse que esperava que eu não levasse aquilo a mal; disse ainda que a cada dia ocorriam tantos casos daquela índole que eles, comerciantes, não podiam ser condenados por proceder com rudeza ao fazer justiça com as próprias mãos: “não devo levar a mal, cavalheiro?”, protestei, “e por acaso devo levar a bem? se o senhor tivesse permitido que eu fosse embora quando seu insolente caixeiro me deteve na rua e me trouxe para cá, e quando o senhor mesmo admitiu que eu não era a pessoa que procuravam, eu teria relevado tudo isso, sem levar a mal, por causa dos muitos dissabores que, acredito, o senhor suporta diariamente; no entanto, foi intolerável o tratamento que o senhor e sobretudo seu empregado me dispensaram, e isso me obriga a demandar e receber reparação”.

O homem pôs-se a negociar comigo, dizendo que me daria qualquer satisfação razoável e o faria de bom grado se eu declarasse o que esperava dele; respondi que não podia dar sentença em causa própria, e que caberia à Justiça decidir isso por mim, e que, como seria levada diante de um magistrado, pretendia expor-lhe minhas queixas; ele redarguiu que não havia razão para eu recorrer à Justiça, uma vez que tinha toda a liberdade para ir e vir; chamou o beleguim e disse-lhe que podia deixar-me partir, pois estava isenta de culpa; o homem respondeu com toda a calma, “o senhor disse há pouco que eu não era juiz, mas sim um simples beleguim, e pediu-me que cumprisse meu dever, entregando-me essa senhora como prisioneira; agora, dou-me conta de que é o senhor que ignora qual seja o meu dever, pois tenciona arvorar-me em juiz; contudo, digo-lhe que isso não faz parte de minhas atribuições: posso manter uma pessoa presa quando ela me é entregue, mas somente a Justiça e o magistrado podem libertá-la – ou seja, o senhor incorre em equívoco e devo levar essa senhora diante de um juiz, não importa se isso lhe agrada ou não”.

Num primeiro momento, o comerciante tratou o beleguim com muita arrogância, mas como este não pertencia à classe dos funcionários remunerados, no mais das vezes ignorantes e corruptos, mas era homem de caráter e bem-posto na vida (creio que de profissão vendia cereais no atacado), assim como pessoa de bom senso, manteve-se firme em sua posição e se negou a conceder-me a liberdade sem que antes eu comparecesse diante de um juiz de paz, e também eu insisti nesse ponto; percebendo que o beleguim

estava decidido, o comerciante disse, “bem, leve-a para onde quiser, pois nada tenho a lhe dizer”; ao que replicou o beleguim, “mas o senhor terá de vir conosco porque foi o senhor que me pediu que a prendesse”; “não, não irei”, protestou o comerciante, “pois já disse que nada tenho a dizer a ela”; “peço-lhe que me acompanhe”, insistiu o beleguim, “e em seu próprio interesse, pois o juiz não poderá fazer coisa alguma sem a sua presença”; “e eu lhe digo, amigo”, disse o comerciante, “que trate de sua vida, e repito que não tenho nada a dizer a essa senhora: em nome do rei, digo-lhe que a liberte” – “vejo que o senhor não sabe qual é a função de um beleguim; peço-lhe, por favor, que não me obrigue a mostrar-me descortês com o senhor”; “não creio seja necessário, pois o senhor já está sendo bastante incivil”, replicou o comerciante; “não estou sendo incivil”, disse o homem, “foi o senhor quem perturbou a ordem ao prender uma mulher honesta na rua, quando ela não molestava ninguém, ao mantê-la em cárcere privado dentro de sua loja e ao permitir que empregados seus a desrespeitassem; e agora o senhor diz que o trato com rudeza? entendo que estou sendo gentil ao não lhe ordenar, em nome do rei, que venha comigo e ao não pedir ajuda a qualquer homem que eu veja e que entre por sua porta para levá-lo à força: o senhor bem sabe que tenho autoridade para isso, mas estou sendo paciente e, mais uma vez, peço-lhe acompanhar-me”.

Ainda assim o comerciante seguiu negando-se a atender ao beleguim e insultou-o com palavras chulas; todavia, o agente da lei soube conter-se e manteve a serenidade – por fim, interferiu, dizendo, “vamos, senhor beleguim, deixe estar: disponho de muitos meios para fazê-lo comparecer diante de um magistrado, e o senhor sabe disso; mas está ali o homem que me deteve quando eu caminhava inocentemente pela rua, e o senhor é testemunha da violência com que ele me tratou depois disso; solicito sua permissão para incumbi-lo de detê-lo e levá-lo ante o juiz”; “pois não, minha senhora”, disse o beleguim, e virando-se para o caixeiro, “venha, rapaz, pois terá de nos acompanhar; espero não ignore as atribuições de um beleguim, apesar de seu patrão fingir que as ignora”.

O caixeiro assumiu a expressão de um ladrão condenado e recuou; olhou para o patrão, como se ele pudesse ajudá-lo, mas o comerciante, como um idiota, incentivou o jovem à desobediência; o rapaz resistiu ao beleguim e empurrou-o com violência quando este pretendeu retê-lo, e nesse momento o agente da Justiça o prostrou por terra e gritou, pedindo ajuda; imediatamente a loja encheu-se de gente, e com isso o beleguim pôde prender patrão, caixeiro e todos os demais empregados.

A primeira consequência ruim dessa confusão foi que a mulher que fora detida, a verdadeira ladra, escafedeu-se e sumiu em meio à multidão; o mesmo fizeram duas outras que também haviam sido agarradas, embora eu não saiba, como se diz, se tinham mesmo culpa no cartório.

A essa altura, acudiram à loja vizinhos que, perguntando aqui e ali, se inteiraram do ocorrido e procuraram fazer com que o exaltado comerciante recuperasse o bom senso; aos poucos ele se convenceu de que procedia de forma errônea, e por fim seguimos todos, em silêncio, em direção à magistratura, acompanhados de uma chusma de umas quinhentas pessoas; durante todo o trajeto, ouvi pessoas perguntando o que sucedera e

outras respondendo que um comerciante mandara prender uma dama, no lugar de uma ladra, e que depois, presa a ladra, a dama fizera com que o beaguim prendesse o comerciante, que agora estava sendo levado ante o juiz – era curioso notar que isso causava enorme prazer à ralé e fazia com que a multidão crescesse; ouviam-se gritos de “onde está o velhaco?” e “onde está o comerciante?”, sobretudo por parte de mulheres; em breve, quando o identificaram, passaram a vociferar “é ele! é ele!”, e de vez em quando alguém lhe atirava um punhado de barro; assim seguimos durante um bom tempo, até que o proprietário julgou conveniente pedir ao beaguim que chamasse uma caleça que o protegesse daquela turba; então o beaguim e eu, bem como o comerciante e seu caixeiro, percorremos o resto do caminho no veículo.

Ao nos apresentar ao juiz, um idoso cavalheiro de Bloomsbury, o beaguim fez uma exposição concisa do ocorrido, e o juiz pediu-me que falasse e dissesse tudo o que tinha a dizer; antes de qualquer coisa perguntou meu nome, que dei com muita relutância, mas não havia remédio; respondi que me chamava Moll Flanders, que era viúva, que meu marido, capitão de barco, morrera numa viagem à Virgínia, aduzindo outros fatos que ele nunca poderia contestar; morava agora na cidade, hospedada em casa da pessoa tal, dando o nome de minha preceptora, e pretendia viajar para a América, onde meu finado marido constituíra um patrimônio; nesse dia eu saíra para comprar roupa de alvío de luto, mas antes mesmo de entrar em alguma loja, aquela pessoa (apontei o caixeiro do comerciante) avançou contra mim com fúria, dando-me enorme susto, e arrastou-me para a loja de seu patrão, onde esse senhor, embora admitisse que não fora eu a ladra, não me deixou sair e me denunciou a um beaguim.

Passei então a narrar como o caixeiro me tratara, que não me haviam permitido mandar chamar pessoas amigas e como, por fim, haviam detido a verdadeira ladra, achando em suas roupas a peça roubada, e todos os demais pormenores já citados.

A seguir o beaguim expôs seu diálogo com o comerciante a respeito de minha soltura, a negativa de seu empregado a acompanhá-lo quando pedi que detivesse esse subalterno, o incentivo que o patrão dera ao caixeiro para resistir e, enfim, a agressão que sofreu por parte do caixeiro e tudo o mais que já narrei.

O juiz concedeu então a palavra ao comerciante e seu empregado: o primeiro fez uma longa arenga sobre os vultosos prejuízos de que era vítima a cada dia devido a ladrões e gatunos, o que tornava fácil para ele cometer um engano, e disse que quando ficou ciente da verdade quis pôr-me em liberdade etc. e tal, como já foi dito; já o caixeiro quase nada disse, mas alegou que um colega afirmara que era eu a ladra que estavam procurando.

Em sua conclusão, o juiz me disse, antes de tudo, com muita cortesia, que eu estava livre, que lamentava sobremodo que, no ímpeto de sua açodada perseguição, o empregado do comerciante tivesse demonstrado tão pouca perspicácia, a ponto de tomar por culpada uma inocente, e que acreditava que, não fora terem sido tão injustos ao me deter por tanto tempo, eu lhes teria perdoado o primeiro agravo; não obstante, não estava em seu poder conceder-me reparação alguma, não impetrando ao comerciante e seu caixeiro uma severa censura pública, como faria; no entanto, imaginava que eu recorreria

aos recursos previstos na lei; nesse ínterim, garantiria a apresentação deles em juízo.

Contudo, no tocante à perturbação da ordem pública cometida pelo caixeiro, disse que me daria certa satisfação, visto que o sentenciaria a uma pena em Newgate por agredir o beleguim e também por me submeter a maus-tratos.

Por conseguinte, determinou que o caixeiro cumprisse pena em Newgate por ter agredido o beleguim e a mim – seu patrão pagou a fiança e com isso terminou a audiência; no entanto, tive a satisfação de ver que a turba ainda esperava a ambos e os apupava, atirando pedras e imundícies nos coches que os levavam.

Depois de tanto tumulto, já de volta em casa e tendo contado a história a minha preceptora, ela caiu na risada; “qual é a graça?”, perguntei, “essa história não teve nada de engraçado, como pode parecer: eu é que sei quanta angústia e medo passei à mercê dessa escória de canalhas”; “rio mesmo”, disse ela, “rio por comprovar que criatura de sorte você é; esse incidente será um grande negócio, o melhor de sua vida, se você proceder com bom senso; e garanto que poderá fazer o proprietário lhe pagar quinhentas libras por danos morais, além do que arrancará do caixeiro”.

Quanto àquela questão, eu pensava de modo muito diferente, sobretudo por ter dado meu nome ao juiz de paz e porque sabia que esse nome era tão conhecido pelos servidores do tribunal de Hick’s Hall, do Old Bailey e outros órgãos tais que se essa causa viesse a ser debatida em público e fizessem inquirições a meu respeito, tribunal algum me concederia reparações dada a minha fama; contudo, vi-me forçada a abrir um processo legal, e para tanto minha preceptora procurou uma pessoa capacitada a encarregar-se dessa demanda: era um advogado de grande competência e renome, e é evidente que ela acertou em cheio ao assim proceder, pois se houvesse contratado um rábula de meia-tigela, um desconhecido ou um profissional de má reputação, pouca vantagem me adviria dessa lide.

Tive uma entrevista com o causídico e narrei em detalhes o acontecido, como expus antes, e ele me assegurou que se tratava de causa muito sólida, e que não havia como duvidar que um júri teria de me conceder polpuda reparação por danos morais; assim constituído, ele abriu o processo; tendo sido preso, o proprietário pagou a fiança para responder à ação em liberdade; poucos dias depois, ele procurou meu advogado, acompanhado do seu, para notificá-lo que queria propor um acordo: disse que tudo fora resultado de um lamentável arrebato, que eu tinha a língua tão afiada quanto provocadora, que eu os tratara mal, escarnecendo deles e insultando-os, mesmo quando acreditavam que eu fosse a ladra, e que, em suma, eu os provocara, e assim por diante.

Meu advogado se houve com muita habilidade em benefício de meus interesses – levou-os a crer que eu era uma viúva abastada, capaz de vencer aquele pleito e que, ademais, contava com amigos influentes que me apoiariam e tinham me obrigado a prometer que levaria a causa até o final, mesmo que a demanda me custasse mil libras, pois as afrontas recebidas eram indesculpáveis.

No entanto, os réus persuadiram meu advogado a prometer que não deitaria mais lenha na fogueira, que não se oporia se eu me dispusesse a aceitar um acordo e que

trataria de me convencer que mais vale a paz que a guerra, prometendo-lhe que ele nada haveria de perder; tudo isso ele me contou com muita honestidade, dizendo ainda que se tentassem suborná-lo eu seria a primeira a saber; entretanto, disse-me com toda a clareza que, em sua opinião, seria melhor aceitar um acordo com eles, pois, sabendo bem que, acontecesse o que acontecesse, caberia a eles arcar com as custas do processo, estavam muito assustados e queriam chegar logo a um acordo em que me concederiam de livre e espontânea vontade mais do que qualquer júri ou tribunal os obrigaria a pagar; indaguei-lhe quanto julgava que estariam dispostos a oferecer, ele respondeu que não sabia dizer ainda, mas que já teria uma ideia melhor em nosso próximo encontro.

Algum tempo depois os réus o procuraram de novo para saber se falara comigo; ele disse que sim e que não me vira avessa a um acordo, ao contrário de alguns de meus amigos, que não perdoavam a desfeita de que eu tinha sido vítima; disse-lhes que eram eles que, em segredo, punham lenha na fogueira e me instigavam a vingar-me ou, como diziam, fazer com que eu recebesse uma reparação digna; por isso, não sabia o que lhes responder, mas afirmou que faria o máximo a seu alcance para convencer-me, ainda que para tanto precisava saber que proposta se dispunham a oferecer; os réus optaram por não apresentar proposta alguma, pois qualquer uma poderia se voltar contra seus interesses, e meu advogado replicou dizendo que tampouco ele podia fazer uma proposta, pois isso poderia redundar em prejuízo da reparação que o júri estivesse propenso a determinar; entretanto, depois de um debate e de promessas mútuas de que nenhuma das partes tiraria partido do que ficasse acertado naquela ou em alguma outra reunião, chegaram a uma espécie de concordância, mas tão vaga e com tal distância entre as duas posições que nada se poderia esperar de concreto: meu advogado propôs quinhentas libras mais as custas, enquanto eles ofereceram cinquenta libras sem as custas, de maneira que as negociações fracassaram, e o proprietário propôs uma reunião comigo, e meu patrono prontamente concordou.

O advogado recomendou que eu comparecesse a essa reunião muito bem-vestida e até com certo luxo, para que o comerciante visse que eu era pessoa de mais categoria do que aparentava no dia em que ele me deteve; apresentei-me com um traje novo de luto aliviado, consoante o que havia explicado ao juiz; usei também joias, na medida admissível a uma viúva em luto aliviado – minha preceptora emprestou-me um esplêndido colar de pérolas com fecho de brilhantes que lhe haviam confiado em penhor, e prendi à cintura um relógio de ouro de magnífico lavor, de modo que, para resumir, eu fazia bela figura; além disso, esperei que todos já estivessem presentes e cheguei numa carruagem, acompanhada de minha criada.

Minha entrada na sala deixou o proprietário perplexo; levantou-se e fez uma mesura, a que dei alguma atenção, mas pouca; sentei-me onde me indicou o advogado, visto que estávamos em sua casa; daí a pouco, o comerciante disse que não me havia reconhecido e começou a dirigir-me elogios, à sua maneira – respondi que, em meu entender, em sua loja ele também não percebera quem eu era, pois se tivesse me reconhecido com certeza não me teria tratado daquela forma.

Ele me asseverou que lamentava muitíssimo o ocorrido e que solicitara aquela reunião para mostrar seu propósito de propor-me a melhor reparação possível; acrescentou esperar que eu não levasse a questão a um extremo, o que poderia significar para ele não só um baque pecuniário como também a falência de seu negócio e de sua loja, o que redundaria em desagrar-me causando-lhe um mal muitas vezes maior; nesse caso, entretanto, eu nada receberia, ao passo que sua intenção era fazer toda a justiça que estivesse em seu poder sem que nem ele nem eu nos envolvêssemos nos aborrecimentos e nas despesas de um processo judicial.

Respondi que me aprazia ouvi-lo falar como pessoa de bom senso, o que não ocorrera antes; que era verdade que em muitos casos de agravos o reconhecimento bastava como reparação, mas que aquilo tinha chegado longe demais para ser assim resolvido; que eu não era vingativa, não desejava sua falência, nem a de ninguém, mas que todos os meus amigos eram unânimes em não permitir que eu esquecesse quem era a ponto de pôr um ponto final numa questão dessa natureza sem reparação suficiente; que ser acusada de roubo era humilhação grande demais para ser relevada, que minha pessoa estava acima de ser tratada daquela maneira por quem quer que me conhecesse, mas que, devido a minha condição de viúva, eu vivera um período de negligência e descuido em relação a minha pessoa e por isso podia ter passado pelo que não era, e no entanto, o modo como fora tratada por ele (e repeti-lhe toda a história) tinha sido tão indigno que mal suportava lembrar.

Ele admitiu tudo e se mostrou verdadeiramente humilde; fez propostas ótimas, chegando a cem libras e à paga de todas as custas judiciárias, e acrescentou que me daria um presente suntuoso, um bellissimo vestido; baixei minha pretensão para trezentas libras e reivindiquei o direito de publicar um esclarecimento sobre o sucedido nas principais gazetas.

Essa cláusula ele não queria aceitar de forma alguma; no fim, graças à intervenção de meu advogado, aumentou a proposta para cento e cinquenta libras e um vestido de seda negra; concordei e, ali mesmo, a pedido de meu advogado, ele atendeu a minhas condições, pagou os honorários do advogado e as custas, e de quebra nos ofereceu uma lauta ceia.

Quando fui receber o dinheiro, levei comigo minha preceptora, ataviada como uma velha duquesa, e um cavalheiro muito bem-vestido, que fingia fazer-me a corte e a quem chamava de primo; o advogado incumbiu-se de insinuar ao proprietário que aquele senhor cortejava a viúva.

O comerciante nos tratou de forma esplêndida e pagou a soma com satisfação, embora a demanda lhe custasse ao todo umas duzentas libras ou mais; durante a última reunião, quando tudo já estava acertado, viera à baila a questão do caixairo, e o proprietário intercedeu por ele com muito fervor – disse-me tratava-se de um homem que tivera loja própria e conhecera certa prosperidade, que tinha mulher e vários filhos, era paupérrimo e nada possuía para oferecer-me uma reparação, mas que me pediria perdão de joelhos, até em público, se assim eu o desejasse; eu não tinha interesse algum em rever aquele

patife insolente, e sua humilhação nada significava para mim, já que coisa alguma poderia tirar dele, de modo que considereei que poderia mostrar-me generosa; respondi então que, como não desejava a ruína de ninguém, a pedido dele eu perdoaria o infeliz, já que estava muito acima de qualquer desejo de vingança.

Quando ceávamos, o proprietário fez entrar o infeliz para que me agradecesse, o que ele se dispôs a fazer com uma humildade tão abjeta quanto injuriosa fora a arrogância e a soberba com que me insultara, e assim como a ofensa foi um exemplo de sua absoluta baixeza de espírito, antipatia, crueldade e infâmia quando em situação de superioridade, em seu momento de submissão ele se revelou um modelo de degradação e pusilanimidade; no entanto, abreviei suas rastejantes reverências, disse que o perdoava e pedi que se retirasse, como se, já o tendo perdoado, não tolerasse mais vê-lo ali.

Na época eu me encontrava numa situação deveras satisfatória, e oxalá tivesse sabido abandonar minhas atividades; minha preceptora afirmava que eu era a ladra mais rica da Inglaterra, no que acredito piamente – possuía setecentas libras em dinheiro vivo, além de vestidos, anéis, alguma prataria e dois relógios de ouro, tudo isso roubado, já que, além dos furtos que mencionei, cometera inumeráveis outros; ah, se houvesse recebido, mesmo então, a graça do arrependimento, ainda estaria em tempo de repudiar minhas loucuras e oferecer algum reparo por elas! no entanto, ainda não chegara a hora da reparação que teria de dar pelos delitos que cometera, e custava-me tanto resistir à tentação de sair para ganhar a vida, como eu dizia agora, quanto nos tempos em que a necessidade realmente me obrigava a buscar o pão de cada dia.

Não passara muito tempo desde a resolução do caso com o comerciante de tecidos quando comecei a sair às ruas com um disfarce bastante diferente de qualquer outro que tivesse usado antes; passei a vestir-me como mendiga, com os farrapos mais grosseiros e sujos que podia encontrar, e pus-me a vaguear pelas ruas, olhando e esgaratando todas as janelas e portas que encontrava pela frente, e agora me apresentava de tal modo que me comportava de forma muito pior de como já me havia portado até então; como era de esperar, detestava aqueles trapos e a sujeira – tinha sido criada na limpeza e na ordem e não podia tolerar diferentemente, qualquer que fosse minha condição; aquele disfarce foi, pois, o mais desagradável que já tinha utilizado; não demorei a concluir que não me serviria para nada, pois era um traje que atemorizava e intimidava todo mundo, e pareceu-me que todos me olhavam como se temessem que eu me aproximasse deles, pois poderia roubar-lhes alguma coisa, ou recebavam aproximar-se de mim, pois eu poderia passar-lhes alguma doença; na primeira vez em que saí assim, vagueei toda a tarde sem conseguir nada e voltei para casa molhada, dolorida e cansada.

No entanto, tornei a sair na noite seguinte e tive uma pequena aventura que poderia ter-me saído cara; estando de pé junto à porta de uma taverna, chegou um cavalheiro montado em seu cavalo e apeou; como ia entrar, pediu que um moço lhe vigiasse o cavalo; demorou-se muito lá dentro e em certo momento o rapaz ouviu que o cavalheiro o chamava e julgou que ele o repreenderia por alguma coisa; vendo-me a seu lado, fez um gesto para que eu me aproximasse, “venha aqui, mulher”, disse, “segure este cavalo

enquanto vou lá dentro; se o senhor sair, ele lhe dará alguma coisa” – concordei, mas, segurando a rédea, afastei-me dali tranquilamente com o cavalo e levei-o a minha preceptora.

O animal poderia ser uma dádiva dos céus para quem entendesse de cavalos, mas nunca houve ladra mais desconcertada quanto ao que fazer com alguma coisa que houvesse roubado – isso porque quando cheguei à casa minha preceptora ficou perplexa e nenhuma de nós sabia que destino dar ao animal: levá-lo a um estábulo seria trabalho inútil, pois com certeza a notícia seria publicada na *Gazette*, com a descrição do cavalo, de modo que não nos atreveríamos a ir buscá-lo.

A única solução para a desventurada aventura foi encaminhar o cavalo a uma pousada e mandar um mensageiro à taverna com um bilhete, informando que a alimária do cavalheiro, desaparecida a tal hora, tinha sido deixada na hospedaria tal e ali poderia ser encontrada; ocorreria que a pobre mulher que cuidava do animal, tendo andado com ele pela rua, não lograra levá-lo de volta e o deixara ali; poderíamos ter esperado que o proprietário publicasse um anúncio e oferecesse uma recompensa, mas preferimos não nos arriscar a solicitá-la.

Assim, aquilo foi e não foi um roubo, pois pouco se perdeu com ele e nada se ganhou, e eu estava farta de me disfarçar de mendiga: não só não me oferecia compensação como me parecia sinistro e de mau agouro.

Enquanto ainda usava aquele disfarce, topei com a pior espécie de cambada que já tinha encontrado e pude conhecer um pouco de suas atividades – eram falsificadores de moeda e me fizeram excelentes propostas no que tange a lucros, mas a tarefa que quiseram me delegar era a mais perigosa, pois tratava-se de operar a prensa e o cunho, nomes com que designavam os equipamentos utilizados; no caso de eu ser detida, a pena inevitável era a morte e, vejam bem, a morte na estaca, isto é, ser queimada viva, amarrada a uma estaca, de modo que conquanto meu aspecto fosse o de uma mendiga e houvessem me prometido montanhas de ouro e prata por minha ajuda, não quis saber daquilo – é verdade que se eu fosse uma autêntica mendiga ou se estivesse desesperada como na época em que comecei, talvez tivesse aceitado a proposta, pois que importa a morte a quem não tem como viver? agora, porém, não era essa a minha situação, ou pelo menos eu não estava disposta a correr riscos terríveis como esses; além disso, a simples ideia de ser queimada, presa a uma estaca, aterrorizava-me até a alma, gelava-me o sangue e me enchia de tamanha angústia que não conseguia pensar naquilo sem tremer.

Essa experiência pôs fim a meu disfarce; a ideia não me agradava, mas não disse isso aos falsificadores: fiz com que pensassem que eu a aceitaria e até prometi que voltaria a me encontrar com eles, porém não me atrevi a revê-los, pois se me reunisse e não aceitasse o trabalho, mesmo dando-lhes as maiores garantias de guardar segredo, eram bem capazes de me matar para ter sossego, como eles diziam; cabe lembrar que esse sossego é a busca de segurança por parte de gente que mata outros para evitar riscos.

Trabalhar com moedeiros falsos e ladrões de cavalos não era, com certeza, atividade que me atraísse, e não foi difícil decidir que não queria mais saber disso; meus negócios

situavam-se em outras áreas e, embora também apresentassem seus riscos, me eram mais adequados – além de terem um lado mais artístico, oferecerem mais caminhos de fuga e maiores possibilidades de dissimulação no caso de fatos imprevistos.

Recebi também, naquela época, várias propostas para unir-me a uma quadrilha de assaltantes de residências, mas essa era outra atividade que também não me atraía, tal como o negócio dos moedeiros falsos; dispus-me a acompanhar dois homens e uma mulher que ganhavam a vida entrando em casas mediante estratégias, pois a eles eu poderia me associar; no entanto, já formavam um trio e não estavam interessados em repartir os ganhos, nem a mim agradava a ideia de fazer parte de grupo tão numeroso, de modo que não entabulamos negociações – e eles pagaram caro pela operação seguinte.

Por fim encontrei uma mulher que já várias vezes me contara algumas de suas aventuras no cais, coroadas de êxito; uni-me a ela, e nossa colaboração foi frutífera; certo dia conhecemos alguns holandeses perto da igreja de St. Catherines, aonde íamos a pretexto de comprar mercadorias que chegavam de contrabando; estive duas ou três vezes em uma casa onde vi grande quantidade de artigos proibidos, e certa ocasião minha companheira pilhou três peças de seda preta holandesa que lhe renderam grandes lucros, dos quais me coube uma parte; entretanto, em nenhuma das visitas que ali fiz sozinha tive oportunidade de atuar, de modo que fui obrigada a renunciar ao local, pois lá estivera tantas vezes que começavam a suspeitar, e mostravam-se tão precavidos que percebi que daquele mato não sairia coelho.

Incomodada, resolvi tentar algum outro golpe, pois não estava afeita a sempre voltar para casa de mãos vazias; no dia seguinte vesti-me acuradamente e dei um passeio pelo outro lado da cidade: passei pelo Mercado, na Strand, sem ter ideia do que poderia fazer, quando de súbito me dei conta de que se formava um grande ajuntamento, e toda a gente, entre comerciantes e transeuntes, parecia na expectativa de algo; estaria uma grã-duquesa de visita ao mercado? diziam até que a rainha estava para chegar! aproximei-me de uma loja e fiquei de costas para o balcão, como que para dar passagem à multidão, mas sem desprezar os olhos de uma peça de renda que a dona da loja mostrava a umas senhoras perto de mim – mas a proprietária e sua empregada estavam tão entretidas em ver quem chegaria e em que estabelecimento entraria, que achei meio de meter um embrulho de renda no bolso e escafedi-me, de modo que a dona da loja pagou bem caro por sua curiosidade de ver a rainha.

Saí da loja como que empurrada pela multidão e, enfiando-me nela, escapuli pela outra porta do Mercado, e com isso me safei antes que dessem pela falta da renda; para não ser seguida, chamei um coche e me tranquei dentro dele; mal tinha fechado a portinhola quando vi a vendedora da loja e outras cinco ou seis pessoas a correr pela rua, gritando como se assustadas: não gritavam “pega ladrão!” porque não havia ninguém correndo, mas por duas ou três vezes escutei as palavras “roubou” e “renda”, e vi que a moça retorcia as mãos e andava a esmo, olhando para um lado e para outro como que apavorada; o cocheiro que eu chamara estava subindo à boleia – como ainda não se sentara e os cavalos ainda não se moviam, fui tomada de intensa intranquilidade e,

pegando o embrulho de renda, preparei-me para atirá-lo fora, pela janelinha dianteira, atrás do cocheiro; contudo, para minha grande satisfação o coche começou a movimentar-se em menos de um minuto, ou seja, logo que o homem se sentou e disse alguma coisa aos cavalos; assim, afastou-se sem interrupções e cheguei em casa com minha nova aquisição, cujo valor se aproximava de vinte libras.

No dia seguinte, trajei-me de novo com apuro, mas com roupas completamente diferentes, e fiz o mesmo trajeto, porém nada achei de interessante até chegar ao parque de St. James, onde vi muitas damas elegantes que circulavam pelo Mall; entre elas havia uma juvenzinha de doze ou treze anos, acompanhada de uma menina, creio que sua irmã, que teria seus nove anos; notei que a mais velha das duas trazia um magnífico relógio de ouro e um valioso colar de pérolas, e que ambas eram vigiadas por um laçao de libré – como não era habitual que os laçaios acompanhassem seus senhores no Mall, ele se deteve quando elas entraram ali e a maior das duas irmãs lhe falou, provavelmente dizendo que as esperasse.

Percebendo que ela dispensara o laçao, aproximei-me dele e perguntei quem era a jovem; troquei com ele um dedo de prosa, comentando o quanto era encantadora a criança que a acompanhava, tal como graciosa e elegante era a irmã maior, que se portava como verdadeira senhorita, e o tolo logo me contou que era a filha mais velha de Sir Thomas ***, de Essex, dona de enorme fortuna; e disse mais: sua mãe ainda não chegara à cidade, as meninas estavam hospedadas com a esposa de Sir William ***, de Suffolk, em sua mansão na rua Suffolk, e me deu muitas outras informações – tinham a seu serviço uma criada e outra mulher, além da carruagem de Sir Thomas, do cocheiro e dele próprio, e que a juvenzinha se comportava como governante de toda a família, tanto ali como em sua casa: para resumir, passou-me informes abundantes para que eu cumprisse minha tarefa.

Eu estava muito bem-vestida e ostentava um relógio de ouro, como a jovem; afastei-me do laçao e pus-me a andar perto da mocinha, depois de ter esperado que fossem até o final da alameda e voltassem; antes que repetissem o caminho, cumprimentei-a pelo nome, dando-lhe o título de lady Betty; perguntei se tinha notícias recentes do pai e quando a senhora sua mãe chegaria à cidade – e ela, como estava?

Falei-lhe com tamanha familiaridade de todos os seus que ela não tinha como duvidar que eu os conhecesse a todos intimamente; perguntei por que saía à rua sem Mme Chime (esse era o nome de sua dama de companhia) para cuidar de Judith, ou seja, de sua irmã menor; depois entabulei com ela longa conversa a respeito da irmã, exaltei-lhe o bom comportamento, perguntei se tinha estudado francês e mil outras coisas, até que, de repente, vimos que os guardas se aproximavam e a multidão acorria para ver a entrada do rei no Parlamento.

As senhoras ocuparam todo um lado do Mall, e ajudei a jovem a postar-se de pé sobre o murete do parque, para que pudesse enxergar melhor; ergui a menorzinha nos braços e levantei-a também – enquanto fazia isso, cuidei de apoderar-me tão habilmente do relógio de ouro de lady Betty que ela nada percebeu, nem deu pela falta até toda a multidão ter-se

dispersado e ela se visse de novo no meio do Mall entre as demais senhoras.

Ainda no meio da multidão, despedi-me dela e disse, como se tivesse pressa, “querida lady Betty, cuide bem de sua irmã”; fingi que a multidão me arrastava e que me via obrigada, contra a minha vontade, a me separar delas.

Como sói acontecer quando o rei acaba de passar, a agitação logo amaina e o lugar retorna à calma, mas como sempre há tumulto e confusão enquanto ele passa, e como já me despedira das duas daminhas e terminara o que queria com elas sem tropeço algum, segui apressadamente pelo meio das pessoas, como se quisesse ver o rei, e por isso não tardei a me colocar à frente da chusma e ali me mantive até alcançar o fim do Mall; quando o rei tomou o caminho em direção ao quartel da Guarda Montada, meti-me pela passagem que na época cruzava a parte inferior do Haymarket, ali chamei um coche e afastei-me de uma vez daquela área – confesso que não cumpri minha promessa de fazer uma visita a lady Betty.

Por um momento, atravessara minha mente a ideia de continuar ao lado de lady Betty até que ela desse pela falta do relógio, e então fazer um escarcéu com ela, acompanhá-la a sua carruagem, entrar no veículo a seu lado e ir até sua casa, uma vez que ela parecia ter simpatizado tanto comigo e se mostrava tão crédula devido à desenvoltura com que me referira a seus conhecidos e sua família, que a mim não pareceu muito difícil levar o caso um pouco mais longe e apoderar-me pelo menos do colar de pérolas; depois pensei que, mesmo que a juvenzinha talvez não suspeitasse de mim, outras pessoas poderiam desconfiar, e se me passassem em revista, tudo logo se descobriria; assim preferi dar-me por satisfeita com o que já conseguira.

Mais tarde, vim a saber, por acaso, que quando a jovem descobriu que seu relógio desaparecera, armou tal bulha no parque e fez o laçao percorrer todas as aleias de um lado a outro para ver se me encontrava; descreveu-me com tanta precisão que ele não teve dúvidas de que se tratava da mulher que havia conversado com ele e que tantas perguntas fizera sobre seus senhores, mas eu já estava muito longe quando ela pôde contar a história a seu laçao.

Depois dessa, tive outra aventura, de natureza bem diferente de todas as que vivera até então; o cenário foi uma casa de jogo perto de Covent Garden.

Notei várias pessoas entrando e saindo, e fiquei um bom tempo no saguão com outra mulher; ao ver um cavalheiro que se dispunha a subir e que parecia pertencer a uma classe um pouco acima do comum, perguntei-lhe, “desculpe, senhor, mas a entrada é permitida também a mulheres?”; “sim, senhora”, ele respondeu, “e também podem jogar, se assim o desejarem”; eu disse, “gostaria de fazê-lo” – ao ouvir essas palavras, ele declarou que me apresentaria, se eu quisesse, de modo que o segui até a porta do salão; examinando o interior, ele disse, “eis, senhora, os jogadores, se a senhora pretende tentar a sorte”; olhei para o salão e disse a minha colega, “aí dentro só há homens, e não me sinto à vontade para jogar com eles”; ao me ouvir, um dos cavalheiros respondeu, “não há nada a temer, senhora, aqui não há senão jogadores honestos e damos-lhe as boas-vindas para que entre e jogue o quanto quiser”; avancei um pouco, para ver melhor, e um

deles me trouxe uma cadeira; sentei-me e observei como os jogadores manejavam os dados; a seguir, disse a minha companheira, “os cavalheiros apostam muito alto para nós: é melhor irmos embora”.

Os jogadores mostraram-se muito corteses, e um deles, em especial, incentivou-me, dizendo, “vamos, senhora, se quer tentar a sorte e se dispõe a confiar em mim, garanto que ninguém aqui abusará de sua boa-fé”; “claro que não, cavalheiro”, respondi com um sorriso, “tenho certeza de que nenhum desses senhores enganaria uma mulher”; no entanto, continuei recusando-me a jogar, embora exibisse uma bolsa cheia de moedas, para que vissem que não era por falta de pecúnia que eu titubeava.

Depois de algum tempo em que estava sentada ali, outro cavalheiro me disse, de brincadeira, “vamos, vejo que está receosa de apostar por sua conta – como sempre dei sorte com as mulheres, a senhora jogará por mim, se não desejar apostar por si mesma”; eu respondi, “senhor, eu me sentiria muito mal perdendo o seu dinheiro”; mas acrescentei, “também tenho sorte, mas os cavalheiros fazem apostas tão altas que realmente não me aventuro a arriscar meu dinheiro”.

“Entendo, entendo”, disse ele, “aqui estão dez guinéus, senhora; aposte por mim”; peguei seu dinheiro e comecei a jogar, enquanto ele me observava; perdi nove guinéus, apostando um ou dois de cada vez, e quando a banca passou para as mãos de um homem que estava sentado a meu lado, o cavalheiro me deu mais dez guinéus e fez-me jogar cinco de uma vez; o cavalheiro que estava com a banca perdeu seu arremesso, de modo que recuperei cinco dos dez guinéus; o cavalheiro que me dera o dinheiro animou-se e quis que eu ficasse com a banca, o que era um risco ousado; no entanto, fiquei com a banca tanto tempo que recuperei todo o seu dinheiro e juntei um belo monte de moedas no regaço – e melhor ainda: quando a sorte não mais sorriu para mim, só tive de pagar uma ou duas moedas aos que tinham apostado contra mim e assim pude sair dignamente.

Nesse ponto, ofereci ao cavalheiro todo o ouro, pois era seu, e manifestei o desejo de que ele continuasse a apostar, alegando que não entendia à perfeição aquele jogo; ele caiu na risada e disse que se eu tinha sorte não importava que entendesse ou não o jogo, e que não devia deixar a mesa; recolheu os quinze guinéus que me dera no começo e me incitou a jogar com o dinheiro restante; pedi-lhe que contasse quanto eu ganhara, mas ele respondeu, “não, não, não o conte, acredito que a senhora seja honestíssima, e dá azar contar o dinheiro” – e assim continuei a jogar.

Eu entendia o jogo bastante bem, conquanto fingisse que não, e jogava com cautela; procurava ter no regaço uma boa quantia, da qual de vez em quando metia alguma coisa no bolso, mas de tal forma e nos momentos mais oportunos, de modo a ter certeza de que ele nada percebia.

Joguei durante bastante tempo, e com muita sorte para ele; na última vez em que me coube a banca, os jogadores fizeram apostas muito elevadas e, usando de audácia, derrotaram todos; tinha mantido a banca até ganhar quase oitenta guinéus, mas perdi mais de metade disso no último arremesso; levantei-me, com medo de perder tudo de novo, e disse ao cavalheiro, “peço-lhe que se sente e volte a jogar o senhor mesmo; creio que não

me saí de todo mal em seu favor”; ele gostaria que eu prosseguisse, mas já entardecia e eu estava com vontade de ir embora – ao ceder-lhe meu lugar, disse que esperava que ele agora me permitisse contar o que tinha ganhado para ver quanta sorte lhe trouxera; contei o dinheiro e havia ali sessenta e três guinéus: “que pena”, eu disse, “se não fosse aquele malsinado arremesso, teria ganhado para o senhor uns cem guinéus”; assim, entreguei-lhe todo o dinheiro, mas ele se negou a aceitá-lo até eu tirar uma mancheia para mim, recomendando-me que ficasse com o máximo que pudesse; recusei e insisti em que não pegaria nada – se pretendia dar-me algum dinheiro, que fosse ele a entregá-lo a mim.

Vendo que discutíamos, os demais jogadores gritaram, “dê tudo a ela!”, mas afirmei que decididamente não aceitaria; foi então que um deles exclamou, “ao diabo, Jack, divida o dinheiro meio a meio – não sabe que sempre convém estar em paz com as senhoras?”; para abreviar a história: ele dividiu o dinheiro comigo e saí dali com trinta guinéus, além de mais ou menos quarenta e três que eu subtraíra durante o jogo; depois me arrependi, já que ele se mostrara tão generoso.

Cheguei em casa, pois, com setenta e três guinéus, e de novo minha velha preceptora pôde comprovar minha sorte no jogo; não obstante, aconselhou-me a não apostar outra vez, e eu lhe dei ouvidos e nunca mais voltei àquele salão, pois sabia tão bem quanto ela que se a paixão do jogo me dominasse, não tardaria a perder aquela quantia e também tudo o mais que possuía.

Até aquele momento a boa fortuna me sorria e eu prosperara tanto – e comigo a minha preceptora, que sempre levava sua parte – que a anciã começou a falar a sério em nos aposentarmos enquanto estávamos bem e nos contentarmos com o que tínhamos amealhado; entretanto, não sei que fado me guiava, pois agora eu relutava em fazer isso, da mesma forma como ela não me ouvira quando eu propusera a ideia antes, e em má hora abandonamos a ideia de nos aposentarmos: em suma, tornei-me ainda mais ladina e ousada do que nunca, e meus êxitos fizeram com que meu nome ficasse tão famoso quanto o de qualquer outra ladra que houvesse pisado em Newgate ou no Old Bailey.

Às vezes permitia-me o luxo de repetir o mesmo golpe várias vezes, o que, embora contrariasse as regras, sempre havia dado certo para mim: em geral adotava novos disfarces e procurava ter uma aparência diferente a cada vez que saía à caça.

Estávamos agora na chamada baixa temporada do ano, e a maior parte dos cavalheiros achava-se fora da cidade – Turnbridge, Epton e outros lugares desse gênero viviam à cunha, mas a capital estava bastante vazia e me dei conta de que nosso ofício, como todos os demais, se ressentia; por isso, perto do fim do ano, juntei-me a um grupo que a cada ano costumava visitar a feira de Stourbridge, e depois desta ia à de Bury, em Suffolk; partimos cheios de esperanças de grandes lucros, mas logo desanimei assim que vi de perto como iam as coisas por lá, pois além de simples furtos de carteiras, pouca coisa havia que valesse a pena; e mesmo quando se dava um golpe, não era fácil carregar o que se roubava, e faltava a multiplicidade de ocasiões para nossas atividades, como em Londres: tudo que conseguí durante minha viagem foi um relógio de ouro na feira de Bury, e um pouco de linho em Cambridge, coisa que me deu a oportunidade de me

despedir daquele lugar; empreguei um ardil muito antigo, por achar que poderia surtir efeito com um comerciante do interior, ainda que em Londres tal golpe já fosse conhecido.

Comprei numa loja de tecidos, não na feira, mas na cidade de Cambridge, tanta holandesa fina e outros artigos quanto foi possível por mais ou menos sete libras; isso feito, pedi que mandassem minhas compras à pousada tal, na qual me registrara de propósito naquela manhã, como se tivesse a intenção de pernoitar.

Determinei ao comerciante que a uma hora determinada enviasse as mercadorias, que seriam pagas na pousada; no horário combinado, o proprietário despachou os tecidos; eu postara uma mulher do grupo na porta do quarto, e quando a camareira da pousada conduziu até a porta do quarto o mensageiro da loja, um jovem aprendiz, quase um homem, a cúmplice disse-lhe que sua senhora estava dormindo, mas que ele podia deixar a encomenda e passar de novo daí a uma hora, quando eu já estaria de pé e ele receberia a paga; o rapaz entregou o embrulho, sem nenhuma vacilação, e se foi; meia hora depois, minha criada e eu demos às de vila-diogo; na mesma tarde aluguei um cavalo e um laçao que seguisse a minha frente, e fomos a Newmarket, onde comprei passagem numa diligência, que não estava muito cheia, para St. Edmund's Bury; ali, como já disse antes, pouco pude fazer em benefício de minha ocupação, com exceção do furto, num pequeno teatro de arrabalde, de um relógio de ouro da cintura de uma senhora que não só estava insuportavelmente alegre como também, creio, um tanto embriagada, o que em muito me facilitou o trabalho.

Dirigi-me com esse pequeno furto a Ipswich, de onde segui para Harwich; alojei-me numa hospedaria, como se tivesse acabado de chegar da Holanda, com a certeza de que poderia fazer algumas aquisições entre os estrangeiros que ali desembarcavam; no entanto, descobri que de modo geral eles não costumavam levar consigo objetos de valor, salvo o que guardavam em suas malas ou bolsas de viagem, que em geral ficavam sob a guarda de um criado; mesmo assim, certa noite consegui retirar uma dessas malas do quarto que um cavalheiro reservara para descansar, aproveitando-me do fato de que o laçao havia adormecido, ao que parece borracho.

Depois de ter arrastado com enorme dificuldade aquela mala pesadíssima ao meu quarto, que era contíguo ao do holandês, saí à rua para ver se descobria um jeito de levá-la dali; caminhei bastante, mas como a cidade era muito pequena, e eu, uma completa estranha, não arranjei maneira de sair dali com aquela bagagem ou com as coisas que eu teria achado em seu interior se a tivesse aberto; voltei ao quarto resolvida a devolvê-la; bem naquele momento ouvi um homem gritar com certas pessoas para que se apressassem, pois o barco estava prestes a levantar âncora, e era preciso aproveitar a maré; interpelei o sujeito, “qual é o seu barco, amigo?”; e ele respondeu, “a chata de Ipswich, senhora”; “quando vai zarpar?”; “neste exato momento: a senhora quer subir a bordo?”; e eu disse, “quero, desde que esperem que eu pegue minhas coisas”; “onde estão elas, senhora?”; ele indagou; “na pousada tal”, respondi; “bem, eu a acompanho”, disse ele, muito gentil, “e trago-as para cá”; “então vamos”, eu disse, levando-o comigo.

Havia grande azáfama na pousada, pois o pacote vindo da Holanda tinha acabado de chegar, como também duas diligências de passageiros procedentes de Londres, enquanto outro pacote estava de partida para a Holanda; aquelas diligências teriam de zarpar na manhã seguinte com os passageiros que acabavam de desembarcar; naquela agitação, ninguém notou que eu procurasse a recepção e pagasse minha conta, explicando à hospedeira que acabara de reservar lugar numa chata.

Essas chatas são embarcações de grande porte, com boas acomodações, que levam passageiros de Harwich a Londres, e embora sejam chamadas chatas, palavra que no Tâmis se usa para designar pequenos botes de um ou dois tripulantes, podem transportar vinte passageiros e dez ou doze toneladas de carga, e são aparelhadas para fazer travessias marítimas; tudo isso eu viera a saber na noite anterior, ao investigar as várias maneiras de viajar para Londres.

Minha hospedeira mostrou-se muito cortês e recebeu minha paga pela estada, mas não tardaram a chamá-la, pois em todo o estabelecimento reinava intensa excitação; aproveitando a oportunidade, subi com o homem a meu quarto, entreguei-lhe a mala, que mais lembrava um baú, depois de envolvê-la num avental, e ele seguiu diretamente para seu barco; quanto ao criado holandês embriagado, dormia ainda a sono solto, enquanto seu amo ceava com outros cavalheiros estrangeiros no andar térreo, e entre eles reinava a maior alegria; por conseguinte, pude dirigir-me a Ipswich e, quando já mais avançada a noite, a gente da pousada só pôde saber que eu viajara para Londres na chata de Harwich, como havia dito à hospedeira.

Em Ipswich, tive um problema com os empregados da alfândega, que interceptaram meu baú, como eu o chamava, e quiseram passá-lo em revista; dispunha-me a abri-lo para que examinassem seu conteúdo, mas expliquei que a chave estava com meu marido, que ainda não chegara de Harwich; disse isso para que não estranhassem se, ao esquadrihá-lo, encontrassem mais objetos próprios de homem que de mulher; no entanto, como insistissem, permiti-lhes forçar a fechadura, ou seja, retirá-la, o que não foi difícil.

Nada encontraram que pudesse interessar, pois o baú já fora examinado antes, mas acharam várias coisas que me encheram de satisfação, em especial um embrulho de moedas francesas que chamam de pistolas e alguns ducados holandeses; outros elementos dignos de menção eram duas perucas, além de roupa de baixo, algumas navalhas, sabonetes odorosos, perfumes e outros artigos úteis, necessários a um cavalheiro, passando tudo por ser de meu marido e sem que ninguém opusesse algum obstáculo.

O dia ainda não raiara e estava muito escuro, e eu não sabia bem que caminho tomar, pois não tinha dúvida de que seria perseguida de manhã e talvez detida com o produto de meu roubo; por isso resolvi adotar outras medidas: entrei acintosamente numa pousada com meu baú, como o chamava, e depois de esvaziá-lo de seu conteúdo de mais valor, considerei que a mala em si não me interessava, e entreguei-a à dona da pousada, pedindo que a guardasse com cuidado até eu poder buscá-la; em seguida tornei a sair para a rua.

Ao chegar ao povoado, a uma considerável distância da pousada avistei uma anciã que acabava de abrir a porta de sua casa e pus-me a conversar com ela, fazendo inúmeras

perguntas a esmo, todas alheias ao objetivo que eu buscava, mas nossa conversa me revelou a disposição do lugar; eu estava na rua que levava a Hadley – havia uma que levava ao cais, outra que ia dar no centro urbano e, por fim, uma rua que saía na direção de Colchester – portanto a estrada para Londres passava ali.

Logo deixei de lado a idosa senhora, pois tudo o que me interessava era descobrir qual estrada seguia para Londres, e para lá me encaminhei o mais depressa que pude; não que pretendesse ir a pé, nem para Londres nem para Colchester, mas queria me afastar de Ipswich sem ser notada.

Caminhei cerca de três ou quatro quilômetros quando encontrei um camponês ocupado com alguma tarefa agrícola que eu não sabia o que fosse, e fiz-lhe uma porção de perguntas sem muito interesse; por fim disse que pretendia ir para Londres mas a diligência estava cheia e eu não arrumara um assento, e indaguei se ele poderia me informar onde poderia arranjar não só um cavalo capaz de transportar duas pessoas, como também um homem honesto que seguisse em minha frente até Colchester, onde eu decerto acharia lugar numa das diligências; o labrego mirou-me fixamente e durante mais de meio minuto não disse palavra, até que por fim, coçando o cocuruto, respondeu-me, “um cavalo, a senhora disse? para Colchester? para duas pessoas? pois bem, se estiver disposta a pagar, a senhora poderá ter quantos cavalos quiser”; “é claro que sim, meu amigo”, respondi, “certamente não esperava conseguir o que desejo sem pagar”; “quanto a senhora se dispõe a pagar?”; “não sei, meu amigo, ignoro os preços aqui no campo, já que não sou daqui; mas se o senhor arrumar um cavalo barato para mim, eu lhe darei alguma coisa pelo trabalho”.

“Bem, esse é um trato bem justo”, disse o camponês; “nem tão justo”, pensei comigo, “se você soubesse o resto”; “pois bem, senhora”, disse o homem, “eu tenho um cavalo capaz de levar duas pessoas, e não me importo de ir com a senhora”, e outras coisas desse jaez; eu disse, “verdade? está bem, acredito que o senhor é um homem sério, e gostaria de fechar negócio; será bem-remunerado”; “ora, veja bem, senhora”, ele disse, “não vou cobrar nada de absurdo: para levá-la a Colchester, vou lhe cobrar cinco xelins pelo cavalo e por meu trabalho, pois não creio consiga voltar ainda de noite”.

Para resumir, contratei os serviços daquele bom homem e de seu cavalo; quando chegamos a um povoado à beira da estrada (não recordo seu nome, porém por ele passava um rio), simulei sentir-me muito mal e garanti que não podia ir mais longe naquela noite, mas que se ele ficasse ali comigo, uma vez que era uma estranha naquelas paragens, eu aceitaria de bom grado o que me cobrasse, por ele e ainda pela cavalgada.

Assim procedi porque sabia que o cavalheiro holandês e seus criados cruzariam a estrada naquele mesmo dia, fosse em diligências ou em cavalos de posta, e imaginei que o criado bêbado ou qualquer outro poderia ter-me visto em Harwich e me reconheceria; considerei que aquela parada de um dia bastaria para que eles passassem por ali sem nos encontrarmos.

Pernoitamos e partimos na manhã seguinte não muito cedo, de modo que já quase davam as dez quando cheguei a Colchester; não foi pequeno meu prazer ao rever a cidade

onde vivera tantos dias agradáveis, e fiz muitas perguntas sobre os bons amigos que um dia eu tivera ali – pouco pude saber, pois todos tinham morrido ou se mudado: as moças haviam se casado ou se transferido para Londres; o cavalheiro e a dama, meus primeiros benfeitores, haviam falecido, mas o que mais me afetou foi saber que o jovem cavalheiro que fora meu primeiro amante e, depois, meu cunhado também morreria; deixara dois filhos, já crescidos, que também residiam em Londres.

Dispensei o camponês e permaneci durante três ou quatro dias sem me dar a conhecer, e depois reservei lugar num carro de carga, pois não quis arriscar-me a ser vista numa diligência de Harwich; no entanto, não era necessário proceder com tanta cautela, pois somente a dona da pousada me vira naquele lugar, nem era razoável crer que tivesse condições de me identificar, em vista da pressa com que eu fazia as coisas e do fato de que só me encontrara uma vez, e mesmo assim à luz de uma vela.

Enfim estava de volta a Londres, e ainda que, graças ao acaso de minha última aventura, tivesse logrado um resultado valioso, não queria mais saber de vagueações pelo interior, e não teria repetido minha viagem, nem mesmo no caso de ter continuado a exercer aquele ofício até o fim dos meus dias; descrevi para minha preceptora aquelas andanças – ela apreciou bastante a história de Harwich e, enquanto discorriamos sobre as suas peripécias, ela comentou que, por ser o ladrão uma pessoa que tira partido dos erros dos demais, é impossível que falem oportunidades se ele se mostra vigilante e industrioso; por isso, acreditava que uma pessoa competente em seu ofício, como eu, não podia deixar de topar com uma eventualidade notável, onde quer que estivesse.

Por outro lado, todos os lances de minha história, se bem considerados, podem ser de utilidade para a gente honesta e constituem grave advertência a pessoas de todos os tipos para se resguardarem de imprevistos dessa índole e para levá-las a manter os olhos bem abertos quanto tiverem de lidar com estranhos de qualquer gênero, pois é raro que não encontrem uma ou outra armadilha pelo caminho; por conseguinte, a moral de minha narrativa deve ser apreendida pelo bom senso e pelo julgamento dos leitores – não estou qualificada para pregar-lhes um sermão, e oxalá as experiências de uma pessoa absolutamente corrompida e desventurada sejam um repertório completo de ensinamentos úteis para os que me leem.

Preparo-me agora para narrar uma nova série de acontecimentos de minha vida; ao retornar a Londres, calejada por longa carreira criminoso, coroada de êxitos sem paralelo (pelo menos segundo minhas próprias observações), eu não tinha, como já indiquei, a mínima intenção de abandonar uma profissão que, a julgar pelos exemplos de outros praticantes, estava fadada a terminar em desgraça e sofrimento.

Como remate de uma longa sequência de malvezas, ao entardecer do dia seguinte ao Natal saí de casa para ver se surgia alguma coisa e, passando pela oficina de um ourives na Foster Lane, reparei num charmez tentador, irresistível para alguém do ramo; não havia vivalma, pelo que pude observar, e diversos objetos de prata reluziam na vitrina e no balcão, diante do banco do ourives, que imaginei trabalhasse em geral num dos lados da oficina.

Entrei com desenvoltura e estava a ponto de pôr a mão numa peça, e diante da desatenção das pessoas que ali trabalhavam poderia ter-me apoderado dela e sumido, quando um vizinho intrometido, numa casa do outro lado da rua, e não numa loja, vendo-me entrar e notando que não havia ninguém, atravessou a rua correndo e, sem perguntar quem eu era ou o que desejava, agarrou-me com força e pôs-se a chamar aos gritos as pessoas da oficina.

Como já disse, eu ainda não tocara em nada, e ao ver pelo rabo do olho que alguém corria para lá, tive suficiente presença de espírito para bater com força os pés no assoalho, e já começava também a gritar quando aquele homem me segurou.

Contudo, como eu sempre mostrava mais coragem quanto maior fosse o perigo, quando ele pôs as mãos em mim, afirmei com toda a altivez que havia entrado para comprar meia dúzia de colheres de prata, e foi uma sorte que aquele ourives vendesse talheres e até mesmo os fabricasse para outras lojas; o sujeito começou a rir ao ouvir aquela desculpa, e, em seu desejo de pavonear-se por ter prestado um serviço ao vizinho, pôs-se a insistir que eu não entrara para comprar, e sim para roubar; com a gritaria, fez-se um grande ajuntamento – eu disse ao dono da loja, que nesse ínterim fora trazido de sua casa, situada perto dali, que era de todo inútil levantarmos a voz e continuar discutindo aquela questão; visto que o sujeito insistia que eu entrara para roubar, ele teria de provar isso, e assim eu queria que fôssemos todos em busca de um juiz, sem necessidade de mais palavras, pois começava a me dar conta de que o melhor para mim seria mostrar-me inflexível com o homem que me acusava.

O dono da loja, assim como sua mulher, não era na verdade pessoa agressiva como o vizinho do outro lado da rua, e me disse, “até onde posso alcançar, é possível que a senhora tenha entrado no local com as melhores intenções, mas há de convir que é muito perigoso entrar numa oficina como a minha quando não se vê ninguém em seu interior, e eu não seria justo com meu vizinho, que se mostrou tão obsequioso, se não admitisse que ele não deixa de ter certa razão; ainda que, tudo pesado e medido, eu não creia que a senhora tenha pretendido tirar alguma coisa – realmente não sei o que fazer”; reiterei que ele me acompanhasse diante de um magistrado, pois se fosse possível provar minha intenção de roubar, eu curvaria a cabeça de bom grado – se ocorresse o contrário, demandaria reparação.

Enquanto travávamos esse debate, e tendo se reunido uma multidão diante da porta, por acaso passou por ali Sir T.B., conselheiro municipal e juiz de paz, e ao saber disso o ourives foi até a rua e rogou que Sua Excelência entrasse na oficina e decidisse a questão.

Para fazer justiça ao ourives, devo dizer que narrou o sucedido com toda a justeza e moderação, enquanto o homem que corraera para a loja e me detivera contou sua história de forma muito inflamada e veemente, o que para mim redundou em bem e não em mal; ao chegar minha vez de falar, expliquei a Sua Excelência que eu não era de Londres, acabava de chegar do norte; disse que estava hospedada na morada tal e que, passando por aquela rua, entrara na ourivesaria para comprar meia dúzia de colheres; por sorte, trazia no bolso uma velha colher de prata e, mostrando-a, expliquei que estava com aquela

colher para compará-la com meia dúzia de colheres novas, de modo que combinassem com outras que eu tinha em casa, na província.

Ao me dar conta de que não havia ninguém, batera os pés com força no assoalho para atrair a atenção de quem não estivesse à vista e também chamara em voz alta; de fato havia objetos de prata na oficina, mas ninguém poderia dizer que eu os houvesse tocado ou mesmo deles me aproximado; nesse instante, uma pessoa entrara correndo na loja, vindo da rua, agarrando-me com maus modos no exato momento em que eu chamava a atenção dos responsáveis pela oficina; e que se essa pessoa pretendia realmente prestar um favor a seu vizinho, deveria ter-se postado a certa distância e vigiado em silêncio para observar se eu me apoderava de alguma coisa ou não e, em caso afirmativo, entrado na loja, surpreendendo-me com a mão na massa; “isso é verdade”, disse o conselheiro e, virando-se para o homem que me detivera, perguntou se eu batera mesmo os pés no chão; o homem respondeu que sim, eu batera os pés no chão, mas acrescentou que tal movimento poderia ter sido resultado de sua intervenção; “nada disso”, replicou o conselheiro, interrompendo-o: “agora o senhor está se contradizendo, pois acabou de afirmar que ela estava dentro da loja e de costas para o senhor, de modo que não podia vê-lo até o senhor pôr as mãos nela”; na verdade, eu estava parcialmente de costas para a rua, mas como meu ofício impunha olhar para todos os lados ao mesmo tempo, pelo rabo do olho eu o vira correndo em minha direção, como já contei, embora ele não o percebesse.

Findo o interrogatório, o conselheiro opinou que o vizinho cometera um erro e que eu era inocente; o ourives e sua mulher concordaram e fui liberada; quando já saía, o conselheiro me chamou: “um momento! como a senhora pretendia comprar colheres, espero que não queira que meu amigo aqui perca uma cliente por causa desse engano”; apressei-me a responder: “não, senhor, comprarei as colheres se forem parecidas com esta que eu trouxe de amostra”; o ourives me mostrou várias colheres do mesmo desenho, pesou-as e disse que custavam trinta e cinco xelins – para pagá-las, peguei minha bolsa, na qual haveria cerca de vinte guinéus, pois, por via das dúvidas, eu nunca saía sem quantia semelhante, já que em outras ocasiões essa precaução me fora de grande utilidade.

Ao ver o dinheiro, o conselheiro disse, “bem, estou plenamente convencido agora de que a senhora foi mal-interpretada, e foi por isso que lhe falei de comprar as colheres e permaneci aqui para assistir à operação, pois se a senhora não tivesse meios de pagá-las, eu teria suscitado que não entrou na loja com a intenção de comprá-las, pois, com efeito, em geral as pessoas que têm em mente o propósito de que a senhora foi acusada raramente trazem tanto dinheiro consigo como, pelo que vejo, é o seu caso”.

Sorri e disse a Sua Excelência que, por conseguinte, eu devia a meu dinheiro parte de sua benevolência em relação a mim, mas que esperava que ele também tivesse bons motivos para dar o parecer que dera anteriormente; ele ratificou e disse que aquilo só confirmara sua opinião – estava absolutamente convencido de que eu fora vítima de difamação; assim, saí dali com todas as honras, apesar de só por um triz ter escapado do desastre.

Apenas três dias depois, sem que o perigo que corra me tivesse tornado mais cautelosa como fora antes, e ainda praticando a arte a que durante tanto tempo vinha me dedicando, arrisquei-me a penetrar numa casa cuja porta se encontrava aberta, e me apoderei, com plena certeza de não ser vista, de duas peças de seda com estampania floral, do tipo que chamam de brocado, e de grande qualidade; a casa não era loja nem depósito de algum comerciante, parecia ser a residência particular de alguém que, atuando no atacado ou como entreposto, dedicava-se a repassar artigos produzidos por tecelões.

Para abreviar esta parte negra de minha história, fui atacada por duas moças que avançaram contra mim, gritando a plenos pulmões no momento em que eu saía, e uma delas puxou-me de volta para a sala, enquanto a outra fechava a porta; tentei negociar, mas não quiseram saber de nada, e dois dragões ferozes não teriam mostrado mais fúria; rasgaram minhas roupas, gritando e rugindo como se quisessem me matar; veio a seguir a dona da casa, seguida por seu marido, e todos se mostravam muito enfurecidos, mormente no primeiro momento.

Falei com humildade ao dono da casa, explicando que a porta estava aberta e que aquelas sedas tinham sido para mim uma tentação, pois era pobre e desventurada, e que às vezes à pobreza não se podia resistir, e supliquei com lágrimas nos olhos que tivesse piedade; a dona da casa compadeceu-se de mim e inclinou-se a deixar-me ir, chegando quase a convencer o marido, mas as duas criadas abelhudas tinham saído e trouxeram consigo um beleguim sem que ninguém lhes tivesse dado ordem para isso; o dono da casa disse então que não tinha como voltar atrás: declarou que eu teria de comparecer perante um juiz, e explicou à mulher que eles poderiam ver-se em sérios apuros se me deixassem ir embora.

A chegada do beleguim me paralisou de terror, e se eu pudesse teria sumido num buraco do chão; caí, tomada de convulsões, e as pessoas chegaram a crer que eu fosse morrer; a mulher voltou a intervir em meu favor e rogou ao marido que me deixasse ir embora, já que nada tinham perdido; propus a ele pagar pelas duas peças, qualquer que fosse seu valor, mesmo que não as levasse comigo, e argumentei que se ele havia recuperado o que lhe pertencia e não sofrera prejuízo algum, seria desumano conduzir-me ao patíbulo e ter meu sangue vertido pela simples tentativa de apoderar-me da seda; dei a saber ao beleguim que não havia arrombado nenhuma porta nem tirara nada da casa; e quando compareci diante do juiz e aleguei que não forcara portas nem levara nada, ele se mostrou predisposto a me deixar em liberdade; a primeira criada impertinente, porém, a que me detivera, declarou que eu já estava saindo com os tecidos e que ela me impedira, puxando-me para dentro da casa quando eu já estava no umbral; diante disso, o juiz mandou-me prender e fui levada para Newgate – que lugar horrível! meu sangue gela só de ouvir esse nome: o lugar onde tantos amigos tinham sido encerrados, e de onde muitos partiram para a forca, o lugar onde minha mãe tanto sofreu, onde vim ao mundo, e do qual não tinha esperança de sair, senão por obra de infame morte – para encerrar, o lugar que durante tanto tempo estivera a minha espera, e que com tanta arte e sorte eu evitara por tanto tempo.

Agora estava realmente presa, e é impossível descrever o terror que me dominou assim que lá me encontrei; lancei o olhar ao redor e vi todos os horrores daquele local medonho; encontrei-me perdida, entendi que só me restava pensar em deixar o mundo, e isso da maneira mais infamante; a barulhada infernal, os urros, os palavrões e os clamores, o fedor e a imundície, o sem-fim pavoroso de detalhes penosos que ali pude observar pareciam unir-se para tornar aquele sítio quase um símbolo do inferno e uma espécie de vestibulo para nele entrar.

Censurei-me por não ter dado ouvidos às advertências que, como já disse, me haviam feito a própria razão, a consciência de minha prosperidade e a infinidade de perigos a que escapara, advertências que me aconselhavam a abandonar aquela vida enquanto ainda era tempo; lembrei-me também de como havia resistido a todas elas e endurecera os sentidos contra todos os temores; tive a sensação de que um fado inevitável e invisível me estimulara na direção daquele dia de dor, e de que agora eu haveria de expiar todos os delitos no patíbulo; pensei também que meu sangue daria satisfação à Justiça e que chegara a última hora de minha vida e de meus malfeitos – tais ideias misturaram-se de forma confusa com meus pensamentos e me mergulharam num abatimento cheio de melancolia e desespero.

Arrependi-me sinceramente de todo o passado, mas esse remorso não me proporcionou satisfação ou paz, pois, pensei comigo, tratava-se de arrependimento gerado pela impossibilidade de incidir em novos pecados; pareceu-me que não lamentava ter cometido aqueles crimes, que eram ofensas a Deus e ao próximo, e sim que lamentava o castigo que sofreria por eles, ou seja, não por meus pecados eu me penitenciava, mas sim pelos sofrimentos que me esperavam, e isso tirou de minha mente toda tranquilidade e até mesmo a esperança de arrependimento autêntico.

Não preguei olho durante vários dias e noites depois que cheguei àquele lugar amaldiçoado, e pouco me importaria morrer ali mesmo, embora tampouco encarasse a morte como é devido; na realidade, minha imaginação não conseguia conceber nada mais horrível do que aquele sítio, e nada poderia ser mais odioso para mim que as pessoas que me rodeavam – ah!, houvessem me mandado para qualquer outra parte do mundo, e não para Newgate, eu me consideraria feliz.

Além disso, como se alegrariam os infelizes destroços humanos que já estavam ali havia algum tempo ao saberem de minha chegada! o quê? a sra. Flanders enfim chegou a Newgate? como? a sra. Mary, a sra. Molly e, depois, apenas Moll Flanders? eles achavam que o diabo estivera me ajudando, disseram, já que meu reino fora tão longo, fazia muitos anos que me esperavam; por fim eu tinha chegado! depois zombaram de minha desgraça, deram-me as boas-vindas à casa, fizeram votos de que eu tivesse coragem, recomendaram que não me deixasse abater, disseram-me que talvez as coisas não corremsem tão mal como eu temia, e assim por diante; depois pediram uma garrafa de conhaque e beberam à minha saúde, mas obrigaram-me a pagar por ela, alegando que eu acabava de chegar ao Colégio, como chamavam aquele lugar, e decerto eu tinha dinheiro no bolso, pois eles nada tinham.

Perguntei a uma integrante da turma quanto tempo havia que estava ali; respondeu-me que fazia quatro meses; indaguei que impressão o local lhe causara quando ela chegou: “a mesma que causou a você”, disse ela, “horrendo e pavoroso – achei que estivesse no inferno, e é o que acho ainda”, acrescentou, “mas agora já me acostumei e nem penso mais nisso”; “imagino”, eu disse, “que sua vida não corra perigo”; “pois você está enganada, eu lhe asseguro”, ela disse, “o que ocorre é que aleguei estar grávida, mas estou esperando bebê tanto quanto o juiz que me julgou, e espero ser convocada nas próximas sessões”.

Ser convocada significava ser julgada de novo; quando se concedia suspensão da pena a uma mulher por estar grávida, e depois se constatava que ela não estava ou que, tendo estado, já dera à luz, ela era novamente julgada; “mas como você pode estar tão tranquila assim?”, perguntei; “ora, o que vou fazer?”, ela respondeu, “de que valem as tristezas? se me enforcarem, tudo acaba para mim” – e lá se foi ela, girando e cantando um exemplo típico do humor de Newgate:

Se na corda um dia eu balançar,
O triste sino ouvirei ressoar.
E para a Jenny tudo vai findar.

Incluo esse pormenor porque vale a pena que qualquer preso que tenha a desventura de ir parar na sinistra prisão de Newgate observe como o tempo, a necessidade e a convivência dos infelizes ali encarcerados transformam aquele inferno num espaço familiar, fazendo com que por fim aceitem como natural aquilo que nos primeiros dias era o maior terror no mundo, recuperando, no infortúnio, a alegria e a leveza de antes de chegarem ali.

Não digo, como certas pessoas, que o diabo não é tão feio como o pintam; na verdade, não existem no mundo cores capazes de retratar fielmente aquele lugar, nem espírito que possa concebê-lo com precisão sem ter estado ali; todavia, o modo como o inferno pode aos poucos transformar-se em algo não só tolerável como até agradável é um fato incompreensível para quem, como eu, o conheceu.

Na mesma noite em que fui levada a Newgate, mandei a notícia a minha velha preceptora, que ficou assombrada, como bem se pode imaginar, e passou uma noite quase tão terrível em sua casa quanto a minha na prisão.

Ela foi visitar-me na manhã seguinte e fez o que pôde para me confortar, mas logo percebeu que seus esforços eram baldados; entretanto, como ela disse, deixar-se esmagar pelo peso equivalia a aumentá-lo, e por isso pôs-se desde logo a empenhar-se para evitar o pior; seu primeiro gesto foi entrar em contato com uma das duas ferozes criadas que me haviam surpreendido; falou-lhes, procurou persuadi-las, ofereceu-lhes dinheiro e, em uma palavra, procurou por todos os meios imagináveis evitar que me acusassem; chegou a oferecer a uma delas cem libras para que abandonasse sua ama e não comparecesse a meu julgamento, mas a moça se mostrou de tal modo obstinada que, apesar de ser uma

empregada que não ganharia mais de três libras por ano, recusou a oferta e a teria recusado, como disse minha preceptora, mesmo que a oferta houvesse chegado a quinhentos guinéus; depois minha preceptora tentou dissuadir a outra moça, que parecia não ser tão obstinada quanto a primeira e às vezes se mostrava propensa à compaixão, mas a outra se manteve inabalável e obrigou-a a mudar de opinião, e não só resistiu às súplicas de minha amiga como chegou a ameaçá-la de pedir sua prisão se ela tentasse falsear a verdade.

A seguir, ela procurou convencer o dono da casa, ou seja, o homem cujos bens eu tentara roubar, e sobretudo sua mulher – que, como já disse, no começo sentira certa piedade de mim; a mulher continuava a ser do mesmo parecer, mas o marido alegou que se via obrigado a me acusar, sem o que ele perderia a caução que depositara em juízo.

Minha preceptora ofereceu-se para buscar amigos dispostos a eliminar dos autos o depoimento do homem, como se diz, sem que ele passasse por contratempo algum, mas não consegui convencê-lo de que isso era possível nem de que ele poderia não repetir seu testemunho; assim sendo, haveria três testemunhas de acusação contra mim: o dono da casa e as duas criadas, ou seja: eu podia estar tão certa de que seria condenada à força quanto tinha certeza agora de estar viva, e só me restava pensar na morte e preparar-me para ela; não dispunha, como já disse, senão de fundações bem débeis sobre as quais construir essa preparação, uma vez que todo o meu arrependimento parecia ser apenas resultado do medo que tinha de morrer, e não um remorso sincero pela vida pecaminosa que levava e fora a causa de minha desgraça, e por haver desagradado a meu Criador, que não tardaria a ser o meu juiz.

Passei vários dias num estado de tremendo horror na alma; via, por assim dizer, a morte diante de mim, e não fazia mais que pensar, dia e noite, em forcas e cordas, em demônios e espíritos maus; não há palavras que expressem como me sentia acuada entre os lúgubres temores da morte e o terror de minha consciência, que reprendia meu tenebroso passado.

O capelão da prisão de Newgate foi ver-me e me dirigiu algumas palavras, mas toda a sua religião tinha apenas a finalidade de induzir-me a confessar meu crime, como dizia (embora ele não soubesse nem ao menos de que eu era acusada), e a revelar todos os detalhes, sem o quê, disse-me, Deus nunca me concederia o seu perdão; tão inócua foi sua intervenção que suas palavras não me trouxeram o menor consolo; por outro lado, ouvir aquele pobre homem falar de confissão e arrependimento de manhã e ver que ao meio-dia já estava ébrio de conhaque e destilados causava-me impressão tão chocante que passei a ter mais asco por ele que por sua missão, mas, aos poucos e por culpa dele, acabei sentindo o mesmo também pela missão – por fim pedi que não me importunasse mais.

Não sei como ocorreu, mas graças às gestões incansáveis de minha diligente amiga não foi feita nenhuma citação para que eu comparecesse à primeira sessão, ou seja, ao Grande Júri, em Guildhall; assim, tive diante de mim mais um mês, ou cinco semanas, que eu deveria ter aproveitado para refletir sobre meu passado, como preparação para o que viria

– em outras palavras, devia ter considerado esse tempo como um período que ganhara por arrependimento e empregá-lo como tal; isso, porém, não era de meu feito; lamentava muito, como antes, estar em Newgate, todavia eram muito escassos os sinais de arrependimento que se manifestavam em mim.

Pelo contrário, tal como as águas nas cavidades e grutas das montanhas, que petrificam e convertem em rocha tudo aquilo que se acha submetido a seu gotejamento, minha contínua convivência com aquele enxurro de cães infernais de minha própria raça teve sobre mim os mesmos efeitos que exercera sobre os demais; degenerei e virei uma pedra: primeiro, tornei-me estúpida e insensível; depois, embrutecida e indiferente; e por fim, doida varrida como eram todos – em suma, em pouco tempo comprazia-me tanto naquele lugar e me sentia tão à vontade nele como se tivesse nascido ali.

Nunca poderia ter imaginado que nossa natureza fosse capaz de se degenerar a ponto de considerar prazenteiro e agradável o que é, em si, a mais completa miséria; encontrava-me numa situação tal que creio ser quase impossível citar uma pior; era o máximo que poderia suceder, falando de casos normais, a uma pessoa que, como eu, tinha vida, saúde e dinheiro para se arranjar.

Carregava sobre mim um peso de culpa capaz de esmagar qualquer criatura a quem restasse mínima capacidade de reflexão e conservasse algum sentido do que fosse uma vida de felicidade e outra de amargura; se antes chegara a experimentar um princípio de remorso, embora não de arrependimento, já não sentia nem uma coisa nem outra; fora acusada de um crime que nosso código criminal punia com a morte – as provas eram tão evidentes que eu não tinha nem como alegar inocência; era conhecida como delinquente contumaz, e podia esperar apenas a morte dentro de algumas semanas; e ainda que não passasse por minha mente nenhuma ideia de fuga, estranha letargia espiritual tomara conta de mim; não me restavam angústias, temores ou sofrimento, e os efeitos do primeiro momento de assombro haviam passado: posso dizer que não sabia o que sentia – meus sentidos, minha razão e até minha consciência estavam adormecidos; durante quarenta anos, a trajetória de minha vida fora uma horrenda mistura de impiedade, prostituição, adultério, incesto, mentiras e roubos – em poucas palavras, todos os delitos, exceto o assassinio e a traição, tinham sido minha rotina desde os dezoito anos, ou mais ou menos isso, até os sessenta; agora estava imersa na desolação do castigo, achava-me a um passo de uma morte ignóbil, porém não me dava conta de minha situação, tampouco tinha algum pensamento sobre o Céu ou o inferno que não fosse além de um leve aceno fugidío, ligeira pontada que se faz sentir e logo desvanece; não me vinha nem ânimo de pedir perdão a Deus, nem, na verdade, pensava em fazê-lo: e com isso creio ter feito uma breve descrição da mais completa miséria que pode existir neste mundo.

Todos os meus pensamentos pavorosos tinham-se esfumado, os horrores do lugar já me eram familiares, e eu não me sentia mais irritada pelos ruídos e gritos do cárcere do que aqueles que os produziam; em suma, havia me tornado mais uma prisioneira de Newgate, tão perversa e embrutecida quanto qualquer outra: pior ainda, quase nada mais

restava dos hábitos e costumes da educação e das boas maneiras até então visíveis em meu modo de proceder, e tamanha era minha degeneração que, aparentemente, eu nunca fora diferente do que era agora.

Nesse difícil momento de minha vida, tomei de súbito outro susto que quase me levou de volta a certa tristeza, sentimento que na verdade começa a esquecer; certa noite me contaram que na véspera, em hora já bem avançada, tinham sido metidos no cárcere três salteadores que haviam cometido um roubo numa vila (creio que se tratava de Hounslow Heath) na estrada de Windsor; perseguidos pelos habitantes da região até Uxbridge, os três haviam sido presos depois de encarniçada resistência, durante a qual muitas pessoas saíram feridas e outras perderam a vida.

Não é de estranhar que todas nós, as presas, sentíssemos muita vontade de ver aqueles valentes e façanhudos cavalheiros, dos quais se dizia não haver como comparar aos demais praticantes do ofício, mormente porque corria o boato de que de manhã seriam transferidos para outro pavilhão, pois haviam dado dinheiro ao chefe da prisão para ficar na melhor ala; nós, as mulheres, juntamo-nos no caminho por onde eles teriam de passar, para ter certeza de que os veríamos; e qual não foi meu assombro e minha perplexidade ao reconhecer no primeiro deles o meu marido de Lancashire, o mesmo com quem vivera tão bem em Dunstable e o mesmo que mais tarde vi em Brickhill quando estava casada com meu último marido, como já contei.

Vê-lo ali me deixou aturdida, não soube o que dizer ou fazer; ele não me reconheceu, e esse foi meu único consolo; afastei-me de minhas companheiras e retirei-me para um local tão solitário quanto aquele hediondo lugar permitia, e ali chorei demais e durante muito tempo: “mulher abominável que sou”, pensei comigo, “quantos infelizes já desgraçei? quantos pobres desesperados já mandei juntar-se ao diabo?”; cabia a mim a culpa de todas as desventuras daquele cavalheiro – ele me dissera em Chester que aquele casamento o arruinara e que, por minha causa, ele estava destinado a uma vida sem esperança, já que, por acreditar-me rica, contraíra dívidas muito além do que poderia pagar e não sabia o que fazer; garantiu-me que se juntaria ao Exército como mosqueteiro, ou que compraria um cavalo para “ver o que conseguiria por aí”, e foi essa a expressão que usou; e embora nunca lhe tivesse dito que possuía fortuna e, portanto, não cheguei a mentir quanto a isso, havia, porém, incentivado o homem a crer que a possuía, e por isso fui a causa original de sua ruína.

O espanto de vê-lo causou profunda impressão em meu ânimo e levou-me a reflexões mais sérias do que as geradas por tudo quanto me acontecera até aquele momento; lamentei sua sina dia e noite, em especial por me dizerem que ele era o chefe do bando e que cometera tantos assaltos que bandoleiros famosos, como Hind, Whitney ou o Fazendeiro de Ouro, não passavam de amadores se comparados a ele, e que seria sem dúvida enforcado, mesmo que fosse o único cidadão remanescente no país em que nascera – também me asseguraram que um número considerável de pessoas deporiam contra ele.

Sentia-me esmagada de compaixão; minha própria situação não me inquietava tanto

quanto a daquele homem, e eu me cobria de censuras; lamentava a tal ponto seus infortúnios e a ruína em que ele se precipitara que deixei de ver as coisas da mesma maneira que antes, e começaram então a repontar em meu espírito os primeiros pensamentos sobre a vida horrível e ignóbil que eu levava, e, à medida que me voltavam essas ideias, recobrei também a consciência do horror do lugar onde me encontrava: em suma, mudei da água para o vinho e me tornei outra pessoa.

Enquanto me debatia sob o efeito desses sentimentos de culpa em relação a ele, fui informada de que na sessão seguinte do tribunal, já próxima, eu seria indiciada perante o Grande Júri e que certamente seria julgada no Old Bailey, sendo provável a condenação à pena capital; minha postura já fora afetada: a perversa dureza de espírito adquirida na prisão esmorecera e minha consciência de culpa começou a tomar conta de minha mente – em uma palavra, passei a refletir, e a reflexão é um passo real do inferno para o Céu; todo aquele endurecimento demoníaco, aquela disposição de alma sobre a qual tanto já discorri não passa de privação da faculdade de pensar, e quem recupera o dom do pensamento recupera a si mesmo.

Mal comecei, como disse, a pensar, a primeira coisa que me veio à mente foi o seguinte: “Deus meu, o que será de mim? sem dúvida morrerei; com certeza serei condenada, e depois disso nada mais me restará senão a morte; não tenho amigos, o que hei de fazer? não cabe dúvida de que serei condenada – Senhor, tende piedade de mim! o que será de mim?” – eram pensamentos tristes, dirão todos, os primeiros daquele gênero que haviam surgido em minha alma depois de tanto tempo, mas neles havia apenas o medo do que se avizinhava, não havia em tudo aquilo uma só palavra de arrependimento sincero; entretanto meu abatimento era na verdade imenso, e meu desconsolo, descomunal; e como não tinha no mundo amigos com quem pudesse desabafar meus amargos pensamentos, sentia-me de tal forma oprimida que várias vezes por dia sofria convulsões e crises de nervos; pedi que chamassem minha velha preceptora, que, justiça seja feita, comportou-se como verdadeira amiga: moveu céus e terra para que o Grande Júri não desse curso ao indiciamento, procurou um ou dois jurados, conversou com eles, fazendo o possível para lhes inculcar opiniões ou disposições que me fossem favoráveis, com base na alegação de que nada fora retirado da casa, que nenhuma porta fora forçada, e assim por diante; no entanto, foi inútil: a maioria se impôs, as duas criadas mantiveram a acusação e o Grande Júri aceitou meu indiciamento por roubo e invasão de domicílio com violência.

Ao inteirar-me dessas notícias, senti faltar o chão e, ao recobrar os sentidos, julguei que morreria de tanto desgosto; minha preceptora se comportou como mãe, apiedando-se de mim, chorando comigo e por mim, mas não conseguiu trazer-me nenhuma ajuda real; para aumentar ainda mais meu terror, em toda a prisão se dizia que eu não tinha como escapar da força – com frequência escutava as demais presas comentarem meu caso entre si, e via que balançavam a cabeça quando lamentavam minha situação, como é costume ali; no entanto, ninguém vinha me dizer coisa alguma, até que, por fim, um dos carcereiros procurou-me em particular numa quarta-feira e me disse, com um suspiro,

“senhora Flanders, seu julgamento será na sexta-feira: o que pretende fazer?”; fiquei branca como a neve e respondi, “Deus sabe o que farei; de minha parte, não faço a menor ideia”; e ele continuou, “pois bem, não vou lhe dar falsas esperanças; seria o caso de a senhora se preparar para morrer, pois duvido que não seja condenada – e como afirmam que é uma delinquente contumaz, creio que não poderá contar com clemência; dizem que seu caso é muito simples”, acrescentou, “e que as testemunhas afirmaram sua culpa com tanta veemência que a senhora nada poderá opor em sua defesa”.

Aquilo foi como um golpe desferido contra as próprias entranhas de uma pessoa que, como eu, já se achava oprimida por tamanha carga de angústias, e não pude dizer palavra, boa ou má, durante muito tempo; por fim desatei a chorar e disse, “Deus meu! senhor ***, que devo fazer?”; “fazer? mande chamar o capelão”, disse o carcereiro, “chame um pastor e converse com ele, pois na verdade, a menos que tenha amigos muito importantes, a senhora pode riscar seu nome do mundo dos vivos”.

Isso era o que se chamava falar claro, embora as palavras fossem muito duras para mim, ou pelo menos assim me pareceram; o homem deixou-me presa da maior agitação que se possa imaginar, e passei acordada toda aquela noite; comecei então a dizer minhas orações, coisa que raramente fazia desde a morte de meu último marido ou pouco depois disso; e posso, sem faltar à verdade, chamar o que eu vinha fazendo de “dizer minhas orações”, porque naquele estado de agitação, em que era tão vivo o terror que sentia, embora chorasse e repetisse mil vezes a jaculatória “Senhor, tende piedade de mim!”, não cheguei a me convencer, em nenhum momento, de que era uma pobre pecadora, como de fato era, nem pensei em confessar meus pecados a Deus e pedir perdão em nome de Jesus Cristo – estava arrasada diante da situação em que me encontrava, perto de enfrentar um julgamento em que decerto seria condenada, e depois a força, e pensando nisso gritei durante toda a noite, “Senhor! o que será de mim? Senhor! que posso fazer? Senhor, eu serei enforcada! Senhor, tende misericórdia de mim!” e outras coisas assim.

Minha pobre e angustiada preceptora estava agora tão aflita quanto eu e mostrava arrependimento muito maior, embora não tivesse diante de si a perspectiva de ser julgada e condenada; ela o merecia tanto quanto eu, e era a primeira a admiti-lo, mas não havia feito nada, durante muitos anos, senão atuar como receptora de coisas que eu e outros roubávamos e incentivar-nos a roubá-las; contudo, chorava e parecia ter perdido o juízo, retorcia as mãos, gritava que estava perdida, que pesava sobre si uma maldição celeste, que estava condenada ao inferno, que fora a perdição de suas amigas, que fulana, sicrana e beltrana tinham acabado no patíbulo por sua culpa, e citou dez ou onze pessoas que tiveram esse triste final (eu me referi a algumas delas aqui), e que agora ela assistia a minha ruína, pois sempre me persuadira a continuar nas ocasiões em que eu manifestara o desejo de abandonar o ofício – quando ela chegou a esse ponto, interrompi-a, “não, mãe, não! não diga isso, pois a senhora quis que eu parasse quando recebi o dinheiro do comerciante e também quando voltei de minha viagem a Harwich, e fui eu que não quis escutá-la, por isso não tem motivo para se acusar: fui eu mesma, e ninguém mais, a causa de minha ruína; fui eu que me lancei nesta mísera situação”; e assim passamos juntas

muitas horas.

Não houve remédio: o processo seguiu seu curso e na quinta-feira fui conduzida à sala de sessões, onde ouvi a leitura do libelo, e no dia seguinte tudo estava pronto para o julgamento; por ocasião da leitura do libelo, declarei-me inocente, e na realidade podia fazê-lo, pois fora indiciada por roubo com o agravante de violação de domicílio com violência, ou seja, pelo roubo de duas peças de brocado, avaliadas em quarenta e seis libras, de propriedade de Anthony Johnson, e por forçar as portas de sua residência; no entanto, sabia muito bem que nunca conseguiriam provar que eu houvesse forçado as portas ou sequer levantado um trinco.

Na sexta-feira, fui levada a julgamento; consumira toda a minha energia chorando durante dois ou três dias, e, assim, na noite de quinta-feira dormi melhor do que poderia esperar e enfrentei o julgamento com mais coragem do que teria imaginado ser possível.

Iniciada a sessão e lida a pronúncia do juiz, eu quis falar mas disseram que primeiro teriam de ser ouvidas as testemunhas e, depois disso, eu teria a palavra; as testemunhas eram as duas criadas, realmente uma dupla de bruxas taramelas, porque embora dizendo em essência a verdade, exageraram os fatos o máximo que puderam, juraram que as peças roubadas estavam inteiramente em meu poder, que eu as ocultara nas roupas, que já me preparava para sair com elas, que já tinha um pé para fora do umbral quando me surpreenderam, e que depois pus o outro pé, de modo que já estava na rua com as peças roubadas quando me detiveram, e que então me agarraram e me puxaram para dentro da casa de novo e recuperaram as peças; no geral, os fatos eram mesmo esses, mas creio, e insisti nesse pormenor, que me agarraram antes que eu cruzasse a porta da casa; no entanto, isso não fazia muita diferença, pois o certo era que eu me apoderara das peças de brocado e teria saído com elas se não tivesse sido surpreendida.

Entretanto, aleguei que não roubara nada, que eles nada tinham perdido, que a porta estava aberta e que eu entrara ao ver os artigos expostos no interior e com a ideia de comprá-los; o fato de pegar as peças nas mãos, embora não visse ninguém na casa, não significava que eu tencionasse roubá-las, uma vez que só as levava até a porta, sem sair, para melhor examiná-las à luz do dia.

O tribunal não quis admitir aquela justificativa e rejeitou a afirmativa de que eu pretendia comprar as peças, visto que a casa não era loja que atendesse ao público; já em relação a levá-las à porta para vê-las melhor, as duas estafermas escarneceram de mim com desdém e usaram minhas próprias palavras como mote para chocarrices, dizendo ao tribunal que eu devia tê-las examinado muito bem mesmo e ficara tão satisfeita que as escondera nas roupas e ia saindo com elas.

Em suma, fui declarada culpada de roubo, mas eximida do agravante de uso de violência, o que me valeu pouco consolo, uma vez que a primeira condenação envolvia sentença de morte, e a segunda não faria mais que reiterá-la; no dia seguinte fui conduzida de novo ao tribunal para ouvir a terrível sentença, e quando me perguntaram se desejava fazer alguma alegação a meu favor para impedir a execução, permaneci calada por certo tempo; alguém que estava atrás de mim, porém, recomendou-me em voz alta que eu

falasse aos juízes, pois isso poderia beneficiar-me; estimulada, disse que nada tinha a alegar para suspender a sentença, mas que muito tinha a dizer para suplicar a clemência do tribunal; esperava que levassem em conta as circunstâncias que haviam concorrido para meu delito, pois não arrombara a porta nem tirara coisa alguma da casa: ninguém sofrera prejuízos; o cavalheiro a quem pertenciam aqueles bens se dispusera a pedir que o tribunal fosse clemente (coisa que realmente fizera, cumprindo sua promessa), e cabia considerar que se tratava de meu primeiro delito, pois nunca fora levada a um tribunal de Justiça antes – em resumo, falei com mais coragem do que teria esperado, e num tom de tal modo comovente e acompanhado de lágrimas, embora evitando que, por abundantes, dificultassem o entendimento de minhas palavras, que notei comoviam outras pessoas e levavam-nas também ao pranto.

Os juízes permaneceram graves e silenciosos, ouviram-me com atenção e me deram o tempo que eu quis, mas, sem dizer sim nem não, pronunciaram a sentença de morte, sentença que foi para mim como a própria morte, e cuja leitura me deixou aniquilada; senti fugirem-me as forças, não tive mais língua para falar ou olhos que eu pudesse alçar para Deus ou para os homens.

Minha pobre preceptora estava desconsolada a mais não poder, e ela, que fora meu amparo antes, precisou agora ser amparada; ora chorando, ora se debatendo, achava-se tão fora de si, ou ao menos assim parecia, como qualquer louca do hospício de Bedlam – e não só desesperava-se por mim como se sentia tomada de horror pela percepção de sua própria vida criminosa, e começou a contemplar seu passado de forma bem diferente da minha, pois mostrou-se imensamente arrependida de seus pecados, além de amargurada por minha infelicidade; mandou também chamar um ministro da igreja, homem reto, bom e piedoso, e com sua ajuda dedicou-se com tanta contrição a alcançar um sincero arrependimento que acredito, como também acreditou o clérigo, que ela podia ser vista como autêntica penitente; além disso, não se limitou a sê-lo nessa ocasião, em vista das circunstâncias, mas perseverou em seu zelo, segundo vim a saber mais tarde, até o dia de sua morte.

É mais fácil imaginar que descrever a minha situação: não tinha diante de mim nada senão a morte iminente, e como não contava com amigos que me pudessem auxiliar ou fazer algum movimento em meu favor, não esperava nada além de ver meu nome na ordem de execução, que deveria ser divulgada na sexta-feira seguinte, junto com outros cinco condenados.

Nesse ínterim, minha pobre e infeliz preceptora chamou um ministro da igreja, que, primeiro a pedido dela e, depois, a meu, fez-me uma visita; exortou-me gravemente a me arrepender de todos os meus pecados e a não brincar mais com minha alma, não me iludindo com esperanças de viver, pois, segundo me disse, estava informado de que não havia nenhuma possibilidade disso; o que eu teria de fazer, com toda a sinceridade, era elevar a alma a Deus e implorar seu perdão em nome de Jesus Cristo; reforçou suas exortações com citações apropriadas das Escrituras, que recomendavam que os maiores pecadores se arrependessem e os instavam a se afastar dos caminhos do mal, e, finda sua

prédica, ajoelhou-se e orou comigo.

E foi então que, pela primeira vez, senti sinais verdadeiros de arrependimento e comecei a ver minha vida precedente com horror; e gozando de uma espécie de visão do outro lado do tempo, como creio que ocorra a toda pessoa nesse momento, os fatos da vida passaram a me aparecer sob outro prisma e com uma forma diferente de como eu os via antes; as coisas mais grandiosas e mais belas; as concepções de felicidade, de alegria, e as dores da vida pareceram-me coisas inteiramente mudadas; nada tinha no pensamento que não fosse tão infinitamente superior a tudo o que conhecera na vida que me pareceu uma grandíssima parvoíce atribuir valor a fosse lá o que fosse, mesmo que se tratasse da coisa mais valiosa deste mundo.

A palavra “eternidade” se me apresentava com todas as suas incompreensíveis implicações, e ganhei uma consciência tão ampla dela que não saberia como exprimi-la; em comparação, como pareciam vis, grosseiras e absurdas todas as coisas que antes eu considerava agradáveis! e mormente quando eu pensava que essas sórdidas ninharias eram o engodo que nos levava a abrir mão da bem-aventurança eterna.

Essas reflexões fizeram-se acompanhar, inevitavelmente, de severos reproches a minha vergonhosa conduta na vida anterior, uma conduta que me levava a renunciar a toda e qualquer esperança de salvação na eternidade em que estava na iminência de entrar, e, pelo contrário, fizera-me merecedora de todos os sofrimentos ou punições que, por assustadora implicação, também eram eternos.

Não tenho condições de dar lições de moral a ninguém, mas narro essas coisas da mesma forma como me ocorriam e procuro expressá-las da melhor forma que sei, mas ficando infinitamente aquém das vivas impressões que causaram a minha alma naquele momento; na verdade, trata-se de impressões que não podem ser traduzidas em palavras, ou talvez eu não tenha suficiente habilidade com a pena para explicá-las: cabe a cada leitor judicioso a tarefa de fazer as corretas reflexões sobre elas, de acordo com os ditames de suas próprias circunstâncias; e é indubitável que, num momento ou outro da vida, cada qual as compreenderá – quero dizer, verá os fatos do porvir de forma mais nítida do que via antes, e encarará com desprazer a pouca atenção que lhes dedicava.

Todavia, voltando a minha história, o capelão insistiu que eu lhe contasse, na medida que julgasse conveniente, qual era a minha posição com respeito à vida no além; disse-me que não me falava como um capelão daquele lugar, cuja missão consistia em arrancar confissões dos prisioneiros, fosse para fins pessoais, fosse para descobrir outros delinquentes; em vez disso, desejava conduzir-me a uma liberdade de expressão que me permitisse livrar-me do peso de meus pecados e desse-lhe condições de consolar-me como lhe fosse possível; garantiu-me que tudo o que eu dissesse ele guardaria para si, como um segredo do qual só Deus e eu tínhamos conhecimento; disse ainda que só queria saber de tudo para poder proporcionar-me o consolo e o apoio de que eu necessitava, e para orar a Deus por mim.

Aquele tratamento bondoso e amistoso de que eu era objeto destrancou todas as portas de meus sentimentos: com aquelas palavras ele invadiu minha alma, e narrei cada

uma das misérias de minha vida – em suma, fiz para ele um breve resumo de toda esta narrativa e dei-lhe um retrato em miniatura de meu comportamento durante cinquenta anos.

Nada ocultei, e ele, por sua vez, exortou-me a um sincero arrependimento, explicando-me o significado daquela palavra, e a seguir traçou-me um quadro da infinita misericórdia anunciada pelos céus para os pecadores da pior espécie, que me privou da fala e mergulhou-me em desespero ou receio, ao pensar que não poderia ser aceita; e nesse estado ele me deixou na primeira noite.

O ministro visitou-me de novo na manhã seguinte e deu prosseguimento a seu método, que consistia em explicar as condições da misericórdia divina, que, segundo ele, demandava tão somente que a desejássemos com sinceridade e nos dispuséssemos a aceitá-la; só havia necessidade de remorso sincero e sentimento de horror por tudo de mau que eu havia feito e que me convertera em objeto do castigo de Deus; não sou capaz de reproduzir as prédicas magníficas daquele homem notável, e só posso dizer que ele fez reviver meu coração e me proporcionou uma paz espiritual que jamais experimentara em toda a minha vida; cobri-me de vergonha e de lágrimas ao recordar o passado, mas ao mesmo tempo experimentei uma surpreendente alegria interior ante a perspectiva de transformar-me em autêntica penitente e de lograr o consolo da penitência, ou seja, a esperança de ser perdoada; e tão velozes correram meus pensamentos, e tão fortes foram as impressões que tudo aquilo produziu em mim, que de bom grado eu teria subido ao cadafalso, sem temor algum, pondo, como penitente, minha alma nos braços da misericórdia infinita.

O bom clérigo emocionou-se tanto ao ver a influência que suas palavras tiveram sobre mim que deu graças a Deus por ter vindo visitar-me, e decidi não me abandonar até o último momento, ou seja, não deixaria de ver-me.

Passaram não menos de doze dias desde o anúncio de nossas sentenças sem que aparecesse ordem de execução, mas enfim numa quarta-feira saiu o mandado de aplicação da pena de morte aos condenados, e meu nome figurava na lista; aquilo representou um golpe terrível para mim, apesar de minhas novas resoluções; na verdade, foi como se meu coração parasse, e desmaiei duas vezes seguidas, mas não pronunciei uma só palavra; o bom pároco compadeceu-se profundamente de mim e fez o quanto pôde para reconfortar-me, com os mesmos argumentos e a mesma eloquência empregada nos dias anteriores, e naquela noite ficou a meu lado até que os carcereiros não permitissem mais que ele permanecesse na prisão, a menos que ficasse preso comigo durante toda a noite, o que ele não aceitou.

Admirei muito que não o visse no dia seguinte, visto que era a véspera da data fixada para a execução; esperei com muita impaciência e agonia, e na realidade quase me desesperei por não contar com o alento que com tanta regularidade e tanta eficácia ele me prodigalizara em suas primeiras visitas; esperei, desconsolada e tomada de enorme angústia, até que, por volta das quatro da tarde, ele entrou em meu quarto – graças ao dinheiro, já que sem ele nada se arranjava naquele lugar, eu conseguira o privilégio de não

ser encerrada na cova dos condenados, como chamavam a cela dos que seriam executados, e dispunha de um quartinho sujo só para mim.

Meu coração deu um salto de alegria quando ouvi sua voz junto à porta, mesmo antes de vê-lo, e imaginei qual foi a reação de minha alma quando, depois de explicar laconicamente o motivo de sua ausência, ele me disse que empregara o tempo em meu benefício e lograra que o juiz corregedor encaminhasse ao secretário de Estado um ofício favorável sobre meu caso: em suma, ele me informou que minha execução fora suspensa até segunda ordem.

Embora ele lançasse mão de toda espécie de precauções a seu alcance para me dar essa notícia, cujo encobrimento teria constituído uma dupla crueldade, a emoção foi excessiva para mim, e da mesma forma que antes eu me sentira transtornada pela dor, agora minha alegria foi tão desmesurada que sofri um desmaio muito mais perigoso que os anteriores, e só com muita dificuldade fizeram com que recobrasse a consciência.

Após dirigir-me uma exortação muito cristã, fazendo votos de que a alegria pela demora da execução não apagasse em meu espírito a lembrança das dores passadas, e dizer-me que tinha pressa em me deixar, a fim de fazer constar nos livros a demora e exhibi-los às autoridades prisionais, esse bom homem levantou-se, no momento em que já estava de saída, e orou a Deus com muito fervor, pedindo que meu arrependimento fosse resoluto e sincero, e que meu retorno à vida, por assim dizer, não significasse uma reincidência em todas as loucuras que eu havia prometido, de maneira tão solene, repelir e abandonar; uni-me de coração a sua prece, e devo acrescentar que durante toda aquela noite não parei de me impressionar, no fundo da alma, com a misericórdia de Deus, que me salvara a vida; ao mesmo tempo, e graças à bondade que eu acabava de conhecer, mais do que nunca abominei meus erros passados, mais ainda do que os execrara em meus momentos de aflição.

É possível que esses fatos pareçam inconvincentes e fora do tema desta narrativa; imagino em especial que aqueles que tenham se divertido com a leitura de meus malfeitos e vilanias talvez não apreciem esta parte da história, que na verdade é a melhor de minha vida, a mais benéfica para mim e a mais instrutiva para os demais; não obstante, creio que mesmo essas pessoas permitirão que eu complete minha história; seria escárnio excessivo dizer que tais pessoas mais apreciam o crime que o remorso, e que prefeririam que minha história acabasse numa rematada tragédia, o que quase aconteceu.

Entretanto, dou prosseguimento a minha exposição: na manhã seguinte, ocorreu na prisão uma cena de cortar o coração; a primeira saudação que ouvi ao raiar o dia foi o dobre do grande sino da igreja do Santo Sepulcro, como a chamam; assim que se pôs a soar, ergueu-se um clamor de gritos e pranto que vinha da cova dos condenados, onde estavam encerrados os seis infelizes que deveriam ser justicados naquele dia, quatro por delitos diversos e dois por homicídio.

A isso seguiu-se uma confusa algaravia geral entre encarcerados de vários tipos, que expressavam seu pesar pelas pobres criaturas sentenciadas, ainda que de formas muito distintas; alguns choravam por eles, outros os aclamavam e desejavam-lhes boa viagem;

ainda outros xingavam e maldiziam aqueles que os tinham levado a tão trágica situação, referindo-se às testemunhas e aos juízes; muitos se compadeciam deles, e alguns, mas muito poucos, oravam por eles.

Quase não restava margem para um recolhimento de espírito que me permitisse bendizer a providência misericordiosa que, por assim dizer, me arrancara das garras do aniquilamento; permaneci muda e queda, atordoada pela situação e sem saber exprimir o que se passava em meu íntimo – em tais ocasiões os estados de espírito mostram-se tão disparatados que não seguem um curso regular.

Enquanto isso, os pobres condenados preparavam-se para morrer, e o capelão da cadeia ocupava-se deles, indo de um a outro, exortando-os a se submeter a sua sentença; enquanto isso, como eu dizia, fui acometida de violento tremor, tal como se estivesse no lugar deles; aquela crise repentina provocava-me violenta agitação, como se passasse por um ataque de febre: não conseguia falar e mais lembrava uma insana; assim que os condenados foram postos nas carroças e se afastaram dali, cena a que não tive coragem de assistir, caí em interminável crise de choro, tão vigorosa e longa que não sabia mais o que fazer, pois não continha o pranto, apesar de todos os esforços e minha boa vontade.

A crise de choro durou cerca de duas horas e, segundo creio, tomou conta de mim até todos eles não pertencerem mais a este mundo, e foi seguida de uma alegria de natureza penitente, intensa e humílima, verdadeiro arrebatamento, um ímpeto de alegria e gratidão que durou a maior parte do dia e ainda hoje não consigo traduzir em palavras.

Ao entardecer, o bom clérigo visitou-me mais uma vez e fez uma de suas boas e habituais prédicas; felicitou-me por ter-me sido concedido tempo para o arrependimento, ao passo que a história daqueles seis desgraçados se encerrara, e agora eles estavam além de qualquer possibilidade de salvação; encareceu vivamente que eu conservasse em relação às coisas da vida os mesmos sentimentos que experimentara quando me vira diante da eternidade; por fim, disse que não devia pensar que tudo estivesse acabado bem, pois ter execução da pena adiada não era anistia, e ele não saberia ainda dizer quais seriam os efeitos daquela delonga; no entanto, eu lograra uma suspensão do cumprimento da pena, o que me concedera mais tempo, e a mim competia fazer bom uso dele.

Essas palavras, embora razoáveis, deixaram um quê de tristeza em meu coração, como se eu pudesse esperar que a situação tivesse um desfecho trágico, ainda que ele não o tomasse como certo; absteve-me de pedir mais explicações, já que ele dissera que faria todo o possível para conduzir o caso a um final satisfatório e que tinha esperanças de êxito, mas não queria promê-lo, e o que se seguiu mostrou que ele tinha razão.

Passada uma quinzena, comecei a ter fundados receios de estar incluída no mandado de execuções da sessão seguinte, e só com muitas dificuldades e, por fim, uma humilde petição de deportação, consegui evitar que tal ocorresse, pois péssima era minha fama e muito pesava o informe fatal de ser uma delinquente contumaz; contudo, no tocante a esse ponto não me fizeram a rigor plena justiça, já que ao pé da letra eu não era uma delinquente contumaz, qualquer que fosse a opinião do juiz a meu respeito, pois que antes disso nunca fora julgada por tribunal algum, de modo que o colegiado não tinha

como imputar-me a circunstância agravante de contumácia, muito embora o juiz correedor se obstinasse em apresentar meu caso como lhe parecia melhor.

Tinha agora quase certeza de estar livre da execução, ainda que ao preço de ser deportada, condição dura ainda que relativamente branda se comparada com a alternativa; por isso não farei comentário algum sobre a sentença, tampouco sobre a escolha que tinha diante de mim: todos sempre optaremos por outra coisa que não a morte, mormente quando, como era meu caso, a perspectiva do além não se afigura de todo agradável.

O bom clérigo, cujo interesse por mim, conquanto não me conhecesse, valera-me o indulto, lamentou sinceramente essa condição; afirmou teria preferido que eu me despedisse do mundo sob a influência de boas resoluções, de modo a não esquecer as angústias passadas, a ver-me de novo em meio a pessoas de tão ruim extração como soem ser os condenados ao desterro; disse ainda que nesse ambiente eu precisaria de um extraordinário auxílio da graça de Deus para não voltar à vida pecaminosa.

Faz bastante tempo que não me refiro a minha preceptora, que durante longa parte desse tempo, se não todo ele, estivera gravemente doente; ao ver-se às portas da morte em consequência da enfermidade, tal como eu me vira devido à sentença, tornou-se sincera penitente; não tenho falado dela, repito, porque durante todo esse tempo não a vi; não obstante, como convalescia e já começava a sair de casa, visitou-me.

Falei-lhe de minha situação e da multidão de tormentos e esperanças que haviam me sacudido, contei como havia escapado da força e sob qual condição, e ela estava presente quando o clérigo expressou seu temor de que eu recaísse no mal ao ver-me de novo em meio a uma sociedade ignóbil como a formada pelos exilados; com efeito, eu era a primeira a sentir esse receio, pois bem conhecia a récua assustadora que me faria companhia no exílio, e comentei com minha preceptora que os temores do bom pastor não eram fora de propósito: “ora”, disse ela, “mas espero que você não se deixe tentar por exemplos tão tenebrosos”; e assim que o clérigo se despediu e partiu, ela me disse que não queria desalentar-me, pois talvez eu pudesse achar, sozinha, meios e modos para solucionar meu problema, assunto sobre o qual voltaria a conversar comigo.

Olhei para ela com atenção e pareceu-me mais animada que de hábito, e logo me passaram pela mente mil ideias relacionadas a minha iminente liberdade, mas não pude, de forma alguma, imaginar que métodos seriam esses ou pensar em algum que tivesse a mínima exequibilidade; no entanto, a questão me afligia demais para deixar que minha preceptora fosse embora sem me dar uma explicação, o que ela relutava em fazer; mesmo assim minha insistência triunfou, e enquanto eu ainda insistia, ela me respondeu em poucas palavras, dizendo, “ora, você tem dinheiro, não tem? já ouviu falar, em toda a sua vida, de algum deportado que tivesse cem libras no bolso? aposto que não, menina!”.

Entendi, de repente, suas insinuações, mas respondi que deixava tudo em suas mãos, embora não visse como esperar qualquer coisa que não fosse o cumprimento estrito da sentença, que, por dura que fosse, era tida como uma mercê; ela limitou-se a dizer, “veremos o que se pode fazer”, e com isso nos despedimos naquela noite.

Assinada a ordem de deportação, permaneci encarcerada cerca de quinze semanas mais; desconheço os motivos, mas o certo é que ao fim desse tempo fui metida num navio no Tâmis, junto com as treze criaturas mais vis e obstinadas que Newgate já havia abrigado em meu tempo; seria necessária uma exposição mais extensa para descrever o grau de perversidade e audaciosa ignomínia a que esses treze réprobos haviam chegado, bem como seu comportamento durante a viagem; disso ouvi uma incrível narrativa, da qual o capitão do barco me deu um resumo e cujos pormenores encarregou seu imediato de registrar.

Acredito ser por demais tedioso apresentar aqui uma narrativa dos pequenos incidentes que me sucederam nesse período, vale dizer, entre a ordem definitiva de minha deportação e o momento de meu embarque no navio, e estou muito perto do fecho de minha história para me ocupar deles; não posso omitir, porém, o que aconteceu entre mim e meu marido de Lancashire.

Como já comentei, ele fora transferido, com três de seus companheiros, das celas das alas comuns da prisão para a ala central, onde a vida era menos dura, uma vez que depois de certo tempo haviam detido um quarto homem para juntar a eles; não sei por que razão foram mantidos em custódia, sem serem julgados, por quase três meses; ao que pareceu, acharam meios de subornar algumas testemunhas de acusação, pois que para serem condenados havia necessidade de provas; depois de algumas incertezas ligadas a essa questão, foram reunidas provas suficientes contra dois deles para que fossem julgados e enforcados; no entanto, os dois restantes, e um deles era o meu marido de Lancashire, continuavam ali, com a sentença suspensa – segundo creio, havia uma prova incontestável contra cada um deles, mas a Justiça impunha duas testemunhas de acusação, e assim nada podia ser feito; entretanto, parece também que os juízes estavam resolvidos a não pô-los em liberdade, devido à certeza de que por fim surgiria uma prova nova; e para apressar o aparecimento dessa prova, distribuíram-se avisos públicos anunciando que aqueles velhacos haviam sido detidos e que as pessoas que tivessem sido roubadas por eles deveriam comparecer à prisão para identificá-los.

Aproveitei a oportunidade para satisfazer minha curiosidade; fingi ter sido assaltada na diligência de Dunstable, e disse que queria ver de perto os dois salteadores; quando entrei na ala central da prisão estava tão disfarçada e trazia o rosto tão coberto que ele pouco podia ver de mim, e portanto não me reconheceu; quando saí, anunciei de público que os conhecia muito bem; imediatamente correu por toda a prisão a notícia de que Moll Flanders deporia contra um dos salteadores de estradas e que, graças a isso, escaparia da deportação.

Os dois presos ouviram o boato e meu marido logo quis encontrar essa sra. Flanders que tão bem o conhecia e se dispunha a testemunhar contra ele; como era de esperar, fui autorizada a visitá-lo – vesti-me com as melhores roupas com as quais pudesse permitir-me aparecer num local daqueles e dirigi-me à ala central, mas durante algum tempo mantive o rosto coberto por um capuz; de início ele pouco falou, mas perguntou se eu o conhecia; respondi que sim, e muito bem; entretanto, além de esconder o rosto, também

alterava a voz, de forma que ele nem sequer imaginava quem fosse eu; quis saber onde eu o vira, eu disse que fora entre Dunstable e Brickhill, mas, virando-me para o guarda ao lado, perguntei se eu não poderia ser autorizada a conversar a sós com o preso; o homem respondeu que sim, como eu quisesse, e educadamente se retirou.

Assim que ele saiu, fechando a porta, tirei o capuz e, rompendo em lágrimas, disse, “não me reconhece, querido?”; ele empalideceu, como que fulminado por um raio; não pôde proferir palavra e, incapaz de dominar o assombro, só pôde dizer, “preciso me sentar”; sentando-se junto de uma mesa, apoiou nela os cotovelos e, segurando a cabeça com uma das mãos, fixou o olhar no chão, como um idiota; já eu, chorava tão copiosamente que um longo tempo se passou antes que pudesse voltar a falar, mas depois que as lágrimas desafogaram um pouco minha emoção, repeti as mesmas palavras, “meu querido, você não me reconhece?”; ele respondeu que sim, mas nada mais disse por um bom tempo.

Mais adiante, ainda atônito, olhou para mim e perguntou, “como você pode ser tão cruel?”; não compreendi de pronto o que ele queria dizer, e respondi, “como pode me chamar de cruel? em que fui cruel com você?”; “por acaso vir ver-me num lugar como este não é o mesmo que me insultar?”, disse ele, “eu nada lhe roubei, pelo menos não numa estrada!”.

Diante disso, dei-me conta de que ele nada sabia da triste situação em que me encontrava; ademais, julgava que tomara conhecimento de que ele estava ali e resolvera procurá-lo para queixar-me de que ele me abandonara; entretanto, eu tinha coisas demais a dizer para me sentir afrontada, e em poucas palavras garanti-lhe que nada estava mais distante de minha intenção, ao fazer aquela visita, que insultá-lo, e que tudo o que eu desejava era, no máximo, consolar-nos um ao outro; ele se convenceria disso assim que percebesse que minha situação era pior que a dele, em muitos sentidos; ao ouvir essas palavras, ele se mostrou perplexo e, com um sorriso estranho e certa expressão de atordoamento, perguntou, “como pode ser isso? você me vê a ferros, em Newgate, com dois de meus companheiros já executados, e diz que sua situação é pior do que a minha?”.

“Sabe, querido”, disse eu, “teremos de conversar durante muito tempo se eu começar a contar minha desgraçada história e se você estiver disposto a ouvir; no entanto, se estiver disposto a ouvi-la, logo chegará à conclusão de que minha situação é pior do que a sua”; “mas como é possível isso”, perguntou ele de novo, “se creio que serei condenado à morte na próxima sessão do tribunal?”; “você verá como é possível quando eu lhe disser que já fui condenada à morte três sessões atrás, e que se estou viva ainda é porque minha sentença foi suspensa – e então, minha situação não é pior que a sua?”.

Ele emudeceu mais uma vez, assombrado, e daí a pouco ficou de pé, exclamando, “que casal desafortunado! como foi possível acontecer isso?”; tomei-lhe a mão: “sente-se, meu querido”, disse, “e vamos comparar nossas desventuras; estou presa neste mesmo cárcere, e numa situação bem pior do que a sua, e quando souber dos pormenores você verá que não vim aqui para ofendê-lo”; sentamo-nos juntos e contei minha história, na

medida que me pareceu conveniente, chegando até o ponto em que me vi reduzida à extrema pobreza, e declarando que caíra numa roda de más companhias que me haviam levado a procurar resolver minha triste situação por meios que até então eu desconhecia por completo; contei ainda que quando, junto de pessoas desse grupo, tentei roubar a casa de um comerciante, fui detida no momento em que já cruzava a porta, pois a criada me puxara para dentro de novo; destaquei que não forçara nenhuma fechadura nem tirara coisa alguma de dentro da casa, mas que mesmo assim fui considerada culpada e condenada à morte; entretanto, antes da execução, comovidos com a dureza de minha vida, os juízes tinham tomado medidas para conceder-me um indulto, se eu aceitasse a deportação.

Contei também que não gozara de nenhuma facilidade na prisão por ter sido confundida com certa Moll Flanders, ladra famosa e bem-sucedida de quem todos tinham ouvido falar, sem que nunca a tivessem visto; contudo, como ele bem sabia, esse não era meu verdadeiro nome, mas atribuí tudo a minha má sorte e ao fato de que com esse nome fui vista como uma delinquente contumaz, embora nunca tivesse me envolvido antes com a Justiça; fiz uma longa explanação de tudo quanto me acontecera desde a última vez que nos encontramos, mas contei que o vira de novo em certa ocasião que ele nem poderia imaginar, quando o avistara em Brickhill; lembrei-lhe que o perseguíam com furor, mas como eu me apressara a espalhar que o conhecia como o sr. ***, um cavalheiro índito, o grupo se dispersou e o beleguim que o chefiava voltou atrás.

Ele escutou com atenção minha história, sorrindo ao ouvir a maioria dos detalhes, todos de somenos importância, nada que se comparasse às aventuras de que ele participara; no entanto, quando contei o sucedido na pequena Brickhill, ele se mostrou espantado – “então, foi você, minha querida”, exclamou, “quem deu o xeque-mate na turba que estava em nosso encalço em Brickhill?”; “sim”, respondi, “eu mesma”; e narrei tudo de que me recordava com relação àquele episódio; “bem, nesse caso foi você quem me salvou a vida nessa ocasião, e fico contente por devê-la a você; pagarei minha dívida agora, tirando-a da situação em que você está neste momento, nem que isso custe minha vida”.

Pedi que nada fizesse, pois o risco era excessivo, não pagava a pena ele se arriscar, sobretudo por uma vida que nem valia tanto; ele redarguiu que uma coisa não tinha nada a ver com a outra, pois era uma vida que para ele valia o mundo inteiro, uma vida que lhe dera vida nova; “porque até o dia recente em que fui encarcerado”, explicou, “nunca corri um perigo real de ser preso, a não ser naquela vez”; contou-me então que naquele dia correria perigo por não saber que estava sendo perseguido na região, pois a partir de Hockley tinham tomado outra estrada, chegando a Brickhill por campos cultivados, e não pela estrada real, e estavam convencidos de que ninguém os vira.

A partir desse momento, ele começou a me contar a sua vida, que na verdade constituiria uma narrativa curiosíssima, além de ser infinitamente interessante; contou-me que fora saltador de estradas durante doze anos, antes de se casar comigo, que na verdade a mulher que o chamava de irmão não era sua irmã, nem sequer parente dele, e

sim uma integrante do bando; mantendo contato constante com eles, sempre vivera na cidade, onde tinha grande número de conhecidos, o que lhes valia informações precisas sobre pessoas que saíam da cidade, e graças ao acordo com ela a quadrilha fizera muitas incursões das mais rendosas; disse ainda que ela supunha ter-lhe proporcionado uma fortuna quando me levou a ele, mas que nisso havia se equivocado, coisa pela qual ele não podia, na verdade, culpá-la de nada; disse que se a sorte lhe houvesse sorrido e eu tivesse mesmo grande fortuna, decidira abandonar a profissão e levar uma existência honesta e retirada, mas sem jamais aparecer em público até que uma anistia geral fosse promulgada ou até ele conseguir, graças a seu dinheiro, naturalmente, incluir também seu nome em alguma lei especial de anistia, de modo a poder levar a vida com absoluta tranquilidade; no entanto, como as coisas saíram bem diferentes, ele se viu obrigado a desfazer-se de seus cavalos e laçaios e retomar o antigo ofício.

Narrou com abundância de detalhes alguns de seus feitos, em especial um deles, no qual roubou as diligências de West Chester, perto de Lichfield, que lhe rendeu ganhos polpudos, e o ataque a cinco pecuaristas que se dirigiam à feira de Burford, em Wiltshire, para comprar carneiros; disse que juntara tanto dinheiro nessas duas ocasiões que, se soubesse onde me encontrar, com certeza teria aceitado minha proposta de ir comigo para a Virgínia ou para qualquer outra parte das colônias inglesas na América.

Disse ter-me escrito duas ou três cartas, remetidas à indicação de morada que lhe dera, mas não recebeu resposta; isso eu sabia ser mais que verdadeiro, mas como as cartas chegaram a minhas mãos no período em que eu estava com meu último marido, nada pude fazer e por isso preferi não responder, de modo a fazê-lo crer que teriam se perdido.

Tendo sofrido aquele dissabor, disse, continuou a exercer sua antiga profissão, embora então já tivesse tanto dinheiro que não corria mais riscos extremos como antes; a seguir falou-me de alguns embates difíceis e perigosos que tivera na estrada com viajantes que resistiam encarniçadamente a abrir mão de seu dinheiro, e mostrou-me ferimentos que sofrera; dois deles eram de fato horríveis: o primeiro, causado por uma bala de pistola, quebrara-lhe o braço; o outro fora provocado por uma espadeirada que lhe trespassara o corpo, mas, não atingindo nenhum órgão vital, pôde ser tratado; um de seus camaradas demonstrou sua lealdade e afeição ao ajudá-lo a cavalgar por cerca de cento e trinta quilômetros para que a fratura do braço pudesse ser reduzida; para tanto, localizou um cirurgião numa cidade de bom tamanho, longe do lugar onde se dera a refrega, simulando serem comerciantes que, viajando para Carlisle, tinham sido atacados por bandoleiros na estrada, e que um deles fora ferido por um tiro que lhe quebrara o braço; o companheiro soube apresentar tão bem a situação que ninguém suspeitou deles, e ali permaneceram em paz até o ferimento estar bem curado; muitas outras coisas ele me contou sobre suas andanças, mas infelizmente tenho de omiti-las, uma vez que aqui narro minha história, e não a dele.

A seguir, inquiri sobre os pormenores de sua situação presente e o resultado que esperava quando fosse julgado; assegurou-me que não havia provas contra eles, ou eram

bastante escassas; por sorte, nos três roubos de que eram acusados ele participara de apenas um, e disso só havia uma testemunha de acusação, o que não bastava; no entanto, esperava-se que surgissem outras, e na verdade ele imaginara, ao me ver, que eu estava ali com esse intuito; entretanto, se ninguém se apresentasse para depor contra ele, tinha esperança de ser solto: já lhe haviam insinuado que, submetendo-se de livre e espontânea vontade à deportação, a pena lhe poderia ser concedida mesmo sem julgamento; ele, porém, não conseguia nem pensar nisso com calma, e julgava muito mais fácil deixar-se enforcar.

Censurei-o por essas palavras, e disse que se o fazia era por duas razões: em primeiro lugar, se o deportassem ele disporia de mil recursos, por ser um cavalheiro, como de fato era, além de homem corajoso e empreendedor, para achar o caminho de volta à pátria, e talvez até os recursos e meios de voltar antes de ir; essa observação fez com que sorrisse, e respondeu que a segunda hipótese agradava-lhe mais, pois horrorizava-o a ideia de ser exilado para as *plantations*, tal como os antigos romanos destinavam ao trabalho nas minas os escravos condenados; disse também que, fosse como fosse, considerava a passagem desta vida para uma outra muito mais tolerável por meio do patíbulo, e que assim pensavam, de modo geral, todos aqueles que, por necessidades pecuniárias, eram levados a correr mundo – isso porque a execução ao menos punha fim a todas as misérias da vida terrena, e com relação ao que vinha em seguida, em sua opinião era mais fácil para uma pessoa arrepende-se sinceramente na última quinzena de vida, sob os efeitos e as agonias do cárcere e da cova dos condenados, que nas florestas e ermos da América; que a servidão e os trabalhos forçados eram privações a que um cavalheiro jamais poderia habituar-se, e que não passavam de um meio de obrigá-los a serem seus próprios carrascos, o que era muito pior, e que por isso não queria nem pensar em deportação.

Fiz todos os esforços que me foram possíveis para persuadi-lo, e aliei a meus argumentos a famosa retórica feminina, vale dizer, as lágrimas; disse que a infâmia de uma execução pública com certeza pesaria mais sobre o espírito de um cavalheiro do que qualquer uma das humilhações que ele tivesse de suportar no estrangeiro, que com o exílio ele tinha ao menos a possibilidade de salvar a vida, ao passo que em seu país não tinha nenhuma, que seria para ele a coisa mais fácil do mundo granjear a amizade do capitão do navio, que, no caso de assemelhar-se a seus colegas, certamente seria um homem bem-humorado e de vistas largas; com jeito e a ajuda de algum dinheiro, decerto não haveria dificuldade para comprar a liberdade assim que chegasse à Virgínia.

Ele olhou para mim, pensativo, e supus adivinhar o que estava pensando, ou seja, que não tinha dinheiro, mas me enganei, pois sua mente estava em outra coisa: “você acabou de insinuar, minha querida”, disse ele, “que talvez haja um meio de evitar a viagem, o que me fez entender que existe a possibilidade de subornar alguém aqui; prefiro gastar duzentas libras para evitar a deportação a pagar cem para ser posto em liberdade ao chegar lá”; “você diz isso”, respondi, “porque nunca esteve naquele lugar, como eu”; “pode ser”, disse ele, “mas, pelo que a conheço, creio que você pensaria do mesmo modo que eu se não fosse o fato de ter sua mãe lá”.

Respondi que, no tocante a minha mãe, era quase impossível que não tivesse falecido havia vários anos; com relação a outros parentes que porventura eu pudesse ter por lá, nada sabia deles – devido aos infortúnios com que me defrontara nos últimos anos, e que me haviam reduzido à miséria, não mantivera com eles contato algum, e por isso cabia esperar que me recebessem com frieza se lhes fizesse a primeira visita na condição de delinquente deportada; por conseguinte, se eu fosse mesmo para lá, estava decidida a não procurá-los; não obstante, coubesse a mim o destino ir para a América, eram muitos os planos que traçara e que faziam desaparecer o lado pior da questão; quanto a ele, se fosse também obrigado a partir, eu trataria de dar-lhe orientação segura de como proceder para que nunca precisasse rebaixar-se a trabalhar como servo, sobretudo porque eu via que não lhe faltava dinheiro, que numa situação semelhante era sempre o único amigo.

Ele sorriu e falou que não me dissera que tinha dinheiro; interrompi-o para dizer que ele entenderia mal minhas palavras e que eu não esperava nenhuma ajuda em dinheiro da parte dele, caso o tivesse; e que, pelo contrário, conquanto eu não dispusesse de muito, tampouco me faltava, e que até preferia juntar o meu ao seu a tirar qualquer quantia dele, pois me dava conta de que, se fosse deportado, ele precisaria do máximo possível.

Respondeu-me num tom muito afetoso, dizendo que o que dispunha não chegava a ser muito, mas que nunca me negaria nada de que eu precisasse, garantindo que suas palavras não exprimiam de forma alguma tais intenções, e que ele só pensava na minha insinuação de como evitar a partida: na Inglaterra ele sabia bem como se conduzir, mas na América seria o ser mais ignorante e desvalido do mundo.

Eu disse que ele se angustiava e se aterrorizava com algo que não podia causar medo algum, e que se ele tinha dinheiro, como me comprazia saber que tinha, poderia evitar não só a servidão, que ele temia ser consequência da deportação, como lograria começar uma vida sobre bases novas, e uma vida na qual com certeza teria êxito, contanto dedicasse a sua ocupação o empenho habitual nesses casos; que ele não deixasse de lembrar que fora isso que lhe recomendara muitos anos antes, e que o propusera para que aquilo fosse nossa fonte de renda e ponto de partida para enriquecermos; e acrescentei, para convencê-lo tanto da segurança da empresa quanto de que eu sabia do que falava, que me livraria da obrigação de partir e, uma vez livre, iria com ele para a Virgínia por minha própria vontade; e talvez levasse dinheiro bastante para lhe demonstrar que não propunha essa solução por não ser capaz de viver sem sua ajuda, e sim porque considerava que nossas respectivas desventuras justificavam que deixássemos juntos aquela parte do mundo para viver onde ninguém pudesse nos verberar por nosso passado: um lugar onde pudéssemos viver sem medo do cárcere, sem nunca mais passar pela agonia da cova dos condenados; um lugar onde pudéssemos voltar o olhar para trás e ver com infinita satisfação todos os nossos desastres passados, confiantes de que nossos inimigos nos olvidariam por completo e que poderíamos viver como novos habitantes de um mundo novo, sem que ninguém tivesse nada a nos dizer, nem nós a ninguém.

Insisti nisso, valendo-me de tantos argumentos e refutando tão bem suas vivas objeções que ele me abraçou e disse que mostrara tanta sinceridade e afeto que o

convencera; declarou que daria ouvidos a meu conselho e se esforçaria por submeter-se a sua sorte com a esperança de contar com o consolo de meu apoio e de ter em sua aflição uma conselheira tão fiel e uma companheira como eu; no entanto, voltou a recordar-me o que eu mencionara antes, ou seja, que talvez houvesse algum meio de ele se livrar da deportação antes de partir, e que talvez fosse possível evitar de todo a viagem, o que em seu entender seria muito melhor; respondi que ele logo saberia, e que tivesse certeza de que eu me desdobraria também com relação a isso, e que mesmo se fracassasse em meu empenho, eu me esforçaria mais ainda quanto ao resto.

Despedimo-nos, terminada essa longa entrevista, com mostras de ternura e afeição iguais, se não superiores, às de nossa separação em Dunstable; compreendi agora, com mais clareza que antes, o motivo pelo qual naquela ocasião ele se recusara a ir além de Dunstable na direção de Londres, e também por quê, quando nos despedimos então, ele me disse que não lhe era conveniente acompanhar-me por um trecho da estrada em direção a Londres, como de hábito teria feito; já disse aqui que a narrativa de sua vida seria uma história muito mais interessante do que a minha, e na verdade o mais curioso era o fato de ele ter exercido essa desgraçada ocupação durante nada menos que vinte e cinco anos sem nunca ter sido preso, e sua carreira bem-sucedida fora tão extraordinária que ele chegou a desfrutar de vida regalada, afastando-se das estradas e morando em algum lugar durante um ano ou dois, com um criado para servi-lo, e com frequência teve até oportunidade de sentar-se em cafés para ouvir da boca de suas próprias vítimas recordações de como tinham sido assaltadas, acompanhadas de referências a lugares e circunstâncias que lhe permitiam facilmente identificar tais e quais ataques sem deixar lugar a dúvidas.

Ao que parece, morava perto de Liverpool na época em que contraiu suas tristes núpcias comigo, por crer-me riquíssima; acredito realmente que, como ele disse, se eu fosse rica como ele esperava, teria se reformado e vivido honestamente todos os seus dias.

Em meio a todas as suas desgraças, teve, porém, a sorte de não se achar no local onde fora cometido o roubo pelo qual foi incriminado, e por isso nenhuma das vítimas podia testemunhar contra ele sob juramento, tampouco podia imputar-lhe alguma acusação; no entanto, quando foi preso com o resto da quadrilha, um camponês taramela jurou que ele estava presente e, dada a possibilidade de que surgissem outras testemunhas, por causa do aviso que haviam feito publicar, esperavam encontrar mais provas contra ele, e por isso foi mantido sob custódia.

Contudo, como vim a saber, a proposta de deportação lhe fora feita graças à intercessão de um personagem de muita importância, que insistiu com ele para que a aceitasse, de preferência a um julgamento; como ele sabia que poderiam aparecer várias testemunhas contra ele, eu considerava que seu amigo tinha razão e reiterei dia e noite minhas súplicas de que ele não tardasse a dar sua resposta.

Enfim, muito contrariado, ele deu seu consentimento, mas como a deportação não lhe fora concedida por via judiciária – mediante petição, como no meu caso –, surgiu um obstáculo para evitar que ele deixasse de embarcar, como eu dissera que talvez fosse

possível: seu bom amigo que intercedera para que ele conseguisse aquele benefício depositara uma caução para garantir que ele faria a viagem por conta própria e que não voltaria antes da expiração do prazo de exílio, em geral de sete anos.

Esse contratempo pôs fim a todos os meus planos, já que as providências que tomei em seguida para minha própria libertação tornaram-se de todo inúteis, a menos que eu o abandonasse e o deixasse ir sozinho para a América; ele protestou, dizendo que preferia correr o risco do processo, conquanto com certeza seria conduzido diretamente à forca.

Devo, porém, voltar a meu próprio caso; a data de minha deportação, de acordo com a sentença, aproximava-se; minha preceptora, que continuava a ser a amiga de todas as horas, tentara lograr um perdão, impossível sem um desembolso demasiado oneroso para meus recursos, que me deixaria sem eira nem beira, só me restando retornar ao antigo ofício: seria pior que a deportação, pois na América eu sabia que poderia viver, mas em meu país, não; o bom clérigo envidou seus melhores esforços para evitar minha deportação, mas disseram-lhe que como minha pena já fora comutada antes, graças a sua intervenção, ele não devia voltar a interceder em meu favor; ele lamentou profundamente que tivesse de partir, pois zelava por mim e, como dizia, receava que eu esquecesse os bons propósitos que o espectro da morte criara em mim e que, desde então, tinham se intensificado com suas exortações.

Por outro lado, na verdade eu não relutava tanto em viajar como antes, mas fiz o que pude para ocultar ao pastor meus motivos, e até o fim ele supôs que eu partia contra a vontade e angustiada.

Em fevereiro, com outros sete sentenciados, como nos chamavam, fui posta a bordo de um navio fundeado no trecho do porto conhecido por Deptford Reach, sendo entregue aos cuidados de um comerciante que fazia negócios na Virgínia; um agente da prisão encarregou-se de nos embarcar, e o capitão assinou o documento de consignação.

Passamos a primeira noite metidos no porão, num ambiente tão confinado que temi morrer sufocada por falta de ar; na manhã seguinte, o navio levantou ferro e desceu o rio até um local que chamam de Bugby's Hole, o que foi feito, segundo nos informaram, para eliminar toda possibilidade de fuga e com a aprovação do comerciante; não obstante, quando o barco ali chegou e lançou âncora, deram-nos mais liberdade e, sobretudo, permitiram-nos subir à coberta, mas não ao tombadilho, área reservada ao capitão e aos passageiros.

Quando notei que zarpávamos, pela azáfama dos marujos sobre minha cabeça e pelo movimento do barco, de início tive uma sensação desagradável, pois receei que começaríamos a viagem de imediato, sem que nossos amigos pudessem vir a bordo para despedir-se de nós; tranquilizei-me ao perceber que o navio ancorava de novo, e pouco depois alguns tripulantes nos informaram onde estávamos e que no outro dia, de manhã, teríamos permissão para subir à coberta e receber os amigos, se os tivéssemos.

Passei toda aquela noite deitada nas duras tábuas da coberta, tal como os demais prisioneiros, mas depois pudemos dispor de pequenas cabines em que podiam dormir os presos que tivessem roupa de cama, e onde havia espaço para alojar um baú ou malas

de roupas, se bem que, cabe dizer, alguns presos não possuíam nem uma camisa para vestir ou um farrapo de pano ou de lã além da roupa que traziam no corpo, para não falar de um trocado no bolso com que se arranjar; notei contudo que não se davam tão mal no navio, mormente as mulheres, que, lavando as roupas dos marujos, ganhavam algum dinheiro, o suficiente para comprar todas as miudezas de que precisavam.

Na manhã seguinte, ao sermos autorizados a subir à coberta, perguntei a um dos oficiais do navio, que segundo creio era o contramestre, se poderia enviar uma carta a terra a fim de informar a meus amigos onde se achava o barco e solicitar que me trouxessem algumas coisas; o homem mostrou-se muito gentil e solícito, e disse que teria todo o prazer em me fazer tal favor ou qualquer outro que eu pedisse e ele pudesse conceder sem correr riscos; respondi que nada mais desejava além disso, e ele disse que quando o escaler do navio fosse a Londres, com a próxima maré, ele faria com que minha carta fosse levada a terra.

Com efeito, quando o escaler estava para sair, o contramestre veio me perguntar se eu escrevera a carta que ele deveria fazer chegar a quem de direito; como é de imaginar, eu me munira com antecedência de pena, tinta e papel, e já escrevera a carta a minha preceptora, à qual juntei outra, esta dirigida a um companheiro de prisão, mas sem dar nenhuma indicação de que se tratava de meu marido; na carta para minha preceptora, indiquei a localização do navio e pedi que enviasse certas coisas, as quais, como eu sabia, ela preparara para minha viagem.

Ao entregar a carta ao contramestre, dei-lhe também um xelim, dizendo que era uma propina para o mensageiro; pedi que lhe recomendasse entregar a missiva assim que tocasse em terra; se possível, gostaria que o mesmo mensageiro me trouxesse uma resposta, confirmando se as coisas seriam trazidas – “na verdade, meu senhor”, eu disse, “se o navio partir antes que eu tenha a bordo o que pedi, estarei perdida”.

Tive o cuidado, ao entregar o xelim ao contramestre, de fazer entender que eu me achava mais bem de vida que os prisioneiros comuns, exibindo-lhe uma bolsa com bastante dinheiro: tanto bastou para que ele passasse a me dispensar um tratamento muito diferente daquele que, de outra forma, eu teria recebido no navio; com efeito, embora o homem tivesse se mostrado muito obsequioso desde a primeira vez que lhe falei, por uma espécie de instintiva compaixão para comigo, mulher infeliz, a partir de então ele se desdobrou em atenções e tomou medidas para que eu fosse muito mais bem-tratada no navio do que seria de esperar, como se verá mais adiante.

Ele fez a carta chegar às mãos de minha preceptora sem demora, e trouxe sua resposta por escrito; ao entregar a missiva, devolveu-me o xelim; “eis aqui sua moeda”, disse-me, “pois eu mesmo entreguei a carta”; quedei muda de perplexidade, mas depois de uma pausa pude dizer, “o senhor foi muito amável, mas seria razoável que com esse xelim o senhor pagasse o coche que o levou à morada”.

“De modo algum”, ele disse, “já me considero muito bem pago: quem é a dama? sua irmã?”; “não, senhor”, respondi, “não é minha parente, mas uma boa amiga – aliás, a única amiga que tenho no mundo”; “bem, existem poucos amigos assim no mundo”,

disse ele – “por sua causa, ela chorava como uma criança”; “sim”, respondi, “eu sei que ela seria capaz de dar cem libras para não me ver nesta terrível situação”.

“Ela faria isso?”, disse ele, acrescentando, à meia-voz, para que ninguém o ouvisse, “por metade dessa quantia creio que poderia lhe proporcionar um meio de livrar-se dessa situação.”

“Pobre de mim!”, exclamei, “nesse caso seria uma liberdade que, caso eu voltasse a ser presa, me custaria a vida”; “é verdade”, redarguiu ele, “mas uma vez fora do navio, a senhora teria de cuidar-se bem; mas isso já não me compete” – dito isso, não pronunciamos mais palavra sobre o assunto.

Nesse meio-tempo, minha amiga, fiel até o último instante, entregara ela mesma a carta a meu marido, esperara a resposta e, no dia seguinte, veio em pessoa ao navio, trazendo-me uma cama de armar com lençóis e colchas, tudo muito completo mas sem luxos desnecessários; trouxe também uma canastra como as usadas por marinheiros, com tudo o que eu pudesse precisar, provida de uma gaveta secreta que era o meu banco, ou seja, onde eu escondia meu dinheiro; quer dizer, a parte que resolvera levar comigo, pois o restante ficaria com minha preceptora e me seria enviado depois, na forma de artigos de que precisasse quando abrisse um negócio; sabia que dinheiro vivo não era muito importante na América, onde tudo se comprava com fumo, e não valia a pena levar todo o meu capital de uma vez só.

No entanto, meu caso era especial: a ninguém convinha, de modo algum, chegar lá sem dinheiro ou bens, mas para uma pobre sentenciada como eu, destinada a ser vendida como serva sob contrato assim que pisasse em terra, ter consigo uma carga de bens chamaria demais a atenção e eu correria o risco de que as pessoas se apossassem deles; assim resolvi embarcar com apenas parte de minhas economias e deixar o restante com minha preceptora.

Ela me levou também muitas outras coisas, mas não era prudente que me mostrasse a bordo demasiado bem-provida, pelo menos até saber que tipo de capitão era o nosso; quando ela chegou ao navio, julguei realmente que fosse vê-la morrer ali mesmo: desesperou-se ao me ver e, ao dar-se conta de que ia se separar de mim em tais condições, rompeu num choro tão aflito que durante um bom tempo não pudemos trocar palavra.

Aproveitei para ler a carta de meu companheiro de cárcere, e confesso que ela me deixou perplexa: ele me dizia que estava resolvido a ir para a Virgínia, mas que seria impossível ser indultado a tempo de seguir comigo no mesmo navio; pior ainda, duvidava que lhe permitissem tomar o navio que lhe aproovesse, ainda que viajasse por conta própria, e afirmava que o embarcariam num navio qualquer, entregando-o em custódia juntamente com outros sentenciados; por isso, começava a perder a esperança de voltar a me ver até chegar à Virgínia, o que o deixava à beira do desespero; ademais, se eu não estivesse lá, talvez devido a uma desgraça no mar ou a alguma outra calamidade mortal, ele seria a pessoa mais desventurada na face da Terra.

Tudo isso era muito aflitivo, e eu não soube como me comportar; contei a minha preceptora a história do contramestre, e ela me instou a entrar num acordo com ele;

entretanto, não podia me interessar por essa ideia sem saber se meu marido, ou meu companheiro de prisão, como ela o chamava, receberia ou não permissão para viajar comigo; por fim, vi-me forçada a contar-lhe toda a verdade, ocultando apenas que ele era meu marido: disse que havíamos chegado a um acordo para viajarmos juntos, se ele lograsse autorização para seguir no mesmo navio, e que eu viera a saber que ele tinha dinheiro.

Depois expus com abundância de detalhes o que estávamos decididos a fazer quando chegássemos à Virgínia: iríamos nos alojar em algum lugar, trabalharíamos a terra e, em resumo, enriqueceríamos sem mais aventuras; e como se tratasse de um grande segredo, disse que nos casaríamos assim que estívéssemos reunidos a bordo.

Logo que ouviu tudo isso, ela aceitou alegremente que eu viajasse, e a partir daquele instante empenhou-se com afínco em conseguir que ele fosse solto a tempo de viajar no mesmo navio que eu; acabou tendo êxito nessa tarefa, embora com muitas dificuldades e de modo tal que ele precisava embarcar como sentenciado deportado, o que na realidade ele não era, pois não fora julgado, e isso causava-lhe enorme mortificação; ao ver que nossa sina tinha sido decidida de uma vez por todas e que estávamos a bordo de um navio prestes a zarpar para a Virgínia, na desprezível condição de presos deportados destinados ao trabalho de servos sob contrato, eu por cinco anos, e ele sob a obrigação e garantia de não voltar nunca mais à Inglaterra enquanto vivesse, meu companheiro mergulhou num abatimento profundo e ficou muito melancólico; a humilhação de ser posto a bordo daquela forma, como um celerado, deixou-o muito ressentido, pois de início fora-lhe assegurado que viajaria em liberdade e como um cavalheiro; é verdade que não pesava sobre ele a imposição de ser posto a trabalhar como servo sob contrato ao chegar lá, como nós, e por isso teve de pagar sua passagem ao capitão, o que os condenados não precisavam fazer; quanto ao resto, mostrava-se desvalido como uma criança, sem saber como comportar-se e tendo de receber instruções para tudo.

A primeira coisa que fizemos foi comparar nossos haveres; ele se mostrou muito honesto comigo, confessando que ao chegar à prisão levava a bolsa bem-provida, mas que lhe saíra caríssimo viver ali fingindo-se de grão-senhor; ademais, fazer amigos e arcar com as despesas necessárias para aliviar sua situação lhe custara dez vezes mais; para abreviar a história, tudo o que lhe restava eram cento e oito libras, que ele trazia consigo em moedas de ouro.

Com a mesma honestidade, mostrei-lhe o que possuía, ou seja, o que decidira levar comigo, pois estava determinada a deixar uma reserva nas mãos de minha preceptora, houvesse o que houvesse; se eu morresse, a quantia que tinha comigo não era desprezível e caberia a meu marido, e o que eu deixara com minha preceptora ficaria para ela, que bem o merecia.

O que eu trazia comigo ascendia a duzentas e quarenta e seis libras e alguns xelins, de modo que, juntos, tínhamos trezentas e cinquenta e quatro libras, e talvez nunca alguém tivesse reunido, para começar vida nova, capital mais exíguo e mais mal-adquirido.

O pior em relação a nosso capital era que todo ele consistia em dinheiro, que todos

sabem ser de pouca valia nas *plantations*; eu acreditava que o dinheiro dele era realmente tudo o que lhe restava no mundo, como ele me disse; no entanto, eu, que possuía de setecentas a oitocentas libras quando a desgraça se abateu sobre mim, e que tinha, como administradora dessa fortuna, a mais fiel das amigas, levando em conta que ela não era uma mulher de princípios religiosos, tinha ainda depositadas em suas mãos trezentas libras de reserva, como disse acima; além disso, possuía vários objetos de valor, entre os quais dois relógios de ouro, algumas peças de prata e uns poucos anéis, tudo roubado; prataria, anéis e relógios estavam guardados em meu cofre com o dinheiro, e com tal fortuna, no sexagésimo primeiro ano de minha vida, eu me lançava num mundo novo, posso dizer, na condição, ao menos na aparência, de pobre condenada desvalida, deportada para escapar à força; minhas roupas eram pobres e feias, se bem que não esfarrapadas ou sujas, e ninguém em todo o navio sabia que eu era dona de alguma coisa de valor.

Entretanto, possuía muitos vestidos de excelente qualidade e dispunha de roupa de cama em abundância; por ordem minha, tinham sido acondicionados em duas caixas grandes, que eu despachara naquele navio, não como bens meus, mas remetidos para a Virgínia sob meu nome verdadeiro; e tinha no bolso os documentos de carga firmados pelo capitão; nessas caixas estavam minha prataria e os relógios, bem como todos os meus bens de valor, com exceção do dinheiro, que eu mantinha na gaveta secreta da canastra;^[5] era um dinheiro que ninguém poderia achar, ou, se achasse, não poderia dele se apossar sem fazer a canastra em pedaços.

Nesse estado permaneci três semanas no navio, ignorando se viajaria com meu marido ou não, e, por conseguinte, indecisa quanto ao tratamento que devia dispensar ao honesto contramestre, que, na realidade, de início estranhou minha hesitação.

Passado esse tempo, eis que meu marido subiu a bordo: com uma expressão de desalento – internamente lhe consumiam fúria e desdém, por ser trazido por três carcereiros de Newgate e embarcado como sentenciado, quando nem sequer fora julgado! – queixou-se disso com veemência aos amigos influentes que o tinham ajudado, mas eles não tinham obtido êxito em suas intervenções, e disseram-lhe que ele já gozara de benefícios suficientes, além de quê, depois de dada a garantia da deportação, a Justiça tomara conhecimento de tantas coisas a seu respeito que ele devia dar-se por satisfeito por não o submeterem a um novo processo; essa consideração o acalmou de um momento para o outro, pois ele sabia muito bem o que poderia ter-lhe acontecido e o que poderia esperar; ademais, deu-se conta do bom passo que dera ao acatar meus conselhos e aceitar a proposta de deportação voluntária, e depois que se aplacou um pouco o rancor por aqueles cães danados, como os chamava, ele pareceu tranquilizar-se, começou a se alegrar e, quando lhe expressei meu contentamento por vê-lo mais uma vez livre, tomou-me nos braços e admitiu com muita ternura que eu lhe dera o melhor conselho possível; “querida, você salvou minha vida duas vezes”, disse, “de hoje em diante ela estará inteiramente a sua disposição e eu seguirei sempre seus conselhos”.

O navio começou a encher de gente; subiram a bordo muitos passageiros que

embarcavam não por motivos penais e tinham lugares reservados na grande cabine e em outras partes do barco, enquanto nós, os condenados, éramos metidos lá embaixo, não sei o nome do lugar; entretanto, quando meu marido chegou ao navio, falei com o contramestre, que já demonstrara seus préstimos ao levar em pessoa minha carta; disse que ele me prestara favores de vulto sem que eu lhe desse uma recompensa adequada, e enquanto lhe falava enfiei-lhe um guinéu entre as mãos; contei então que meu marido estava a bordo, e que, conquanto nos achássemos na mesma desventura atual, tínhamos sido pessoas de diferente condição da cambada de infelizes que nos acompanhavam; queríamos saber dele se havia possibilidade de o capitão nos permitir desfrutar de algumas das comodidades existentes a bordo, em troca do quê lhe daríamos todas as informações que desejasse, além de recompensá-lo pela atenção; o homem aceitou o guinéu com visível prazer e prometeu ajudar-nos.

A seguir disse que não tinha dúvida de que o capitão, uma das pessoas mais solícitas do mundo, concordaria em nos satisfazer todos os desejos, e para me tranquilizar acrescentou que na próxima maré iria a terra para falar com ele sobre nossa solicitação; na manhã seguinte, em que dormi pouco mais que de costume, quando me levantei e olhei em torno lobriguei o contramestre em meio aos demais tripulantes, atento a seus afazeres habituais; lamentei vê-lo ali, e quando avancei para lhe falar, ele me avistou e veio em minha direção; sem dar-lhe oportunidade de falar, adiantei-me, com um sorriso; “reccio que o senhor tenha se esquecido de nós, pois vejo que está muito atarefado”; “venha comigo e a senhora verá”, replicou ele, com presteza – a seguir, conduziu-me à grande cabine, onde estava sentado um belo tipo de homem, de ar muito senhoril para um lobo do mar – escrevia e havia muitos papéis diante dele.

“Aqui está a senhora sobre quem o capitão lhe falou”, disse o contramestre ao homem que escrevia; disse, virando-se para mim, “estive tão longe de esquecer seus interesses que visitei o capitão em sua casa e transmiti a ele fielmente a sua solicitação de contar com mais comodidades, juntamente com seu marido; o capitão determinou que esse senhor, o imediato do navio, e eu lhes mostremos o que quiserem ver, e que sejam acomodados como melhor lhes aprouver; disse também que garantisse que o casal não receberá o tratamento que no primeiro momento se poderia esperar, mas que contará com o mesmo respeito que os demais passageiros.”

Falou-me então o imediato, e, sem dar-me tempo para agradecer ao contramestre pela gentileza, confirmou tudo o que este dissera, acrescentando que era um prazer para o capitão mostrar-se amável e generoso, mormente com aqueles que se achavam em dificuldades; a seguir, mostrou-me diversos camarotes arrumados, alguns na cabine grande, e outros que, separados da casa do leme por divisórias, estavam voltados para a cabine grande e destinavam-se a passageiros, dando-me liberdade para escolher o que quisesse – optei por um desses últimos, na popa, com excelente espaço para nossa canastra e nossas caixas, além de mesa de refeições.

O imediato disse então que o contramestre dera tão boas referências de mim e de meu marido, no tocante a nossas boas maneiras, que o capitão ordenara comunicar-me que

deveríamos tomar as refeições com ele, se assim o desejássemos, durante toda a viagem, nas mesmas condições dos demais passageiros; além disso, poderíamos mandar vir provisões frescas, se quiséssemos; caso contrário, ele recorreria aos víveres da despensa habitual, que dividiríamos com ele; essas notícias me pareceram muito animadoras, depois de todas as agruras e percalços por que passara nos últimos tempos; agradei, dizendo julgar que o capitão deveria decidir como lhe parecesse mais conveniente, e pedi licença para me retirar e dar as notícias a meu marido, que não estava muito bem e não saíra do camarote; ainda indignado com a afronta (assim pensava) que lhe fora feita, a ponto de tornar-se outro homem, animou-se de tal modo ao ouvir minhas novas sobre o tratamento que teríamos no navio que voltou a ser o mesmo de sempre, e toda sua fisionomia mostrou novo vigor e nova coragem; é realmente verdade que são os espíritos mais fortes, quando submetidos a tribulações, que caem no mais fundo abatimento e se mostram mais predispostos ao desespero e à prostração.

Após breve pausa para recuperar-se do espanto, meu marido subiu comigo e agradeceu ao imediato a gentileza que nos dispensara e enviou por ele agradecimentos também ao capitão, propondo-se a pagar desde logo qualquer quantia que viesse a ser cobrada pela viagem e pelas comodidades que nos oferecera; o imediato disse que o capitão estaria a bordo de tarde, quando ele poderia falar-lhe pessoalmente; com efeito, ao chegar o capitão, comprovamos que era mesmo cortês e obsequioso como o contra-mestre o descrevera; por sua parte, simpatizou de tal modo com meu marido que, para resumir, não quis que ficássemos no camarote que havíamos escolhido, mas nos deu um outro, que, como eu disse antes, dava para a grande cabine.

Tampouco os preços que nos cobrou foram exorbitantes, e ele não procurou se aproveitar de nossas penas; por quinze guinéus tivemos passagem, refeições e camarote, além de comermos à mesa do capitão e sermos tratados à maravilha.

O capitão ocupava outra parte da grande cabine, pois cedera sua “rotunda”, como chamavam seu camarote, a um rico fazendeiro que viajava com a mulher e três filhos; esses cinco passageiros faziam as refeições à parte; havia também outros passageiros comuns, alojados na popa; quanto àqueles de nossa antiga confraria, foram mantidos sob a cobertura enquanto o navio permaneceu atracado, e só de raro em raro vinham ao convés.

Não pude abster-me de contar a minha preceptora o que acontecera: era justo que ela, que tanto zelava por mim, fosse posta a par de nossa boa sorte; ademais, eu precisava de sua ajuda para reaver vários itens que me eram necessários, mas de que antes não queria tornar pública minha posse; agora, porém, que dispunha de camarote e lugar para guardar coisas, pedi a ela grande quantidade de artigos necessários para nosso conforto na viagem, como brandy, açúcar, limões etc., para fazermos ponches e obsequiar nosso benfeitor, o capitão; e também vários produtos de comer e beber durante a viagem, além de um leito maior e roupa de cama a ele adequada; em poucas palavras, estávamos decididos a que nada nos faltasse durante a travessia.

No entanto, até aquele momento eu não me ocupara ainda do que precisaríamos ao chegar à América, quando iniciariamos nosso trabalho como agricultores; sabia o que

seria necessário, sobretudo no que se referia a implementos agrícolas, ferramentas para construção e mobília para nossa moradia, que, se comprada lá, sairia no mínimo pelo dobro do preço.

Discuti essa questão com minha preceptora, e ela procurou o capitão; falou-lhe de suas esperanças de que se encontrassem formas para que seus desventurados primos, como se referiu a nós, recuperassem a liberdade ao chegar à América, e assim, após esse preâmbulo, entabulou com ele uma conversa a respeito dos meios e das condições para obtê-la, e disso tratarei com pormenores mais adiante; depois de assim sondar o capitão, disse que, embora lamentássemos as circunstâncias que nos forçavam a fazer aquela viagem, não nos víamos privados de recursos para trabalhar em nosso novo país, e que estávamos resolvidos a comprar alguma terra e viver como agricultores, se achássemos maneira de ser encaminhados nessa direção; o capitão desde logo ofereceu seus préstimos, explicando-lhe como uma pessoa podia vir a ocupar-se desse tipo de trabalho, e que era fácil ou, melhor dizendo, infalível que gente laboriosa assim reouvesse sua fortuna; “senhora, naquela colônia ninguém é censurado”, disse ele, “por ali chegar em piores circunstâncias do que vejo estarem os seus primos, contanto que se dediquem com diligência e bom senso ao trabalho”.

Ela procurou informar-se em seguida sobre o que deveríamos portar conosco, e ele, como pessoa honesta e prática que era, respondeu, “senhora, em primeiro lugar seus primos devem encontrar alguém que os contrate como servos, de acordo com os termos de sua deportação, para que depois, no nome dessa pessoa, possam fazer o que lhes convenha; de duas uma: ou eles comprarão uma plantação já iniciada, ou adquirirão terras do governo onde mais lhes agradar para começar a lida, e ambas as soluções podem ser encaminhadas em termos razoáveis”; minha amiga então pediu o apoio do capitão para a primeira providência, e ele se incumbiu de fazê-lo, promessa que cumpriu à risca; quanto ao restante, prometeu recomendar-nos a quem nos pudesse dar os melhores conselhos, sem tirar proveito de nós, o que era o máximo que podíamos desejar.

Ela então perguntou se não era necessário providenciarmos um estoque de ferramentas e materiais para nosso trabalho na *plantation*, ao que ele respondeu que sim, era de enorme importância; minha preceptora pediu sua ajuda também com relação a esse ponto, e garantiu-lhe que nos forneceria tudo o que fosse necessário, não importando quanto custasse: o capitão fez então um longo e detalhado rol de artigos indispensáveis a um agricultor, calculando que custariam de oitenta a cem libras – para resumir, ela se houve com muita habilidade ao adquiri-las, como se fosse uma experiente comerciante da Virgínia, ainda que, seguindo minhas instruções, de tudo quanto havia naquela lista ela comprou mais que o dobro da quantidade indicada.

Embarcou essa carga em seu próprio nome, endossando os conhecimentos da remessa em nome de meu marido; depois, a pedido nosso, fez um seguro de tudo em seu próprio nome, de modo que nos sentimos protegidos contra quaisquer desastres e imprevistos.

Eu já deveria ter dito que meu marido entregou a ela todo o seu capital de cento e oito libras, que, como disse, ele trazia consigo em moedas de ouro, e eu ainda lhe dei boa quantia; em consequência, não tocamos no dinheiro que eu confiara a minha preceptora: depois de termos embarcado todo o nosso carregamento, dispúnhamos de quase duzentas libras em sonante, o que era mais que suficiente para nossos planos.

Muito alegres e realmente exultantes com nossas perspectivas, fizemo-nos à vela de Bugby's Hole a Gravesend, onde o navio fundeou por mais dez dias e onde o capitão embarcou em definitivo; ali ele nos fez uma gentileza que, na verdade, não tínhamos razão de esperar, ou seja, permitiu-nos ir a terra para um passeio, depois de lhe darmos nossa palavra de que não tentaríamos fugir e de que voltaríamos para bordo em boa paz – foi uma mostra de confiança tão grande que meu marido se comoveu e, tomado de gratidão, disse-lhe que como nunca teria meios de retribuir de forma adequada esse favor, não tinha coragem de aceitá-lo, mesmo porque não era admissível que o capitão corresse tal risco; depois de uma troca de gentilezas, dei a meu marido uma bolsa que continha oitenta guinéus e ele a pôs na mão do capitão, dizendo, “eis um modesto penhor de nossa lealdade, capitão; se nos comportarmos desonestamente com o senhor, em qualquer sentido, este dinheiro é seu”; e com isso fomos a terra.

Na verdade, o capitão podia confiar em nossa resolução de seguir viagem, uma vez que depois de gastar tanto para nos estabelecer na América, não seria razoável que tentássemos ficar na Inglaterra arriscando-nos a ser enforcados, pois outro não seria nosso destino se fôssemos presos de novo; descemos em terra com o capitão e jantamos juntos em Gravesend, onde nos divertimos a valer, passando uma noite muito feliz na mesma pousada em que jantamos, e de manhã voltamos tranquilamente com ele para o navio; compramos dez dúzias de garrafas de cerveja de boa qualidade, um pouco de vinho, alguns frangos e várias mercadorias que pudessem ser úteis a bordo.

Minha preceptora permaneceu conosco durante todo o tempo e nos acompanhou até o amplo ancoradouro conhecido como os Downs, como também o fez a mulher do capitão, com quem ela voltou para Londres; despedir-me de minha própria mãe nunca me fez sofrer tanto como me separar dela, e jamais tornei a vê-la; um bom vento do leste soprou no terceiro dia em que estávamos nos Downs, e dali partimos a 10 de abril; não voltamos a tocar em terra até que, impelido para a costa da Irlanda por forte vendaval, o navio lançou ferro numa enseada perto da desembocadura de um rio cujo nome não recordei; disseram-me que passava por Limerick e era o maior da Irlanda.

Detidos pela borrasca durante algum tempo, fomos levados de novo a terra pelo capitão, que continuava a ser o homem jovial e agradável de sempre; dessa vez, fê-lo para agradar a meu marido, que viajava mal por mar e sempre enjoava, sobretudo com vento rijo; voltamos a adquirir provisões frescas, em especial carne de vaca, porco e carneiro, além de frangos, e o capitão encomendou também seis barris de carne em conserva a fim de aumentar as reservas do barco; não permanecemos mais que cinco dias, pois o vento caiu para fresco e, depois, para moderado, e com isso nos fizemos à vela e em quarenta dias chegamos sãos e salvos à costa da Virgínia.

Ao nos aproximarmos da terra, o capitão me chamou e disse que, a julgar por nossas conversas, eu tinha parentes por lá e já estivera antes naquele lugar, de modo que supunha que conhecesse o tratamento dispensado aos condenados deportados no momento de chegada; respondi que nada sabia a esse respeito e que, quanto aos parentes que tinha ali, ele podia estar certo de que não me daria a conhecer a nenhum deles enquanto estivesse na condição de encarcerada; quanto ao resto, entregávamo-nos inteiramente em suas mãos para que nos ajudasse como gentilmente prometera; ele me disse que eu deveria encontrar alguém do lugar que nos contratasse como servos e que se dispusesse a responder por nós perante o governador da colônia, se este pedisse informações a nosso respeito; garanti-lhe que faríamos o que ele nos recomendasse, e ele chamou um colono, conhecido seu, para que contratasse dois servos, meu marido e a mim, o que ocorreu formalmente, e fomos para terra com ele; o capitão nos acompanhou e nos levou a uma casa, não sei taverna ou não, onde tomamos uma bela jarra de ponche preparado com rum e outras coisas mais e nos divertimos à grande; passado algum tempo, o colono nos entregou um atestado de liberação, bem como uma declaração de que o havíamos servido fielmente, e na manhã seguinte nos vimos livres para ir para onde quiséssemos.

Por essa parte de seus serviços, o capitão nos pediu seis mil medidas de fumo, explicando que as devia a seu armador; sem delongas, compramos a mercadoria para ele e, além disso, demos-lhe de presente vinte guinéus, o que o deixou satisfeííssimo.

Não convém, por várias razões, expor aqui com detalhes em que parte da colônia da Virgínia nos radicamos; bastará dizer que entramos no grande rio Potomac, pelo qual subiu o navio, e de início pensamos em nos estabelecer ali, mas depois mudamos de ideia.

A primeira resolução de certa importância que tomei assim que desembarcamos nossas cargas e as guardamos num depósito, ou armazém, que alugamos junto com uma casinha na localidade ou vilarejo em que descemos, foi procurar me informar sobre o paradeiro de minha mãe e de meu irmão (aquele infausto personagem que tomei como marido, como já narrei, sem nada esconder); uma breve investigação me fez saber que a sra. ***, minha mãe, falecera; que meu irmão (ou marido) ainda vivia, o que, confesso, não me agradou muito; o pior, porém, foi saber que ele deixara sua velha fazenda, onde eu vivera com ele, e se mudara com um dos filhos para uma *plantation* muito próxima ao lugar onde tínhamos desembarcado e alugado um depósito.

No começo fiquei um tanto alarmada, mas à medida que procurava me acalmar, convencendo-me de que ele não poderia me reconhecer, não só me tranquilizei como passei a ter muita vontade de revê-lo, se fosse possível fazê-lo sem que ele me visse; com isso em mente, informei-me, perguntando aqui e ali, qual era a *plantation* onde ele vivia e, na companhia de uma mulher do local, que chamei para me ajudar no trabalho doméstico, saí caminhando a esmo em direção ao lugar, pretextando explorar a área e dar uma olhada geral; por fim cheguei bem perto da casa dele; perguntei a minha acompanhante quem era o proprietário daquela *plantation*, e, lançando o olhar para nossa

direita, ela respondeu, “ali está o senhor que é o dono da *plantation*, e junto dele está seu pai”; “sabe quais são seus nomes de batismo?”, indaguei; “o nome do velho eu não sei”, disse ela, “mas o filho se chama Humphrey; e creio que o nome do pai também é esse”.

Imaginem, se puderem, a confusa mescla de alegria e susto que me turbou o espírito, pois dei-me conta de que aquele não era outro senão meu filho, ao lado do pai que ela me mostrava, e que era meu irmão; eu não trazia comigo uma máscara, mas baixei bem o capuz sobre o rosto, para ter certeza de que ele não me reconheceria, embora já tivessem passado mais de vinte anos de ausência e, além disso, sem que ele pudesse imaginar que eu estivesse naquela parte do mundo; contudo, não havia necessidade de tantas precauções, pois o idoso cavalheiro se tornara tão míope devido a alguma doença que sofrera nos olhos que só enxergava o suficiente para andar pela fazenda sem se chocar com uma árvore ou cair numa vala; a mulher que ia comigo me deu essa informação por mero acaso, sem saber o quanto era importante para mim; quando os dois, pai e filho, chegaram mais perto, perguntei, “o ancião a conhece, senhora Owen?” (assim se chamava a mulher); “sim”, respondeu ela; “se me ouvir falar, me reconhecerá; mas enxerga tão mal que não reconhece a mim nem a ninguém”; foi então que ela me falou dos problemas de vista do ancião, como já comentei; senti-me mais confiante, de modo que puxei para trás o capuz e deixei que passassem diante de mim – que suplício uma mãe ver daquela forma seu próprio filho, um jovem cavalheiro, belo, vistoso e em ótimas condições de vida, e não ousar dar-se a conhecer, precisando até fingir que não o notava – todas as mães que lerem estas linhas saberão me compreender e entenderão a angústia que senti ao me conter, a vontade que tive de abraçá-lo e chorar junto dele, e não de crer em mim quando digo que senti minhas entranhas se retorcerem e me emocionei no imo da alma e não sabia o que fazer, como nem mesmo agora sei expressar a agonia que passei; enquanto ele se distanciava de mim, eu o fitava, trêmula, olhando-o até ele sumir de vista; depois, sentando-me na grama, fingi deitar-me para descansar; de costas para minha acompanhante, desatei a chorar e beijei a terra que meu filho pisara.

Não pude esconder minha perturbação por muito tempo; a mulher, ao percebê-la, julgou que eu não estava bem e fui obrigada a fingir que passava mal; ela ajudou-me a levantar, dizendo-me que a grama estava úmida, e nos afastamos dali.

Ao voltarmos, quando ainda falávamos sobre o cavalheiro e seu filho, tive outro motivo de tristeza; a pretexto de me distrair, a mulher começou a contar-me uma história – “contam por aqui”, disse ela, “um caso bastante curioso, ocorrido onde esse cavalheiro morava antes”; “de que se trata?”, perguntei; “bem”, começou ela, “dizem que aquele senhor, viajando pela Inglaterra quando rapaz, enamorou-se de uma jovem, uma das mais belas que o mundo já viu; casou-se com ela, trouxe-a para cá e foram morar com a mãe dele, que ainda vivia; moraram juntos aqui, por vários anos, e tiveram diversos filhos, um dos quais é o jovem cavalheiro que vimos com ele há pouco; entretanto, passado algum tempo, quando a velha senhora, a mãe do cavalheiro, contou à nora certos fatos relativos a sua pessoa, de quando morava na Inglaterra, e sobre a sua vida de então, que não fora das mais elogiáveis, a nora começou a se mostrar muito perplexa e aflita; para resumir,

informando-se mais a fundo, ela descobriu, de forma incontestável, que a anciã era sua mãe e que, por conseguinte, o filho dela era seu irmão, o que encheu de horror todos os membros da família e causou-lhes tamanha consternação que quase os levou à ruína: a moça não quis mais viver com ele; o filho da anciã, seu irmão e marido, perdeu o juízo durante algum tempo; por fim, a jovem voltou para a Inglaterra, e dela nunca mais se soube”.

É fácil compreender que essa narrativa me deixou terrivelmente abalada, mas é impossível descrever a natureza de minha perturbação; mostrei-me assombrada com a história e fiz inúmeras perguntas sobre detalhes, dando-me conta de que a mulher os conhecia muito bem; por fim, comecei a inquirir a respeito da situação da família, como a velha senhora (ou seja, minha mãe) havia morrido e quem havia herdado seus bens; de fato, minha mãe me prometera, com toda a solenidade, que quando morresse deixaria alguma coisa para mim e que tomaria medidas para que, se eu estivesse viva, recebesse esse quinhão hereditário de uma forma ou de outra, sem que seu filho, ou seja, meu irmão e marido, pudesse impedi-lo; a mulher disse que não conhecia com precisão os termos do testamento, mas que ouvira dizer que minha mãe deixara, além de uma quantia em dinheiro, uma propriedade resolúvel a uma herdeira determinada, para que coubesse à filha, estivesse ela na Inglaterra ou em outro país, se algum dia surgissem notícias dela, e que o legado fora confiado a seu neto, isto é, o rapaz que tínhamos visto com o pai.

Aquela era uma notícia por demais confortadora para ser tratada com desdém, e o leitor há de imaginar como me encheu a mente de mil ideias: que medidas eu deveria tomar, e como, quando e de que forma eu me daria a conhecer, ou mesmo se deveria ou não fazê-lo.

Contudo, deparava-se-me um problema que eu não estava capacitada a solucionar, pois não sabia sequer que caminho seguir; a questão pesava em minha mente dia e noite, não conseguia dormir ou conversar, a tal ponto que meu marido, percebendo que algo ocorria, perguntou o que me angustiava e esforçou-se em me distrair, em vão; insistiu que lhe contasse o que estava havendo – procurei dissimular, até que, como ele insistisse incessantemente, vi-me obrigada a urdir uma história que não deixava de ter um fundo de verdade: disse que estava aflita porque me dera conta de que tínhamos de levantar acampamento e mudar nosso plano de vida, porque se ficássemos naquela área eu logo seria reconhecida; ocorrera que, após a morte de minha mãe, vários parentes meus teriam vindo morar naquela zona onde estávamos, e eu me via forçada ou a dar-me a conhecer, o que em nossa situação não era nada oportuno, por diversos motivos, ou a mudar-me dali; eu só não sabia para onde, e era isso que me deixava tão melancólica e apreensiva.

Ele concordou que de fato não convinha que eu me desse a conhecer na situação em que estávamos, e por isso estava disposto a se transferir para qualquer outra área da colônia, até mesmo para outra colônia, se eu julgasse conveniente; no entanto, essa proposta trazia outro problema: se eu me mudasse para outra colônia, renunciaria para sempre à possibilidade de empreender uma pesquisa séria sobre o legado de minha mãe; além disso, não podia nem pensar em revelar a meu novo marido o segredo de meu

casamento anterior – aquela não me parecia história que se pudesse contar, nem eu podia prever quais seriam as consequências; por outro lado, era impossível chegar ao fundo do caso sem divulgá-lo por toda a colônia, revelando a todos quem eu tinha sido e também o que eu era agora.

Passei tanto tempo imobilizada por aquele impasse que meu marido foi levado a um estado de desassossego; ele percebia minha inquietude, mas também adivinhava que eu não dividia com ele toda a verdade nem o punha a par de todos os aspectos de meu dissabor; dizia a toda hora que se perguntava o que teria feito para que eu não tivesse confiança absoluta nele, sobretudo quando se tratava de algo desagradável e doloroso; a verdade é que seria justo depositar total confiança nele, pois não existia no mundo homem que merecesse mais sinceridade por parte de uma mulher; no entanto, aquela era uma confissão que eu não sabia como fazer, e por não poder contá-la a ninguém a carga se tornava insuportável em minha alma; com efeito, por mais que digam que nosso sexo não sabe guardar segredo, entendendo que minha vida é clara demonstração do contrário; no entanto, não importa se trate do chamado sexo fraco ou do dito sexo forte, um segredo importante deve sempre ser repartido com um confidente, um amigo de coração a quem possamos confiar a razão de nossa alegria ou de nosso pesar, conforme seja o caso; do contrário, seu peso se duplica sobre a alma e às vezes se torna até insuportável: e da verdade do que digo, invoco o testemunho de toda a humanidade.

É por esse motivo que tanto homens como mulheres, e falo de homens dotados das maiores e melhores qualidades, mostram-se fracos com relação a essa questão e, não suportando o peso de uma alegria secreta ou de uma escusa dor, são obrigados a revelá-las, unicamente para desafogar-se e livrar o espírito oprimido pela sobrecarga e pelo peso que a acompanha; tampouco representa sinal de insensatez ou falta de juízo, mas é consequência natural da situação; se tais pessoas houvessem continuado a enfrentar por muito tempo aquela opressão decerto falaria durante o sono e revelariam o segredo, por mais sórdida que fosse sua natureza, sem atentar à pessoa a quem ele fosse exposto; essa necessidade natural muitas vezes se manifesta com tal força na mente de pessoas culpadas de algum crime atroz, mormente no caso de assassinatos de autoria desconhecida, que elas se veem obrigadas a confessar seus delitos, muito embora as consequências sejam forçosamente desastrosas para elas; conquanto seja verdade que cabe atribuir à justiça divina o mérito dessas revelações e confissões, não deixa de ser verdade também que a Providência, que de ordinário opera valendo-se de meios naturais, emprega para tal fim as mesmas causas naturais para conseguir tão pasmosos efeitos.

Posso dar vários exemplos notáveis, colhidos em minha longa experiência com o crime e com criminosos; quando estava presa em Newgate, conheci um sujeito que pertencia ao grupo então conhecido como Gatunos da Noite; ignoro que nome ele teria hoje, mas com a convivência de carcereiros era autorizado a sair da prisão todas as noites para fazer suas travessuras, e fornecia àquelas pessoas honestas, conhecidas como cúmplices, trabalho a executar no dia seguinte, ou seja, restituir, mediante recompensa, o que tinham roubado na noite anterior; esse homem sabia que durante o sono com certeza

contaria tudo o que fizera, todos os passos que dera, o que roubara e em que lugar, como se estivesse acordado e não houvesse nenhum mal ou perigo em falar; e por isso era obrigado, depois de ter estado nas ruas, a trancar a si mesmo à chave ou ser aprisionado por alguns carcereiros a quem pagava propinas, para que ninguém o ouvisse; por outro lado, depois de ter relatado todos os detalhes e feito uma exposição cabal de suas andanças e malfeitos a algum companheiro colega de gatunagem ou empregador, como bem posso chamá-los, sentia-se inteiramente bem e dormia tranquilo e a sono solto.

Como a história de minha vida será publicada em nome das boas lições que dá cada uma de suas várias partes, e com o intuito de servir de instrução, aconselhamento, advertência e aprimoramento de todos os leitores, espero que essa digressão sobre o fato de certas pessoas se sentirem obrigadas a revelar os maiores segredos, próprios ou alheios, não seja vista como supérflua.

Apesar da contínua opressão daquele peso sobre minha alma, continuei a buscar solução para o problema de que venho tratando, e a única forma de alívio que encontrei consistiu em pôr meu marido ao corrente do que julguei necessário para convencê-lo da necessidade de pensarmos em nos estabelecer em alguma outra parte do mundo; e o passo seguinte foi considerar para qual das colônias inglesas seria conveniente nos mudarmos – meu marido tudo desconhecia daquelas colônias e não tinha sequer ideia da localização geográfica de suas regiões; eu, até escrever estas páginas, ignorava o significado da palavra geografia e não tinha das colônias mais que conhecimentos genéricos, adquiridos em longas conversas com pessoas que viajavam para outros lugares ou que deles vinham; sabia, porém, que Maryland, Pensilvânia, Jersey Oriental e Ocidental, Nova York e Nova Inglaterra ficavam ao norte da Virgínia, e portanto o clima delas era mais frio: bastava para eu lhes ter antipatia; como eu sempre fora, por natureza, afeita a climas quentes, agora, idosa, inclinava-me mais ainda a evitar os climas frios; pensei então em mudar para a Carolina, que é a colônia inglesa mais meridional do continente americano, e propus irmos para lá, tanto mais porque de lá eu poderia voltar com facilidade a qualquer momento, quando se tornasse oportuno empreender investigações a respeito do legado de minha mãe e apresentar-me a meu filho para reclamá-lo.

Tomada essa decisão, propus a meu marido mudar-nos de onde estávamos e levar tudo o que tínhamos para a Carolina, onde estávamos decididos a residir, uma vez que ele concordara de imediato com o primeiro ponto, ou seja, que não nos convinha ficar onde estávamos, pois eu o convencera de que seríamos reconhecidos, e o resto eu lograra esconder-lhe.

Não tardou para que eu me visse diante de nova dificuldade – a questão principal continuava a me inquietar, e eu não imaginava mudar-me dali sem, de um modo ou de outro, fazer algumas averiguações sobre a grande questão que era saber quanto minha mãe me deixara; tampouco suportava a ideia de partir sem me dar a conhecer a meu velho marido (e irmão) ou a meu filho, que também era filho dele; no entanto, quisera poder fazê-lo sem que meu atual marido disso tomasse conhecimento e sem que meu filho e seu

pai soubessem dele, nem mesmo que eu tivesse um marido, fosse quem fosse.

Revolvi na mente inúmeras formas de fazê-lo; com prazer teria mandado meu marido para a Carolina com todos os nossos bens, e depois seguiria para lá, mas era hipótese impraticável: ele jamais viajaria sem mim, porquanto ignorava tudo a respeito das colônias, os métodos empregados para se estabelecer ali ou em qualquer outro lugar; pensei depois que poderíamos viajar juntos, com parte de nossas coisas, e que quando estivéssemos estabelecidos eu voltaria à Virgínia para buscar o restante; no entanto, refleti que nem mesmo assim ele aceitaria separar-se de mim e tocar a vida sozinho – a situação era clara: ele fora criado e sempre vivera como cavalheiro e, por isso, além de não estar afeito ao trabalho, era também preguiçoso, e quando enfim nos estabelecemos ele preferia meter-se nas matas com a espingarda, atividade que por lá chamam de caça, e que é a ocupação usual dos índios, que a exercem como servos – ou seja, ele preferia fazer-se de caçador a dedicar-se aos misteres típicos dos agricultores.

Como se vê, essas dificuldades eram insolúveis, tão grandes que não sabia o que fazer; tinha um desejo enorme, para mim quase inevitável, de revelar-me a meu irmão, que um dia fora meu marido; refletia que, se não o fizesse logo, enquanto ele era vivo, talvez depois fosse inútil tentar convencer meu filho de que eu era realmente a mesma pessoa e que era sua mãe, e assim talvez perdesse tanto sua ajuda e seu afeto quanto o benefício do que minha mãe talvez tivesse deixado para mim; por outro lado, porém, não era de modo algum conveniente apresentar-me a eles na situação em que me achava, fosse por trazer comigo um marido, fosse por ter chegado ali deportada como delinquente – por essas duas razões era indispensável que me mudasse de onde estava e voltasse para procurar meu irmão e marido em outra situação, e como se viesse de outro lugar, e não da Inglaterra.

Feitas essas considerações, continuei a encarecer a meu marido a necessidade absoluta de não nos estabelecermos às margens do rio Potomac, para que não fôssemos em breve conhecidos por todos, ao passo que, se seguissemos para qualquer outro lugar do mundo, poderíamos ali chegar com o bom nome de qualquer família que imigrasse para lavrar a terra; os moradores de um lugar sempre viam com bons olhos famílias que aportavam com recursos para produzir, quer comprando uma *plantation*, quer iniciando uma nova, e por isso podíamos contar com uma acolhida amável e prazenteira, sem que nossa situação pudesse ser descoberta.

Disse-lhe também, sem descer a detalhes, que como tinha diversos parentes no lugar onde estávamos e por enquanto não ousava apresentar-me a eles, pois logo se inteirariam da data e dos motivos de minha vinda à colônia, o que seria desastroso, eu também tinha motivos para crer que minha mãe, falecida ali, me deixara uma herança, talvez de monta, e valia a pena fazer algumas investigações a respeito; não obstante, não podia fazer essa apuração sem nos expor publicamente, a menos que nos mudássemos dali; depois que estivéssemos radicados em um lugar distante, poderia voltar, como que para visitar irmãos e sobrinhos, dar-me a conhecer, inquirir a respeito da herança e reclamá-la; seria acolhida com respeito e, ao mesmo tempo, receberia cordialmente e de bom grado o que me cabia;

se fizesse isso agora, não poderia esperar nada além de contrariedades, como ter de demandar meu quinhão mediante o uso de força, recebendo-o junto com imprecações e reservas ou com toda espécie de afrontas que talvez ele não fosse capaz de tolerar; se fosse obrigada a aduzir provas legais de ser realmente a filha de minha mãe, poderia ver-me em dificuldades, forçada a ajuizar um recurso na Inglaterra e, se não tivesse êxito, poderia acabar perdendo tudo, fosse muito ou fosse pouco; com esses argumentos, e depois de ter posto meu marido a par de tudo o que ele precisava saber, decidimos nos mudar dali e fixar residência em outra colônia – e desde o primeiro momento a Carolina foi a escolhida.

Para tanto, começamos a procurar barcos que se dirigiam à Carolina, e em pouco tempo soubemos que no outro lado da baía, como a chamam, ou seja, em Maryland, havia um navio que vinha da Carolina carregado de arroz e outras mercadorias e voltava ao porto de origem antes de seguir para a Jamaica com sua carga; assim, alugamos uma chalupa que levasse nossas coisas e, dando, por assim dizer, adeus ao rio Potomac, partimos com tudo o que era nosso para a colônia de Maryland.

Foi uma viagem longa e ruim, que meu marido classificou como pior, para ele, que toda a travessia da Inglaterra para a Virgínia, pois fazia um tempo péssimo, o mar estava agitado e o barco era pequeno e incômodo; ademais, quando havíamos navegado cem milhas pelo Potomac e alcançamos uma área chamada condado de Westmoreland, e como esse rio é o maior da Virgínia (ouvi dizer que é o maior rio do mundo que desemboca em outro rio e não diretamente no mar), o tempo ganhou aparência ameaçadora e por várias vezes nos vimos em sérios perigos; na verdade, ainda que seja um rio, o Potomac é amiúde tão largo que, quando o barco estava no meio dele, não víamos terra nem de um lado nem do outro num trajeto de várias léguas; a seguir tivemos de atravessar o grande rio, ou baía de Chesapeake, onde deságua o Potomac, que ali tem quase trinta milhas de largura, e entramos em águas ainda mais vastas, cujos nomes desconheço; ao todo, percorremos cerca de duzentas milhas a bordo de uma precária chalupa com todos os nossos tesouros, e se nos sobreviesse uma desgraça estaríamos lançados na mais negra miséria; e se perdêssemos nossos bens, mas conservássemos apenas a vida, quedando desamparados numa terra estranha e bravia, onde não tínhamos um só amigo ou conhecido em todas aquelas colônias? só de pensar estremeço de horror, embora o perigo esteja distante.

Bem, depois de cinco dias de vela, aportamos em um lugar que se chama Phillips' Point, creio que é isso, quando então soubemos que o navio da Carolina, depois de carregado, partira três dias antes – foi uma decepção; mas como não permitia que nada me desalentasse, disse a meu marido que, não havendo meio de seguirmos para a Carolina, e como a região em que estávamos era boa e fertilíssima, podíamos, se ele concordasse, procurar alguma coisa onde estávamos, e se ele a aprovasse podíamos ficar ali.

Descemos em terra sem perda de tempo; não encontramos naquele lugar nem alojamento nem local onde pudéssemos guardar nossos bens – um gentil senhor quaker

que conhecemos nos aconselhou a ir a certo sítio situado a uns cem quilômetros leste, ou seja, perto da entrada da baía; disse que morava lá e que ali poderíamos nos estabelecer, quer para cultivar a terra, quer para procurar outro local onde quiséssemos trabalhar; convidou-nos com tanta gentileza e cortesia que anuímos em ir lá, e ele próprio nos acompanhou.

Contratamos dois servos, uma inglesa recém-chegada num navio proveniente de Liverpool, e um negro, ajuda absolutamente obrigatória a quem pensava abrir negócio nas colônias; esse bom quaker nos ajudou bastante, e quando chegamos ao local que ele nos indicara, conseguiu-nos um conveniente depósito para nossas coisas, assim como alojamento para nós e nossos servos; dali a dois meses, ou mais ou menos isso, a conselho seu adquirimos junto ao governador da colônia grande área de terra para nela iniciar nossa plantação; com isso pusemos de lado por completo toda e qualquer ideia de irmos para a Carolina, pois tínhamos sido muito bem-acolhidos, contávamos com bom alojamento enquanto fazíamos os preparativos necessários, limpando o terreno e acumulando troncos e outros materiais para construir uma casa, sempre aconselhados pelo quaker, até termos liberado, em um ano, cerca de vinte hectares, sendo parte deles cercada e outra parte plantada com fumo, embora a área cultivada não fosse grande; ademais, produzíamos hortaliças e grãos suficientes para fornecer raízes, verduras e pão a nossos servos.

Foi então que persuadi meu marido a permitir que eu atravessasse de novo a baía para procurar saber de meus parentes; ele anuiu com boa vontade: tinha muito de que se ocupar, além da espingarda com que se divertia (o que por lá chamam caçar); na verdade, às vezes nos entreolhávamos, radiantes, pensando em como vivíamos melhor agora, comparando não só com nossos dias em Newgate como também com os períodos mais prósperos propiciados pelo sórdido ofício que então exercíamos.

Os negócios avançavam de vento em popa; adquirimos dos proprietários da colônia, por trinta e cinco libras pagas à vista, terras suficientes para formar uma *plantation* capaz de dar trabalho a cinquenta ou sessenta servos, e que, bem-conduzida, bastaria para nos manter enquanto vivêssemos; quanto a filhos, eu já passara da idade de nutrir qualquer ilusão a respeito.

No entanto, nossa boa sorte não terminou aqui; como comecei a dizer, cruzei a baía para voltar ao lugar onde vivia meu irmão, que um dia fora meu marido; contudo, não fui à mesma vila onde morara antes – subi outro grande rio, a leste do Potomac, chamado Rappahannock, e por esse caminho cheguei à parte posterior de sua *plantation*, muito vasta; servindo-me de um ribeirão navegável, que desaguava no Rappahannock, desembarquei bem perto dela.

Estava agora plenamente decidida a apresentar-me sem rebuços a meu irmão e marido e dizer-lhe quem eu era; no entanto, não sabendo com que humor o encontraria, ou melhor, não tendo como prever o nível de mau humor que minha visita intempestiva lhe causaria, resolvi enviar-lhe uma carta para dizer quem era eu, que não vinha com o intuito de criar problemas em relação a nosso antigo relacionamento, o qual eu esperava estar

inteiramente esquecido, mas que me dirigia a ele como irmã, a fim de pedir seus bons ofícios com respeito à disposição que minha mãe, por ocasião de seu falecimento, fizera em meu favor, e sem duvidar que ele me trataria com justiça, sobretudo em vista de eu ter vindo de tão longe para tomar conhecimento do caso.

Acrescentei à carta frases muito ternas e afetuosas com relação a seu filho, que disse saber que era também filho meu; disse ainda que, como era tão culpada por ter-me casado com ele quanto ele era culpado por casar-se comigo, visto que nenhum dos dois sabia ser parente um do outro, contava que ele me permitisse satisfazer meu mais ardente desejo, que era ver uma única vez meu único filho e dar mostras do sentimento maternal de que uma mãe pode experimentar quando conserva um afeto tenaz por um filho que não tinha dela a mais fugidia recordação.

Imaginara que ao receber a carta ele logo a mostraria ao filho para que a lesse, já que sua vista estava tão fraca que ele não tinha condições de enxergar; no entanto, as coisas saíram ainda melhor que isso, pois devido a seu problema visual ele encarregara o filho de abrir toda correspondência endereçada a ele, e não estando o ancião em casa quando chegou meu mensageiro, a missiva caiu diretamente nas mãos de meu filho, que a abriu e leu.

Ele chamou de volta o mensageiro, depois de tê-lo feito esperar um momento, e perguntou onde estava a pessoa que o incumbira de entregar aquela carta; o mensageiro indicou-lhe o lugar, distante uns doze quilômetros da fazenda, e meu filho pediu então que esperasse e ordenou que fosse encilhado um cavalo, chamou dois servos e foi a minha procura; imaginem minha consternação quando o mensageiro retornou e me disse que o ancião não estava em casa, mas que o filho viera para me ver; meu desconcerto foi enorme: não sabia se ele vinha com intenção pacífica ou hostil, nem imaginava como deveria me comportar; entretanto, tive muito pouco tempo para refletir, pois meu filho vinha nos calcanhares do mensageiro e, ao chegar à pousada em que me hospedava, disse alguma coisa ao porteiro; imagino que tenha indagado, pois mais adivinhei que entendi suas palavras – onde estava a mulher que lhe mandara a carta; o mensageiro disse “ali está ela, senhor!”, e ele se aproximou de mim e me beijou, e estreitou-me com tal ardor que nem conseguia falar, mas eu sentia as palpitações de seu coração como o de uma criança que chora e no entanto não grita, apenas soluça.

Não tenho como exprimir ou descrever a alegria que me invadiu a alma ao me dar conta de que ele não vinha como um estranho e sim como um filho que encontra a mãe, e como um filho, ademais, que nunca soubera o que era ter mãe; para resumir, choramos por longo tempo, abraçados um ao outro, até que foi ele quem primeiro falou, “minha querida mãe”, disse, “ainda está viva! nunca esperei ver-lhe o rosto”; quanto a mim, por muito tempo não pude pronunciar palavra.

Quando ambos nos recuperamos um pouco e pudemos conversar, ele me disse como andavam as coisas; com relação ao que eu escrevera a seu pai, disse-me que não lhe mostrara a carta nem lhe falara sobre ela; a herança que a avó me deixara estava em suas mãos e ele me transmitiria tudo o que me cabia; o pai estava idoso e doente, tanto de

corpo como de espírito – mostrava-se muito agitado e irascível, além de quase cego e incapaz de qualquer coisa; ele, meu filho, perguntava-se se o pai saberia como se portar num caso tão delicado como aquele; e era por isso que ele viera, tanto pelo prazer de me ver, prazer ao qual não quis renunciar, quanto para dar-me condições de decidir, após saber como estavam as coisas, se eu me daria a conhecer a seu pai ou não.

Tudo isso foi apresentado de maneira tão prudente e sagaz que percebi que meu filho era homem de bom senso e não precisava de conselhos meus; disse-lhe que não me surpreendia que o pai estivesse no estado por ele descrito, pois sua cabeça já estava um tanto transtornada antes mesmo de meu retorno à Inglaterra, e que a doença se originava sobretudo do fato de eu não querer ocultar nosso parentesco e recusar-me a viver com ele como marido, depois de descobrir que era irmão; e como ele sabia melhor do que eu em que estado se achava agora seu pai, de bom grado me dispunha a acompanhá-lo em todas as ações que me sugerisse; acrescentei que não fazia questão de ver o pai, uma vez que já vira o filho, e que a melhor notícia que ele poderia me dar era a de que o legado de sua avó para mim fora confiado a sua pessoa, que, agora que ele sabia quem eu era, sem dúvida me faria plena justiça, como ele mesmo dissera – perguntei há quanto tempo minha mãe morrera e onde, dando-lhe tantos detalhes a respeito da família que não deixei possibilidade alguma de duvidar que eu era de fato sua mãe.

Meu filho quis saber onde eu morava e o que fazia; respondi que estava na costa da baía em Maryland, na *plantation* de um amigo dileto que viera da Inglaterra no mesmo navio; acrescentei que não tinha alojamento onde me achava agora; meu filho pediu-me que fosse para sua casa e que morasse com ele, se assim quisesse, para sempre; quanto a seu pai, disse que ele não reconhecia ninguém e jamais suspeitaria de minha identidade; pensei naquilo por alguns momentos e respondi que, embora na verdade não fosse pequeno para mim o desagrado de viver tão longe de meu filho, não podia dizer que fosse a coisa mais prazerosa do mundo morar na mesma casa que seu pai e ter sempre presente no espírito a lembrança daquilo que outrora destruíra de forma tão cruel minha paz; disse ainda que, malgrado o prazer que seria para mim usufruir da companhia de meu filho ou de estar tão perto dele quanto possível, não podia sequer pensar em viver numa casa onde teria de me conter dia e noite por medo de me trair por palavras; na verdade, nem seria capaz de sofrer certas expressões ao conversar com meu filho, o que poderia expor à luz a história toda e não seria conveniente de modo algum.

Ele reconheceu que eu tinha carradas de razão; “mas nesse caso, mãe querida”, disse, “a senhora ficará o mais perto de mim que for possível”; depois me levou, em seu cavalo, a uma *plantation* vizinha à sua, onde fui tão bem acolhida como teria sido na dele; deixando-me ali, voltou para casa dizendo que falaríamos da questão principal no dia seguinte, não sem antes ter-me chamado de tia e ter dado ordem àquelas pessoas, que pareciam ser rendeiros seus, de tratar-me com a máxima atenção; cerca de duas horas depois de sair, enviou-me uma criada e um negrinho para me servirem o jantar, que eles portavam consigo; era como se me achasse num novo mundo, quase desejei não ter trazido da Inglaterra meu marido de Lancashire; contudo, tampouco esse desejo foi

sincero, pois amava de coração aquele marido, e na verdade eu o amara desde o começo – e, seja dito de passagem, ele merecia de mim tanto quanto pode um homem merecer.

Na manhã seguinte, meu filho voltou a me visitar, quase na hora em que me levantei; depois de algumas frases, deu-me uma bolsa de pele de veado com cinquenta e cinco pistolas espanholas: era para reembolsar-me das despesas da viagem da Inglaterra, pois, embora não lhe competisse intrometer-se em minha vida, queria crer que não trouxera comigo muito dinheiro, já que não era habitual dispor de quantias elevadas naquelas colônias; a seguir expôs o testamento da avó e leu-o para mim, fazendo-me ciente de que ela me legara uma pequena *plantation*, como ele a definiu, à margem do rio York, ou seja, onde minha mãe morava, com seus servos e o gado, sob a custódia de meu filho, para que ele a transmitisse a mim se e quando viesse a saber que eu estava viva, a meus herdeiros, se eu tivesse filhos, ou, na falta de herdeiros, a quem eu houvesse indicado como herdeiro em testamento; os rendimentos dessa propriedade, até terem notícias minhas ou me encontrassem, caberiam a meu filho, e se eu houvesse morrido a propriedade caberia a ele e a seus herdeiros.

Disse-me meu filho que essa *plantation*, embora distante de suas terras, não fora arrendada e era dirigida por um administrador, da mesma forma que outra, pertencente a seu pai e a pouca distância dela; três ou quatro vezes por ano ele fazia uma visita de inspeção às terras; indaguei-lhe quanto essa *plantation* poderia valer – respondeu-me que se eu pretendesse arrendá-la, ela poderia proporcionar-me sessenta libras anuais; já se eu quisesse viver nela, julgava que poderia render-me quase cento e cinquenta libras; como entendia que eu gostaria de viver do outro lado da baía ou, quiçá, retornar à Inglaterra, se ele atuasse como meu administrador poderia enviar-me fumo suficiente para que eu ganhasse uma renda de cem libras anuais ou por vezes até mais.

Tudo isso me parecia incrível, coisas a que não estava habituada, e, na verdade, mais do que nunca senti o coração confortado e admirei, grata, a mão da Providência, que me concedera tantos prodígios, logo a mim, um prodígio de perversidade, talvez o maior que já se viu neste mundo; devo reiterar que não só naquela ocasião, mas em todas as demais em que a gratidão me dominou, nunca meu horrível passado e minha vida abominável me pareceram mais monstruosos, nunca odiei tanto aquela existência do que ao tomar consciência de quantos favores a Providência me reservara, embora eu os retribuísse com as mais negras vilanias.

No entanto, deixo ao leitor a tarefa de meditar sobre essas reflexões, que sem dúvida bem o merecem, e volto aos fatos – a terna conduta de meu filho e suas amáveis propostas arrancaram-me lágrimas durante quase todo o tempo em que me falou; para dizer a verdade, pouco pude dizer, a não ser nos intervalos de meus arroubos; por fim, pus-me a falar, expressando emoção e felicidade por receber das mãos de meu próprio filho o legado que ele estivera guardando para mim, e disse que, no tocante àquela propriedade, como ele era meu único filho e eu já passara da idade de ter outros, mesmo se viesse a me casar, queria que ele registrasse um documento, que eu estava pronta a assinar, pelo qual, com minha morte, eu a deixaria para ele e seus herdeiros; aproveitei a

oportunidade para perguntar, sorrindo, por que continuava solteiro – sua resposta foi imediata e gentil: disse que as mulheres não abundavam na Virgínia e que, como eu falava em retornar à Inglaterra, mandasse-lhe uma de Londres.

Esse foi o cerne de nossa conversa no primeiro dia, o mais agradável que já tivera na vida e que me valeu muitas satisfações; a partir de então, ele veio me ver todos os dias e passava a maior parte do tempo comigo, levando-me em visita a vários amigos – que me receberam com grandes mostras de consideração; também jantei diversas vezes em sua casa, onde ele sempre evitava que o pai, semimorto, estivesse à mesa, de modo que nunca o vi, nem ele a mim; por ocasião de minha terceira visita, dei-lhe um presente, a única coisa de valor que possuía e que já mencionei, um dos dois relógios de ouro que guardava em minha canastra, mas que nesse dia estava comigo; disse-lhe que nada possuía de valor para lhe oferecer senão aquilo, e pedi-lhe que o beijasse, de quando em vez, lembrando-se de mim – diga-se de passagem, não contei que o roubara da cintura de uma senhora numa igreja de Londres.

Ele o pegou titubeando, como se hesitasse em aceitá-lo, mas insistiu e o fiz ficar com ele; não valeria muito menos, na verdade, que a bolsa cheia de moedas de ouro espanholas que ele me dera – quer dizer, não valeria em Londres, pois ali ele custaria pelo menos o dobro; por fim, ele o beijou e disse que aquele relógio seria uma dívida para ele enquanto eu vivesse.

Dias depois, acompanhado de um escrivão, trouxe-me os papéis do testamento; assinei-os feliz e os devolvi cobrindo-o de beijos, pois decerto nunca houve carinho maior entre uma mãe e um filho meigo e respeitoso; no dia seguinte, trouxe-me um documento assinado e selado, pelo qual se comprometia a administrar e melhorar, em meu nome, minha *plantation*, pondo na tarefa o maior empenho, e a remeter-me os rendimentos a meu pedido, onde quer que eu estivesse, obrigando-se a me enviar rendimentos no montante de pelo menos cem libras anuais; feito isso, disse-me que como eu recebera a propriedade antes da colheita, tinha direito aos rendimentos do ano em curso, e por isso me pagou cem libras em moedas espanholas de oito e pediu que lhe entregasse um recibo total por aquele ano, que seria dado por findo no Natal seguinte – estávamos em fins de agosto.

Fiquei ali durante cerca de cinco semanas e, na verdade, não me foi fácil partir; meu filho quis cruzar a baía comigo, mas não o permiti; entretanto, ele fez questão de que eu viajasse numa chalupa de sua propriedade, semelhante a um iate, que ele usava tanto para recreio como para viagens de negócios; aceitei e depois de derramadas expressões de respeito e afeto deixou-me ir e cheguei em segurança, após dois dias de viagem, à vila de meu amigo quaker.

Levara comigo, para uso em nossa *plantation*, três cavalos com seus arreios e selas, alguns porcos, duas vacas e um sem-fim de outras coisas, tudo presenteado pelo mais amável e afetuoso filho que alguma mulher já teve; contei a meu marido todos os detalhes da viagem, embora chamasse meu filho de primo; antes de tudo, disse que tinha perdido o relógio, o que ele pareceu considerar um desastre – mas depois mencionei as muitas

amabilidades de meu primo, que minha mãe me deixara uma *plantation*, sob a guarda do primo, que esperara que mais cedo ou mais tarde eu desse notícias; depois contei que deixara o legado sob sua administração e que ele me prestaria contas fiéis de seus rendimentos; ato contínuo, mostrei as cem libras em prata, relativas aos rendimentos do primeiro ano, e a bolsa de pele de veado com as pistolas espanholas – “e aqui, querido”, disse-lhe, “está o relógio de ouro”; tão certo é que a bondade celeste exerce os mesmos efeitos em todas as mentes sensíveis quando o coração é tocado pela graça, que meu marido ergueu as mãos para o céu e, num ímpeto de alegria, disse, “veja o que faz Deus por um cão ingrato como eu!”; a seguir lhe contei tudo o que trouxera na chalupa, além de todos aqueles presentes, ou seja, os cavalos, os porcos, as vacas e outros bens para a *plantation*; seu assombro cresceu, enchendo-lhe a alma de gratidão; creio que a partir daquele instante tornou-se um penitente sincero e reformado, graças à misericórdia divina que o tirou da condição de prófugo, bandido e salteador de estradas – poderia escrever uma história maior que a presente para demonstrar tal verdade, mas embora duvide que seja tão interessante como a que narra nossas ruindades, talvez eu faça mesmo outro livro.

Contudo, como esta é a minha história, e não a de meu marido, volto à parte que me diz respeito; continuamos a trabalhar duro em nossa *plantation*, que dirigíamos com a ajuda e os conselhos de amigos que fizemos, graças a nosso correto comportamento e sobretudo ao bom quaker, que veio a ser companheiro fiel, generoso e constante; e tivemos muito sucesso, porque como partimos de um bom capital para começar, como já disse, e agora o havíamos aumentado, juntando-lhe as cento e cinquenta libras em moeda sonante, contratamos mais servos, construímos uma bela casa e a cada ano passávamos a cultivar nova faixa de terreno; no segundo ano, escrevi a minha velha preceptora, pondo-a a par da alegria de nosso êxito, e a encarreguei de dispor do dinheiro que lhe confiara, e que ascendia a mais de duzentas e cinquenta libras; e que nos enviasse a quantia convertida em mercadorias, o que ela fez com sua costumeira gentileza e lealdade, e tudo chegou a nossas mãos em boa ordem.

Havia na carga recebida todo tipo de roupas, tanto para meu marido como para mim, e tive o especial cuidado de encomendar para ele tudo aquilo que sabia que lhe agradava possuir, como duas perucas longas de excelente qualidade, duas espadas com empunhadura de prata, três ou quatro ótimas espingardas de caça, uma esplêndida sela com coldres e belíssimas pistolas, além de uma capa escarlate; numa palavra, tudo de que me lembrei e que poderia aprazer-lhe e fazê-lo se mostrar como o que realmente era, um perfeito cavalheiro; pedi também que ela nos mandasse grande quantidade de objetos de casa que ainda não tínhamos e roupa de cama de toda espécie, para nós dois; quanto a mim, precisava de poucas roupas, pois já viera muito bem-provida delas; o resto da carga consistia em ferragens de toda espécie, arreios para cavalos, ferramentas, roupas para os servos, utensílios diversos, sarjas, meias, sapatos, chapéus e coisas assim, do tipo usado por servos – e também peças de tecidos inteiras para fazer roupas para os servos, tudo isso a conselho do quaker; toda essa carga chegou em bom estado e em segurança, com

três criadas, moças robustas que minha velha preceptora escolhera para mim, bastante adequadas ao lugar e ao trabalho que as incumbiríamos de fazer; uma delas chegou-nos valendo por duas pessoas, pois, como admitiu mais tarde, fora engravidada por um marujo antes que o navio aportasse em Gravesend; assim, deu-nos um belo menino, mais ou menos sete meses depois de sua chegada.

Como é de imaginar, meu marido mostrou-se um tanto perplexo com a chegada de toda aquela carga da Inglaterra e, conversando comigo, depois de examinar uma relação de todos os itens, disse, “minha querida, o que significa tudo isso? tenho medo de você estar contraindo uma dívida elevada – quando poderemos pagar?”; sorri e disse que estava tudo pago; e a seguir contei que, não sabendo o que poderia nos ocorrer na viagem e pensando nos riscos a que nossa situação poderia nos expor, não trouxera comigo todo o meu capital e deixara boa parte dele nas mãos de minha amiga, e que agora, como enfim estávamos em segurança e bem-estabelecidos, havia determinado que nos fosse remetido o resto, como ele vira.

Ele ficou perplexo e passou um bom tempo fazendo contas nos dedos, sem dizer palavra; por fim, começou a falar, ainda contando nos dedos, “então, vejamos: para começar, temos duzentas e quarenta e seis libras em dinheiro (*mostrou o polegar*) e dois relógios de ouro, anéis de brilhantes e prataria (*mostrou o indicador*); a seguir uma *plantation* no rio York que rende cem libras por ano e mais cento e cinquenta libras em dinheiro vivo (*mostrou o médio*), uma chalupa cheia de cavalos, vacas, porcos e mercadorias (*e assim por diante até mostrar o polegar de novo*); e agora uma carga no valor de duzentas e cinquenta libras chegada da Inglaterra e que aqui vale o dobro disso”; “bem”, interrompi, “e agora, que conclusão você tira disso?”; “que conclusão?”, perguntou ele, “quem disse que me enganei ao me casar com você em Lancashire? acho que me casei com uma mulher rica – para dizer a verdade, riquíssima”.

Em poucas palavras, estávamos em boa situação, e nossa fortuna aumentava de ano a ano, já que a *plantation* prosperava em nossas mãos sem que o percebêssemos, e ao cabo de oito anos ela chegou a um nível tal que nos rendia trezentas libras por ano – refiro-me ao valor de sua produção na Inglaterra.

—

Depois de um ano em minha casa, tornei a cruzar a baía para visitar meu filho e receber outro ano de rendimentos da *plantation*; logo que desembarquei, fui surpreendida pela notícia de que meu velho marido e irmão falecera e fora sepultado havia apenas duas semanas: devo confessar que não recebi essa novidade com desagrado, pois agora poderia me mostrar como realmente era, como uma mulher casada; por isso, disse a meu filho, antes de voltar para casa, que estava pensando em me casar com um cavalheiro que possuía uma *plantation* perto da minha; e conquanto agora estivesse legalmente livre, com relação a algum impedimento que existisse antes, ainda nutria certas dúvidas, por temer que a mancha de meu passado pudesse reviver e atormentar meu marido – meu filho,

sempre gentil, afável e obsequioso, daquela vez me hospedou em sua casa, pagou-me as cem libras e novamente me mandou de volta para casa carregada de presentes.

—

Algum tempo depois, comuniquei a meu filho que me casara e propus que me visitasse; meu marido também lhe enviou uma carta muito cortês, convidando-o a nossa casa; e assim ele veio, daí a alguns meses, e coincidiu que estivesse conosco quando chegou a carga da Inglaterra, que eu lhe disse ser propriedade de meu marido, não minha.

—

Cumpra observar que quando morreu aquele pobre infeliz, meu irmão e marido, pude fazer uma exposição completa do assunto a meu marido, e esclareci que o pretenso primo, como eu o chamara até então, na verdade era meu filho, em virtude daquele casamento infeliz e equivocado; escutou a história com muita tranquilidade e disse-me depois que não teria se aborrecido nem se o velho, como ele o chamava, ainda estivesse vivo – “na verdade”, disse, “isso não aconteceu por culpa sua, nem dele: foi erro impossível de prever”; censurou-o apenas por desejar que eu escondesse a consanguinidade e continuasse a viver como sua mulher, depois de inteirar-se de que era meu irmão: segundo ele, foi o lado feio da história; assim aplainaram-se todos esses pequenos problemas, e pudemos tocar nossa vida em comum com sossego e todas as comodidades imagináveis.

Agora chegamos à velhice; voltei para a Inglaterra, estou com quase setenta anos de idade, meu marido está com sessenta e oito – cumpri com sobras o prazo fixado para minha deportação; apesar de todas as fadigas e sofrimentos que passamos, estamos bem de espírito e de saúde; depois que retornei, meu marido ainda permaneceu algum tempo na América, para cuidar de nossos negócios, e se cheguei a pensar em voltar para sua companhia, a pedido dele mudei de ideia e ele veio para a Inglaterra, onde resolvemos viver nossos últimos anos em sincera penitência pela vida dissoluta que levamos.

Escrito no ano de 1683.

1 Betty era o nome genérico dado a uma camareira ou criada. [N.T.]

2 Moll se refere a uma canção de John Wilmot, o segundo lorde Rochester, em que insta

- Phyllis a “Não morrer com fama de cortesã,/Mas sem nunca conhecer o prazer”. [N.T.]
- 3 Símbolos, respectivamente, de *pound* (libra), *shilling* (xelim) e *penny* (pêni). [N.T.]
- 4 Expressão latina que indica pessoa com deficiência mental. [N.T.]
- 5 Confusão do original: algumas linhas atrás, a narradora diz que a prataria e os relógios estariam no cofre, junto com o dinheiro. [N.E.]

Moll Flanders foi escrito por Daniel Defoe aos sessenta anos de^[1] idade, no terceiro daqueles seis extraordinários anos (1719-24) em que ele deu ao mundo, além de vários opúsculos, tratados e biografias, *Robinson Crusóe*, *Capitão Singleton*, *Um diário do ano da peste*, *Coronel Jack* e *Os segredos de Lady Roxana*. Tal exuberância de força criativa chegava depois de uma existência inteira resolutamente dedicada a empreitadas mercantis, todas diferentes entre si e todas fracassadas, e, mais tarde, quando se voltou para a política e a literatura, marcada por perseguições, prisões, extenuantes esforços à escrivinha e, sobretudo, miséria.

Nada expressa melhor a têmpera desse homem que a voz direta e vigorosa de seus protagonistas. Todos eles se assemelham, e a aventura de todos   a mesma: filhos de mercadores ricos ou pobres órfãos das prisões, todos enfrentam uma vida em que a dureza do acaso cotidiano s    comparável a sua incansável obstina o; e as desola es repisadas e quase bíblicas em que se encontram, desnudos e desamparados diante do mundo e de Deus, tomam a figura de pausas trágicas de onde sua força sair  intacta e até fortalecida. São essencialmente solitários, esses indivíduos. Nesse sentido, a laboriosa solidão de Robinson na ilha   o mito mais evidente e inesquecível da solidão de cada um.

A luta diária dessa gente não se dá em torno de problemas do espírito ou de ideais protorrom nticos de paixão. Defoe reduziu o trágico da existência a sua forma mais elementar: “O pão nosso de cada dia nos dai hoje”   a ora o mais insistente que sobressai de cada página dessas autobiografias. Menos verdadeiro   que, paralelamente, ai se invoque: “Não nos deixeis cair em tenta o”; ou então digamos que a sincera piedade que brota desses cora es depois das provas mais tremendas   apenas um reflexo human ssimo de sua necessidade de segurança e suficiência material.

Essas considera es genéricas não serão novidade para os leitores italianos de *Robinson Crus e* e do *Capitão Singleton*. Mas pareceu-nos oportuno evocá-las ao apresentar esta primeira tradu o italiana da vida de Moll Flanders, pois elas ajudarão a ressaltar a singularidade do tom que, segundo nós, Defoe desta vez conseguiu imprimir em sua habitual aventura de luta, pecado e arrependimento. Com isso queremos dizer: a figura de Moll Flanders – que, pela riqueza de suas experiências, parece-nos a mais completa de quantas imaginadas pelo autor – revela na serenidade lúcida e desapiedada das recorda es uma capacidade de ironia que por vezes supera a devida compun o da penitente. Essa capacidade, diga-se de passagem, parece-nos destacar Moll Flanders de toda a colorida família dos heróis de romance setecentistas, que sempre oscilam entre o genérico e o característico. Moll julga sobretudo a si mesma em contato com um mundo que o gosto nacional do sentimentalismo e do humorismo não chega ainda a deformar e

empobrecer. Aqui a forma autobiográfica, que Defoe talvez tenha adotado por meras razões contingentes de costume literário, revela uma razão poética mais profunda. Moll Flanders, e com ela o autor, não sente por nenhum dos casos e dos personagens com que se depara – e muito menos por si mesma – aquele interesse arguto e ocioso que esquematiza a realidade em aventuras e caricaturas, incluindo aí quem sabe até um Tom Jones. Moll Flanders não se detém a anotar, divertida e comovida, palavras ou gestos característicos, mas de cada indivíduo colhe o significado essencial, encarnado na dor ou na alegria reais que dele recebeu. Trata especialmente assim a si mesma.

Ora, essa observação atenta dos motivos próprios e alheios, expressa com a implacável consciência de quem está acostumado a fazer os mais desesperados exames de consciência com o minucioso cálculo em libras dos meios de sobrevivência, é precisamente o que chamamos a ironia de *Moll Flanders*. É no entrelaçamento e na fusão desses motivos extremos que nos parece consistir tal ironia. Muito há o que aprender – percebe Moll – com meus erros e minha penitência: como os mais solenes votos de virtude são vão sem o apoio divino e “os métodos utilizados para atrair, saquear e roubar os inocentes e, portanto, a forma de evitá-los”. Façamos penitência, parece dizer a humilde pecadora, mas mantendo os olhos abertos, porque afinal Deus ajuda a quem se ajuda. Nesse sentido, são deliciosas as páginas sobre os anos finais na Virgínia, onde a complacência dos céus abençoa tangivelmente ao som de libras a sábia discrição da esposa dos dois maridos. Tanto é que não fica tão claro se a “sra. Moll Flanders” deve sua próspera e serena velhice mais à benevolência dos céus ou à capacidade, de que sua existência é “um bom exemplo”, de esconder esqueletos no armário.

Mas não queremos insistir tanto nesse aspecto a ponto de passar a impressão de que a simpática Moll seja um tipo inumano e abstrato de calculista “maquiavélica”, o que aliás tiraria todo o interesse e a ressonância de sua voz tão singular. Ela, e com ela o autor, leva a vida demasiado a sério para ser reduzida a tão superficial esquema. Veja o leitor – se conseguimos conservar nesta versão o vigor despojado e austero desta que é a mais moderna das prosas inglesas do século XVIII – todo o rico espectro de tons em que revivem estas memórias, das debochadas páginas de conselho às mulheres que têm pressa em se casar àquelas, penetrantes e terríveis, sobre a temporada em Newgate e sobre a própria condenação à morte. Se isso não fosse suficiente para inocentar Moll, bastaria a capacidade de abandono franca e direta demonstrada por ela em sua aventura com o marido de Lancashire. Aliás, se bem a ouvirmos, toda sua existência foi uma só aspiração à honestidade, e ela jamais se inclinou ao mal senão forçada pela mais férrea das necessidades. A esse respeito são reveladores os lapsos de tempo, que ela frequentemente despacha em poucas frases, de suas sucessivas vidas conjugais, quando, garantido um mínimo de segurança e de conforto, ela se torna a mais compenetrada das cristãs e a mais ponderada das esposas. Mas é verdade que esses períodos passam por sua memória como um relâmpago, sucedendo-se, minuciosas e implacáveis, suas incursões e rapinas em prejuízo da humanidade. Fazer o quê? Ela escreve para que quem lê possa extrair “referências justas e religiosas que lhe valerão boa instrução, se lhe aprouver fazer uso

delas”, e toda sua experiência lhe repete que as mais generosas decisões e o exercício das mais incontestáveis virtudes se vão sem remédio com a última libra. Toda sua vida transcorreu assim, tendo em mente “o dia da tempestade”. E, como ninguém haverá de negar que tempestades não lhe faltaram, faremos bem em conceder-lhe aquela simpatia inicial de que todos precisamos.

Tradução Maurício Santana Dias

1 Originalmente sem título, acrescentado pelos editores do presente volume, este texto serviu de prefácio ao volume *Fortune e sfortune della famosa Moll Flanders*, com tradução de Cesare Pavese, lançado em 1938 pela editora italiana Einaudi.

O medo que ataca quem celebra centenários, de se encontrar^[1] medindo um fantasma que diminui e se ver forçado a predizer sua dissolução vindoura, não só está ausente no caso de *Robinson Crusoe* como é ridículo simplesmente pensar nisso. É verdade que o *Robinson Crusoe* conta duzentos anos de vida em 25 de abril de 1919, mas o efeito desse bicentenário, longe de suscitar as especulações de praxe, quanto a saber se o leem hoje e continuarão a ler, é causar-nos o espanto de que *Robinson Crusoe*, o perene e imortal, tenha existido por esse tão pouco tempo. Mais do que o esforço de uma mente isolada, esse livro assemelha-se a uma das produções anônimas da humanidade; logo deveríamos pensar, à ideia de comemorar seu centenário, em comemorar os centenários [do monumento megalítico] de Stonehenge. Parte disso podemos atribuir ao fato de que todos nós tivemos alguém que nos lesse *Robinson Crusoe* em voz alta, quando crianças, e ficávamos num estado de espírito, em relação a Defoe e sua história, muito parecido com o dos gregos em relação a Homero. Nunca nos ocorreu ter havido uma pessoa concreta como Defoe e, se nos tivessem dito que *Robinson Crusoe* era a obra de um homem com uma pena na mão, isso teria sido para nós um incômodo ou não teria significado nada. As impressões da infância são as que penetram mais fundo e duram mais. Ainda parece que o nome de Daniel Defoe não tem direito de figurar na página de rosto de *Robinson Crusoe* e, se celebramos o bicentenário do livro, fazemos uma alusão levemente desnecessária ao fato de, como Stonehenge, ele ainda existir.

A grande fama do livro fez certa injustiça a seu autor; pois, se lhe deu uma espécie de glória anônima, obscureceu o fato de ele ter escrito outros livros que, podemos afirmar, não nos foram lidos em voz alta quando crianças. Assim, quando o editor do *Christian World* conclamou, no ano de 1870, “os meninos e meninas da Inglaterra” a erguer um monumento sobre o túmulo de Defoe, destruído por um raio, eles dedicaram o mármore à memória do autor de *Robinson Crusoe*. Nenhuma menção foi feita a *Moll Flanders*. Considerando-se os assuntos que são tratados nesse livro, e em *Os segredos de Lady Roxana*, *Capitão Singleton*, *Coronel Jack* e outros, não temos por que ficar surpresos com a omissão, embora possamos nos indignar. Podemos concordar com Thomas Wright, o biógrafo de Defoe, que esses “não são livros para a mesinha de centro”. Mas, a não ser que consintamos em fazer dessa útil peça de mobiliário o árbitro final do gosto, devemos deplorar o fato de sua aparente grosseria, ou a fama universal de *Robinson Crusoe*, tê-los levado a ser muito menos conhecidos do que merecem. Em qualquer monumento digno desse nome, pelo menos os títulos *Moll Flanders* e *Roxana* deveriam ser gravados tão a fundo quanto o nome de Defoe. Eles estão entre os poucos romances ingleses que podemos tomar por inegavelmente grandes. A ocasião do bicentenário de seu companheiro mais famoso bem pode levar-nos a pensar no que constitui sua grandeza, que tem tanto em comum com a dele.

Defoe já era um homem idoso quando se tornou romancista, precedendo em muitos anos a Richardson e Fielding, e foi de fato um dos primeiros a dar forma ao romance e lançá-lo em seu caminho. Mas é desnecessário insistir nessa precedência, a não ser por ele haver chegado à escrita de romances com certas concepções sobre a arte, derivadas em parte de ter sido ele mesmo um dos primeiros a praticá-la. O romance tinha de justificar sua existência contando uma história verdadeira e pregando boa moral. “O oferecimento de uma história inventada é certamente um crime dos mais escandalosos”, escreveu ele; “é uma espécie de mentira que abre no coração um grande buraco por onde pouco a pouco o hábito de mentir penetra.” Seja no prefácio ou no texto de seus livros, por conseguinte, ele se esforça ao máximo para insistir que de modo algum usou sua inventividade, mas baseou-se em fatos, e que sua intenção foi o desejo altamente moral de converter o depravado em de alertar o inocente. Felizmente esses eram princípios que se harmonizavam muito bem com sua índole e seus dons naturais. Acontecimentos haviam-no calejado em sessenta anos de sinas variáveis antes de ele tirar proveito de sua própria experiência na ficção. “Algum tempo atrás resumi as cenas da minha vida neste dístico”, escreveu ele: “Homem algum teve destino tão diferente, por treze vezes eu fui rico e indigente”.

Tendo passado dezoito meses na prisão de Newgate, ele conversou com ladrões, piratas, salteadores e moedeiros falsos antes de escrever a história de Moll Flanders. Mas uma coisa é ter fatos atirados sobre si por efeito da vida e de acidente; outra é devorá-los vorazmente e guardar a impressão indelével que nos causam. Não se trata apenas de que Defoe tenha conhecido a pressão da pobreza e tenha conversado com suas vítimas, mas sim que a vida ao desabrigo, exposta às circunstâncias e forçada a se ajeitar como possível, atraíu-o imaginativamente como o assunto propício à sua arte. Nas primeiras páginas de cada um dos seus grandes romances ele reduz o herói ou heroína a um tal estado de desamparada miséria que a existência se torna para eles uma luta contínua, decorrendo da sorte e dos próprios esforços sua sobrevivência. Moll Flanders nasceu na prisão de Newgate, filha de mãe criminosa; o Capitão Singleton foi sequestrado em criança e vendido para ciganos; o Coronel Jack, embora “fidalgo por nascença”, foi posto como “aprendiz de um batedor de carteiras”. Roxana começa sob melhores auspícios, mas, tendo casado aos quinze anos, vê seu marido ir à bancarrota e é abandonada com cinco crianças “na situação mais deplorável que as palavras podem expressar”.

Cada um desses meninos e meninas terá de encarar o mundo por si e ir à luta sozinho. A situação assim criada era inteiramente do agrado de Defoe. Desde seu nascimento, já nos primeiros meses de vida, quando muito, Moll Flanders, a mais notável de todos, é agridoadada pelo “pior dos demônios, a pobreza”, e é forçada a ganhar sua vida assim que aprende a costurar, indo de um lugar para outro sem nada demandar de seu criador no que diz respeito a uma atmosfera doméstica delicada que ele não era capaz de propiciar, mas dele extraindo tudo o que sabia sobre pessoas e costumes estranhos. Desde o começo é posto sobre ela o ônus de provar seu direito de existir. Ela depende totalmente de sua própria inteligência e raciocínio para enfrentar cada situação

que surge, com uma moralidade de ordem prática que ela mesma forjou para si. A vivacidade da narrativa deve-se em parte ao fato de, tendo transgredido em tenra idade as leis aceitas, ela ter por conseguinte a liberdade dos proscritos. O único acontecimento impossível seria ela se acomodar em segurança e conforto. Mas desde o início o gênio peculiar do autor se afirma e evita o óbvio perigo do romance de aventuras. Ele nos faz entender que Moll Flanders era uma mulher por sua conta e risco, não apenas material para uma sucessão de aventuras. Em prova disso ela começa, como Roxana, caindo profundamente, embora de modo desgraçado, de amores. Que ela deva se erguer e se casar com outro e dar toda atenção a sua instalação e perspectivas não é desconsiderar sua paixão, mas deixá-la à mercê de sua origem; e ela, como todas as mulheres de Defoe, é uma pessoa de compreensão muito ampla. Como não tem escrúpulo de contar mentiras caso elas sirvam a seu objetivo, há algo incontestável que envolve sua verdade, quando ela a diz. Ela não tem tempo a perder com os refinamentos da afeição pessoal; deixa cair uma lágrima, permite-se um momento de desespero, mas logo vamos adiante com a história [“volto à minha história”, ela diz]. Seu espírito adora enfrentar tormentas, e Moll Flanders se deleita na prática dos poderes que possui. Sente violenta repulsa ao descobrir que o homem com quem se casou na Virgínia é seu irmão; insiste em deixá-lo; porém, assim que pôs os pés em Bristol, diz ela, “permiti-me o prazer de uma visita a Bath, pois ainda me achava longe da velhice, e meu espírito, que sempre fora folgazão, continuava assim ao extremo”. Cruel ela não é, nem ninguém pode acusá-la de leviandade; mas a vida a encanta, e uma heroína que vive nos arrasta consigo. Além do mais, sua ambição tem aquele leve toque de fantasia que pode incluir esse sentimento na categoria das paixões nobres. Astuta e prática por necessidade, ela é contudo obcecada por um desejo de romance e da qualidade que a seu modo de ver faz de um homem um cavalheiro. “Era um homem de espírito verdadeiramente nobre, e era isso que mais me doía; no fundo, há até certo consolo em ser arruinada por um homem honrado, e não por um pulha”, escreve ela após ter enganado um saltador quanto ao valor de suas posses. Bem de acordo com esse temperamento estão o orgulho que ela sente de seu último companheiro porque este se recusa a trabalhar quando eles chegam às *plantations*, preferindo ir caçar, e o prazer que ela há de ter comprando para ele perucas e espadas de punho de prata, “que poderia aprazer-lhe e fazê-lo se mostrar como o que realmente era, um perfeito cavalheiro”. Bem de acordo estão também a atração pelo calor que ela sente, a paixão com que beijou o chão antes pisado por seu filho e sua nobre tolerância a qualquer tipo de erro, desde que não seja a “absoluta baixaza de espírito, antipatia, crueldade e infâmia quando em situação de superioridade, [e] em seu momento de submissão [...] um modelo de degradação e pusilanimidade”. Para o restante do mundo, ela só tem boa vontade.

Como a lista das qualidades e prendas dessa velha e aguerrida pecadora não está de modo algum esgotada, bem podemos compreender como a mulher das maçãs de Borrow,^[2] na London Bridge, chamou-a de “Santa Maria” e deu mais valor ao livro que a todas as maçãs da sua banca; e que Borrow o lesse, levando o livro para os fundos da

barraca, até sentir dor nos olhos. Mas nos detemos nesses sinais de caráter somente à guisa de demonstrar que o criador de Moll Flanders não foi, como já o acusaram de ser, um mero jornalista a registrar literalmente os fatos, sem nenhuma concepção da natureza da psicologia. É verdade que seus personagens tomam forma e substância de moto próprio, como que a despeito do autor e não de todo a seu agrado. Ele jamais realça algum ponto de sutileza ou de emoção nem nele se atarda; prossegue imperturbável, como se isso surgisse sem seu conhecimento. Um toque de imaginação, tal como aquele em que o príncipe senta-se ao lado do berço de seu filho e Roxana observa “como ele gostava de olhar para a criança dormindo”, parece significar muito mais para nós do que para o autor. Após a dissertação curiosamente moderna sobre a necessidade de comunicar assuntos importantes a uma outra pessoa para que não falemos disso durante o sono, como o ladrão de Newgate, ele se desculpa pela digressão. Parece ter interiorizado seus personagens de tal modo que os viveu sem saber exatamente como; e, como todos os artistas inconscientes, deixa mais ouro em sua obra do que sua própria geração foi capaz de trazer à superfície.

A interpretação que propomos para seus personagens poderia portanto tê-lo deixado intrigado. Encontramos sentidos, por conta própria, que ele teve o cuidado de disfarçar até mesmo de seu olhar. Acaba assim por suceder que admiramos Moll Flanders muito mais do que a culpamos. Mas também não podemos acreditar que Defoe tivesse chegado a uma conclusão sobre o preciso grau de sua culpa, ou não soubesse que ele, ao abordar a vida dos abandonados, levantava muitas questões profundas e sugeria respostas, se não as asseverava, em total discrepância com suas profissões de fé. Da evidência fornecida por seu ensaio *On the Education of Women* [Sobre a educação das mulheres], sabemos que ele pensou a fundo e muito à frente de sua época sobre a capacidade das mulheres, que considerou muito alta, e a injustiça feita a elas, que considerou muito dura:

Tenho pensado com frequência que é um dos mais bárbaros costumes do mundo, se nos tomamos por um país civilizado e cristão, nós negarmos às mulheres as vantagens da instrução. Acusamos seu sexo, todos os dias, de impertinência e tolices; confio contudo que, se elas tivessem as mesmas vantagens de educação que tivemos, teriam menos culpa que nós.

Os defensores dos direitos das mulheres talvez pouco se importassem em incluir Moll Flanders e Roxana entre suas padroeiras; entretanto, fica claro que Defoe não só pretendia que elas verbalizassem algumas doutrinas muito modernas sobre o assunto, como também as pôs em circunstâncias onde seus peculiares padecimentos são expostos de modo a conquistar nossa simpatia. Moll Flanders disse que era de coragem, e de força para “impor seus direitos”, que as mulheres precisavam; e de imediato ela deu demonstração prática dos benefícios que disso resultariam. Roxana, dama da mesma profissão, argumenta com maior sutileza contra a escravidão do casamento. Ela “começara uma coisa nova”, disse-lhe o comerciante; “era um modo de argumentar

contrário à prática estabelecida”. Mas o último escritor a ser culpado de pregação escancarada é Defoe. Roxana prende nossa atenção porque felizmente ela não tem consciência de ser um exemplo para seu sexo, em qualquer bom sentido que seja, e assim é livre para reconhecer que essa parte de sua argumentação é “de um tipo elevado que a princípio realmente nem me passou pela cabeça”. O conhecimento de suas próprias fraquezas e o questionamento sincero de seus motivos, que esse conhecimento engendra, têm por feliz resultado mantê-la humana e viva, enquanto os mártires e pioneiros de tantos romances problemáticos se encolheram e encarquilharam nos cabides e apoios dos seus respectivos credos.

Mas o direito de Defoe à nossa admiração não reside apenas no fato de podermos mostrar como ele antecipou algumas das visões de Meredith, ou de ele haver escrito cenas que (pode ocorrer estranhamente a alguém) poderiam ter sido transformadas em peças de Ibsen. Suas ideias sobre a situação das mulheres, quaisquer que sejam, são decorrência incidental de sua maior virtude, que é a de lidar com o lado importante e duradouro das coisas, não com o trivial e efêmero. Muitas vezes ele é insípido. É capaz de imitar a exatidão prosaica de um cientista em viagem, até nos admirarmos de que sua pena pudesse traçar, ou sua mente conceber, o que nem sequer tem um pretexto de verdade para abrandar sua *secura*. Toda a natureza vegetal, e grande parte da natureza humana, ele deixa de fora. Podemos admitir tudo isso, embora tenhamos de admitir defeitos igualmente graves em muitos escritores que consideramos grandes. Mas isso não diminui o mérito peculiar do que resta. Tendo limitado seu escopo e confinado suas ambições desde o início, ele chega a uma verdade intuitiva que é muito mais rara e resistente que a verdade factual que ele dizia ter como propósito. Moll Flanders e amigos se lhe foram recomendados não por serem, como diríamos, “pitorescos”, nem por serem exemplos de um modo errado de vida, como ele afirmou, que poderiam esclarecer o público. Foi sua natural veracidade, neles gerada por uma vida de privações, que despertou seu interesse. Para essas pessoas não havia desculpas; nenhum abrigo benévolo obscurecia seus motivos. O capataz de todos era a pobreza. Defoe não emitiu mais que uma opinião sussurrada sobre seus defeitos. Mas a coragem que tinham, sua tenacidade e seus recursos encantavam-no. A companhia deles, achou-a cheia de boas conversas, de histórias interessantes, de confiança mútua e de uma espécie de moralidade caseira. A sina que cumpriam tinha aquela variedade infinita que ele aprovava e louvava e se admirava de ver em sua própria vida. Antes de tudo, aqueles homens e mulheres eram livres para falar abertamente das paixões e desejos que têm movido homens e mulheres desde o começo dos tempos, e assim, mesmo agora, conservam sua vitalidade inalterada. Em tudo o que se vê sem preconceitos há dignidade. Até mesmo a sórdida questão do dinheiro, que nas suas histórias desempenha papel tão destacado, de sórdida se torna trágica quando não visa a comodidade e importância, mas sim a honra, a honestidade e a própria vida. Pode-se objetar que Defoe é enfadonho, mas nunca que ele se deixe absorver por coisas fúteis.

Ele pertence, com efeito, à escola dos grandes escritores simples, cuja obra se baseia num conhecimento do que é mais persistente, se bem que não mais sedutor, na natureza

humana. A vista de Londres da ponte de Hungerford, cinzenta, séria, imponente e envolta no rumor amortecido do tráfego e dos negócios, prosaica a não ser pelos mastros dos navios e torres e domos da cidade, faz pensar nele. As garotas maltrapilhas com violetas nas mãos, pelas esquinas das ruas, e as velhas gastas pelo tempo, que pacientemente vendem seus fósforos e seus cadarços de sapatos sob o abrigo de arcadas, parecem personagens de seus livros. Ele é da escola de Crabbe e de Gissing^[3] – não apenas um colega no mesmo e severo nível de instrução, mas sim seu fundador e mestre.

Tradução Leonardo Fróes

-
- 1 Escrito em 1919, foi publicado em livro na primeira edição de *O leitor comum*, em 1925. [N.E.]
 - 2 Alusão a *Lavengro: The Scholar, the Gypsy, the Priest*, romance autobiográfico de George Borrow (1803-81), publicado em 1851 e por muito tempo considerado um clássico da literatura inglesa do século XIX. No romance, às tantas o protagonista encontra uma velha vendedora de maçãs que traz nas mãos um exemplar de *Moll Flanders*, o qual o protagonista tenta comprar. [N.E.]
 - 3 George Crabbe (1754-1832), poeta, médico e clérigo, cujos versos descrevem a vida cotidiana e simples dos trabalhadores rurais; na contramão da paisagem idílica das letras de sua época, antecipa o realismo de Wordsworth. George Gissing (1857-1903), profícuo romancista inglês que teve a vida acadêmica arruinada ao se apaixonar por uma jovem prostituta órfã; reagindo ao espírito da época vitoriana, escreveu obras que abordavam o conflito entre educação e circunstâncias e cujos protagonistas pertenciam à classe média pobre. [N.E.]

A fortuna literária de *Robinson Crusoe* foi tão prodigiosa que^[1] o nome do autor, aos olhos do público, quase desapareceu sob sua glória. Se Daniel Defoe tivesse tido a precaução de acrescentar à sua assinatura o título de que dispunha para a celebridade, *Um diário do ano da peste*, *Os segredos de Lady Roxana*, *Coronel Jack*, *Capitão Singleton* e *Moll Flanders* teriam feito seu caminho no mundo. Não foi porém o que se deu. E aventura semelhante aconteceu a Cervantes, após escrever *Dom Quixote*. Pois ninguém mais leu suas admiráveis novelas, seu teatro, sem contar *A Galateia* e *Os trabalhos de Persiles e Sigismunda*.

Cervantes e Daniel Defoe só compuseram suas grandes obras depois de ultrapassada a idade madura. Até então, ambos tinham levado uma vida muito ativa: Cervantes, prisioneiro por longo tempo, tendo visto os homens e as coisas, a guerra e a paz, tendo tido a mão mutilada. Defoe, também prisioneiro em Newgate, exposto no pelourinho, envolvido no tumulto das disputas políticas no meio de uma revolução; ambos atormentados por questões de dinheiro, um por dívidas, o outro por sucessivas falências; ambos enérgicos, resistentes, dotados de extraordinária capacidade de trabalho. E, assim como *Dom Quixote* contém a história ideal de Cervantes transposta para a ficção, *Robinson Crusoe* é a história de Daniel Defoe em meio às dificuldades da vida.

Foi o próprio Defoe que o declarou no prefácio ao terceiro volume de *Robinson, Serious Reflections During the Life and Surprising Adventures of Robinson Crusoe* [Sérias reflexões durante a vida e as surpreendentes aventuras de Robinson Crusoe]. Escreveu ele:

Este romance, embora alegórico, é também histórico. [...] Ademais, existe um homem bem conhecido cuja vida e ações constituem o tema deste volume e ao qual quase todas as partes da história fazem alusão direta. Isto é a pura verdade [...] Não há uma só circunstância da história imaginária que não seja calcada na história real [...] Trata-se da exposição de cenas inteiras de uma vida real durante vinte e oito anos passados nas circunstâncias mais errantes, aflitivas e desoladas que jamais um homem transpôs; e onde eu vivi tanto tempo de uma vida de estranhas maravilhas, entre incessantes tempestades; onde lutei contra a pior espécie de selvagens e de canibais, em numerosos e surpreendentes incidentes; onde fui alimentado por milagres maiores que o dos corvos; onde sofri violências e opressões, reprimendas e injúrias de todo tipo, como desprezo dos humanos, ataques de demônios, castigos do Céu e oposições na Terra...

Depois, tratando da representação fictícia do aprisionamento forçado de Robinson em sua ilha, Defoe acrescenta:

É tão razoável representar uma espécie de aprisionamento por outra quanto representar qualquer coisa que realmente existe por outra que não existe. [...] Se eu tivesse adotado a maneira mais comum de escrever a história particular de um homem, expondo-lhes a conduta ou a vida que vocês já conhecem, e de cujos infortúnios ou fraquezas terão às vezes triunfado injustamente, tudo o que eu viesse a dizer não lhes daria nenhuma distração, obteria quando muito a honra de uma leitura, ou talvez nem um pingo de atenção.

Devemos pois considerar Robinson Crusoe uma alegoria, um símbolo (*emblem*) que envolve um livro cujo fundo teria sido talvez bastante análogo às *Memórias* de Beaumarchais, mas que Defoe não quis escrever diretamente. Todos os outros romances de Defoe devem ser igualmente interpretados. Tendo reduzido sua própria vida, pelo pensamento, à simplicidade absoluta, a fim de representá-la em arte, ele transformou várias vezes os símbolos e aplicou-os a diferentes espécies de seres humanos. Foi a existência material do homem, e sua dificuldade, que atingiu com mais força o espírito de Defoe. Havia boas razões para isso. E, assim como ele mesmo lutou, solitário, para obter algum alívio e proteção contra as intempéries do mundo, seus heróis e heroínas são solitários que estão tentando viver, a despeito da natureza e dos homens.

Robinson, lançado numa ilha deserta, tira da terra o que precisa para comer seu pão diário; o pobre Jack, nascido entre ladrões, vive à sua maneira, apenas por amor à existência, e, sem nada possuir, só se põe a tremer no dia em que acha uma bolsa cheia de ouro; Bob Singleton, o pequeno pirata abandonado no mar, conquista pelas próprias mãos seu direito de viver com meios criminosos; penosamente a cortesã Roxana, após uma vida vergonhosa, chega a obter o respeito de pessoas que ignoram seu passado; o infeliz seleiro, que ficou em Londres durante a peste, dá um jeito de organizar sua vida e se protege o melhor que pode, apesar da medonha epidemia; enfim Moll Flanders, após uma vida de prostituição calculista, arruinada, já estando com 48 anos e nada mais podendo traficar, tão solitária no meio da populosa cidade de Londres quanto Alexander Selkirk na ilha do arquipélago Juan Hernández, torna-se uma ladra isolada para aplacar sua fome e, como cada sucessivo furto se assemelha ao aumento do bem-estar que Robinson descobre em seus trabalhos, chega, numa idade avançada, apesar de sua prisão e deportação, a uma espécie de segurança.

As venturas e desventuras da famosa Moll Flanders & Cia. Que nasceu na prisão de Newgate, e ao longo de uma vida de contínuas peripécias, que durou três vintenas de anos, sem considerarmos sua infância, foi por doze anos prostituta, por doze anos ladra, casou-se cinco vezes (uma das quais com o próprio irmão), foi deportada por oito anos para a Virgínia e, enfim, enriqueceu, viveu honestamente e morreu como penitente. Escrito com base em suas próprias memórias, saíram em 27 de janeiro de 1722.

Defoe estava com 61 anos. Três anos antes, estreara no romance com *Robinson Crusoe*. Em junho de 1720 publicara *Capitão Singleton*. Menos de dois meses depois de *Moll Flanders* (17 de março de 1722), lançaria uma nova obra-prima, *Um diário do ano da*

peste, sua 213^a. obra (conhecem-se 254) desde 1687.

Os biógrafos de Defoe ignoram qual foi a origem do romance *Moll Flanders*. Sem dúvida a ideia lhe veio durante sua detenção por um ano e meio na prisão de Newgate, em 1704. Para explicar o nome da heroína, vemo-nos limitados a notar esta coincidência: no *Post-Boy* de 9 de janeiro de 1722, e nos números precedentes, figura um anúncio dos livros à venda na loja de John Darby, entre os quais uma *História das Flandres*, com um mapa por Moll.

Por outro lado, William Lee encontrou no *Applebee's Journal*, de que Defoe era o principal redator, uma carta assinada como Moll, escrita da Feira dos Farrapos e datada de 16 de julho de 1720. Depreende-se que essa mulher se dirigia a Defoe para lhe pedir conselho. É numa singular mistura de *slang* e inglês que ela se expressa. Foi ladra e deportada. Mas, tendo juntado algum dinheiro, conseguiu meios de voltar à Inglaterra, onde se encontra, com seu desterro interrompido sem autorização. Um dia, deu o azar de reencontrar um velho camarada.

Ele me saúda publicamente na rua com um grito bem demorado, “olá, excelente Moll, então saiu da cova? você não tinha sido deportada?”; e eu digo, “cala essa boca, Jack, pelo amor de Deus! está querendo me ferrar?”; e ele, “é isso aí, sua safada, me passa logo uma moeda de doze, senão vou correndo te denunciar...”; fui forçada a ceder e o canalha vai me tratar como uma vaca leiteira por todo o resto dos meus dias.

Assim, desde o mês de julho de 1720, Defoe se preocupava com a situação material e moral de uma ladra que, por interromper seu desterro, se expunha à chantagem, e imaginava que isso fosse contado pela própria Moll.

Mas os que estudaram Defoe não parecem ter dado grande importância a um fato bem significativo. Defoe explica, em seu prefácio, que se limita a publicar um manuscrito de memórias, corrigido e um pouco expurgado.

Na realidade, não podemos dizer que esta história chegue até o fim da vida da famosa Moll Flanders, como ela mesma se chama, uma vez que ninguém pode contar a própria vida até o fim, a menos que possa escrever depois da morte; mas a vida de seu marido, escrita por uma terceira pessoa, constitui uma narrativa completa dos dois, relatando o tempo em que viveram juntos na América e de como voltaram para a Inglaterra, após cerca de oito anos, período em que acumularam grande fortuna, e onde ela viveu, ao que parece, até idade muito avançada, mas sem ser uma penitente tão contrita como foi de início – segundo consta, ela apenas continuou falando sempre com horror de todos os episódios de sua vida passada.

E Defoe termina o livro com esta menção: “Escrito no ano de 1683”.

Assim foi que, no *Diário da peste*, Defoe teve o cuidado de indicar, por uma nota, o

lugar onde estava enterrado o autor, que ele supunha morto havia muito tempo. Na realidade, Defoe tinha apenas quatro anos quando ocorreu a epidemia (1665) e só escreveria o *Diário* em 1722 – 57 anos mais tarde. Mas seu desejo era que sua obra fosse considerada como as notas de uma testemunha. Pareceria haver menos necessidade, ao datar as memórias de Moll Flanders, de retroceder até o ano de 1683, se todavia a existência de uma Moll verdadeira, por essa época, não viesse dar apoio à ficção de Defoe.

Até pelo menos 1668 ainda era famosa, de fato, uma certa Mary Frith, ou Moll Cutpurse [Moll, a Gatuna], que morreu extremamente velha, tendo conhecido os contemporâneos de Shakespeare e talvez até ao próprio. Eis o que diz a seu respeito Granger:

Mary Frith, ou Moll Cutpurse nome pelo qual geralmente a designavam, era uma mulher de espírito masculino que cometeu, seja em pessoa ou como cúmplice, quase todos os crimes e desvários notórios entre os piores excêntricos dos dois sexos. Foi infame como prostituta e proxeneta, adivinha, batedora de carteiras, ladra e receptora; foi também cúmplice de um esperto falsário. Seu feito mais comentado foi assaltar o general Fairfax na charneca de Hounslow, pelo que foi encarcerada na prisão de Newgate; mas de onde, graças a uma grande soma em dinheiro, foi posta em liberdade. Morreu de hidropisia, aos 75 anos de idade, mas teria provavelmente morrido antes, se não tivesse o hábito de fumar tabaco desde muitos anos.[2]

Dodsley (*Old Plays*, v. 6) copiou a seguinte nota de um manuscrito do British Museum:

A sra. Mary Friths, dita Moll Cutpurse, nascida em Barbican, filha de um sapateiro, morreu em sua casa na Fleet Street, perto da Taverna do Globo, em 26 de julho de 1659, e foi enterrada na igreja de Santa Brígida. Deixou vinte libras em testamento para que, quando do retorno de Charles ii, que se deu pouco depois, pusessem vinho a correr pelos canos de água.[3]

Stevens, em seus comentários sobre Shakespeare (*Twelfth Night*, ato I, cena III), nota a entrada, nos registros da Stationer's Company, em agosto de 1610, “de um livro intitulado *As loucuras da alegre Moll de Bankside*, com seus passeios em vestimentas de homem e a explicação do fato, por John Day”.[4]

Em 1611, Thomas Middleton e Dekkar escreveram sobre Moll sua célebre comédia *The Roaring Girl*, ou Moll Cutpurse... O frontispício a representa vestida de homem, boca torcida e olhar de esguelha, com estas palavras por legenda: “A coisa agora mudou, tenho que trabalhar para viver”.

Nathan Field cita-a na comédia *Amends for Ladies* (1610). Em 1662, sua vida foi publicada numa brochura, com seu retrato em trajes de homem, tendo ao redor um leão,

uma águia e um macaco. Na peça *El astrólogo fingido* (1668) [de Calderón de la Barca], ela é mencionada como morta.

Assim, de 1610 até 1659, John Day, Nathan Field, Thomas Middleton, Thomas Dekkar, companheiros de Shakespeare, fizeram peças sobre Moll. Parece que ela ainda vivia quando publicaram sua vida em 1662, e não há dúvida de que permaneceu famosa por muito tempo. O capitão Johnson inclui sua biografia entre a dos grandes ladrões, em seu *Piratas: Uma história geral dos roubos e crimes de piratas famosos* (1724), o que indica a persistência de uma tradição. Aqueles que deram a Daniel Defoe detalhes tão precisos sobre a peste de 1665 devem ter lhe contado muitos casos sobre a vida extraordinária dessa velha que morreu rica, após uma existência infame, aos 75 anos. O frontispício da peça de Middleton, com sua legenda, se aplicaria a Moll Flanders. Defoe insiste em seu livro nas roupas de homem que ela usa. Não é decerto um traço muito comum. Quando jovem, ele deve também ter visto as numerosas peças teatrais em que figurava esse personagem popular. A brochura barata que continha a narrativa da vida de Moll Cutpurse certamente foi folheada por ele, que a faz nomear, com admiração, por Moll Flanders. Enfim, a grande prova da identidade de Mary Frith com Moll Flanders é a data de 1683, que Defoe atribui às pretensas memórias completadas por uma terceira mão. A tradição lhe permitia crer que a velha Mary Frith tivesse vivido até perto daquele ano. Não temos nenhuma prova formal da data exata de sua morte.

A vida de Mary Frith representou portanto para *Moll Flanders* o mesmo papel que a narrativa de Alexander Selkirk para *Robinson Crusoe*. É o embrião real que Defoe fez germinar em ficção. É o ponto de partida de um desdobramento que tem alcance bem mais alto. Mas era preciso mostrar que a imaginação de Daniel Defoe constrói com redobrado vigor sobre realidades, pois Defoe é um escritor extremamente realista. Se há livro que possa ser comparado a *Moll Flanders*, é *Germinie Lacerteux*, mas Moll Flanders age apenas por paixão de viver, ao passo que em *Germinie* os irmãos Goncourt analisaram outras razões. Aqui, parece que se ouve ecoar em cada página as palavras da oração: “O pão nosso de cada dia nos dai hoje”. Com essa simples agulhoada, Moll Flanders é estimulada ao vício, depois ao roubo, e pouco a pouco o roubo, que havia sido terrivelmente consciente de início, degenera em hábito, e Moll Flanders rouba por roubar.

Não é somente em *Moll Flanders* que se ouve a oração da fome. Os livros de Daniel Defoe não são senão o desenvolvimento das duas súplicas da humanidade: “O pão nosso de cada dia nos dai hoje – e livrai-nos do mal”. Foram essas palavras que lhe obcecaram a imaginação e a vida, até a última carta que ele escreveu para sua filha e seu genro, alguns dias antes de morrer.

Não quero falar aqui do vigor artístico de Daniel Defoe. Bastará ler e admirar a verdade nua dos sentimentos e ações. Os que não amam *Robinson* somente como o livro de sua infância encontrarão em *Moll Flanders* os mesmos prazeres e os mesmos terrores.

Georges Borrow conta em *Lavengro* que ele topou na London Bridge com uma velha que lia apenas um livro. Não queria vendê-lo a nenhum preço. Era tudo que a distraía,

toda a sua consolação. Era um livro velho, de páginas surradas, e Borrow pôde ler umas linhas: logo reconheceu o clima, o estilo, o espírito do autor do livro em que ele mesmo tinha aprendido a ler. Cobrindo o rosto com as mãos, ele pensou na sua infância... O livro da velha era *Moll Flanders*.

Resta-me dizer algumas palavras sobre a minha tradução. Sinto que ela é bem imperfeita, mas ao menos tem um mérito: as frases conservaram, sempre que foi possível, os cortes e o movimento da prosa de Defoe. Respeitei a cor do estilo tanto quanto pude. As negligências de linguagem e as deliciosas repetições da narradora foram transpostas com o maior cuidado. Em suma, tentei pôr sob os olhos do leitor francês a própria obra de Daniel Defoe.

Tradução Leonardo Fróes

-
- 1 Texto, originalmente sem título, do prefácio da versão francesa de *Moll Flanders*, de 1918, com tradução do escritor Marcel Schwob, lançada pela Éditions Georges Crès et Cie. [N.E.]
 - 2 James Granger, *Supplément à l'histoire biographique*, p. 256 [*A Supplement, Consisting of Corrections and Large Additions, to A Biographical History of England*, 1774].
 - 3 Robert Dodsley, *A selection of Old English Plays*, V. 6, 1744.
 - 4 George Stevens a respeito de *Noite de reis*, ato I, cena III.

Em ensaio incorporado à presente edição, Virginia Woolf convoca todos os leitores a erigir um monumento em homenagem àquele que é tido por tantos críticos e acadêmicos como o pai do romance moderno (sobre esse tópico, vale a leitura de Ian Watt, *A ascensão do romance: Estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010). Seu pedido não foi atendido. Embora muitos estejam familiarizados, mesmo que superficialmente, com sua principal criatura, poucos conhecem o criador de *Robinson Crusoe* (dentre as várias edições brasileiras, indicamos a de 2011 da Penguin Classics Companhia das Letras, com tradução de Sergio Flaksman e introdução e notas de John Richetti, um dos grandes estudiosos de Defoe).

Daniel Defoe era uma figura fascinante, tanto assim que, muitas vezes, ao lermos sua biografia (em especial, a de Richetti, *The Life of Daniel Defoe*. Oxford: Blackwell, 2005), sentimo-nos inseguros quanto à veracidade dos relatos, tão próximos da ficção eles parecem estar. Comerciante, romancista, ensaísta, espião, jornalista, aventureiro – esses são alguns dos atributos deste escritor que se envolveu de corpo e alma com a sociedade de sua época na tentativa de ajudar a estabelecer e consolidar os ideais burgueses. Prova disso é seu ensaio *Conjugal Lewdness: or, Matrimonial Whoredom* (Menston, Yorkshire: The Scolar Press Limites, 1970), em que ele defende a ideia de que todo e qualquer casamento que não seja baseado no amor mútuo e recíproco é uma forma de prostituição. Pela leitura de seus textos não ficcionais podemos tentar desvendar os pensamentos e opiniões desse autor. Recomenda-se, para tanto, *An Essay Upon Projects* (Rockville: Arc Manor, 2008), pois é nessa obra que ele apresenta suas propostas para melhorar a economia e a sociedade inglesa do século XVIII.

Homem coerente, as ideias defendidas em seus textos eram as ideias defendidas em sua vida. Lendo as curiosas cartas pessoais de Defoe (algumas delas fazem parte do acervo da British Library), testemunhamos sua tentativa bem-sucedida de negociar o dote da própria filha. Para um leitor atento, esse episódio lembra enormemente a passagem de *Moll Flanders* em que a protagonista ajuda a amiga a negociar o dote e, conseqüentemente, a se casar com o capitão. Reunidas por Thomas Wright (*The Life of Daniel Defoe*. Londres/Paris/Melbourne: Cassell and Company, 1894) após um exaustivo trabalho para encontrar-las e organizá-las, essas cartas nos apresentam um Defoe engajado e atuante.

Para aqueles que se interessaram pelos temas abordados neste livro, como amor, casamento e prostituição, a leitura da dissertação de mestrado de Valeria de Marco (*O império da cortês: Lucíola, um perfil de Alencar*. São Paulo: Martins Fontes, 1986) será de grande valia, já que ela traçou a evolução dessa temática desde os romances europeus até sua influência em terras tupiniquins. Segundo a pesquisadora, Daniel Defoe inspirou Abbé Prévost (*Manon Lescaut*), que inspirou Alexandre Dumas Filho (*A dama das camélias*), que inspirou José de Alencar (*Lucíola*). Isso condiz com pesquisas de Sandra G. T. Vasconcelos, que expõe claramente a influência inglesa em nossa literatura (ver *A formação*

do romance brasileiro: 1808-1860 (Vertentes Inglesas), disponível em www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br). No entanto, se analisarmos atentamente os discursos morais de Moll e Roxana, duas protagonistas defoenianas exemplares, veremos que as intenções e ambições do autor não se restringiam apenas a uma crítica à prostituição. Tanto *Moll Flanders* quanto *Roxana* questionam a validade dos relacionamentos baseados na troca financeira e denunciam o terrível mercado matrimonial a que a mulher estava sujeita (ver Alan Macfarlane. *História do casamento e do amor: Inglaterra, 1300-1840*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990).

A natureza das afirmações feitas em seus romances, em especial os femininos, é tão incomum, causa-nos um estranhamento tal que muitas vezes é difícil julgá-las. Diferentemente do discurso em geral apregoadado (como pode ser comprovado em Don Lee Fred Nilsen. *Humor in Eighteenth and Nineteenth Century British Literature: A Reference Guide*. Greenwood Press, 1998), é quase impossível, passados três séculos, afirmar com certeza se os textos defoenianos são irônicos ou não (como atesta Thomas N. Corns em *The Literature of Controversy: Polemical Strategy from Milton to Junius*. Londres: Frank Cass, 1987), e isso incomoda muitos pesquisadores. No entanto, a pluralidade dos sentidos permite que seus textos influenciem grandes pensadores e autores modernos.

Desde Karl Marx, que em *O capital* apresenta Robinson Crusóé como exemplo de homem pré-capitalista que produz seus próprios bens, até James Joyce, que, em *Daniel Defoe*, define o protagonista defoeniano como profético, verdadeiro protótipo do colonizador inglês setecentista, são vários os autores que comentam seu legado até hoje. O prêmio Nobel de literatura J.M. Coetzee evidencia claramente as influências do autor inglês em livros como *Foe* (Nova York: Penguin Group, 1988), em que dialoga com o *Robinson Crusóé*, e *Diário de um ano ruim* (Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2008), uma alusão a *Um diário do ano da peste*, de Defoe. Este último foi escrito com tanta riqueza de detalhes, após ampla pesquisa feita por Defoe, que muitos acreditam ser um relato verídico, apesar de ser ficcional. Gabriel Garcia Márquez, em entrevista a *O Estado de S. Paulo*, em 13 de julho de 1996, afirmou que durante anos acreditou que a obra tivesse sido escrita enquanto Defoe testemunhava os efeitos da peste na Inglaterra.

Para conhecer um pouco mais sobre a vida e a obra do autor inglês, a leitura inicial recomendada inclui Maximillian E. Novak, em especial *Realism, Myth, and History in Defoe's Fiction* (Lincoln/London: University of Nebraska Press, 1983), P.N. Furbank e W. R. Owens, *The Canonisation of Daniel Defoe* (New Haven/Londres: Yale University Press, 1988), e a compilação editada por John Richetti (*The Cambridge Companion to Daniel Defoe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008). Com isso, é possível entender melhor não só a importância de Daniel Defoe para a literatura mundial, como os motivos que levaram grandes autores a escrever elegias em sua homenagem.

© Cosac Naify, 2015

[Créditos das imagens] capa William Hogarth, A Rake's Progress, pl. 3, 1735, gravura.
© The Trustees of the British Museum. rosto Folha de rosto da primeira edição de Moll Flanders, de 1722. © William Ready Division of Archives and Research Collections, McMaster University Library, Hamilton, Canadá. AUTOR Daniel Defoe em gravura de J. Thomson (d'après M. van der Gucht), publicada no livro The Gallery of Portraits: With Memoirs, v. 7. Londres: Society for the Diffusion of Useful Knowledge/William Clowen & Sons, 1833. © Universal History Archive/Getty Images.

COLEÇÃO PROSA do mundo [concepção original da coleção]
Augusto Massi, Davi Arrigucci Jr. e Samuel Titan Jr.

COORDENAÇÃO EDITORIAL Maria Emília Bender
PREPARAÇÃO Mariana Delfini
PROJETO GRÁFICO ORIGINAL Cosac Naify
CAPA Paulo André Chagas
REVISÃO Isabel Jorge Cury, Maria Fernanda Alvares
ADAPTAÇÃO E COORDENAÇÃO DIGITAL Antonio Hermida
ARQUIVO EPUB EquireTech

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados internacionais de catalogação na Publicação (CIP)

Defoe, Daniel [1660-1731]

Moll Flanders: Daniel Defoe

Título original: *The Fortunes and Misfortunes of the Famous Moll Flanders*

Tradução: Donaldson Garschagen, Leonardo Fróes

São Paulo: Cosac Naify, 2014

512 pp., 1 il.

Coleção Prosa do Mundo ISBN 978-85-405-0939-9

Moll Flanders ISBN 978-85-405-0624-4

I. Romance inglês. I. Garschagen, Donaldson. II. Fróes, Leonardo. III. Pavese, Cesare.
IV. Schwob, Marcel. V. Woolf, Virginia. VI. Título.

CDD 820

821.111

Índices para catálogo sistemático: i. Romances: Literatura inglesa: 820

COSAC NAIFY

rua General Jardim, 770, 2º. Andar

01223-010 São Paulo SP

cosacnaify.com.br [11] 3218 1444

atendimento ao professor [11] 3218 1473

professor@cosacnaify.com.br



Este e-book foi projetado e desenvolvido em fevereiro de 2015, com base na 1ª edição impressa, de 2015.

FONTES Genath e Giorgio Sans